

OLÁ, MUNDO.
VOCÊS NÃO IRÃO ME ESQUECER



IMAGINA ME

AUTORA DA SÉRIE ESTILHAÇA-ME, BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

TAHEREH MAFI

IMAGINA ME

TAHEREH MAFI



Conteúdo

Capa

Título

~~1. ELLA JULIETTE~~

2. KENJI

~~3. ELLA JULIETTE~~

4. KENJI

~~5. ELLA JULIETTE~~

6. KENJI

~~7. ELLA JULIETTE~~

8. KENJI

~~9. ELLA JULIETTE~~

10. KENJI

~~11. ELLA JULIETTE~~

12. KENJI

~~13. ELLA JULIETTE~~

14. KENJI

~~15. ELLA JULIETTE~~

16. KENJI

~~17. ELLA JULIETTE~~

18. KENJI

~~19. ELLA JULIETTE~~

20. KENJI

~~21. ELLA JULIETTE~~

22. KENJI

~~23. ELLA JULIETTE~~

24. KENJI

~~25. ELLA JULIETTE~~

26. KENJI

~~27. ELLA JULIETTE~~

28. KENJI

~~29. ELLA JULIETTE~~

30. KENJI

~~31. ELLA JULIETTE~~

32. KENJI

33. ELLA (JULIETTE)

EPÍLOGO

WARNER

um.

dois.

*Tradução, Revisão e Formatação por
WhitethorTeca*

1. ELLA

JULIETTE

Na calada da noite, eu ouço pássaros.

Ouço-os, vejo-os, fecho meus olhos e os sinto, as penas tremendo no ar, dobrando o vento, as asas roçando meus ombros quando eles sobem, quando pousam. Gritos discordantes tocam e ecoam, tocam e ecoam...

Quantos?

Centenas.

Pássaros brancos, brancos com faixas de ouro, como coroas no topo de suas cabeças. Eles voam. Eles voam pelo céu com asas fortes e firmes, donas de seus destinos. Eles costumavam me fazer ter esperança.

Nunca mais.

Viro meu rosto no travesseiro, enfiando os dedos em algodão enquanto as lembranças voltam a mim.

— *Você gosta deles?* — *Ela diz.*

Estamos em uma sala grande e larga que cheira a sujeira. Há árvores por toda parte, tão altas que quase tocam os canos e as vigas do teto aberto. Pássaros, dezenas deles, guincham enquanto esticam as asas. Seus chamados são altos. Um pouco assustador. Tento não vacilar quando um dos grandes pássaros brancos passa por mim. Usa uma pulseira verde-neon brilhante em torno de uma perna. Todos eles usam.

Isso não faz sentido

Lembro-me de que estamos dentro de casa – as paredes brancas, o piso de concreto sob meus pés – e olho para minha mãe, confusa.

Eu nunca vi mamãe sorrir tanto. Só quando papai está por perto, ou quando ela e papai estão no canto, sussurrando juntos, mas agora somos só eu e mamãe e um monte de pássaros e ela está tão feliz que eu decido ignorar a sensação engraçada no estômago. As coisas melhoram quando mamãe está de bom humor.

— Sim, — eu minto. — Eu gosto muito deles.

Os olhos dela brilham.

— Eu sabia que você gostaria. Emmaline não se importava com eles, mas você — você sempre gostou demais das coisas, não é, querida? Não é como sua irmã.

— De alguma forma, suas palavras saem más. Elas não parecem más, mas soam más.

Eu franzo a testa.

Ainda estou tentando descobrir o que está acontecendo quando ela diz:

— Eu tinha um como animal de estimação quando tinha mais ou menos a sua idade. Naquela época, eles eram tão comuns que nunca poderia se livrar deles. — Ela ri e eu a olho enquanto ela observa um pássaro, no meio do vôo. — Um deles morava em uma árvore perto da minha casa e chamava meu nome sempre que eu passava. Você pode imaginar? — Seu sorriso desaparece quando ela faz a pergunta.

Finalmente, ela se vira para mim.

— Eles estão quase extintos agora. Você entende por que não pude deixar isso acontecer.

— Claro, — eu digo, mas estou mentindo de novo. Há pouco que eu entendo sobre mamãe.

Ela assente.

— Esse é um tipo especial de criatura. Inteligente. Eles podem falar, dançar. E cada um deles usa uma coroa. — Ela se vira novamente, olhando para os pássaros do jeito que ela olha para todas as coisas que ela faz para o trabalho: com alegria. — A cacatua com crista de enxofre tem apenas um parceiro por toda a vida, — diz ela. — Assim como eu e seu pai.

A cacatua com crista de enxofre.

Tremo de repente com a inesperada sensação de uma mão quente nas minhas costas, dedos passando levemente pela minha espinha.

— Amor, — diz ele, — você está bem?

Quando não digo nada, ele se mexe, os lençóis farfalham, e ele me aproxima de si, seu corpo se curvando ao redor do meu. Ele é quente e forte e quando sua mão desliza pelo meu torso, eu inclino minha cabeça em sua direção, encontrando paz em sua presença, na segurança de seus braços. Seus lábios tocam minha pele, um roçar contra meu pescoço, tão sutil que brilha, quente e frio, até os dedos dos pés.

— Está acontecendo de novo? — ele sussurra.

Minha mãe nasceu na Austrália.

Eu sei disso porque ela uma vez me disse isso, e porque agora, apesar do meu desespero de resistir a muitas das lembranças que agora me retornam, não consigo esquecer. Uma vez, ela me disse que a cacatua com crista de enxofre era originária da Austrália. Foi introduzida na Nova Zelândia no século XIX, mas Evie, minha mãe, não as descobriu por lá. Apaixonou-se pelos pássaros em casa, quando criança, quando um deles, ela afirma, salvou sua vida.

Estes foram os pássaros que uma vez assombraram meus sonhos.

Esses pássaros, mantidos e criados por uma mulher louca. Sinto-me envergonhada ao perceber que tinha me apegado ao absurdo, às impressões desbotadas e desfiguradas das memórias antigas mal descartadas. Eu esperava mais. Sonhava com mais. A decepção se instala na minha garganta, uma pedra fria que não consigo engolir.

E depois
novamente

Eu sinto

Eu sufoco contra a náusea que precede uma visão, o soco repentino no estômago que significa que há mais, há mais, sempre há mais.

Aaron me puxa para mais perto, me abraça mais contra seu peito.

— Respire, — ele sussurra. — Estou aqui, amor. Eu estarei bem aqui.

Eu me agarro a ele, apertando meus olhos com força enquanto minha cabeça nada. Essas lembranças foram um presente da minha irmã, Emmaline. A irmã que eu acabei de descobrir, acabei de recuperar.

E só porque ela lutou para me encontrar.

Apesar dos esforços incansáveis de meus pais para livrar nossas mentes da prova persistente de suas atrocidades, Emmaline prevaleceu. Ela usou seus poderes psicocinéticos para devolver para mim o que foi roubado das minhas memórias. Ela me deu esse presente – esse presente de lembranças – para me ajudar a me salvar. Para salvá-la. Para parar nossos pais.

Para consertar o mundo.

Mas agora, após uma fuga estreita, esse presente se tornou uma maldição. Toda hora minha mente renasce. Se altera. As memórias continuam chegando.

E minha mãe morta se recusa a ser silenciada.

— *Passarinho, — ela sussurra, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha. — É hora de você voar para longe agora.*

— *Mas eu não quero ir, — eu digo, com medo de fazer minha voz tremer. — Eu quero ficar aqui, com você, papai e Emmaline. Ainda não entendo por que tenho que ir.*

— *Você não precisa entender, — ela diz gentilmente.*

Eu fico desconfortavelmente imóvel.

Mamãe não grita. Ela nunca gritou. Minha vida inteira, ela nunca levantou a mão para mim, nunca gritou ou me chamou de nomes. Não é como o pai de Aaron. Mas mamãe não precisa gritar. Às vezes, ela apenas diz coisas, coisas que você não precisa entender e há um aviso ali, uma finalidade em suas palavras que sempre me assusta.

Sinto lágrimas se formando, queimando o branco dos meus olhos e...

— *Não chore, — diz ela. — Você está velha demais para isso agora.*

Eu fungo, lutando contra as lágrimas. Mas minhas mãos não param de tremer.

Mamãe olha para cima e acena para alguém atrás de mim. Eu me viro bem a tempo de avistar Paris, Sr. Anderson, esperando com minha mala. Não há gentileza em seus olhos. Sem calor. Ele se afasta de mim e olha para mamãe. Ele não diz olá.

Ele diz:

— *Max já se instalou?*

— *Oh, ele está pronto há dias. — Mamãe olha para o relógio, distraída. — Você conhece Max, — diz ela, sorrindo levemente. — Sempre um perfeccionista.*

— *Somente quando se trata de seus desejos, — diz Anderson. — Eu nunca vi um homem crescido tão apaixonado por sua esposa.*

Mamãe sorri mais. Ela parece dizer algo, mas eu a interrompo..

— *Você está falando do papai? — Eu pergunto, meu coração disparado. — Papai estará lá?*

Minha mãe se vira para mim, surpresa, como se tivesse esquecido que eu estava lá. Ela se volta para o Sr. Anderson.

— *Como está Leila, a propósito?*

— *Tudo bem. — diz ele. Mas ele parece irritado.*

— *Mãe? — Lágrimas ameaçam novamente. — Eu vou ficar com o papai?*

Mas mamãe parece não me ouvir. Ela está conversando com o Sr. Anderson quando diz:

— Max o orientará em tudo quando você chegar, e ele poderá responder a maioria das suas perguntas. Se há algo que ele não pode responder, provavelmente está além da sua autorização.

Sr. Anderson parece subitamente irritado, mas não diz nada. Mamãe não diz nada.

Eu não consigo aguentar.

Lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto agora, meu corpo tremendo tanto que faz minha respiração estremecer.

— Mãe? — Eu sussurro. — Mãe, por favor me responda...

Mamãe prende uma mão fria e dura em volta do meu ombro e fico instantaneamente imóvel. Quieta. Ela não está olhando para mim. Ela não olha para mim.

— Você vai lidar com isso também, — diz ela. — Não vai, Paris?

Sr. Anderson encontra meus olhos então. Tão azul. Tão frio

— É claro.

Um flash de calor passa por mim. Uma raiva tão repentina que substitui brevemente meu terror.

Eu o odeio.

Eu o odeio tanto que acontece alguma coisa quando olho para ele – e a onda abrupta de emoção me faz sentir corajosa.

Eu volto para mamãe. Tento novamente.

— Por que Emmaline pode ficar? — Eu pergunto, limpando com raiva as minhas bochechas molhadas. — Se eu tenho que ir, não podemos pelo menos ir juntas...

Eu me interrompo quando a vejo.

Minha irmã, Emmaline, está me espreitando por trás de uma porta quase fechada. Ela não deveria estar aqui. Mamãe que me disse isso.

Emmaline deveria estar fazendo suas aulas de natação.

Mas ela está aqui, seu cabelo molhado pingando no chão, e ela está me encarando, olhos arregalados como pratos. Ela está tentando dizer alguma coisa, mas seus lábios se movem muito rápido para eu acompanhar. E então, do nada, um raio de eletricidade corre pela minha espinha e eu ouço a voz dela, aguda e estranha.

Mentirosos.

MENTIROSOS.
MATE TODOS ELES

Meus olhos se abrem e eu não consigo recuperar o fôlego, meu peito arfando, coração batendo forte. Warner me segura, fazendo sons suaves enquanto ele passa uma mão tranquilizadora para cima e para baixo no meu braço.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu as golpeio, mãos trêmulas.

— Eu odeio isso, — eu sussurro, horrorizada com o tremor na minha voz. — Eu odeio muito isso. Eu odeio que isso continue acontecendo. Eu odeio o que isso faz comigo, — eu digo. — Eu *odeio* isso.

~~Warner~~ Aaron pressiona sua bochecha no meu ombro com um suspiro, sua respiração provocando minha pele.

— Eu também odeio, — diz ele suavemente.

Eu me viro, cuidadosamente, no berço de seus braços e pressiono minha testa em seu peito nu.

Faz menos de dois dias desde que escapamos da Oceania. Dois dias desde que matei minha própria mãe. Dois dias desde que conheci o resíduo de minha irmã Emmaline. Apenas dois dias desde que minha vida inteira foi revirada novamente, o que parece impossível.

Dois dias e as coisas já estão pegando fogo ao nosso redor.

Esta é a nossa segunda noite aqui, no Santuário, a sede do grupo rebelde dirigido por Nouria – filha de Castle – e sua esposa Sam. Deveríamos estar seguros aqui. Deveríamos ser capazes de respirar e nos reagrupar após o inferno das últimas semanas, mas meu corpo se recusa a se acalmar. Minha mente está invadida, sob ataque. Eu pensei que a descarga de novas memórias acabaria, mas essas últimas vinte e quatro horas foram um ataque extraordinariamente brutal, e eu pareço ser a única a lutar.

Emmaline presenteou todos nós – todos os filhos dos comandantes supremos – com lembranças roubadas por nossos pais. Um por um, fomos despertados para as verdades que nossos pais haviam enterrado, e um por um, voltamos à vida normal.

Todos menos eu.

Os outros, desde então, seguiram em frente, reconciliaram suas linhas do tempo, deram sentido à traição. Minha mente, por outro lado, continua a vacilar. Girar. Mas então, nenhum dos outros perdeu tanto quanto eu; eles não têm muito o que lembrar. Até Warner – *Aaron* – não está passando por uma reimaginação de sua vida.

Está começando a me assustar.

Sinto como se minha história estivesse sendo reescrita, parágrafos infinitos riscados e revisados às pressas. Antigas e novas imagens – memórias – se sobrepõem até que a tinta escorra, dividindo as cenas em algo novo, algo incompreensível. Ocasionalmente, meus pensamentos parecem alucinações perturbadoras, e o ataque é tão invasivo que temo que esteja causando danos irreparáveis.

Porque algo está mudando.

Toda nova memória é entregue com uma violência emocional que me atinge, reordena minha mente. Eu estava sentindo essa dor em centelhas – a doença, a náusea, a desorientação – mas não queria questioná-la profundamente. Eu não queria olhar muito de perto. A verdade é que eu não queria acreditar nos meus próprios medos. Mas a verdade é: eu sou um pneu furado. Cada injeção de ar me deixa mais cheia e mais plana.

Eu estou esquecendo.

— Ella?

O terror borbulha dentro de mim, sangra através dos meus olhos abertos. Demoro um momento para lembrar que sou ~~Juliette~~ Ella. Cada vez, me leva um momento a mais.

A histeria ameaça...

Eu a mantenho silenciosa.

— Sim, — eu digo, forçando o ar nos meus pulmões. — Sim.

~~Warner~~ Aaron endurece.

— Amor, o que há de errado?

— Nada, — eu minto. Meu coração está batendo rápido, rápido demais. Não sei por que estou mentindo. Eu sou um esforço infrutífero; ele pode sentir tudo o que estou sentindo. Eu deveria apenas dizer a ele. ~~Não sei por que não estou dizendo a ele.~~ Eu sei por que não estou dizendo a ele.

Estou esperando

Estou esperando para ver se isso vai passar, se os lapsos na minha memória são apenas falhas esperando para serem reparadas. Dizer isso em voz alta torna muito real, e é muito cedo para dizer esses pensamentos em voz alta, para ceder ao medo. Afinal, faz apenas um dia desde que começou. Ontem me ocorreu que algo estava realmente errado.

Ocorreu-me porque eu cometi um erro.

Erros.

Estávamos sentados do lado de fora, olhando as estrelas. Não me lembrava de ter visto as estrelas assim – nítidas, claras. Era tarde, tão tarde que não era noite, mas início da manhã, e a vista era estonteante. Eu estava congelando. Um vento corajoso passou por um bosque próximo, enchendo o ar com um som constante. Eu estava cheia de bolo. Warner cheirava a açúcar, como decadência. Eu me senti bêbada de alegria.

Eu não quero esperar, ele disse, pegando minha mão. Apertando-a. *Não vamos esperar.*

Eu pisquei para ele. *Para quê?*

Para quê?

Para quê?

Como eu esqueci o que aconteceu poucas horas antes? Como eu esqueci o momento em que ele me pediu em casamento?

Foi uma falha. Parecia uma falha. Onde antes havia uma lembrança, de repente havia um buraco, uma cavidade mantida vazia apenas até ser empurrada para o realinhamento.

Eu me recuperei. Lembrei. Warner riu.

Eu não.

Esqueci o nome da filha de Castle. Esqueci como pousamos no Santuário. Eu esqueci, por dois minutos completos, como eu escapei da Oceania. Mas minhas falhas eram temporárias; elas pareciam atrasos naturais. Senti apenas confusão quando minha mente se acalmou, hesitação quando as lembranças ressurgiram, encharcadas e vagas. Eu pensei que talvez estivesse cansada. Sobrecarregada. Não levei nada a sério, até estar sentada debaixo das estrelas e não me lembrar de prometer passar o resto da minha vida com alguém.

Fico mortificada.

Uma mortificação tão aguda que pensei que iria expirar com pura força. Mesmo agora, o calor fresco inunda meu rosto e sinto que estou aliviada por Warner não poder ver no escuro.

Aaron, não Warner.

Aaron.

— Não posso dizer agora se você está com medo ou envergonhada, — diz ele, e exala suavemente. Parece quase uma risada. — Você está preocupada com

Kenji? Com os outros?

Eu agarro essa meia verdade com todo o meu coração.

— Sim, — eu digo. — *Kenji*. James. Adam.

Kenji está doente na cama desde muito cedo nesta manhã. Olho de soslaio para a inclinação da lua através da nossa janela e lembro que já passou da meia-noite, o que significaria que, tecnicamente, Kenji ficou doente ontem de manhã.

Independentemente, foi assustador para todos nós.

As drogas que Nazeera forçou a Kenji em seu voo internacional do Setor 45 para a Oceania eram uma dose muito forte, e ele está se recuperando desde então. Ele finalmente entrou em colapso – as gêmeas Sonya e Sara o procuraram e disseram que ele vai ficar bem – mas não antes de sabermos que Anderson estava reunindo os filhos dos comandantes supremos.

Adam, James, Lena, Valentina e Nicolás estão todos sob custódia de Anderson.

James está sob sua custódia.

Foi um anúncio terrível, alguns dias terríveis. Foram duas semanas devastadoras e terríveis.

Meses, na verdade.

Anos.

Alguns dias, não importa o quanto eu procure, não consigo encontrar os bons tempos. Alguns dias, a felicidade ocasional que conheço parece um sonho bizarro. Um erro. Hiper-real e sem foco, as cores muito brilhantes e os sons muito fortes.

Ilusões da minha imaginação.

Foi há apenas alguns dias que a clareza veio a mim, trazendo presentes. Apenas alguns dias atrás, o pior parecia estar atrás de mim, que o mundo parecia cheio de potencial, que meu corpo estava mais forte do que nunca, minha mente mais cheia, mais afiada, mais capaz do que jamais esteve.

Mas agora

Mas agora

Mas agora sinto que estou me agarrando às bordas irregulares da sanidade, aquele amigo indescritível e de bom tempo sempre partindo meu coração.

Aaron me puxa para perto e eu me derreto nele, grata por seu calor, pela firmeza de seus braços em volta de mim. Eu respiro fundo, estremecendo e deixo tudo ir, exalando contra ele. Inspiro o aroma rico e inebriante de sua pele, o leve aroma de gardênia que ele sempre carrega consigo. Segundos passam em perfeito silêncio e ouvimos um ao outro respirar.

Lentamente, minha frequência cardíaca se estabiliza.

As lágrimas secam. Os medos dão um tempo. O terror é distraído por uma borboleta que passa e a tristeza tira uma soneca.

Por um tempo, sou apenas eu, ele e nós, e tudo fica imaculado, intocado pela escuridão.

Eu sabia que amava ~~Warner~~ Aaron antes de tudo isso – antes de sermos capturados pelo Restabelecimento, antes de sermos destruídos, antes de conhecermos nossa história comum – mas esse amor era novo, verde, suas profundezas desconhecidas, não testadas. Naquela janela breve e cintilante, durante a qual os buracos na minha memória pareciam totalmente explicados, as coisas entre nós mudaram. *Tudo* entre nós mudou. Mesmo agora, mesmo com o barulho na minha cabeça, eu sinto isso.

Aqui.

Isso.

Meus ossos contra os ossos dele. Esta é a minha casa.

Eu o sinto de repente endurecer e me afasto, preocupada. Não vejo muito dele nessa escuridão perfeita, mas sinto o delicado aumento de arrepios ao longo de seus braços quando ele diz:

— No que você está pensando?

Meus olhos se arregalam, compreensão destronando a preocupação.

— Eu estava pensando em você.

— Em mim?

Fecho a lacuna entre nós novamente. Concorro contra seu peito.

Ele não diz nada, mas eu posso ouvir seu coração, acelerando no silêncio, e eventualmente eu o ouço expirar. É um som pesado e desigual, como se ele estivesse prendendo a respiração por muito tempo. Eu gostaria de poder ver seu rosto. Não importa quanto tempo passemos juntos, ainda esqueço o quanto ele pode sentir minhas emoções, especialmente em momentos como este, quando nossos corpos são pressionados juntos.

Gentilmente, corro minha mão pelas costas dele.

— Eu estava pensando em quanto eu te amo. — eu digo.

Ele fica incomumente imóvel, mas apenas por um momento. E então ele toca meu cabelo, seus dedos lentamente penteando os fios.

— Você sentiu isso? — Eu pergunto.

Quando ele não responde, eu recuo novamente. Pisco contra o preto até conseguir distinguir o brilho de seus olhos, a sombra de sua boca.

— Aaron?

— Sim, — diz ele, mas ele parece um pouco sem fôlego.

— Sim, você sentiu?

— Sim, — ele diz novamente.

— Como é a sensação?

Ele suspira. Vira de costas. Ele fica quieto por tanto tempo que, por um tempo, não tenho certeza se ele vai responder. Então, suavemente, ele diz:

— É difícil de descrever. É um prazer tão próximo da dor que às vezes não consigo distinguir os dois.

— Isso parece horrível.

— Não, — ele diz. — É extraordinário.

— Eu amo você.

Uma inspiração aguda. Mesmo nessa escuridão, vejo a tensão em sua mandíbula – a tensão ali – enquanto ele olha para o teto.

Sento-me, surpresa.

A reação de Aaron é tão estudada que não sei como nunca havia notado isso antes. Mas então, talvez isso seja novo. Talvez algo realmente tenha mudado entre nós. Talvez eu nunca o amei tanto assim antes. Isso faria sentido, suponho. Porque quando penso sobre isso, quando realmente penso sobre o quanto eu o amo agora, depois de tudo o que nós...

Outra respiração repentina e aguda. E então ele ri nervosamente.

— *Uau*. — Eu digo.

Ele bate a mão sobre os olhos.

— Isso é vagamente humilhante.

Estou sorrindo agora, quase rindo.

— Ei. Está...

Meu corpo congela.

Um arrepio violento percorre minha pele e minha coluna fica rígida, meus ossos mantidos no lugar por alfinetes invisíveis, minha boca congelada e tentando respirar.

O calor preenche minha visão.

Não ouço nada além de estática, corredeiras, água branca, vento feroz. Não sinto nada. Não penso em nada. Não sou nada.

Eu estou, pelo momento mais infinitesimal...

Livre.

Minhas pálpebras tremulam abertas *fechadas* abertas *fechadas* abertas *fechadas*. Eu sou uma asa, duas asas, uma porta giratória, cinco pássaros.

O fogo sobe dentro de mim, explode.

Ella?

A voz aparece em minha mente com força rápida, afiada, como dardos no cérebro. Estupidamente, percebo que estou com dor – minha mandíbula dói, meu corpo ainda está suspenso em uma posição não natural – mas eu o ignoro. A voz tenta novamente:

Juliette?

Realização golpeia, uma faca nos joelhos. Imagens da minha irmã enchem minha mente: ossos e pele derretida, dedos palmados, boca encharcada, sem olhos. Seu corpo estava suspenso debaixo d'água, longos cabelos castanhos como um enxame de enguias. Sua voz estranha e sem corpo me atravessa. E assim eu digo, sem falar:

Emmaline?

A emoção penetra em mim, os dedos cravando na minha carne, a sensação raspando minha pele. O alívio dela é tangível. Eu posso provar. Ela está aliviada, aliviada por eu a reconhecer, aliviada por ela me encontrar, aliviada aliviada aliviada...

O que aconteceu? Eu pergunto.

Um dilúvio de imagens inunda meu cérebro até afundar, eu me afogo. Suas memórias afogam meus sentidos, obstruem os pulmões. Eu engasgo quando os sentimentos colidem comigo. Vejo Max, meu pai, inconsolável após o assassinato de sua esposa; Vejo o comandante supremo Ibrahim, frenético e furioso, exigindo que Anderson reúna a outra criança antes que seja tarde demais; Eu vejo Emmaline, brevemente abandonada, aproveitando uma oportunidade...

Eu suspiro.

Evie fez isso para que apenas ela ou Max pudessem controlar os poderes de Emmaline, e com Evie morta, os cofres implementados foram subitamente enfraquecidos. Emmaline percebeu que, na esteira da morte de nossa mãe, haveria uma breve janela de oportunidade – uma breve janela durante a qual ela poderia recuperar o controle de sua própria mente antes que Max refizesse os algoritmos.

Mas o trabalho de Evie foi bom demais e a reação de Max muito rápida. Emmaline teve apenas um sucesso parcial.

Morrendo, ela me diz.

Morrendo.

Cada lampejo de sua emoção é acompanhado por um ataque torturante. Minha carne está machucada. Minha coluna parece líquida, meus olhos cegos, ardentes. Sinto Emmaline – sua voz, seus sentimentos, suas visões – mais fortemente do que antes, porque ela é mais forte do que antes. O fato de ela ter conseguido recuperar o poder suficiente para me encontrar é apenas uma prova de que ela está pelo menos parcialmente livre, sem restrições. Max e Evie estavam fazendo experiências com Emmaline em um grau imprudente nos últimos meses, tentando torná-la mais forte, mesmo quando seu corpo murchava. Isso, *isso* é a consequência.

Estar tão perto dela é nada menos que torturante.

Eu acho que gritei.

Eu gritei?

Tudo sobre Emmaline é elevado a um tom de febre; sua presença é selvagem, de tirar o fôlego, e estremece a vida dentro dos meus nervos. Som e sensação percorrem minha visão, atravessando-me violentamente. Eu ouço uma aranha correndo pelo chão de madeira. Mariposas cansadas arrastam suas asas ao longo da parede. Um rato se sobressalta, em um sono profundo. Motores de poeira se quebram contra uma janela, estilhaços derrapando no vidro.

Meus olhos deslizam, desequilibrados no meu crânio.

Sinto o peso opressivo do meu cabelo, meus membros, minha carne enrolada em volta de mim como celofane, um caixão de outro tipo. Minha língua, minha língua é um lagarto morto empoleirado na minha boca, áspero e pesado. Os pêlos finos dos meus braços permanecem e oscilam, permanecem e oscilam.

Meus punhos estão tão cerrados que minhas unhas perfuram a carne macia das minhas mãos.

Eu sinto uma mão em mim. Onde? Eu estou?

Solitária, ela diz.

Ela me mostra.

Uma visão de nós, de volta ao laboratório onde a vi pela primeira vez, onde matei nossa mãe. Eu me vejo do ponto de vista de Emmaline e é surpreendente. Ela não pode ver muito mais do que um borrão, mas pode sentir minha presença, pode distinguir a forma do meu corpo, o calor que emana do meu corpo. E então minhas palavras, minhas próprias palavras, voltaram ao meu cérebro...

tem que haver outra maneira

você não precisa morrer.

podemos enfrentar isso juntas.

por favor

quero minha irmã de volta

eu quero que você viva

Emmaline

eu não deixarei você morrer aqui

Emmaline Emmaline

podemos enfrentar isso juntas

podemos enfrentar isso juntas

podemos enfrentar isso

juntas

Uma sensação fria e metálica começa a florescer no meu peito. Ela se move através de mim, pelos meus braços, pela minha garganta, empurra meu intestino. Meus dentes latejam. A dor de Emmaline agarra e desliza, se apegando com uma ferocidade que eu não posso suportar. Sua ternura também é desesperadora, aterrorizante em sua sinceridade. Ela é dominada pela emoção, quente e fria, alimentada pela raiva e pela evasão.

Ela estava me procurando, esse tempo todo.

Nestes últimos dias, Emmaline procurou minha mente no mundo consciente, tentando encontrar um porto seguro, um lugar para descansar.

Um lugar para morrer.

Emmaline, Eu digo. Por favor...

Irmã.

Algo segura minha mente, aperta. O medo impulsiona através de mim, perfura os órgãos. Estou chiando. Sinto cheiro de terra e folhas úmidas e em decomposição e sinto as estrelas encarando minha pele, o vento empurrando a escuridão como um pai ansioso. Minha boca está aberta, pegando mariposas. Eu estou no chão.

Onde?

Não estou mais na minha cama, percebo, não estou mais na minha tenda, percebo, não estou mais protegida.

Mas quando eu andei?

Quem mexeu nos meus pés? Quem empurrou meu corpo?

Quão longe?

Eu tento olhar em volta, mas estou cega, minha cabeça presa em um torno, meu pescoço reduzido a tendões desgastados. Minhas respirações enchem meus ouvidos

balançando

Meus punhos se abrem, unhas raspando enquanto meus dedos se abrem, palmas achatando, sinto cheiro de calor, gosto de vento, ouço sujeira.

Sujeira sob minhas mãos, minha boca, minhas unhas. Estou gritando, eu percebo. Alguém está me tocando e eu estou gritando.

Pare, Eu grito. Por favor, Emmaline... Por favor não faça isso...

sozinha, ela diz.

s o z i n h a

E com uma agonia repentina e feroz...

Eu estou deslocada.

2. KENJI

Parece estranho chamar isso de sorte.

Parece estranho, mas de alguma maneira perversa e distorcida, isso é sorte. Sorte que eu estou parado no meio de florestas úmidas e congelantes antes que o sol se preocupe em aparecer. Sorte que minha parte superior do corpo nua está meio entorpecida pelo frio.

Sorte que Nazeera está comigo.

Nós acionamos nossa invisibilidade quase instantaneamente, então ela e eu estamos pelo menos temporariamente seguros aqui, no trecho de 800 metros de natureza intocada entre territórios regulamentados e não regulamentados. O Santuário foi construído em um par de acres de terra não regulamentada, não muito longe de onde estou, e é magistralmente escondido à vista de todos, apenas por causa do talento antinatural de Nouria para dobrar e manipular a luz. Dentro da jurisdição de Nouria, o clima é mais temperado, o tempo mais previsível. Mas aqui na natureza, os ventos são implacáveis e combativos. As temperaturas são perigosas.

Ainda assim – temos sorte de estar aqui.

Nazeera e eu estávamos fora da cama por um tempo, correndo pelo escuro na tentativa de matar um ao outro. No final, tudo acabou sendo um mal-entendido complicado, mas também era uma espécie de alívio: se Nazeera não tivesse entrado no meu quarto às três horas da manhã e quase me matado, eu não teria a perseguido através da floresta, além das proteções de som e visão do Santuário. Se não estivéssemos tão longe do Santuário, nunca teríamos ouvido os gritos distantes e ecoantes de cidadãos gritando de terror. Se não tivéssemos ouvido esses gritos, nunca teríamos corrido em direção à fonte. E se não tivéssemos feito nada disso, eu nunca teria visto minha melhor amiga gritando até o amanhecer.

Eu não teria visto isso. Isso:

J de joelhos na terra fria, Warner se agachou ao lado dela, os dois parecendo como a morte, enquanto as nuvens literalmente derreteram no céu acima deles. Os dois estão parados do lado de fora da entrada do Santuário, abrangendo o trecho intocado de floresta que serve como um amortecedor entre o acampamento e o coração do setor mais próximo, número 241.

Por quê?

Eu congelei quando os vi lá, duas figuras quebradas entrelaçadas, membros plantados no chão. Fiquei paralisado pela confusão, depois pelo medo, depois pela descrença, enquanto as árvores se curvavam para o lado e o vento batia no meu corpo, lembrando-me cruelmente de que nunca tive chance de vestir uma camisa.

Se minha noite tivesse sido diferente, eu poderia ter tido essa chance.

Se minha noite tivesse sido diferente, eu poderia ter desfrutado, pela primeira vez na minha vida, de um nascer do sol romântico e uma reconciliação atrasada com uma linda garota. Nazeera e eu iríamos rir sobre como ela me chutou nas costas e quase me matou, e como depois eu quase atirei nela por isso. Depois disso, eu tomaria um longo banho, dormiria até o meio dia e comeria meu peso em alimentos do café da manhã.

Eu tinha um plano para hoje: vá com calma.

Eu queria um pouco mais de tempo para curar após a minha mais recente experiência de quase morte, e não achava que estava pedindo muito. Eu pensei que, talvez, depois de tudo o que eu passara, o mundo pudesse finalmente me dar uma folga. Me deixar respirar entre tragédias.

Nah.

Em vez disso, estou aqui, morrendo de frio e horror, vendo o mundo se despedaçar ao meu redor. O céu, balançando descontroladamente entre horizontes horizontais e verticais. O ar, perfurando aleatoriamente. Árvores afundando no bosque. Folhas, voando ao meu redor. Estou vendo – estou testemunhando ativamente – e ainda não consigo acreditar.

Mas estou escolhendo chamar isso de sorte.

Sorte que estou vendo isso, sorte que sinto que poderia vomitar, sorte que corri por todo esse caminho em meu corpo ainda machucado e ferido bem a tempo de conseguir um lugar na primeira fila para o fim do mundo.

Sorte, destino, coincidência, acaso...

Vou chamar esse sentimento doentio e profundo no meu intestino de um truque de mágica, se me ajudar a manter meus olhos abertos por tempo suficiente para testemunhar. Para descobrir como ajudar.

Porque ninguém mais está aqui.

Ninguém além de mim e Nazeera, o que parece loucura em um nível improvável. O Santuário deveria ter guardas em patrulha o tempo todo, mas não vejo sentinelas nem sinal de ajuda recebida. Também não há soldados do setor próximo. Nem mesmo civis curiosos e histéricos. Nada.

É como se estivessemos no vácuo, em um plano invisível da existência. Não sei como J e Warner chegaram tão longe sem serem vistos. Os dois parecem que foram literalmente arrastados pela terra; Não tenho ideia de como eles escaparam. E, embora seja possível que J tenha apenas começado a gritar, ainda tenho mil perguntas sem resposta.

Elas terão que esperar.

Olho para Nazeera por hábito, esquecendo por um momento que ela e eu somos invisíveis. Mas então eu a sinto aproximar-se e solto um suspiro de alívio quando sua mão desliza na minha. Ela aperta meus dedos. Aperto de volta.

Sorte, eu me lembro.

É uma sorte que estamos aqui agora, porque se eu estivesse na cama onde deveria estar, nem saberia que J estava com problemas. Eu teria perdido o tremor na voz da minha amiga quando ela gritou, implorando piedade. Eu teria perdido as cores arrebatadoras de um nascer do sol retorcido, um pavão no meio do inferno. Eu teria perdido o jeito que J apertou a cabeça entre as mãos e soluçou. Eu teria perdido os cheiros agudos de pinheiro e enxofre ao vento, perdido a dor seca na garganta, o tremor se movendo pelo meu corpo. Eu teria perdido o momento em que J chamou sua irmã pelo nome. Eu não teria ouvido J pedir *especificamente* à irmã para não fazer algo.

Sim, isso é definitivamente sorte.

Porque se eu não tivesse ouvido nada disso, não saberia quem culpar.

Emmaline.

3. ELLA

JULIETTE

Eu tenho olhos, dois, sinto eles, rolando para frente e para trás, girando e girando no meu crânio. Eu tenho lábios, dois, sinto-os, molhados e pesados, abro-os, tenho dentes, muitos, língua, uma e dedos, dez, os conto

umdoistrêsquatrocinco, mais uma vez, do outro lado estranho, eeestranho ter uma língua, eeestranho é uma coisa eeeestranha, uma coisa eeeeeeeeeeeestranha

solidãoo

isso se arrasta em você

quieto

e

ainda,

senta-se ao seu lado no escuro, acaricia seu cabelo enquanto você dorme, envolve-se em torno de seus ossos, apertando bastante, você quase não consegue respirar, quase não consegue ouvir o sangue batendo no seu pulso enquanto corre, corre em sua

pele

toca seus lábios, os cabelos macios na parte de trás do seu

pescoço

a solidão é uma coisa estranha, uma coisa estranha, um velho amigo parado
ao seu lado no espelho gritando que você não é osuficientenuncaosuficiente
nunca suficiente

às vezes

ela

não

solta

4. KENJI

Eu evito uma erupção no chão e abaixo bem a tempo de evitar um grupo de videiras crescendo no ar. Uma rocha distante de um tamanho astronômico se aproxima e, no momento em que começa a correr em nossa direção, aperto minha mão na mão de Nazeera e mergulho em busca de proteção.

O céu está se despedaçando. O chão está se partindo sobre meus pés. O sol brilha, escuridão estroboscópica, luz estroboscópica, tudo empolgado. E as nuvens... Há algo de errado com as nuvens.

Elas estão se *desintegrando*.

As árvores não conseguem decidir se levantam ou se deitam, rajadas de vento brotam do chão com poder aterrador e, de repente, o céu está cheio de pássaros. Cheio de malditos *pássaros*.

Emmaline está fora de controle.

Sabíamos que seus poderes telecinéticos e psicocinéticos eram divinos – além de tudo que já conhecemos – e sabíamos que o Restabelecimento construiu Emmaline para controlar nossa experiência do mundo. Mas isso foi tudo, e isso foi apenas conversa. Teoria.

Nós nunca a vimos assim.

Selvagem.

Ela está claramente fazendo algo com J agora, devastando sua mente enquanto ataca o mundo ao nosso redor, porque a viagem ácida que eu estou encarando está apenas piorando.

— Volte, — eu grito sobre o barulho. — Consiga ajuda, traga as meninas!

Um único grito de concordância e a mão de Nazeera se solta da minha, suas botas pesadas no chão são minha única indicação de que ela está correndo em direção ao Santuário. Mas mesmo agora – especialmente agora – suas ações rápidas e certas me encham de alívio.

É bom ter uma parceira capaz.

Eu caminho pela floresta escassa, grato por ter evitado o pior dos obstáculos, e quando finalmente estou perto o suficiente para discernir adequadamente o rosto de Warner, afasto minha invisibilidade.

Estou tremendo de exaustão.

Eu mal havia me recuperado de ser drogado quase até a morte, e ainda estou aqui, já prestes a morrer novamente. Mas, quando me debruço, meio dobrado, com as mãos nos joelhos e tentando respirar, percebo que não tenho o direito de reclamar.

Warner parece ainda pior do que eu esperava.

Cru, cerrado, uma veia esticando a têmpora. Ele está de joelhos, segurando J como se estivesse tentando segurar um rio, e eu não percebi até agora que ele poderia estar aqui por mais do que apenas apoio emocional.

A coisa toda é surreal: os dois estão praticamente nus, na terra, de joelhos – J com as mãos pressionadas contra os ouvidos – e eu não posso, mas ele imagina que tipo de inferno os trouxe a esse momento.

Eu pensei que era eu quem estava tendo uma noite estranha.

Algo bate de repente no meu intestino e eu me dobro, atingindo o chão com força.

Braços tremendo, eu me empurro de quatro e examino a área imediatamente pelo culpado.

Quando o vejo, engasgo.

Um pássaro morto, a alguns metros de distância.

Jesus.

J ainda está gritando.

Empurro meu caminho através de uma repentina e violenta rajada de vento – e justamente quando recuperei o equilíbrio, pronto para percorrer os últimos quinze metros em direção aos meus amigos – o mundo fica mudo.

Som, desligado.

Sem ventos uivantes, sem gritos torturados, sem tosses, sem espirros. Este não é um silêncio comum. Não é quietude, não é silêncio.

É mais do que isso.

Não é nada.

Eu pisco, pisco, minha cabeça girando em um movimento lento e torturante enquanto vasculho a distância em busca de respostas, desejando que as explicações apareçam.

Esperar que a força pura da minha mente seja suficiente para tirar a razão do chão.

Não é.

Eu fiquei surdo.

Nazeera não está mais aqui, J e Warner ainda estão a quinze metros de distância, e eu fiquei surdo. Surdo ao som do vento, às árvores trêmulas. Surdo para minha própria respiração difícil, para os gritos dos cidadãos nos complexos além. Tento cerrar os punhos e leva uma eternidade, como se o ar estivesse denso. Grosso.

Alguma coisa está errada comigo.

Estou lento, mais devagar do que nunca, como se estivesse correndo debaixo d'água.

Algo está propositadamente me afastando, me afastando fisicamente de Juliette – e de repente, tudo faz sentido. Minha confusão anterior se dissolve. Claro que ninguém mais está aqui. É claro que ninguém mais veio ajudar.

Emmaline nunca permitiria isso.

Talvez eu tenha chegado tão longe só porque ela estava ocupada demais para me notar imediatamente – para me sentir aqui, no meu estado invisível. Isso me faz pensar no que mais ela fez para manter essa área livre de invasores.

Isso me faz pensar se vou sobreviver.

Está ficando mais difícil de pensar. Leva uma eternidade para fundir pensamentos. Leva uma eternidade para mover meus braços. Para levantar minha cabeça. Olhar ao redor.

Quando consegui abrir a boca, esqueci que minha voz não emitia som.

Um lampejo de ouro ao longe.

Vejo Warner, se movendo tão lentamente que me pergunto se ambos estamos sofrendo da mesma aflição. Ele está lutando desesperadamente para se sentar ao lado de J – J, que ainda está de joelhos, curvada para a frente, boca aberta. Seus olhos estão bem fechados em concentração, mas se ela está gritando, eu não consigo ouvir.

Eu mentiria se dissesse que não estava aterrorizado.

Estou perto o suficiente de Warner e J para poder avaliar suas expressões, mas não é bom; Eu não tenho ideia se eles estão feridos, então não sei com o que estamos lidando.

Eu tenho que me aproximar, de alguma forma. Mas quando dou um passo doloroso para a frente, um lamento agudo explode nos meus ouvidos.

Eu grito sem som, batendo as mãos na minha cabeça enquanto o silêncio é subitamente – *cruelmente* – composto por pressão. A dor semelhante a uma faca penetra em mim, pressionando meus ouvidos com uma intensidade que ameaça

me esmagar por dentro. É como se alguém tivesse sobrecarregado minha cabeça com hélio, como se a qualquer momento o balão que é meu cérebro explodirá. E quando penso que a pressão pode me matar, quando penso que não aguento mais a dor, o chão começa a chacoalhar. Tremer.

Há uma *rachadura* sísmica...

E o som volta a ficar online. Um som tão violento que rasga algo dentro de mim e, quando finalmente tiro minhas mãos dos ouvidos, elas estão vermelhas, pingando. Eu cambaleio quando minha cabeça lateja. Retumba. Retumba.

Eu limpo minhas mãos ensanguentadas no meu tronco nu e minha visão nada. Avanço em um estupor e caio de mal jeito, minhas mãos ainda úmidas atingindo a terra com tanta força que sua dureza estremece meus ossos. A sujeira sob meus pés ficou escorregadia.

Molhada. Olho para cima, olhando de soslaio para o céu e a chuva repentina e torrencial.

Minha cabeça continua balançando em uma dobradiça bem oleada. Uma única gota de sangue escorre pelo meu ouvido, cai no meu corpo. Uma segunda gota de sangue escorre pelo meu ouvido e cai no meu ombro. Uma terceira gota de sangue escorre pelo meu...

Nome.

Alguém chama meu nome.

O som é grande, agressivo. A palavra surge vertiginosamente na minha cabeça, expandindo e contraindo. Eu não consigo identificar.

Kenji

Eu me viro e minha cabeça retumba, retumba.

K e n j i

Eu pisco e leva dias, voltas ao redor do sol.

Amigo

confiável

Algo está me tocando, embaixo de mim, me carregando, mas não é bom. Eu não me mexo.

Muito

pesada

Eu tento falar, mas não posso. Não digo nada, não faço nada quando minha mente se abre, enquanto dedos frios alcançam meu crânio e desconectam o circuito interno. Eu fico parado. Atento. A voz ecoa para a vida na escuridão atrás dos meus olhos, falando palavras que parecem mais memória do que conversa, palavras que eu não sei, não entendo

a dor que eu carrego, os medos que eu deveria ter deixado para trás. Eu me afundo sob o peso da solidão, as correntes de decepção. Só meu coração pesa mil quilos. Estou tão pesada que não posso mais ser retirada da terra. Estou tão pesada que não tenho escolha agora, a não ser enterrar-me embaixo dela. Eu sou tão pesada, muito pesada

Eu suspiro enquanto desço.

Meus joelhos estalam quando atingem o chão. Meu corpo cai para frente. A sujeira beija meu rosto, me recebe em casa.

O mundo fica subitamente escuro.

Corajoso

Meus olhos piscam. O som zumba em meus ouvidos, algo como uma eletricidade fraca e constante. Tudo está mergulhado na escuridão. Um apagão, um apagão no mundo natural. O medo se apegando à minha pele. Me cobre.

mas

f r a c o

As facas perfuram meus ossos que se enchem rapidamente de tristeza, tristeza tão aguda que me deixa sem fôlego.

Nunca tive tanta esperança de deixar de existir.

Eu estou flutuando

Sem peso e, no entanto, com peso baixo, destinado a afundar para sempre. Luz fraca fratura a escuridão atrás dos meus olhos e na luz, vejo água. Meu sol e lua são o mar, minhas montanhas, o oceano. Vivo em líquido que nunca bebo, afogando-me constantemente em águas marmorizadas e leitosas. Minha respiração é pesada, automática, mecânica. Sou forçado a inspirar, forçado a expirar. O som estridente e estremeecedor da minha respiração é meu lembrete constante da sepultura que é o meu lar.

Eu ouço algo.

Ele reverbera através do tanque, metal opaco contra metal opaco, chegando aos meus ouvidos como se fosse do espaço sideral. Eu olho de soslaio para o novo conjunto de formas e cores, formas borradas. Aperto os punhos, mas minha carne é macia, meus ossos como massa fresca, minha pele descascando em flocos úmidos. Estou cercado por água, mas minha sede é insaciável e minha raiva...

Minha raiva...

Algo se encaixa. Minha cabeça. Minha mente. Meu pescoço.

Meus olhos estão arregalados, minha respiração em pânico. Estou de joelhos, minha testa pressionada na terra, minhas mãos enterradas na terra molhada.

Sento-me direito e volto, minha cabeça girando.

— Que *porra* é essa? — Eu ainda estou tentando respirar. Eu olho em volta. Meu coração está acelerando. — O que, o que...

Eu estava cavando minha própria cova.

Um horror aterrorizante se move pelo meu corpo quando eu entendo: Emmaline estava na minha cabeça. Ela queria ver se poderia me fazer me matar.

E, no momento em que penso nisso – ao olhar para a tentativa miserável que fiz para me enterrar vivo – sinto uma simpatia maçante e esfaqueada por Emmaline. Porque senti sua dor, e não foi cruel.

Foi desesperador.

Como se ela estivesse esperando que, se eu me matasse enquanto ela estivesse na minha cabeça, de alguma forma eu seria capaz de matá-la também.

J está gritando de novo.

Eu cambaleio para os meus pés, coração na minha garganta quando os céus se abrem, liberando sua ira sobre mim. Não sei por que Emmaline deu um tiro no interior da minha cabeça – *corajoso, mas fraco* – mas sei o suficiente para entender que o que diabos está acontecendo aqui é mais do que consigo lidar sozinho. No momento, só espero que todos no Santuário estejam bem – e que Nazeera volte aqui em breve. Até lá, meu corpo partido terá que fazer o melhor possível.

Eu avanço.

Mesmo quando o sangue frio e velho seca nos meus ouvidos, no peito, empurro para a frente, fortalecendo-me contra as condições climáticas cada vez mais voláteis. A sucessão constante de terremotos. Os relâmpagos. A tempestade furiosa se tornando rapidamente em um furacão.

Quando finalmente chego perto o suficiente, Warner olha para cima.

Ele parece atordado.

Me ocorre que ele só está me vendo – depois de tudo isso – ele acabou de perceber que estou aqui. Um lampejo de alívio brilha em seus olhos, muito rapidamente substituído por dor.

E então ele fala duas palavras – duas palavras que eu nunca pensei que eu o inspiraria a dizer:

— *Me ajude.*

A sentença é levada pelo vento, mas a agonia em seus olhos permanece. E deste ponto de vista, finalmente entendo a profundidade do que ele sofreu. A princípio, pensei que Warner a estivesse mantendo firme, tentando apoiá-la.

Eu estava errado.

J está vibrando com poder, e Warner mal a aguenta. Segurando-a ainda. Algo – *alguém* – está animando fisicamente o corpo de Juliette, articulando seus membros, tentando forçá-la de pé e possivelmente para longe daqui, e é apenas por causa de Warner que Emmaline não conseguiu.

Não tenho ideia de como ele está fazendo isso.

A pele de J ficou translúcida, com veias brilhantes e esquisitas em seu rosto pálido. Ela é quase azul, pronta para rachar. Um zumbido de baixo nível emana de seu corpo, o estalo da energia, o zumbido do poder. Eu agarro seu braço e, em meio segundo, Warner se move para distribuir seu peso entre nós, nós três somos arremessados para frente. Batemos no chão com tanta força que mal consigo

respirar e, quando finalmente consigo levantar a cabeça, olho para Warner, meus próprios olhos arregalados de terror desmascarado.

— Emmaline está fazendo isso, — eu digo, gritando as palavras para ele.

Ele assente, o rosto sombrio.

— O que podemos fazer? — Eu choro. — Como ela pode continuar gritando assim?

Warner apenas olha para mim.

Ele apenas *olha* para mim, e a expressão torturada nos seus olhos me diz tudo que eu preciso saber. *J não pode* continuar gritando assim. Ela não pode ficar de joelhos gritando por um século. Essa merda vai matá-la. Jesus Cristo. Eu sabia que era ruim, mas por algum motivo não achei que fosse tão ruim.

J parece que vai morrer.

— Devemos tentar buscá-la? — Eu nem sei por que pergunto. Duvido que eu pudesse levantar o braço dela acima da minha cabeça, muito menos todo o seu corpo. Meu próprio corpo ainda está tremendo, tanto que mal posso fazer minha parte para impedir que essa garota se levante diretamente do chão. Não tenho ideia de que tipo de merda louca está bombeando em suas veias agora, mas J está em outro planeta. Ela parece meio viva, principalmente alienígena. Os olhos dela estão fechados, a mandíbula desequilibrada. Ela está *irradiando* energia. É terrivelmente aterrorizante.

E eu mal consigo acompanhar.

A dor nos meus braços começou a subir nos meus ombros e nas minhas costas e tremo violentamente quando um vento forte atinge minha pele nua e superaquecida.

— Vamos tentar, — diz Warner.

Eu concordo.

Respiro fundo.

Me imploro para ser mais forte do que sou.

Não sei como faço isso, mas, por nada menos que um milagre, levanto. Warner e eu conseguimos estabelecer Juliette entre nós, e quando olho para ele, fico pelo menos aliviado ao descobrir que ele parece que está lutando também. Eu nunca vi Warner lutar, não mesmo, e tenho certeza de que nunca o vi suar. Mas por mais que eu adorasse rir um pouco agora, a visão dele se esforçando tanto para segurá-la apenas envia uma nova onda de medo através de mim. Não tenho ideia de quanto tempo ele está tentando impedi-la sozinho. Não tenho ideia do que teria acontecido com ela se ele não estivesse lá para aguentar. E não tenho ideia do que aconteceria com ela agora, se a deixássemos ir.

Algo nessa realização me dá uma força renovada. Isso toma a decisão dessa situação. J precisa de nós agora, ponto final.

O que significa que tenho que ser mais forte.

Ficar de pé assim nos tornou um alvo fácil em toda essa loucura, e grito um aviso quando um pedaço de lixo voa em nossa direção. Eu giro bruscamente para proteger J, mas levo um golpe na espinha, a dor é tão impressionante que estou vendo estrelas.

Minhas costas já estavam feridas hoje à noite, e as contusões devem piorar agora. Mas quando Warner trava os olhos comigo em um pânico repentino e aterrorizado, eu aceno, deixando que ele saiba que estou bem. Eu a peguei.

Polegada por polegada agonizante, voltamos para o Santuário.

Estamos arrastando J como se ela fosse Jesus entre nós, a cabeça jogada para trás, os pés arrastando o chão. Ela finalmente parou de gritar, mas agora está em convulsão, seu corpo se agita incontrolavelmente, e Warner parece que está se apegando à sua sanidade mental por um único fio desgastado.

Parece que passam séculos antes de vermos Nazeera novamente, mas a parte racional do meu cérebro suspeita que deve ter sido apenas vinte ou trinta minutos. Quem sabe.

Tenho certeza de que ela estava tentando o seu melhor para voltar aqui com pessoas que poderiam ajudar, mas parece que estamos atrasados. Tudo parece tarde demais.

Não tenho mais ideia do que diabos está acontecendo.

Ontem, essa manhã – uma hora atrás – eu estava preocupado com James e Adam.

Achei que nossos problemas eram simples e diretos: recuperar as crianças, matar os comandantes supremos, ter um bom almoço.

Mas agora...

Nazeera e Castle e Brendan e Nouria correm para uma parada repentina diante de nós.

Eles olham entre nós.

Eles olham além de nós.

Seus olhos se arregalam, seus lábios se abrem enquanto ofegam. Giro meu pescoço para ver o que eles estão vendo e percebo que há uma onda de fogo vindo diretamente em nossa direção.

Eu acho que vou entrar em colapso.

Meu corpo é pior do que instável. A essa altura, minhas pernas são feitas de borracha.

Eu mal posso suportar meu próprio peso, e é um milagre que eu estou segurando J. De fato, basta uma rápida olhada no corpo apertado e insanamente tenso de Warner para perceber que ele está provavelmente fazendo a maior parte do trabalho no momento.

Não sei como algum de nós sobreviverá a isso. Eu não posso *me mexer*. Eu com certeza não posso lidar com uma onda de fogo.

E eu realmente não entendo tudo o que acontece a seguir.

Eu ouço um grito desumano e Stephan está subitamente correndo em nossa direção.

Stephan. Ele está de repente na nossa frente, de repente entre nós. Ele pega J nos braços como se ela fosse uma boneca de pano e começa a gritar para todos nós corrermos. Castle volta a pegar água de um poço próximo e, embora seus esforços para apagar as chamas não sejam inteiramente bem-sucedidos, é suficiente para nos dar a vantagem de que precisamos para escapar. Warner e eu nos arrastamos de volta ao acampamento com os outros, e no minuto em que cruzamos o limiar para o Santuário, nos deparamos com um mar frenético de rostos. Incontáveis figuras avançam, seus gritos e choros e comoção histérica se fundindo em uma única tempestade sonora ininterrupta. Logicamente, eu entendo por que as pessoas estão aqui fora, preocupadas, chorando, gritando perguntas

sem resposta uma para as outras – mas agora eu só quero que todas saiam do meu caminho.

Nouria e Sam parecem ler minha mente.

Elas emitem ordens para a multidão e os corpos sem nome começam a desaparecer.

Stephan não está mais correndo, mas caminhando rapidamente, afastando as pessoas do caminho, conforme necessário, e sou grato. Mas quando Sonya e Sara vêm correndo em nossa direção, gritando para segui-las até a tenda médica, eu quase me lanço para frente e beijo as duas.

Mas não.

Em vez disso, tomo um momento para procurar por Castle, me perguntando se ele conseguiu sair bem. Mas quando olho para trás, examinando nosso trecho de terra protegida, experimento um momento repentino e sóbrio de realização. A disparidade entre *aqui* e *lá fora* é irreal.

Aqui, o céu está limpo.

O clima se acalmou. O chão parece ter se suturado novamente. O muro de fogo que tentou nos perseguir de volta ao Santuário agora não passa de fumaça.

As árvores estão na posição vertical; o furacão é pouco mais que uma névoa fina. A manhã parece quase bonita. Por um segundo eu poderia jurar que ouvi um pássaro cantando.

Provavelmente estou maluco.

Eu desmaio no meio de um caminho bem gasto que leva de volta às nossas tendas, meu rosto batendo contra a grama molhada. O cheiro de terra fresca e úmida enche minha cabeça e eu respiro, tudo isso. É um bálsamo. Um milagre. *Talvez*, eu penso. Talvez nós fiquemos bem. Talvez eu possa fechar meus olhos. Ter um momento.

Warner passa por meu corpo caído, seus movimentos tão intensos que me assusto, me endireito e sento corretamente.

Não tenho ideia de como ele ainda está se movendo.

Ele nem está usando sapatos. Sem camisa, sem meias, sem sapatos. Apenas um par de calças de moletom. Percebo pela primeira vez que ele tem um enorme corte no peito.

Vários cortes nos braços. Um corte desagradável no pescoço. O sangue está pingando lentamente em seu tronco, e Warner nem parece notar. Cicatrizes por todas as costas, sangue manchando sua frente. Ele parece louco. Mas ele ainda está se movendo, seus olhos quentes de raiva e algo mais... Algo que me assusta como o inferno.

Ele alcança Stephan, que ainda está segurando J – que ainda está tendo convulsões – e eu rastejo em direção a uma árvore, usando o tronco para me içar do chão. Eu me arrasto atrás deles, vacilando involuntariamente com uma brisa repentina. Eu me viro muito rápido, procurando na floresta aberta por detritos ou uma pedra voadora, e encontro apenas Nazeera, que descansa a mão no meu braço.

— Não se preocupe, — diz ela. — Estamos seguros dentro das fronteiras do Santuário.

Eu pisco para ela. E depois, nas familiares tendas brancas que cobrem toda a estrutura sólida e independente do acampamento glorificado que é esse lugar de refúgio.

Nazeera assente.

— Sim, é para isso que servem as tendas. Nouria aprimorou todas as suas proteções com a luz em algum tipo de antídoto que nos torna imunes às ilusões que a Emmaline cria. Ambos os hectares de terra são protegidos, e o material refletivo que cobre as tendas fornece proteção mais garantida em ambientes fechados.

— Como você sabe tudo isso?

— Eu perguntei.

Eu pisco para ela novamente. Eu me sinto estúpido. Entorpecido. Como se eu tivesse quebrado algo profundo dentro do meu cérebro. No fundo do meu corpo.

— Juliette, — eu digo.

É a única palavra que tenho agora, e Nazeera nem se incomoda em me corrigir, em dizer que seu nome verdadeiro é Ella. Ela apenas pega minha mão e aperta.

5. ELLA

JULIETTE

Quando sonho, sonho com sons.

A chuva, demorando, estalando suavemente contra o concreto. Chuva, acumulando batidas, até o som se tornar estático. Chuva, tão repentina, tão forte, que se assusta. Sonho com a água rasgando os lábios e a ponta do nariz, a chuva caindo dos galhos em piscinas rasas e escuras. Eu ouço a morte quando as poças se quebram, agredidas por pés pesados.

Eu ouço folhas...

As folhas, tremendo sob o peso da resignação, unem-se aos galhos com muita facilidade, dobram-se. Eu sonho com o vento, cumprimentos dele. Jardas de vento, acres de vento, sussurros infinitos se fundindo para criar uma única brisa. Ouço o vento pentear a grama selvagem de montanhas distantes, ouço o vento uivar confissões em planícies vazias e solitárias. Eu ouço o *sh sh sh* de rios depredados tentando silenciar o mundo em um esforço infrutífero de se silenciar.

Mas

enterrado
no barulho

um grito tão constante que é todo dia não-ouvido. Vemos, mas não entendemos como isso gagueja corações, aperta mandíbulas, enrola os dedos em punhos. É uma surpresa, sempre uma surpresa, quando finalmente para de gritar o tempo suficiente para falar.

Os dedos tremem.

Flores morrem.

O sol recua, as estrelas expiram.

Você está em um quarto, um armário, um cofre, sem chave...
Apenas uma voz que diz

Me mate

6. KENJI

J está dormindo.

Ela parece tão perto da morte que mal posso olhar para ela. Pele tão branca que é azul.

Lábios tão azuis que são roxos. De alguma forma, nas últimas duas horas, ela perdeu peso.

Ela parece um passarinho, jovem, pequeno e frágil. Seus longos cabelos estão espalhados pelo rosto e ela está imóvel, uma pequena boneca azul com o rosto apontado diretamente para o teto. Parece que ela pode estar deitada em um caixão.

Não digo nada disso em voz alta, é claro.

Warner parece bem perto de se matar. Ele parece pálido, desorientado. Doentio.

E ele se tornou impossível de conversar.

Os últimos meses de camaradagem forçada quase me fizeram uma lavagem cerebral; Eu quase tinha esquecido como Warner costumava ser.

Frio. Áspero. Curiosamente quieto.

Ele parece um eco de si mesmo agora, sentado rigidamente em uma cadeira ao lado da cama dela. Nós arrastamos J de volta aqui horas atrás e ele ainda não olha realmente para ninguém. O corte no peito dele parece ainda pior agora, mas ele não faz nada sobre isso.

Ele desapareceu em um ponto, mas apenas por alguns minutos, e voltou usando suas botas. Ele não se incomodou em limpar o sangue de seu corpo. Não parou tempo suficiente para vestir uma camisa. Ele poderia facilmente roubar os poderes de Sonya e Sara para se curar, mas ele não faz nenhum esforço. Ele se recusa a ser tocado. Ele se recusa a comer.

As poucas palavras que saíam de sua boca eram tão contundentes que ele fez três pessoas diferentes chorarem. Nouria finalmente disse a ele que, se ele não

parasse de atacar seus companheiros de equipe, ela o levaria de volta e o mataria. Acho que foi a falta de protesto de Warner que a impediu de seguir adiante.

Ele não passa de espinhos.

O velho Kenji deu de ombros e revirou os olhos. O velho Kenji jogaria um dardo no Warner Idiota e, sinceramente, provavelmente ficaria feliz em vê-lo sofrer assim.

Mas eu não sou mais esse cara.

Conheço Warner muito bem agora. Eu sei o quanto ele ama J. Eu sei que ele viraria a pele do avesso só para fazê-la feliz. Ele queria se casar com ela, pelo amor de Deus. E eu apenas o observei quase se matar para salvá-la, sofrendo por horas através dos piores níveis do inferno apenas para mantê-la viva.

Quase duas horas, para ser exato.

Warner disse que ele estava lá com J por quase uma hora antes de eu aparecer, e levaram pelo menos mais quarenta e cinco minutos antes que as meninas pudessem estabilizá-la. Ele passou quase duas horas lutando fisicamente para impedir Juliette de se machucar, protegendo-a com seu próprio corpo enquanto ele era açoitado por árvores caídas, pedras voadoras, detritos errantes e ventos violentos. As meninas disseram que podiam dizer, olhando para ele, que ele tinha duas costelas quebradas. Uma fratura no braço direito. Um ombro deslocado. Provavelmente sangramento interno. Elas se enfureceram tanto com ele que ele finalmente se sentou em uma cadeira, passou a mão boa pelo pulso do braço machucado e puxou o próprio ombro de volta no lugar. A única prova de sua dor era uma pequena respiração aguda.

Sonya gritou, avançando, tarde demais para detê-lo.

E então ele abriu a costura no tornozelo da calça de moletom, arrancou um pedaço de algodão e fez uma tipóia para o seu recém-encaixado braço. Só depois disso ele finalmente olhou para as meninas.

— Agora me deixe em paz, — disse ele sombriamente.

Sonya e Sara pareciam tão frustradas – seus olhos brilhando com raiva rara – eu quase não as reconheci.

Eu sei que ele está sendo um idiota.

Eu sei que ele está sendo teimoso e estúpido e cruel. Mas não consigo encontrar forças para ficar bravo com ele agora. Não posso.

Meu coração está partido pelo cara.

Estamos todos em pé ao redor da cama de J, apenas olhando para ela. Um monitor apita suavemente no canto. O quarto cheira a produtos químicos. Sonya e Sara tiveram que injetar em J sérios tranquilizantes para que seu corpo se

acalmasse, mas isso pareceu ajudar: no momento em que ela desacelerou, o mundo lá fora também.

O Restabelecimento foi rápido na absorção, fazendo um controle de danos tão contínuo que quase não consegui acreditar. Eles capitalizaram o problema, alegando que o que aconteceu nesta manhã foi uma amostra da devastação futura. Eles alegaram que conseguiram controlá-lo antes que piorasse, e lembraram ao povo para serem gratos pelas proteções fornecidas pelo Restabelecimento; que, sem eles, o mundo seria muito pior. Isso assustou bastante a todos. As coisas parecem muito mais silenciosas agora. Os civis parecem subjugados de uma maneira que não eram antes. É impressionante, realmente, como o Restabelecimento conseguiu convencer as pessoas de que o céu desabando enquanto o sol *desaparecia* por um minuto inteiro eram coisas normais que podiam acontecer no mundo.

É inacreditável que eles alimentem as pessoas com esse tipo de besteira, e é inacreditável que as pessoas comam isso.

Mas quando estou sendo super honesto comigo mesmo, admito que o que mais me assusta é que, se eu não soubesse melhor, também poderia ter comido essa merda.

Eu suspiro forte. Arrasto uma mão pelo meu rosto.

Esta manhã parece um sonho estranho.

Surreal, como uma daquelas pinturas derretidas do relógio que O Restabelecimento destruiu. E estou tão cansado, tão cansado que nem tenho energia para ficar com raiva. Eu só tenho energia suficiente para ficar triste.

Estamos todos muito, muito tristes.

Os poucos de nós que pudemos entrar nesta sala: eu, Castle, Nouria, Sam, Superman (meu novo apelido para Stephan), Haider, Nazeera, Brendan, Winston, Warner. Todos nós, sacos tristes, pesarosos. Sonya e Sara foram embora um pouco, mas voltarão em breve e, quando voltarem, também ficarão tristes.

Ian e Lily queriam estar aqui, mas Warner os expulsou. Ele simplesmente disse-lhes para sair, por razões que ele não se ofereceu para divulgar. Ele não levantou a voz. Nem sequer olhou para Ian. Apenas disse a ele para se virar e sair. Brendan ficou tão atordoado que seus olhos quase caíram da cabeça. Mas todos nós estávamos com muito medo de Warner para dizer qualquer coisa.

Uma parte pequena e culpada de mim se perguntou se talvez Warner soubesse que Ian falou merda sobre ele uma vez, que Warner sabia (quem sabe como) que Ian não queria se esforçar para ir atrás dele e de J quando os perdemos no simpósio.

Eu não sei. É apenas uma teoria. Mas é óbvio que Warner terminou o jogo. Ele terminou com cortesia, com paciência, acabou sem dar uma única merda sobre ninguém, exceto J. O que significa que a tensão aqui é insana agora. Até Castle parece um pouco nervoso com Warner, como se não tivesse mais certeza sobre ele.

O problema é que todos ficamos confortáveis demais.

Por alguns meses, esquecemos que Warner era assustador. Ele sorriu quatro vezes e meia e decidimos esquecer que ele era basicamente um psicopata com uma longa história de assassinatos cruéis. Nós pensamos que ele tinha sido reformado. Foi suave.

Esquecemos que ele estava apenas tolerando qualquer um de nós por causa de Juliette.

E agora, sem ela...

Ele não parece mais pertencer aqui.

Sem ela, estamos fraturando. A energia nesta sala mudou palpavelmente. Nós realmente não nos sentimos mais como um time, e é assustador a rapidez com que isso aconteceu. Se ao menos Warner não estivesse tão determinado a ser um idiota. Se ele não estivesse tão ansioso para colocar sua pele velha, para alienar todos nesta sala. Se ao menos ele reunisse o mínimo de boa vontade, poderíamos mudar tudo isso.

Parece improvável.

Não estou tão aterrorizado quanto os outros, mas também não sou estúpido. Eu sei que suas ameaças de violência não são um blefe. As únicas pessoas imperturbáveis são os filhos supremos. Eles parecem bem em casa com esta versão dele. Haider, talvez acima de tudo. Aquele cara sempre parecia tenso, como se ele não tivesse ideia de em quem Warner havia se transformado e não sabia como processar a mudança. Mas agora? Sem problemas. Super confortável com o psicopata Warner. Velhos amigos.

Nouria finalmente quebra o silêncio.

Gentilmente, ela limpa a garganta. Algumas pessoas levantam a cabeça. Warner olha para o chão.

— Kenji, — ela diz suavemente, — posso falar com você por um minuto? Lá fora?

Meu corpo endurece.

Olho em volta, incerto, como se ela estivesse me confundindo com outra pessoa. Castle e Nazeera se voltam bruscamente em minha direção, surpresa arregalando seus olhos.

Sam, por outro lado, está apoiando sua esposa, lutando para esconder sua frustração.

— Hum, — coço a cabeça — talvez devêssemos conversar aqui, — eu digo.
— Como um grupo?

— Lá fora, Kishimoto. — Nouria está de pé, a suavidade desapareceu de sua voz, seu rosto. — Agora, por favor.

Relutantemente, eu me levanto.

Olho para Nazeera, imaginando se ela tem uma opinião sobre a situação, mas sua expressão é ilegível.

Nouria chama meu nome novamente.

Balanço a cabeça, mas a sigo para fora da porta. Ela me leva a uma esquina, para um corredor estreito.

Cheira esmagadoramente a lixívia.

J foi colocada dentro do TM – um apelido óbvio para sua tenda médica – que parece um nome impróprio, na verdade, porque o elemento tenda é inteiramente superficial. O interior do edifício é muito mais parecido com um hospital adequado, com suítes individuais e salas de cirurgia. Isso me impressionou um pouco na primeira vez que entrei aqui, porque esse espaço é super diferente do que tínhamos no Ponto Ômega e no Setor 45. Mas, antes que Sonya e Sara aparecessem, o Santuário não tinha curandeiros. Seu trabalho médico era muito mais tradicional: praticado por um punhado de médicos e cirurgiões autodidatas. Há algo nas práticas médicas antiquadas e com risco de vida que faz com que esse lugar pareça muito mais com uma relíquia do nosso mundo antigo. Um edifício cheio de medo.

Aqui, no corredor principal, ouço mais claramente os sons comuns de um hospital –

máquinas apitando, carrinhos rolando, gemidos ocasionais, gritos, páginas em um interfone.

Me encosto na parede enquanto um grupo de pessoas passa, empurrando uma maca pelo

corredor. Seu ocupante é um homem idoso conectado a um IV, uma máscara de oxigênio no rosto. Quando ele vê Nouria, ele levanta a mão em uma onda fraca. Tenta um sorriso.

Nouria lhe dá um sorriso brilhante em troca, mantendo-o firme até o homem ser levado para outra sala. No momento em que ele está fora de vista, ela me encurrala. Seus olhos brilham, sua pele marrom escura brilhando na penumbra como um aviso. Minha coluna se endireita.

Nouria é surpreendentemente aterrorizante.

— O que diabos aconteceu lá fora? — ela diz. — O que você fez?

— Ok, primeiro de tudo... — eu levanto as duas mãos — eu não *fiz* nada. E eu já disse a vocês exatamente o que aconteceu...

— Você nunca me disse que Emmaline tentou acessar sua mente.

Isso me para. — O quê? Sim, eu disse. Eu literalmente te disse isso. Eu usei essas palavras exatas.

— Mas você não forneceu os detalhes necessários, — diz ela. — Como isso começou? Como foi? Por que ela soltou?

— Eu não sei, — eu digo, franzindo a testa. — Eu não entendo o que aconteceu — tudo o que tenho são palpites.

— Então *adivinha*, — diz ela, estreitando os olhos. — A menos que... Ela ainda não está na sua cabeça, está?

— O quê? Não.

Nouria suspira, mais irritação do que alívio. Ela toca os dedos nas têmporas em uma demonstração de resignação. — Isso não faz sentido, — diz ela, quase para si mesma. — Por que ela tentaria se infiltrar na mente de Ella? Ou na *sua*? Eu pensei que ela estava lutando contra o Restabelecimento. Parece mais que ela está trabalhando para eles.

Balanço a cabeça. — Acho que não. Quando Emmaline estava na minha cabeça, me pareceu mais um esforço desesperado e de última hora — como se ela estivesse preocupada por J não ter coragem de matá-la, e ela esperava que eu fizesse isso mais rápido. Ela me chamou de corajoso, mas fraco. Tipo, eu não sei, talvez isso pareça loucura, mas parecia que Emmaline pensou — por um segundo — que se eu tivesse chegado tão longe na presença dela, eu poderia ter sido forte o suficiente para contê-la. Mas então ela pulou na minha cabeça e percebeu que estava errada. Eu não era forte o suficiente para conter sua mente, e definitivamente não era o suficiente para matá-la. — Eu dou de ombros.

— Então ela escoou.

Nouria se endireita. Quando ela olha para mim, ela parece atordoada. — Você acha que ela está realmente tão desesperada para morrer? Você acha que ela não lutaria se alguém tentasse matá-la?

— Sim, é horrível, — eu digo, indo embora. — Emmaline está em um lugar muito ruim.

— Mas ela pode existir, pelo menos parcialmente, no corpo de Ella. — Nouria franze a testa. — Ambas as consciências em uma pessoa. Como?

— Eu não sei. — Eu dou de ombros novamente. — J disse que Evie trabalhou bastante em seus músculos, ossos e outras coisas enquanto estava na Oceania – preparando-a para a Operação Síntese – para basicamente se tornar o novo corpo de Emmaline. Então acho que, no final das contas, J como Emmaline era o que Evie planejou o tempo todo.

— E Emmaline deve ter sabido, — diz Nouria em voz baixa.

É a minha vez de franzir a testa. — Onde você quer chegar?

— Eu não sei exatamente. Mas essa situação complica as coisas. Porque se nosso objetivo era matar Emmaline, e Emmaline agora está vivendo no corpo de Ella...

— Espere. — Meu estômago dá um pulo aterrorizante. — É por isso que estamos aqui fora? É por isso que você está sendo tão reservada?

— Abaixе sua voz, — diz Nouria bruscamente, olhando para algo atrás de mim.

— Eu não vou abaixar a porra da minha voz, — eu digo. — Que diabos você está pensando? O que você está... Espere, o que você continua olhando? — Eu aperto meu pescoço, mas vejo apenas uma parede em branco atrás da minha cabeça. Meu coração está acelerado, minha mente trabalhando muito rápido. Eu me viro para encará-la.

— Diga a verdade, — eu exijo. — É por isso que você me encurralou? Porque você está tentando descobrir se podemos matar J enquanto ela tem Emmaline dentro dela? É isso?

Você está louca?

Nouria olha para mim. — É uma loucura querer salvar o mundo? Emmaline está no centro de tudo o que há de errado com o nosso universo agora, e ela está presa dentro de um corpo deitado em uma sala apenas no fim do *corredor*. Você sabe quanto tempo estamos esperando por um momento como este? Não me interprete mal, eu não amo essa linha de pensamento, Kishimoto, mas não sou...

— *Nouria.*

Ao som da voz de sua esposa, Nouria fica visivelmente imóvel. Ela dá um passo para longe de mim e finalmente relaxo. Um pouco.

Nós dois nos viramos.

Sam não está sozinha. Castle está parado ao lado dela, os dois parecendo mais do que um pouco chateados.

— Deixe-o em paz, — diz Castle. — Kenji já passou por bastante. Ele precisa de tempo para se recuperar.

Nouria tenta responder, mas Sam a interrompe. — Quantas vezes vamos falar sobre isso? — ela diz. — Você não pode simplesmente me calar quando está estressada. Você não pode simplesmente sair por conta própria sem me avisar. — Seu cabelo loiro cai em seus olhos e, frustrada, ela tira os fios do rosto. — Sou sua *parceira*. Este é o nosso Santuário. Nossa vida. Nós construímos juntas, lembra?

— Sam. — Nouria suspira, fechando os olhos. — Você sabe que não estou tentando te calar. Você sabe que não é...

— Você está literalmente me deixando de fora. Você literalmente fechou a porta.

Minhas sobrancelhas voam pela minha testa. Castle e eu trocamos olhares: parece que entramos em uma discussão particular.

Bom.

— Ei, Sam, — eu digo, — você sabia que sua esposa quer matar Juliette?

Castle suspira.

O corpo de Sam fica frouxo. Ela olha para Nouria, atordoada.

— Sim, — eu digo, assentindo. — Nouria quer matá-la agora, na verdade, enquanto ela ainda está em coma. O que você acha? — Inclino minha cabeça para Sam. — Boa ideia? Péssima ideia? Talvez algo a se considerar?

— Isso não pode ser verdade, — diz Sam, ainda olhando para a esposa. — Diga-me que ele está brincando.

— Não é tão simples, — diz Nouria, que me lança um olhar tão venenoso que quase me sinto mal por ser mesquinho. Na verdade, não quero que Nouria e Sam briguem, mas tanto faz. Ela não pode sugerir casualmente assassinar minha melhor amiga e esperar que eu seja legal. — Eu estava apenas apontando o...

— *Ok, chega.*

Olho para o som da voz de Nazeera. Não tenho ideia de quando ela apareceu, mas de repente ela está na nossa frente, os braços cruzados contra o peito. — Nós não estamos fazendo isso. Sem conversas paralelas. Sem subgrupos. Todos nós precisamos conversar sobre a iminente tempestade de merda que vem em nossa direção, e se tivermos alguma chance de descobrir como combatê-la, temos que ficar juntos.

— Qual tempestade de merda iminente? — Eu pergunto. — Por favor, seja específica.

— Eu concordo com Nazeera, — diz Sam, estreitando os olhos para a esposa. — Vamos todos voltar para dentro da sala e conversar. Um com os outros. Ao mesmo tempo.

— Sam, — Nouria tenta novamente. — Eu não...

— Puta merda. — Stephan para quando nos vê, os sapatos rangendo no azulejo. Ele parece se elevar sobre o nosso grupo, parecendo muito polido e civilizado para pertencer aqui. — O que vocês estão fazendo aqui fora?

Então, calmamente, para Nazeera:

— E por que você nos deixou sozinhos com ele? Ele está sendo um idiota. Quase fez Haider chorar agora.

Nazeera suspira, fechando os olhos enquanto aperta a ponta do nariz.

— Haider faz isso consigo mesmo. Não entendo por que ele se iludiu pensando que Warner é seu melhor amigo.

— Isso, ele pode muito bem ser, — diz Stephan, franzindo a testa. — A barreira é bastante baixa, como você sabe.

Nazeera suspira novamente.

— Se isso faz Haider se sentir melhor, Warner está sendo igualmente horrível para quase todo mundo, — diz Sam. Ela olha para Nouria. — Amir ainda não me disse o que Warner disse a ele, a propósito.

— Amir? — Castle faz uma carranca. — O jovem que supervisiona a unidade de patrulha?

Sam assente. — Ele saiu esta manhã.

— Não. — Nouria pisca, atordoada. — Você está brincando.

— Quem me dera. Eu tive que dar o trabalho dele para Jenna.

— Isso é loucura. — Nouria balança a cabeça. — Faz apenas três dias e já estamos desmoronando.

— Três dias? — diz Stephan. — Três dias desde que *nós* chegamos, é isso? Isso não é uma coisa muito agradável de se dizer.

— Não estamos desmoronando, — diz Nazeera de repente. Furiosamente. — Não podemos nos dar ao luxo de desmoronar. Não agora. Não com o Restabelecimento prestes a aparecer à nossa porta.

— Espere, o quê? — Sam faz uma careta. — O Restabelecimento não tem ideia de onde nós...

— Deus, isso é tão deprimente, — eu gemo, passando as duas mãos pelos meus cabelos. — Por que estamos todos na garganta um do outro agora? Se Juliette estivesse acordada, ela ficaria tão chateada com todos nós. E ela ficaria super chateada com Warner por agir assim, por nos separar. Ele não percebe isso?

— Não, — Castle diz calmamente. — Claro que ele não percebe.

Um forte *toc toc*.

E nós olhamos para cima.

Winston e Brendan estão virando a esquina, o punho fechado de Brendan erguido a uma polegada da parede. Ele bate mais uma vez contra o gesso.

Nouria exala alto.

— Podemos ajudá-lo?

Eles marcham até nós, suas expressões tão diferentes que é *quase – quase –* divertido.

Como claro e escuro, esses dois.

— Olá pessoal, — diz Brendan, sorrindo brilhantemente.

Winston tira os óculos do rosto. Um olhar furioso.

— O que diabos está acontecendo? Por que vocês estão tendo uma reunião aqui por conta própria? E por que vocês nos deixaram a sós com ele?

— Nós não deixamos, — eu tento dizer.

— Nós não estamos, — Sam e Nazeera dizem ao mesmo tempo.

Winston revira os olhos. Empurra os óculos de volta. — Estou ficando velho demais para isso.

— Você só precisa de um café, — diz Brendan, batendo levemente no ombro de Winston. — Winston não dorme muito bem à noite, — explica ele para o resto de nós.

Winston se anima. Fica instantaneamente corado.

Eu sorrio.

Eu juro, é tudo o que faço. Eu apenas sorrio, e em uma fração de segundo os olhos de Winston estão trancados em mim, seu olhar atento grita: *Cale a boca, Kishimoto*, e eu nem tenho chance de me ofender antes que ele se afaste abruptamente, suas orelhas em um vermelho brilhante.

Um silêncio desconfortável desce.

Pergunto-me, pela primeira vez, se é realmente possível que Brendan não tenha ideia de como Winston se sente sobre ele. Ele parece inconsciente, mas quem sabe.

Definitivamente, não é um segredo para o resto de nós.

— Bem. — Castle respira fundo, bate palmas. — Estávamos prestes a voltar para dentro da sala para ter uma discussão adequada. Então, se vocês, cavalheiros, — ele acena para Winston e Brendan — não se importam em voltar por onde vocês vieram? Estamos ficando um pouco apertados no corredor.

— Certo. — Brendan olha rapidamente para trás dele. — Mas, hum, você acha que podemos esperar mais um minuto? Haider estava chorando, sabe, e acho que ele apreciaria a privacidade.

— Oh, pelo amor de Deus, — eu gemo.

— O que aconteceu? — Nazeera pergunta, preocupação vincando sua testa.
— Devo ir lá?

Brendan encolhe os ombros, seu rosto extremamente branco brilhando quase neon neste corredor escuro. — Ele disse algo para a Warner em árabe, eu acredito. E não sei exatamente o que Warner disse a ele, mas tenho certeza de que ele disse a Haider para se afastar, de uma maneira ou de outra.

— Idiota, — Winston murmura.

— É verdade, infelizmente. — Brendan franziu a testa.

Balanço a cabeça. — Tudo bem, tudo bem, eu sei que ele está sendo um idiota, mas acho que podemos dar uma folga à Warner, certo? Ele está arrasado. Não vamos esquecer o inferno que ele passou esta manhã.

— Passou. — Winston cruza os braços, a raiva parecendo tirá-lo da vergonha.
— Haider está *chorando*. Haider Ibrahim. Filho do supremo comandante da Ásia. Ele está sentado em uma cadeira de hospital *chorando* porque Warner machucou seus sentimentos. Não sei como você pode defender isso.

— Para ser justo, — Stephan interrompe, — o Haider sempre foi um pouco delicado.

— Escute, eu não estou defendendo Warner, apenas...

— *Chega*. — A voz de Castle é alta. Afiada. — Isso é o suficiente. — Algo puxa suavemente no meu pescoço, me assustando, e eu noto as mãos de Castle no ar. Ele apenas virou fisicamente nossas cabeças para encará-lo. Ele aponta de volta pelo corredor, em direção à sala de recuperação de J. Sinto um leve empurrão nas minhas costas.

— De volta para dentro. Todos vocês. Agora.

Haider não parece diferente quando voltamos para dentro da sala. Não há evidência de lágrimas. Ele está de pé, sozinho, olhando para a distância no meio. Warner está exatamente na mesma posição em que o deixamos, sentado rigidamente ao lado de J.

Olhando para ela.

Olhando para ela como se ele pudesse fazê-la voltar à consciência.

Nazeera bate palmas, forte.

— Tudo bem, — ela diz, — Sem mais interrupções. Precisamos conversar sobre uma estratégia antes de fazer qualquer outra coisa.

Sam faz uma careta.

— Estratégia para quê? Agora, precisamos discutir Emmaline. Precisamos entender os eventos da manhã antes que possamos sequer pensar em discutir os próximos passos a seguir.

— Nós *vamos* falar sobre Emmaline, e os eventos da manhã, — diz Nazeera.
— Mas, para discutir a situação de Emmaline, precisamos conversar sobre a situação de Ella, que exigirá uma conversa sobre uma estratégia maior e abrangente – que se encaixe perfeitamente no plano de recuperar as crianças supremas.

Castle olha para ela, parecendo tão confuso quanto Sam. — Você quer discutir sobre as crianças supremas agora? Não é melhor se estrelarmos...

— Idiotas, — Haider murmura baixinho.

Nós o ignoramos.

Bem, a maioria de nós. Nazeera está balançando a cabeça, dando à sala o mesmo olhar que ela me dá tantas vezes – aquele que expressa sua exaustão geral por estar rodeada de idiotas.

— Como você está tão incapaz de ver como essas coisas se conectam? O Restabelecimento está nos procurando. Mais especificamente, eles estão procurando por Ella. Nós deveríamos estar escondidos, lembra? Mas a exibição flagrante de Emmaline esta manhã apenas explodiu a capa da nossa localização. Todos vimos as notícias – todos vocês leram os relatórios de emergência. O Restabelecimento fez um sério controle de danos para subjugar os cidadãos. Isso significa que eles sabem o que aconteceu aqui.

Mais uma vez, mais olhares em branco.

— Emmaline apenas os levou diretamente para Ella, — diz ela. Ela diz essa última frase bem devagar, como se temesse pela nossa inteligência coletiva. — Seja de propósito ou por acidente, o Restabelecimento agora tem uma ideia aproximada de nossa localização.

Nouria parece magoada.

— O que significa, — diz Haider, extraíndo as palavras com sua própria condescendência irritante, — eles estão muito mais próximos de nos encontrar agora do que há algumas horas atrás.

Todo mundo se senta ereto em suas cadeiras. O ar está subitamente diferente, intenso de uma nova maneira. Nouria e Sam trocam olhares preocupados.

É Nouria quem diz:

— Você realmente acha que eles sabem onde estamos?

— Eu sabia que isso iria acontecer, — diz Sam, balançando a cabeça.

Castle endurece.

— O que isso deveria significar?

Sam se irrita, mas suas palavras são calmas quando ela diz:

— Corremos um risco enorme de deixar sua equipe ficar aqui. Arriscamos nosso sustento e a segurança de nossos próprios homens e mulheres para permitir que vocês se abriguem entre nós. Vocês estão aqui há três dias e já conseguiram divulgar nossa localização para o mundo.

— Não divulgamos nada – e o que aconteceu hoje não foi culpa de ninguém...
Nouria levanta a mão.

— Pare, — diz ela, lançando um olhar para Sam, um olhar tão breve que quase perco. — Estamos perdendo nosso foco novamente. Nazeera estava certa quando disse que estávamos juntos nisso. De fato, nos reunimos com o propósito expresso de derrotar o Restabelecimento. É para isso que sempre estivemos trabalhando. Nunca fomos criados para viver para sempre em gaiolas e comunidades criadas por nós mesmos.

— Eu entendo isso, — diz Sam, sua voz firme desmentindo a raiva em seus olhos. — Mas se eles realmente souberem em qual setor procurar, poderemos ser descobertos em questão de dias. O Restabelecimento aumentará sua presença militar dentro de uma hora, se ainda não o fizeram.

— Eles fizeram, — diz Stephan, parecendo tão exasperado quanto Nazeera.
— Claro que sim.

— Tão ingênuas, essas pessoas, — diz Haider, lançando um olhar sombrio para sua irmã.

Nazeera suspira.

Winston xinga.

Sam balança a cabeça.

— Então, o que você propõe? — Winston diz, mas ele não está olhando para Nouria, Sam ou Castle. Ele está olhando para Nazeera.

Nazeera não hesita.

— Nós esperamos. Esperamos Ella acordar, — diz ela. — Precisamos saber o máximo que pudermos sobre o que aconteceu com ela e precisamos priorizar sua segurança acima de tudo. Há uma razão pela qual Anderson a quer tão desesperadamente, e precisamos descobrir qual é esse motivo antes de darmos os próximos passos.

— Mas que tal um plano para recuperar as outras crianças? — Winston pergunta. — Se esperarmos que Ella acorde antes de fazer um movimento para salvá-los, pode ser tarde demais.

Nazeera balança a cabeça.

— O plano para as outras crianças tem que estar vinculado ao plano de salvar Ella, — diz ela. — Estou certa de que Anderson está usando o sequestro dos

filhos supremos como isca. Uma isca besta projetada para nos levar a campo aberto. Além disso, ele projetou esse esquema antes de ter alguma ideia de que accidentalmente iríamos nos revelar, o que apenas apóia minha teoria de que isso era uma isca besta. Ele só esperou que saíssemos de nossas proteções apenas o tempo suficiente para revelar nossa localização aproximada.

— O que já fizemos, — diz Brendan, silenciosamente horrorizado.

Eu largo minha cabeça em minhas mãos.

— *Merda.*

— Parece claro que Anderson não estava planejando fazer nenhum tipo de troca honesta com os reféns, — diz Nazeera. — Como ele poderia? Ele nunca nos disse onde estava. Nunca nos disse onde encontrá-lo. E o mais interessante: ele nem sequer pediu o resto das crianças supremas. Quaisquer que sejam seus planos, ele parece não exigir o conjunto completo de nós. Ele não queria Warner, nem eu, nem Haider, nem Stephan. Tudo o que ele queria era Ella, certo? — Ela olha para Nouria. — Foi o que você disse. Que ele só queria Ella?

— Sim, — diz Nouria. — Isso é verdade... mas ainda acho que não entendo. Você acabou de apresentar todas as razões para entrarmos em guerra, mas seu plano de ataque envolve não fazer nada.

Nazeera não pode esconder sua irritação.

— Ainda vamos formar planos para lutar, — diz ela. — Precisamos de um plano para encontrar as crianças, roubá-las de volta e, eventualmente, matar nossos pais. Mas estou propondo que esperemos Ella acordar até que façamos algum movimento. Estou sugerindo que façamos um bloqueio completo e total aqui no Santuário até Ella estar consciente. Ninguém entra nem sai até que ela acorde. Se você precisar de suprimentos de emergência, Kenji e eu podemos usar nossa invisibilidade para realizar missões discretas e encontrar o que você precisa. O Restabelecimento terá soldados afixados em todos os lugares, monitorando todos os movimentos nesta área, mas enquanto permanecermos isolados, poderemos ganhar algum tempo.

— Mas não temos ideia de quanto tempo levará para Ella acordar, — diz Sam.

— Poderia durar semanas – poderia durar para sem...

— Nossa missão, — diz Nazeera, interrompendo-a, — tem que ser sobre proteger Ella a todo custo. Se a perdemos, perdemos tudo. É isso aí. Esse é o plano todo agora. Manter Ella viva e segura é a prioridade. Salvar as crianças é secundário. Além disso, as crianças vão ficar bem. A maioria de nós já passou por piores simulações de treinamento básico.

Haider ri.

Stephan faz um som divertido de acordo.

— Mas e James? — Eu protesto. — E Adam? Eles não são como vocês. Eles nunca foram preparados para essa merda. Pelo amor de Deus, James tem apenas dez anos.

Nazeera olha para mim então, e por um momento, ela vacila.

— Faremos o nosso melhor, — diz ela. E embora suas palavras pareçam genuinamente solidárias, é tudo o que ela me dá. *O nosso melhor.*

É isso aí.

Sinto meu batimento cardíaco começar a acelerar.

— Então devemos correr o risco de deixá-los morrer? — Winston pergunta. — Só devemos apostar na vida de uma criança de dez anos? Que ele permaneça preso e torturado pelas mãos de um sociopata e torcer pelo melhor? Você está falando sério?

— Às vezes, sacrifícios são necessários, — diz Stephan.

Haider apenas encolhe os ombros.

— De jeito nenhum, de jeito nenhum, — eu digo, em pânico. — Precisamos de outro plano. Um plano melhor. Um plano que salve todos, e rapidamente.

Nazeera olha para mim como se estivesse com pena de mim.

Isso é o suficiente para me fazer endireitar a coluna.

Eu giro, meu pânico se transformando rapidamente em raiva. Eu paro em Warner, sentado no canto como um saco inútil de carne.

— E você? — Eu digo a ele. — O que você pensa sobre isso? Você está bem em deixar seus próprios irmãos morrerem?

O silêncio é subitamente sufocante.

Warner não me responde por um longo tempo, e a sala está muito aturdida com a minha estupidez para interferir. Acabei de quebrar um acordo tácito para fingir que Warner não existe, mas agora que eu provoquei a besta, todo mundo quer ver o que acontece a seguir.

Eventualmente, Warner suspira.

Não é um som calmo e relaxante. É um som áspero e raivoso que parece apenas deixá-lo mais ferido. Ele nem sequer levanta a cabeça quando diz:

— Eu estou bem com muitas coisas, Kishimoto. Mas estou longe demais para voltar agora.

— Isso é besteira, — eu digo, meus punhos cerrando. — Isso é besteira, e você sabe disso. Você é melhor que isso.

Warner não diz nada. Ele não move um músculo, não para de olhar para o mesmo lugar no chão. E sei que não devo antagonizá-lo – *sei* que ele está em um

estado frágil agora – mas não posso evitar. Não posso deixar isso passar, não assim.

— Então é isso? Depois de tudo – é isso? Você só vai deixar James morrer?

— Meu coração está batendo forte e pesado no meu peito. Sinto minha frustração chegando, espiralando. — O que você acha que J diria agora, hein? Como você acha que ela se sentiria por você deixar alguém matar uma criança?

Warner se levanta.

Rápido, rápido demais. Warner está de pé e de repente estou arrependido. Eu estava me sentindo um pouco corajoso, mas agora não estou sentindo nada além de arrependimento. Dou um passo incerto para trás. Warner segue. De repente, ele está parado na minha frente, estudando meus olhos, mas acontece que não consigo segurar seu olhar por mais de um segundo. Seus olhos são de um verde pálido que são desorientadores nos dias bons. Mas hoje – agora mesmo...

Ele parece louco.

Percebo, quando me afasto, que ele ainda tem sangue nos dedos. Sangue manchado em sua garganta. Sangue escorrendo por seus cabelos dourados.

— *Olhe para mim*, — diz ele.

— Hum, não, obrigado.

— Olhe para mim, — ele diz novamente, desta vez em silêncio.

Não sei por que faço isso. Não sei por que desisto. Não sei por que ainda há uma parte de mim que acredita em Warner e espera ver algo humano em seus olhos. Mas quando finalmente olho, perco essa esperança. Warner parece frio. Desapegado. Todo errado.

Eu não entendo isso

Quero dizer, também estou arrasado. Estou chateado, *também*, mas eu não me transformo em uma pessoa completamente diferente. E agora, Warner parece uma pessoa completamente diferente. Onde está o cara que ia propor minha melhor amiga em casamento? Onde está o cara tendo um ataque de pânico no chão do quarto? Onde está o cara que sorriu tanto que suas bochechas formaram covinhas? Onde está o cara que eu pensei que era meu amigo?

— O que aconteceu com você, cara? — Eu sussurro. — Aonde você foi?

— Inferno, — diz ele. — Finalmente encontrei o inferno.

7. ELLA

JULIETTE

Acordo em ondas, a consciência me banhando lentamente. Eu quebro a superfície do sono, ofegando por ar antes de ser puxada para baixo

outra corrente

outra corrente

outra

Memórias me envolvem, atam meus ossos. Eu durmo. Quando durmo, sonho que estou dormindo. Nesses sonhos, sonho que estou morta. Não sei distinguir o real da ficção, não consigo distinguir os sonhos da verdade, não posso demorar mais, pode ter sido dias ou anos quem sabe quem sabe eu começo a

a

f

u

n

d

a

r

Sonho enquanto acordo, sonho com lábios vermelhos e dedos finos, sonho com olhos, centenas de olhos, sonho com ar, raiva e morte.

Sonho os sonhos de Emmaline.

Ela está aqui.

Ela ficou quieta quando se estabeleceu aqui, na minha mente. Ela parou, recuou. Escondeu-se de mim, do mundo. Sinto-me pesada com a presença dela, mas ela não fala, apenas decai, sua mente se decompõe lentamente, deixando o composto em seu rastro. Eu estou pesada com isso, pesada com o seu recusar. Sou

incapaz de carregar esse peso, por mais forte que Evie me tenha feito, sou incapaz, incompatível. Não sou suficiente para manter nossas mentes combinadas. Os poderes de Emmaline são demais. Eu me afogo nela, eu me afogo nela, eu

suspiro

quando minha cabeça retorna à superfície novamente.

Eu arrasto o ar para os meus pulmões, imploro que meus olhos se abram e eles riem. Olhos rindo de pulmões ofegando com a dor ricocheteando na minha espinha.

Hoje, tem um menino.

Não é um dos meninos comuns. Não Aaron, Stephan ou Haider. Este é um garoto novo, um garoto que eu nunca conheci antes.

Eu posso dizer, apenas estando ao lado dele, que ele está aterrorizado.

Ficamos na sala grande e larga, cheia de árvores. Ficamos olhando os pássaros brancos, os pássaros com faixas amarelas e as coroas na cabeça. O garoto olha para os pássaros como se nunca tivesse visto nada como eles. Ele olha para tudo com surpresa. Ou medo. Ou preocupação. Isso me faz perceber que ele não sabe como esconder suas emoções. Sempre que o Sr. Anderson olha para ele, ele respira fundo. Sempre que olho para ele, ele fica vermelho vivo. Sempre que mamãe fala com ele, ele gagueja.

— O que você acha? — Sr. Anderson diz para mamãe. Ele tenta sussurrar, mas esta sala é tão grande que ecoa um pouco.

Mamãe inclina a cabeça para o garoto. Estuda ele.

— Ele tem o que, seis anos agora? — Mas ela não espera que ele responda. Mamãe apenas balança a cabeça e suspira. — Realmente faz tanto tempo?

Sr. Anderson olha para o garoto.

— Infelizmente.

Olho para ele, para o garoto ao meu lado e vejo como ele endurece. Lágrimas brotam de seus olhos, e é difícil observar. Isso machuca muito. Eu odeio tanto o Sr. Anderson. Não sei por que mamãe gosta dele. Não sei por que alguém gosta dele. O Sr. Anderson é uma pessoa horrível e machuca Aaron o tempo todo. De fato... Agora que penso nisso, há algo sobre esse garoto que me lembra Aaron. Algo nos olhos dele.

— Ei, — eu sussurro, e viro para encará-lo.

Ele engole em seco. Enxuga as lágrimas com a ponta da manga.

— Ei, — eu tento novamente. — Eu sou Ella. Qual o seu nome?

O garoto olha para cima então. Seus olhos estão azuis, azul escuro. Ele é o garoto mais triste que eu já conheci, e isso me deixa triste só de olhar para ele.

— Eu sou A-Adam, — diz ele calmamente. Ele fica vermelho novamente.

Eu pego a mão dele com a minha. Sorrio para ele.

— Nós vamos ser amigos, tudo bem? Não se preocupe com o Sr. Anderson. Ninguém gosta dele. Ele é mau para todos nós, juro.

Adam ri, mas seus olhos ainda estão vermelhos. Sua mão treme na minha, mas ele não a solta.

— Eu não sei, — ele sussurra. — Ele é muito mau para mim.

Eu aperto sua mão.

— Não se preocupe, — eu digo. — Eu protegerei você.

Adam sorri para mim então. Sorri um sorriso de verdade. Mas quando finalmente olhamos novamente, o Sr. Anderson está olhando para nós.

Ele parece zangado.

Há um zumbido dentro de mim, uma massa de som que consome pensamentos, devora conversas.

Somos moscas – reunindo, enxameando – olhos esbugalhados e ossos frágeis flutuando nervosamente em direção a destinos imaginados. Atiramos nossos corpos nas vidraças de janelas tentadoras, desejando o mundo prometido do outro lado. Dia após dia, arrastamos asas, olhos e órgãos feridos pelas mesmas quatro paredes; abertas ou fechadas, as saídas nos escapam. Esperamos ser resgatados por uma brisa, esperando uma chance de ver o sol.

Décadas passam. Séculos se acumulam.

Nossos corpos machucados ainda permanecem no ar. Continuamos a nos lançar em promessas. Há loucura na repetição, na repetição, na repetição que sublinha nossas vidas. É apenas nos segundos desesperados antes da morte que percebemos que as janelas contra as quais quebramos nossos corpos eram apenas espelhos, esse tempo todo.

8. KENJI

Faz quatro dias.

Quatro dias de nada. J ainda está dormindo. As gêmeas estão chamando de coma, mas estou chamando de sono. Estou escolhendo acreditar que J está muito, muito cansada. Ela só precisa dormir para liberar um pouco de estresse e ficará bem. É isso que continuo dizendo a todos.

Ela ficará bem.

— Ela está apenas cansada, — digo para Brendan. — E quando ela acordar, ficará feliz por termos esperado por ela para buscar James. Vai ficar tudo bem.

Estamos no TS, que é a abreviação de tenda silenciosa, o que é estúpido, porque nunca fica quieto aqui. SC é a sala comum padrão. É uma sala de jogos onde os membros do Santuário se reúnem à noite e relaxam. Estou na área da cozinha, encostado no balcão insubstancial. Brendan, Winston, Ian e eu estamos esperando a chaleira elétrica ferver.

Chá.

Essa foi a ideia de Brendan, é claro. Por alguma razão, nunca tínhamos chá no Ponto Ômega. Só tomávamos café, e era seriamente racionado. Somente depois que passamos para a base no setor 45 Brendan percebeu que podíamos conseguir um pouco de chá, mas mesmo assim ele não era tão militante quanto a isso.

Mas aqui...

Brendan fez sua missão de forçar chá quente em nossas gargantas todas as noites. Ele nem precisa da cafeína – sua capacidade de manipular a eletricidade sempre mantém seu corpo carregado – mas ele diz que gosta porque acha o ritual relaxante. Então tanto faz.

Agora nos reunimos à noite e tomamos chá. Brendan coloca leite no chá. Winston adiciona uísque. Ian e eu bebemos preto.

— Certo? — Eu digo, quando ninguém me responde. — Quero dizer, um coma é basicamente apenas uma soneca muito longa. J vai ficar bem. As meninas

vão melhorá-la, e então ela ficará bem, e tudo ficará bem. E James e Adam ficarão bem, obviamente, porque Sam os viu e ela disse que eles estão bem.

— Sam os viu e disse que eles estavam inconscientes, — diz Ian, abrindo e fechando armários. Quando ele encontra o que está procurando – um pacote de biscoitos – ele rasga a embalagem. Ele nem sequer tem a chance de pegar um antes que Winston o roube.

— Esses biscoitos são para o nosso chá, — diz ele bruscamente.

Ian o olha furioso.

Todos olhamos para Brendan, que parece alheio aos sacrifícios que estão sendo feitos em sua homenagem.

— Sim, Sam disse que eles estavam inconscientes, — diz ele, pegando pequenas colheres de uma gaveta. — Mas ela também disse que eles pareciam estáveis. Vivos.

— Exatamente, — eu digo, apontando para Brendan. — Obrigado. *Estáveis. Vivos.*

Estas são as palavras-chave.

Brendan pega o pacote de biscoitos resgatado da mão estendida de Winston e começa a arrumar pratos e utensílios de cozinha com uma confiança que confunde a todos nós. Ele não nos olha quando diz: — É realmente incrível, não é?

Winston e eu compartilhamos um olhar confuso.

— Eu não chamaria isso de incrível, — diz Ian, pegando uma colher da bandeja. Ele examina isso. — Mas eu acho que garfos e toda essa merda são muito legais, no que diz respeito às invenções.

Brendan faz uma careta. Olha para cima.

— Estou falando da Sam. Sua capacidade de ver através de longas distâncias. — Ele pega a colher da mão de Ian e a recoloca na bandeja. — Que habilidade notável.

A capacidade pré-natural de Sam de ver através de longas distâncias foi o que nos convenceu das ameaças de Anderson. Alguns dias atrás – quando recebemos as notícias sobre o sequestro – ela usara dados e pura determinação para identificar a localização de Anderson em nossa antiga base no Setor 45. Ela passou catorze horas seguidas pesquisando, e embora não conseguisse ver as outras crianças suprimidas, ela conseguia ver cintilações de James e Adam, que são os únicos com quem eu me preocupo. Aqueles lampejos de vida – inconscientes, mas vivos e estáveis – não são muita garantia, mas estou disposto a aceitar qualquer coisa neste momento.

— Enfim, sim. Sam é ótima — digo, esticando-me contra o balcão. — O que me traz de volta ao meu argumento original: Adam e James vão ficar bem. E J vai acordar em breve e ficar bem. O mundo me deve pelo menos isso, certo?

Brendan e Ian trocam olhares. Winston tira os óculos e os limpa, lentamente, com a barra da camisa.

A chaleira elétrica apita e começa a soltar o vapor. Brendan coloca um par de saquinhos de chá em um bule de chá adequado e enche a porcelana com a água quente da chaleira.

Ele então embrulha o bule em uma toalha e o entrega a Winston, e os dois levam tudo para o pequeno espaço da sala que estamos reivindicando para nós ultimamente. Não é nada importante, apenas um conjunto de assentos com duas mesas baixas no meio. O resto da sala está cheia de atividades. Muita conversa e movimento.

Nouria e Sam estão sozinhas em um canto, conversando profundamente. Castle está conversando baixinho com as meninas, Sonya e Sara. Todos nós passamos muito tempo aqui – praticamente todo mundo – desde que o Santuário foi declarado oficialmente fechado. Estamos todos neste limbo estranho no momento; há tanta coisa acontecendo, mas não estamos autorizados a deixar as terras. Não podemos ir a lugar algum ou fazer qualquer coisa. Ainda não, pelo menos. Apenas esperando J acordar.

Qualquer minuto agora.

Há muitas outras pessoas aqui também – mas apenas algumas que estou começando a reconhecer. Eu aceno um olá para duas pessoas que conheço apenas pelo nome e caio em uma poltrona macia e bem gasta. Cheira a café e madeira velha aqui, mas estou começando a gostar. Está se tornando uma rotina familiar. Brendan, como sempre, termina de arrumar tudo na mesa de café. Xícaras de chá, colheres, pratinhos e guardanapos triangulares. Uma pequena jarra de leite. Ele está realmente envolvido nessa coisa toda. Ele reajusta os biscoitos que já havia arrumado em um prato e alisa os guardanapos de papel.

Ian olha para ele com a mesma expressão todas as noites – como se Brendan fosse louco.

— Ei, — diz Winston bruscamente. — Pare com isso.

— Parar com o quê? — Ian diz incrédulo. — Vamos lá, cara, você não acha isso meio estranho? Tomar chá todas as noites?

Winston baixa a voz para um sussurro.

— Eu vou te matar se você estragar isso para ele.

— Tudo bem, chega. Eu não sou surdo, você sabe. — Brendan estreita os olhos para Ian. — E eu não me importo se vocês acham estranho. Ainda tenho pouco da Inglaterra em mim, guardem isso.

Isso nos cala.

Eu olho para o bule de chá. Brendan diz que está em infusão.

E então, de repente, ele bate palmas. Ele olha diretamente para mim, seus olhos azuis gelo e cabelo loiro branco me lembrando de Warner. Mas de alguma forma, mesmo com todos os seus tons claros, brancos e frios, Brendan é o oposto de Warner. Ao contrário de Warner, Brendan brilha. Ele é quente. Gentil. Naturalmente esperançoso e super sorridente.

Pobre Winston.

Winston, que está secretamente apaixonado por Brendan e com muito medo de arruinar sua amizade para dizer algo sobre isso. Winston acha que está velho demais para Brendan, mas o problema é que ele também não está ficando mais jovem. Fico dizendo a Winston que, se ele quiser agir, ele deve fazê-lo agora, enquanto ele ainda tem seus quadris originais, e ele diz: *Ha ha, eu vou te matar, imbecil*, e me lembra que ele está esperando pelo momento certo. Mas eu não sei. Às vezes acho que ele manterá isso em segredo para sempre. E estou preocupado que isso possa matá-lo.

— Então, ouça, — diz Brendan com cuidado. — Queríamos conversar com você.

Eu pisco, focando novamente.

— Quem? Eu?

Olho em volta para os rostos deles. De repente, todos parecem sérios. Muito sérios.

Tento rir quando pergunto: — O que está acontecendo? Isso é algum tipo de intervenção?

— Sim, — diz Brendan. — Mais ou menos.

De repente, fico rígido.

Brendan suspira.

Winston coça um ponto na testa.

Ian diz:

— Juliette provavelmente vai morrer, você sabe disso, certo?

Alívio e irritação inundam através de mim simultaneamente. Consigo revirar os olhos e balançar a cabeça ao mesmo tempo.

— Pare de fazer isso, Sanchez. Não seja esse cara. Não é mais engraçado.

— Eu não estou tentando ser engraçado.

Reviro os olhos novamente, desta vez olhando para Winston em busca de apoio, mas ele apenas balança a cabeça para mim. Suas sobrancelhas franzem tanto que seus óculos escorrem pelo nariz. Ele os tira do rosto.

— Isso é sério, — diz ele. — Ela não está bem. E mesmo se ela acordar de novo... quero dizer, o que aconteceu com ela...

— Ela não vai ser a mesma, — Brendan termina para ele.

— Quem disse? — Eu franzo a testa. — As meninas disseram...

— Irmão, as meninas disseram que algo sobre a química dela mudou. Elas estão executando testes nela há dias. Emmaline fez algo estranho com ela – algo que alterou fisicamente seu DNA. Além disso, seu cérebro está frito.

— Eu sei o que elas disseram, — eu me irrita. — Eu estava lá quando elas disseram isso. Mas as meninas estavam apenas sendo cautelosas. Elas acham que é *possível* que o que aconteceu com ela tenha deixado algum dano, mas – estamos falando de Sonya e Sara. Elas podem curar qualquer coisa. Tudo o que precisamos fazer é esperar J acordar.

Winston balança a cabeça novamente.

— Elas não seriam capazes de curar algo assim, — diz ele. — As meninas não podem reparar esse tipo de devastação neurológica. Elas podem ser capazes de mantê-la viva, mas não tenho certeza de que elas serão capazes de...

— Ela pode nem acordar, — diz Ian, interrompendo-o. — Tipo, nunca. Ou, na melhor das hipóteses, ela pode ficar em coma por *anos*. Ouça, o ponto aqui é que precisamos começar a fazer planos sem ela. Se vamos salvar James e Adam, precisamos ir agora. Eu sei que Sam está checando eles, e sei que ela diz que eles estão estáveis por enquanto, mas não podemos esperar mais. Anderson não sabe o que aconteceu com Juliette, o que significa que ele ainda está esperando a gente desistir dela. O que significa que Adam e James ainda estão em risco – o que significa que estamos ficando sem tempo. E, pela primeira vez, — ele diz respirando, — eu não sou o único que pensa assim.

Sento-me, atordado.

— Você está brincando comigo, certo?

Brendan serve chá.

Winston puxa um frasco do bolso e o pesa na mão antes de estendê-lo para mim.

— Talvez você devesse tomar esta noite, — diz ele.

Eu olho para ele.

Ele encolhe os ombros e esvazia metade do frasco na xícara de chá.

— Escute, — diz Brendan gentilmente. — Ian é um animal sem maneiras, mas ele não está errado. É hora de pensar em um novo plano. Todos nós ainda amamos Juliette, é só que... — Ele se interrompe, franzindo a testa. — Espere, é Juliette ou Ella? Houve algum consenso?

Ainda estou carrancudo quando digo:

— Estou chamando-a de Juliette.

— Mas eu pensei que ela queria se chamar Ella, — diz Winston.

— Ela está em coma, — Ian diz, e toma um gole longo de chá. — Ela não se importa como você a chama.

— Não seja tão bruto, — diz Brendan. — Ela é nossa amiga

— *Sua* amiga, — ele murmura.

— Espere, é disso que se trata? — Eu sento para frente. — Você está com ciúmes de ela nunca ter sido sua melhor amiga, Sanchez?

Ian revira os olhos, desvia o olhar.

Winston está assistindo com interesse fascinado.

— Tudo bem, beba seu chá, — diz Brendan, mordendo um biscoito. Ele gesticula para mim com o biscoito meio comido. — Está ficando frio.

Lancei um olhar cansado para ele, mas tomo um gole obrigatório e quase engasgo. Hoje tem um gosto estranho. E estou prestes a afastá-lo quando percebo que Brendan ainda está olhando para mim, então tomo um longo e nojento gole do líquido escuro antes de pousar a xícara no pires. Eu tento não engasgar.

— Ok, — eu digo, batendo minhas palmas nas minhas coxas. — Vamos colocar em votação: quem aqui acha que Ian está irritado por J não se apaixonar por ele quando ela apareceu no Ômega?

Winston e Brendan trocam um olhar. Lentamente, os dois levantam as mãos.

Ian revira os olhos novamente.

— *Pendêjos*, — ele murmura.

— A teoria tem, pelo menos, um pouco de sentido, — diz Winston.

— Eu tenho uma namorada, idiota. — E como se fosse uma deixa, Lily olha para o outro lado da sala, troca olhares com Ian. Ela está sentada com Alia e outra garota que não reconheço.

Lily acena.

Ian acena de volta.

— Sim, mas você está acostumado a um certo nível de atenção, — diz Winston, pegando um biscoito. Ele olha para cima e examina a sala. — Como aquelas garotas, logo ali, — diz ele, gesticulando com a cabeça. — Elas estão olhando para você desde que você entrou.

— Elas não estão, — diz Ian, mas ele não pode deixar de olhar.

— É verdade. — Brendan encolhe os ombros. — Você é um lindo rapaz.

Winston engasga com o chá.

— Ok, chega. — Ian levanta as mãos. — Eu sei que vocês acham isso hilário, mas estou falando sério. No final do dia, Juliette é *sua* amiga. Não é minha.

Eu expiro dramaticamente.

Ian me lança um olhar.

— Quando ela apareceu no Ômega, tentei falar com ela, oferecer-lhe minha amizade, e ela nunca o se interessou. E mesmo depois de termos sido feitos reféns por Anderson — ...ele acena em reconhecimento a Brendan e Winston... — ela demorou um bom tempo tentando obter informações de Warner. Ela nunca deu a mínima para o resto de nós, e tudo o que fizemos foi colocar tudo em risco para protegê-la.

— Ei, isso não é justo, — diz Winston, balançando a cabeça. — Ela estava em uma posição terrível...

— Tanto faz, — Ian murmura. Ele olha para o chá. — Toda essa situação é algum tipo de besteira.

— Um brinde a isso, — diz Brendan, enchendo sua xícara. — Agora tome mais chá.

Ian murmura um obrigado silencioso e irritado e leva a xícara aos lábios. De repente, ele endurece.

— E depois tem isso, — diz ele, erguendo uma sobrancelha. — Como se tudo isso não bastasse, temos que lidar com *este* saco de lixo. — Ian gesticula, com a xícara de chá, em direção à entrada.

Merda.

Warner está aqui.

— Ela o trouxe aqui, — Ian está dizendo, mas ele tem o senso de, pelo menos, manter a voz baixa. — É por causa dela que temos que tolerar esse idiota.

— Para ser justo, essa foi originalmente a ideia de Castle — eu indico.

Ian me ignora.

— O que ele está fazendo aqui? — Brendan pergunta calmamente.

Balanço a cabeça e tomo outro gole inconsciente do meu chá nojento. Há algo sobre este gosto estranho que está começando a parecer familiar, mas não consigo identificar.

Eu olho novamente.

Não falei nada com Warner desde o primeiro dia — o dia em que J foi atacada por Emmaline. Ele tem sido um fantasma desde então. Ninguém realmente o

viu, ninguém além das crianças supremas, eu acho.

Ele voltou direto às suas raízes.

Parece que ele finalmente tomou banho, no entanto. Sem sangue. E acho que ele se curou, embora não tenha como ter certeza, porque ele está completamente vestido, vestindo uma roupa que só posso assumir que pegou emprestada com Haider. Muito couro.

Observo, por apenas alguns segundos, enquanto ele caminha pela sala – caminhando através de pessoas e conversas e sem se desculpar com ninguém – em direção a Sonya e Sara, que ainda estão conversando com Castle.

Tanto faz.

O cara nem me olha mais. Nem reconhece minha existência. Não que eu me importe.

Não é como se fôssemos realmente amigos.

Pelo menos, é o que eu continuo dizendo a mim mesmo.

De alguma forma, eu já esvaziei minha xícara, porque Brendan a encheu de novo.

Engulo de uma vez todo o conteúdo da xícara em alguns goles rápidos e jogo um biscoito seco na boca. E então eu balanço minha cabeça. — Tudo bem, estamos nos distraindo, — eu digo, e as palavras parecem um pouco altas demais, até para meus próprios ouvidos. — Foco, por favor.

— Certo, — diz Winston. — Foco. Em que estamos focando?

— Nova missão, — diz Ian, recostando-se na cadeira. Ele conta com os dedos: — Adam e James. Matar os outros comandantes supremos. Finalmente dormir um pouco.

— Agradável e fácil, — diz Brendan. — Eu gosto disso.

— Você sabe o que? — Eu digo. — Acho que devo falar com ele.

Winston levanta uma sobrancelha.

— Falar com quem?

— Warner, obviamente. — Meu cérebro está quente. Um pouco confuso. — Eu deveria ir falar com ele. Ninguém fala com ele. Por que estamos apenas deixando ele voltar a ser um idiota? Eu deveria falar com ele.

— Essa é uma ótima ideia, — diz Ian, sorrindo enquanto se senta à frente. — Vá em frente.

— Não ouse ouvi-lo, — diz Winston, empurrando Ian de volta em sua cadeira. — Ian só quer ver você ser assassinado.

— Rude, Sanchez.

Ian encolhe os ombros.

— Em uma nota não relacionada, — diz Winston para mim. — Como está sua cabeça?

Franzo a testa, cautelosamente tocando meus dedos no meu crânio. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, — diz Winston, — que este é provavelmente um bom momento para dizer que estive colocando uísque no seu chá a noite toda.

— Que diabos? — Sento-me rápido demais. Péssima ideia. — Por quê?

— Você parecia estressado.

— Eu não estou estressado.

Todo mundo olha para mim.

— Tudo bem, tanto faz, — eu digo. — Eu estou estressado. Mas não estou bêbado.

— Não. — Ele olha para mim. — Mas você provavelmente precisa de todas as células cerebrais que pode poupar se quiser falar com Warner. Eu precisaria. Não tenho muito orgulho de admitir que o acho genuinamente aterrorizante.

Ian revira os olhos. — Não há nada de assustador nesse cara. O único problema dele é que ele é um filho da *puta* arrogante, com a própria cabeça enfiada na bunda, que ele pode...

— Espere, — eu digo, piscando. — Para onde ele foi?

Todo mundo gira, procurando por ele.

Eu juro, cinco segundos atrás, ele estava parado ali. Giro minha cabeça para frente e para trás como um personagem de desenho animado, entendendo apenas vagamente que estou me movendo um pouco rápido demais e devagar demais devido a Winston, idiota bem-intencionado número um. Mas, no processo de digitalizar a sala procurando Warner, localizo a única pessoa que eu estava fazendo um esforço para evitar: Nazeera.

Eu me arremesso na cadeira com muita força, quase me derrubando. Eu corro, respirando um pouco engraçado, e então, por nenhuma razão racional, começo a rir.

Winston, Ian e Brendan estão todos olhando para mim como se eu fosse louco, e não os culpo. Não sei o que há de errado comigo. Nem sei por que estou me escondendo de Nazeera. Não há nada de assustador nela, não exatamente. Nada mais assustador do que o fato de não termos realmente discutido a última conversa emocional que tivemos, logo depois que ela me chutou nas costas e eu quase a matei por isso.

Ela me disse que eu fui seu primeiro beijo.

E então o céu derreteu e Juliette estava possuída por sua irmã e o momento romântico foi interrompido para sempre. Faz cerca de cinco dias desde que ela e eu tivemos essa conversa, e desde então tem sido muito estresse e trabalho e mais estresse e Anderson é um idiota e James e Adam estão sendo mantidos reféns.

Também: fiquei chateado com ela.

Há uma parte de mim que realmente gostaria de levá-la para um canto privado em algum lugar, mas há outra parte de mim que não permite. Porque eu estou bravo com ela.

Ela sabia o quanto isso significava para mim ir atrás de James, e ela apenas deu de ombros com pouca ou nenhuma simpatia. Um pouco de simpatia, eu acho. Mas não muito. Enfim, estou pensando demais? Eu acho que estou pensando demais.

— Que diabos está errado com você? — Ian está olhando para mim, atordoado.

— Nazeera está aqui.

— E daí?

— Então, eu não sei, Nazeera está aqui, — eu digo, mantendo minha voz baixa. — E eu não quero falar com ela.

— Por que não?

— Porque minha cabeça está burra agora, é por isso que não quero falar com ela. — Eu olho para Winston. — Você fez isso comigo. Você deixou minha cabeça estúpida, e agora tenho que evitar Nazeera, porque se não o fizer, quase certamente farei e/ou direi algo extremamente estúpido e estragarei tudo. Então eu preciso me esconder.

— Droga, — diz Ian, e encolhe os ombros. — Isso é muito ruim, porque ela está vindo direto para cá.

Eu endereço. Olho para ele. E então, para Brendan:

— Ele está mentindo?

Brendan balança a cabeça.

— Receio que não, companheiro.

— Merda. Merda. Merda, merda, merda.

— É bom ver você também, Kenji.

Eu olho para cima. Ela está sorrindo.

Ugh, tão bonita.

— Oi, — eu digo. — Como você está?

Ela olha em volta. Luta contra uma risada.

— Eu estou bem, — diz ela. — Como... você está?

— Bem. Bem. Obrigado por perguntar. Foi bom ver você.

Nazeera olha de mim para os outros caras e volta para mim novamente.

— Eu sei que você odeia quando pergunto isso, mas... Você está bêbado?

— Não, — eu digo muito alto. Afundo mais no meu lugar. — Sóbrio. Só um confuso...

difuso. — O uísque está começando a se instalar agora, dedos quentes e líquidos chegando ao redor do meu cérebro e apertando.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Winston fez isso, — eu digo, e aponto.

Ele balança a cabeça e suspira.

— Tudo bem, — diz Nazeera, mas eu posso ouvir a leve irritação em sua voz.

— Bem, essa não é a situação ideal, mas eu vou precisar de você de pé.

— O quê? — Eu levanto minha cabeça. Olho para ela. — Por quê?

— Houve um desenvolvimento com Ella.

— Que tipo de desenvolvimento? — Sento-me, sentindo-me subitamente sóbrio. — Ela está acordada?

Nazeera inclina a cabeça.

— Não exatamente, — diz ela.

— Então o quê?

— Você deveria vir ver por si mesmo.

9. ELLA

JULIETTE

Adam parece próximo.

Quase posso vê-lo em minha mente, uma forma borrada, aquarelas sangrando através da membrana, manchando o branco dos meus olhos. Ele é um rio alagado, azuis nos lagos tão escuros, água nos oceanos tão pesados que eu afundo, surgindo no seio do mar.

Respiro fundo e encho meus pulmões com lágrimas, penas de pássaros estranhos flutuando contra meus olhos fechados. Vejo um lampejo de cabelo loiro sujo, escuridão e pedra, vejo azul e verde e...

De repente, calor, uma exalação em minhas veias...

Emmaline.

Ainda aqui, ainda nadando.

Ela está quieta ultimamente, o fogo de sua presença reduzido a brasas brilhantes. Ela sente muito por me tirar de mim. Sente muito pela inconveniência. Sente muito por ter perturbado meu mundo tão profundamente. Ainda assim, ela não quer sair. Ela gosta daqui, gosta de se esticar dentro dos meus ossos. Ela gosta do ar seco e do sabor do oxigênio real. Ela gosta da forma dos meus dedos, da nitidez dos meus dentes. Ela está arrependida, mas não arrependida o suficiente para voltar, e está tentando ser muito pequena e muito quieta. Ela espera me compensar, ocupando o mínimo de espaço possível.

Não sei como entendo isso tão claramente, exceto que a mente dela parece ter se fundido à minha. A conversa não é mais necessária. Explicações, redundantes.

No começo, ela inalou tudo.

Animada, ansiosa – ela pegou tudo. Nova pele. Olhos e boca. Eu a senti maravilhada com a minha anatomia, com os sistemas desenhando no ar pelo meu nariz. Eu parecia existir aqui quase como uma reflexão tardia, o sangue pulsando através de um órgão batendo apenas para passar o tempo. Eu era pouco mais que uma passageira em meu próprio corpo, não fazendo nada enquanto ela explorava e apodrecia em partidas e faíscas, aço raspando contra si mesma, contrações impressionantes de dor como garras cavando, cavando. É melhor agora que ela está acomodada, mas sua presença diminuiu para uma tristeza quase dolorosa. Ela parece desesperada para encontrar uma vantagem enquanto se desintegra, inconscientemente levando com ela pedaços da minha mente. Alguns dias são melhores que outros. Alguns dias o fogo de sua existência é tão agudo que esqueço de respirar.

Mas na maioria dos dias sou uma ideia e nada mais.

Sou espuma e fumaça ao luar como pele. Dentes-de-leão se reúnem na minha caixa torácica, musgo crescendo constantemente ao longo da minha espinha. A água da chuva inunda meus olhos, poças na minha boca aberta, escorre pelas dobradiças segurando meus lábios.

Eu

continuo

a

afundar.

E então...

porque agora?

de repente

surpreendentemente

ardor no peito, pulmões trabalhando, punhos cerrados, joelhos flexionados, pulso correndo, bombeando sangue

Eu flutuo.

- Srta. Ferrars... Ou melhor, Ella...
- O nome dela é Juliette. Apenas chame-a de Juliette, pelo amor de Deus.
- Por que não a chamamos do que ela *quer* ser chamada?
- Certo. Exatamente.
- Mas eu pensei que ela queria se chamar Ella.
- Nunca houve um consenso. Houve consenso?

Lentamente, minhas pálpebras se abrem.

O silêncio explode, revestindo bocas e paredes e portas e poeira. Ele paira no ar, ocultando tudo, por dois segundos.

E então...

Gritos, gritos, um milhão de sons. Eu tento contar todos eles e minha cabeça gira, nada. Meu coração está batendo forte e rápido no meu peito, sacudindo-me imprudentemente, sacudindo minhas mãos, tocando meu crânio. Olho em volta rápido, rápido demais, a cabeça balançando para frente e para trás e tudo gira ao redor e ao redor e...

Tantos rostos, borrados e estranhos.

Estou respirando com dificuldade, pontos borrando minha visão e coloco as duas mãos na cama – olho para baixo – abaixo de mim e fecho os olhos com força

O que eu sou

Quem sou eu

Onde estou

Silêncio de novo, rápido e completo, como mágica, magia, um silêncio cai sobre todos, tudo, e eu exalo, drenando em pânico e me sento, encharcando os restos quando

Mãos quentes

tocam as minhas.

Familiar.

De repente eu fico imóvel. Meus olhos ficam fechados. O sentimento se move através de mim como um incêndio, chamas devorando a poeira no meu peito, o fogo nos meus ossos. As mãos se tornam braços ao meu redor e o fogo arde.

Minhas próprias mãos estão presas entre nós e sinto as linhas duras de seu corpo através do algodão macio de sua camisa.

Um rosto aparece, desaparece, atrás dos meus olhos.

Há algo tão seguro aqui na sensação dele, no cheiro dele – algo inteiramente seu. Estar perto dele faz algo comigo, algo que eu nem consigo explicar, não consigo controlar. Eu sei que não devo, sei que não devo, mas não posso deixar de arrastar as pontas dos meus dedos pelas linhas perfeitas de seu torso.

Eu ouço a respiração dele.

Chamas saltam através de mim, pulam pelos meus pulmões e inspiro, arrastando oxigênio para dentro do meu corpo que apenas acende as chamas. Uma das mãos dele aperta a parte de trás da minha cabeça, a outra agarra na minha cintura. Um lampejo de calor sobe pela minha espinha e atinge meu crânio. Seus lábios estão no meu ouvido sussurrando, sussurrando

Volte para a vida, amor

Eu estarei aqui quando você acordar

Meus olhos se abrem.

O calor é impiedoso. Confuso. Consumindo. Isso me acalma, instala meu coração furioso. Suas mãos se movem ao longo do meu corpo, a luz toca nos meus braços, nas laterais do meu tronco. Eu garanto o meu caminho de volta para ele pela memória, minhas mãos trêmulas traçando a forma familiar de suas costas, minha bochecha ainda pressionada contra a batida familiar de seu coração. O cheiro dele, tão familiar, tão familiar, e então eu olho para cima...

Seus olhos, algo sobre seus olhos

Por favor, ele diz, não me atire em mim por isso

A sala entra em foco aos poucos, minha cabeça pousando em meu pescoço, minha pele pousando em meus ossos, meus olhos encarando os olhos desesperadamente verdes que parecem saber tudo. Aaron Warner Anderson está curvado sobre mim, seus olhos preocupados me inspecionando, sua mão presa no ar como se ele estivesse prestes a me tocar.

Ele puxa de volta.

Ele olha, sem piscar, o peito subindo e descendo.

— Bom dia, — eu assumo. Não tenho certeza da minha voz, da hora e deste dia, dessas palavras deixando meus lábios e esse corpo que me contém.

Seu sorriso parece doer.

— Algo está errado, — ele sussurra. Ele toca minha bochecha. Suave, tão suave, como se ele não tivesse certeza se eu sou real, como se tivesse medo de que se ele se aproximasse demais eu vou apenas oh, olhem, ela se foi, apenas desapareceu. Seus quatro dedos roçam o lado do meu rosto, lentamente, muito lentamente antes de deslizarem para trás da minha cabeça, presos naquele ponto intermediário logo acima do meu pescoço. O polegar dele roça a maçã da minha bochecha.

Meu coração implode.

Ele fica olhando para mim, procurando nos meus olhos por ajuda, por orientação, por algum sinal de protesto como se tivesse tanta certeza de que vou começar a gritar ou chorar ou fugir, mas não vou. Acho que não, mesmo que quisesse, porque não quero. Eu quero ficar aqui. Bem aqui. Eu quero ficar paralisada por esse momento.

Ele se aproxima, apenas uma polegada. Sua mão livre chega até o outro lado do meu rosto.

Ele está me segurando como se eu fosse feita de penas. Como se eu fosse um pássaro. Branco com faixas de ouro como uma coroa no topo de sua cabeça.

Eu voarei.

Uma respiração suave e trêmula deixa seu corpo.

— Algo está errado, — ele diz novamente, mas distante, como se estivesse conversando com outra pessoa. — A energia dela está diferente. Manchada.

O som de sua voz serpenteia através de mim, espirais em volta da minha espinha. Eu me levanto para uma posição sentada, mesmo quando me sinto estranha, com jet-lag, como se tivesse viajado no tempo. Eu me coloco em uma posição sentada e Warner se move para me acomodar. Estou cansada e fraca de fome, mas além de algumas dores em geral, parece que estou bem. Eu estou viva. Estou respirando, piscando e me sentindo humana e sei exatamente o porquê.

Eu encontro seus olhos.

— Você salvou minha vida.

Ele inclina a cabeça para mim.

Ele ainda está me estudando, seu olhar tão intenso que eu corro, confusa e me afasto. Nesse momento, quase pulo para fora da minha pele. Castle, Kenji, Winston, Brendan e muitas outras pessoas que não reconheço estão todos

olhando para mim, para as mãos de Warner em mim, e de repente estou tão envergonhada que nem sei o que fazer comigo mesma.

— Ei, princesa. — Kenji diz. — Você está bem?

Eu tento me levantar e Warner tenta me ajudar e no momento em que sua pele roça a minha outra repentina e desestabilizadora sensação me atropela. Eu inclino de lado em seus braços e ele me puxa, seu calor ateando fogo ao meu corpo mais uma vez. Estou tremendo, coração batendo forte, prazer nervoso pulsando através de mim.

Eu não entendo.

Sou dominada por uma súbita e inexplicável necessidade de tocá-lo, pressionar minha pele contra a dele até que o atrito ponha fogo em nós dois. Porque há algo nele – *sempre* houve algo nele que me intrigou e eu não entendo. Eu me afasto, assustada com a intensidade dos meus próprios pensamentos, mas seus dedos me pegam sob o queixo. Ele inclina meu rosto para ele.

Eu olho para cima.

Seus olhos são de um tom de verde tão estranho: brilhante, cristalino, penetrante da maneira mais alarmante. Seu cabelo é grosso, a mais rica fatia de ouro. Tudo nele é meticuloso. Primitivo. Seu hálito é fresco e leve. Eu posso sentir isso no meu rosto.

Meus olhos se fecham automaticamente. Eu o respiro, sentindo-me subitamente tonta. Uma bolha de riso escapa dos meus lábios.

— Algo está definitivamente errado, — diz alguém.

— Sim, ela não parece estar bem. — Alguém.

— Ah, ok, então estamos todos dizendo coisas realmente óbvias em voz alta? É isso que estamos fazendo? — Kenji.

Warner não diz nada. Sinto seus braços apertarem em volta de mim e meus olhos se abrem. Seu olhar está fixo no meu, seus olhos são chamuscas verdes que não se extinguirão e seu peito está subindo e descendo tão rápido, tão rápido, tão rápido. Seus lábios estão lá, bem acima dos meus.

— Ella? — Ele sussurra.

Eu franzo minha testa.

Meus olhos saltam para os olhos dele e depois para os lábios dele.

— Amor, você me ouviu?

Quando eu não respondo, seu rosto muda.

— Juliette, — ele diz suavemente, — você pode me ouvir?

Eu pisco para ele. Eu pisco e pisco e pisco para ele e acho que ainda estou fascinada por seus olhos. Um tom tão surpreendente de verde.

— Vamos precisar que todos saiam da sala, — alguém diz de repente. Alto. — Precisamos começar a executar testes imediatamente.

As meninas, eu percebo. São as garotas. Elas estão aqui. Elas estão tentando afastá-lo de mim, tentando fazer com que ele se afaste de mim. Mas os braços de Warner são como tiras de aço ao redor do meu corpo.

Ele se recusa.

— Ainda não, — ele diz com urgência. — Ainda não.

E por algum motivo elas ouvem.

Talvez elas vejam algo nele, algo em seu rosto, em seus traços. Talvez elas vejam o que eu vejo dessa perspectiva nebulosa e desarticulada. O desespero em sua expressão, a angústia esculpida em suas feições, a maneira como ele olha para mim, como se ele morresse se eu morrer.

Timidamente, eu o alcanço, toco meus dedos em seu rosto. Sua pele é lisa e fria. Como porcelana. Ele não parece real.

— O que está errado? — Eu digo. — O que aconteceu?

Impossivelmente, Warner fica mais pálido. Ele balança a cabeça e pressiona o rosto na minha bochecha.

— Por favor, — ele sussurra. — Volte para mim, amor.

— Aaron?

Eu ouço o pequeno engate em sua respiração. A hesitação. É a primeira vez que usei o nome dele tão casualmente.

— Sim?

— Quero que você saiba, — digo a ele, — que não acho que você seja louco.

— O quê? — Ele se assusta.

— Eu não acho que você é louco, — eu digo. — E eu não acho que você é um psicopata. Eu não acho que você é um assassino sem coração. Não ligo para o que mais alguém diz sobre você. Eu acho que você é uma boa pessoa.

Warner está piscando rápido agora. Eu posso ouvi-lo respirando.

Para dentro e para fora.

Desigualmente.

Um lampejo de dor deslumbrante e abrasadora, e meu corpo fica repentinamente frouxo. Eu vejo o brilho do metal. Sinto a queima da seringa. Minha cabeça começa a nadar e todos os sons começam a derreter juntos.

— Vamos, filho, — diz Castle, sua voz se expandindo, diminuindo a velocidade. — Eu sei que isso é difícil, mas precisamos que você dê um passo para trás. Nós temos...

Um som abrupto e violento me dá um momento repentino de clareza.

Um homem que não reconheço está na porta, uma mão no batente da porta, ofegando.

— Eles estão aqui, — diz ele. — Eles nos encontraram. Eles estão aqui. Jenna está morta.

10. KENJI

O cara que dispara no batente da porta ainda está terminando sua frase quando todos entram em ação. Nouria e Sam passam correndo por ele no corredor, gritando ordens e comandos – algo sobre iniciar o protocolo para o Sistema Z, algo sobre reunir as crianças, os idosos e os doentes. Sonya e Sara pressionam algo nas mãos de Warner, olham uma última vez para a figura flácida e inconsciente de J e perseguem Nouria e Sam pela porta.

Castle se agacha no chão, fechando os olhos enquanto aperta as mãos no chão, ouvindo. Sentindo.

— Onze - não doze, corpos. Cerca de cento e cinquenta metros. Eu acho que temos cerca de dois minutos antes que eles cheguem até nós. Farei o meu melhor para reduzi-los até que possamos sair daqui. — Ele olha para cima. — Sr. Ibrahim?

Nem percebo que Haider está aqui conosco até que ele diz:

— Isso é tempo mais que suficiente.

Ele caminha pelo quarto até a parede em frente à cama de Juliette, passando as mãos pela superfície lisa, rasgando molduras e monitores enquanto caminha. Vidro e madeira estilhaçam-se no chão. Nazeera suspira, fica subitamente imóvel. Eu me viro apavorado para encará-la e ela diz:

— Eu preciso contar a Stephan.

Ela sai correndo pela porta.

Warner está tirando Juliette da cama, removendo as agulhas, enfaixando as feridas.

Uma vez que ela está livre, ele envolve seu corpo adormecido na túnica azul macia pendurada nas proximidades, e quase no mesmo momento, ouço o indicador de uma bomba.

Olho para trás, na parede onde Haider ainda está. Dois explosivos cuidadosamente espaçados estão agora afixados no gesso, e eu mal tenho tempo

de digerir isso antes que Haider grite para nós sairmos para o corredor. Warner já está no meio da porta, segurando o pacote cuidadosamente embrulhado de J nos braços. Eu ouço a voz de Castle – um grito repentino - e meu próprio corpo é levantado e jogado pela porta também.

A sala explode.

As paredes tremem tanto que chocalham meus dentes, mas quando os tremores se acalmam, eu corro de volta para o quarto.

Haider explodiu uma única parede.

Um retângulo perfeito e exato da parede. Se foi. Eu nem sabia que tal feito era possível.

Pedaços de tijolo, madeira e cimento estão espalhados no chão aberto além do quarto de J, e os ventos frios da noite entram, me dando um tapa. A lua está excessivamente cheia e brilhante esta noite, um holofote brilhando diretamente nos meus olhos.

Estou atordoado.

Haider explica sem avisar:

— O hospital é muito grande, muito complicado - precisávamos de uma saída eficiente.

O Restabelecimento não se importará com danos colaterais quando vierem até nós - na verdade, eles podem estar desejando isso - mas se quisermos ter alguma esperança de salvar vidas inocentes, precisamos nos afastar o mais longe possível dos prédios centrais e espaços comuns quanto possível. Agora vá embora – ele grita. — Vamos.

Mas estou cambaleando.

Eu pisco para Haider, ainda me recuperando da explosão, o sussurro persistente de uísque no meu cérebro, e agora isso:

Prova de que Haider Ibrahim tem consciência.

Ele e Warner passam por mim através da parede aberta e começam a correr para a floresta reluzente, Warner com J nos braços. Nenhum deles se incomoda em explicar o que estão pensando. Para onde eles estão indo. O que diabos vai acontecer a seguir.

Bem, na verdade, acho que a última parte é óbvia.

O que vai acontecer a seguir é que Anderson vai aparecer e tentar nos matar.

Castle e eu trancamos os olhos - somos as últimas pessoas ainda de pé no que resta do quarto de hospital de J - e perseguimos Warner e Haider em direção a uma clareira no extremo do santuário, o mais longe possível das barracas. A certa

altura, Warner interrompe nosso grupo, desaparecendo por um caminho tão sombrio que não consigo ver o fim.

Quando passo a seguir, Haider late para mim para deixá-lo em paz. Não sei o que Warner faz com Juliette, mas quando ele se junta a nós, ela não está mais em seus braços. Ele diz algo, brevemente, para Haider, mas parece francês. Não é árabe. *Francês*.

Tanto faz. Não tenho tempo para pensar nisso.

Já faz cinco minutos, pela minha estimativa. Cinco minutos, o que significa que eles devem estar aqui a qualquer momento. Há doze corpos entrando. Há apenas quatro de nós aqui.

Eu, Haider, Castle, Warner.

Estou congelando.

Estamos parados em silêncio na escuridão, esperando a morte, e os segundos individuais parecem passar com uma lentidão excruciante. O cheiro de terra molhada e a vegetação em decomposição enche minha cabeça e eu olho para baixo, sentindo, mas não vendo a pilha grossa de folhas sob os pés. Elas são macias e levemente úmidas, farfalhando um pouco quando mudo meu peso.

Eu tento não me mexer.

Todo som me incomoda. Um súbito estremecimento de galhos. Uma brisa inocente.

Minhas próprias respirações irregulares.

Está muito escuro.

Até a lua brilhante e robusta não é suficiente para penetrar adequadamente essas madeiras. Não sei como vamos lutar contra alguém se não podemos ver o que está por vir.

A luz é irregular, espalhando-se através dos galhos, estilhaçando-se pela terra macia. Olho para baixo, examinando um raio estreito de luz iluminando a parte de cima das minhas botas e vejo como uma aranha corre para cima e ao redor do obstáculo dos meus pés.

Meu coração está batendo forte.

Não há tempo. Se ao menos tivéssemos mais tempo.

É tudo o que consigo pensar. Repetidamente. Eles nos pegaram desprevenidos, não estávamos preparados, não devia acontecer assim. Minha cabeça está girando com os *e se* e os *talvez* e os *poderia ter acontecido* mesmo enquanto eu *encarava* a realidade bem na minha frente. Mesmo olhando diretamente para o buraco negro que devora meu futuro, não posso deixar de me perguntar se poderíamos ter feito isso de maneira diferente.

Os segundos se constroem. Minutos passam.

Nada.

A batida rápida do meu coração diminui em uma gagueira doentia. Perdi a perspectiva – meu senso de tempo está distorcido no escuro – mas juro que parece que estamos aqui há muito tempo.

— Algo está errado, — diz Warner.

Eu ouço uma respiração aguda. Haider.

Warner diz suavemente:

— Nós calculamos mal.

— Não, — Castle chora.

É quando eu ouço os gritos.

Corremos sem hesitação, todos nós, nos lançando em direção aos sons. Rasgamos galhos, prendemos nossos tornozelos em raízes cobertas de vegetação, nos movemos para a escuridão com a força do pânico puro e não diluído. *Raiva.*

Soluços rasgam o céu. Gritos violentos ecoam à distância. Vozes desarticuladas, gemidos guturais, arrepios subindo ao longo da minha carne. Estamos correndo em direção à morte.

Eu sei que estamos perto quando vejo a luz.

Nouria.

Ela lançou um brilho etéreo acima da cena, colocando os restos de um campo de batalha em foco nítido.

Nós desaceleramos.

O tempo parece se expandir, fragmentando-se quando testemunho um massacre.

Anderson e seus homens fizeram um desvio. Esperávamos que eles fossem direto para a Warner, direto para Juliette. Nós esperávamos. Nós tentamos. Fizemos uma aposta.

Apostamos em tudo.

E conhecemos o Restabelecimento suficientemente bem para entender que eles estavam punindo essas pessoas inocentes por nos abrigarem. Matando famílias inteiras por nos fornecer ajuda e alívio. Náusea me atinge com a força de uma lâmina, me atordoando, me derrubando de lado. Eu caio contra uma árvore. Eu posso sentir minha mente se desconectando, ameaçando a inconsciência, e de alguma forma eu me forço a não desmaiar de horror. Terror. Desgosto.

Eu mantenho meus olhos abertos.

Sam e Nouria estão de joelhos, segurando corpos quebrados e sangrando perto de seus peitos, seus gritos torturados perfurando a estranha meia-noite. Castle

está ao meu lado, com o corpo frouxo. Eu ouço seu soluço meio engasgado.

Nós sabíamos que era possível – Haider disse que eles poderiam fazer isso – mas de alguma forma eu ainda não consigo acreditar nos meus olhos. Eu desesperadamente quero que isso seja um pesadelo. Eu cortaria meu braço direito para que fosse um pesadelo. Mas a realidade persiste.

O Santuário é pouco mais que um cemitério.

Homens e mulheres desarmados ceifavam-se. De onde estou, conto seis filhos, mortos.

Olhos abertos, bocas abertas, sangue fresco ainda escorrendo pelos corpos moles. Ian está de joelhos, vomitando. Winston tropeça para trás, bate em uma árvore. Seus óculos deslizam pelo rosto e ele só se lembra de pegá-los no último momento. Apenas as crianças supremas ainda parecem ter a cabeça erguida, e há algo nessa percepção que causa medo em meu coração. Nazeera, Haider, Warner, Stephan. Eles andam calmamente pelos destroços, rostos inalterados e solenes. Não sei o que eles viram – do que fazem parte – que os tornam capazes de permanecer aqui, ainda relativamente bem diante de tanta devastação humana, e acho que não quero saber.

Eu ofereço minha mão a Castle e ele a pega, se firma. Trocamos um único olhar antes de mergulhar na briga.

E é fácil identificar Anderson, de pé alto no meio do inferno, mas difícil de alcançar. Sua Guarda Suprema nos rodeia, armas desembaiadas. Ainda assim, nos aproximamos. Não importa o que vem a seguir, lutamos até a morte. Esse sempre foi o plano, desde o início. E é o que vamos fazer agora.

Segundo round.

Os lutadores que ainda vivem no campo endireitam-se diante de nossa aproximação, na cena em formação e lançam olhares um para o outro. Estamos cercados por poder de fogo, é verdade, mas quase todo mundo aqui tem um dom sobrenatural. Não há razão para não podermos lutar. Uma multidão se reúne lentamente em torno de nós – metade Santuário, metade Ômega – corpos se separando dos destroços para formar um novo batalhão. Sinto a nova esperança se movendo pelo ar. O tentador *talvez*. Cuidadosamente, tiro uma arma do meu coldre lateral.

E assim que estou prestes a fazer um movimento...

— Não.

A voz de Anderson é alta. Clara. Ele rompe seu muro de soldados, caminhando em nossa direção casualmente, parecendo tão polido como sempre. Não entendo, a princípio, por que tantas pessoas suspiram com sua abordagem.

Eu não vejo isso. Não percebo o corpo que ele está arrastando com ele e, quando finalmente percebo o corpo, não o reconheço. Não imediatamente.

Não é até Anderson balançar a pequena figura na posição vertical, empurrando a cabeça para trás com uma arma, para que eu sinta o sangue sair do meu coração.

Anderson pressiona a arma na garganta de James, e meus joelhos quase cedem.

— Isso é muito simples, — diz Anderson. — Você entregará a garota e, em troca, não executarei o garoto.

Estamos todos congelados.

— Devo esclarecer, no entanto, que isso não é uma troca. Não estou me oferecendo para devolvê-lo a você. Só estou me oferecendo para não matá-lo aqui, no local. Mas se você entregar a garota agora, sem brigas, considerarei deixar a maioria de vocês desaparecer nas sombras.

— A maioria de nós? — Eu digo.

Os olhos de Anderson olham para o meu rosto e os de vários outros.

— Sim, a maioria de vocês, — diz ele, seu olhar demorando-se em Haider. — Seu pai está muito decepcionado com você, jovem.

Um único tiro explode sem aviso, rasgando um buraco na garganta de Anderson. Ele agarra seu pescoço e cai, com um grito engasgado, sobre um joelho, procurando pelo agressor.

Nazeera.

Ela se materializa na frente dele bem a tempo de pular para o céu. Os soldados supremos começam a disparar para cima, liberando rondas após rondas impunemente, e embora eu tenha pavor de Nazeera, percebo que ela assumiu esse risco por mim. Por James.

Faremos o nosso melhor, ela disse. Eu não sabia que ela incluía arriscar sua vida por aquele garoto. Por *mim*. Deus, eu a amo, porra.

Eu fico invisível.

Anderson está lutando para estancar o fluxo de sangue em sua garganta enquanto mantém o aperto em James, que parece inconsciente.

Dois guardas permanecem ao seu lado.

Eu dou dois tiros.

Os dois caem, gritando e agarrando membros, e Andersson quase ruge. Ele começa a arranhar o ar à sua frente, depois procura sua arma com uma mão vermelha, o sangue ainda escorrendo de seus lábios. Aproveito a oportunidade para dar um soco na cara dele.

Ele recua, mais surpreso do que ferido, mas Brendan se aproxima rapidamente, batendo palmas para criar um raio de eletricidade que ele envolve as pernas de Anderson, paralisando-o temporariamente.

Anderson deixa cair James.

Eu o pego antes que ele atinja o chão e corro em direção a Lily, que está esperando apenas do lado do anel de luz de Nouria. Eu descarrego meu corpo inconsciente em seus braços e Brendan constrói um escudo elétrico em torno de seus corpos. Uma batida depois, eles se foram.

Alívio toma conta de mim.

Muito rápido. Isso me desequilibra. Minha invisibilidade vacila por menos de um segundo e, em menos de um segundo, sou atacado por trás.

Eu bato no chão, duro, o ar deixando meus pulmões. Eu luto para virar, me levantar, mas um soldado supremo já está apontando um rifle para o meu rosto. Ele atira.

Castle sai do nada, derrubando o soldado, parando as balas com um único gesto. Ele redireciona a munição destinada ao meu corpo, e eu nem percebo o que aconteceu até ver o cara cair de joelhos. Ele é uma peneira humana, sangrando o resto de sua vida bem na minha frente, e tudo parece subitamente surreal.

Eu me arrasto, minha cabeça latejando na garganta. Castle já está se movendo, arrancando uma árvore de suas raízes enquanto ele vai. Stephan está usando sua força para atacar o maior número possível de soldados, mas eles não param de atirar, e ele está se movendo lentamente, com manchas de sangue em quase cada centímetro de sua roupa.

Eu o assisto balançar. Eu corro em direção a ele, tento gritar um aviso, mas minha voz se perde no barulho e minhas pernas não se movem rápido o suficiente. Outro soldado investe contra ele, descarregando balas, e desta vez eu grito.

Haider vem correndo.

Ele mergulha na frente de seu amigo com um grito, derrubando Stephan no chão, protegendo o corpo dele com o seu, jogando algo no ar enquanto ele vai.

Explode.

Sou jogado para trás, com o crânio chacoalhando. Eu levanto minha cabeça, delirando, e vejo Nazeera e Warner, cada um travado em combate corpo a corpo. Eu ouço um grito assustador e me forço em direção ao som.

É Sam.

Nouria me ultrapassa até chegar nela, caindo de joelhos para levantar o corpo de sua esposa do chão. Ela envolve faixas ofuscantes de luz ao redor das duas, as espirais protetoras tão brilhantes que são insuportáveis de se olhar. Um soldado próximo joga o braço sobre os olhos enquanto atira, gritando e mantendo-se firme, mesmo quando a força da luz de Nouria começa a derreter a carne de suas mãos.

Coloquei uma bala entre seus dentes.

Mais cinco guardas aparecem do nada, vindo de todos os lados, e por meio segundo não posso deixar de me surpreender. Castle disse que havia apenas doze corpos, dois dos quais pertenciam a Anderson e James, e eu pensei que tínhamos matado pelo menos vários outros até agora. Olho ao redor do campo de batalha, para as dezenas de soldados ainda atacando ativamente nossa equipe e depois de novo para os cinco que estão vindo em minha direção.

Meu coração nada com confusão.

E então, quando todos começam a atirar – terror.

Fico invisível, furtando o espaço único entre dois deles, voltando apenas o suficiente para abrir fogo. Algumas dos meus tiros encontram seus alvos; os outros são desperdiçados. Recarrego o clipe, jogando o agora vazio no chão e, quando estou prestes a atirar novamente, ouço a voz dela.

— Espere, — ela sussurra.

Nazeera envolve os braços em volta da minha cintura e pula.

Acima.

Uma bala zumbe passando pela minha panturrilha. Sinto a queimadura roçando a pele, mas o céu noturno é frio e revigorante, e me permito respirar firmemente, fechar os olhos por um segundo inteiro e completo. Aqui em cima, os gritos são silenciados, o sangue pode ser água, os gritos podem ser risos.

O sonho dura apenas um momento.

Nossos pés tocam o chão novamente e meus ouvidos se enchem com os sons da guerra. Aperto a mão de Nazeera como forma de agradecimento e nos separamos. Eu luto contra um grupo de homens e mulheres que apenas reconheço vagamente – pessoas do Santuário - e me jogo no derramamento de sangue, pedindo a um dos combatentes feridos que se afaste e se abrigue. Logo me perco nos movimentos de batalha, defesa e ataque, armas disparando. Gemidos guturais. Nem penso em olhar para cima até sentir o chão tremer sob meus pés.

Castle.

Seus braços estão apontados para cima, em direção a um prédio próximo. A estrutura começa a tremer violentamente, pedaços voando, janelas tremendo. Um grupo de guardas supremos pega suas armas, mas para com o som da voz de Anderson. Não consigo ouvir o que ele diz, mas ele parece ser quase ele mesmo novamente, e seu comando parece chocante o suficiente para inspirar um momento de hesitação em seus soldados. Por nenhuma razão que eu possa entender, os guardas com quem eu estava lutando de repente se afastam.

Muito tarde.

O telhado do prédio cai com um rangido e, com um empurrão violento e final, Castle arranca uma parede. Com um braço, ele afasta os poucos companheiros de equipe que estão em perigo, e com o outro ele joga a tonelada de parede no chão, onde ela cai com um estrondo plosivo. O vidro voa por toda parte, vigas de madeira gemendo enquanto se dobram e se quebram. Alguns soldados supremos escapam, mergulhando em busca de proteção, mas pelo menos três deles são pegos sob os escombros. Todos nós nos preparamos para um ataque de retaliação...

Mas Anderson se mantém firme como um braço.

Seus soldados ficam instantaneamente quietos, com armas frouxas nas mãos. Quase em uníssono, eles estão atentos.

Esperando.

Olho para Castle em busca de uma diretiva, mas ele está de olho em Anderson como todos nós. Todo mundo parece paralisado por uma delirante esperança de que essa guerra possa acabar. Observo Castle se virar e encarar Nouria, que ainda está segurando Sam no peito. Um momento depois, Castle levanta o braço. Uma paralisação temporária.

Eu não confio nisso.

O silêncio reveste a noite enquanto Anderson cambaleia para a frente, seus lábios de um vermelho violento e líquido, a mão segurando casualmente um lenço no pescoço. Nós tínhamos ouvido falar sobre isso, é claro – sobre sua capacidade de curar a si mesmo - mas ver isso realmente acontecer em tempo real é algo completamente diferente. Isso é *selvagem*.

Quando ele fala, sua voz quebra o silêncio. Quebra o feitiço.

— Chega, — diz ele. — Cadê meu filho?

Murmúrios se movem através da multidão de combatentes ensanguentados, um mar vermelho se separando lentamente em sua aproximação. Não demora muito para que Warner apareça, avançando no silêncio, com o rosto manchado de vermelho. Uma metralhadora está trancada na mão direita.

Ele olha para o pai. Ele não diz nada.

— O que você fez com ela? — Anderson diz suavemente e cospe sangue no chão. Ele limpa os lábios com o mesmo pano que está usando para conter a ferida aberta no pescoço. A cena toda é nojenta.

Warner continua sem dizer nada.

Acho que nenhum de nós sabe onde ele a escondeu. J parece ter *desaparecido*, eu percebo.

Segundos passam em um silêncio tão intenso que todos começamos a nos preocupar com o destino de nossa paralisação. Vejo alguns soldados supremos levantando as armas na direção de Warner, e nem um segundo depois um único raio quebra o céu acima de nós.

Brendan.

Olho para ele, depois para Castle, mas Anderson mais uma vez levanta o braço para prender seus soldados. Mais uma vez, eles se afastam.

— Só vou perguntar mais uma vez, — diz Anderson ao filho, sua voz tremendo à medida que aumenta. — *O que você fez com ela?*

Ainda assim, Warner olha impassível.

Ele está respingado com sangue desconhecido, segurando uma metralhadora como se fosse uma pasta e olhando para o pai como se estivesse olhando para o teto. Anderson não pode controlar seu temperamento da maneira que Warner pode – e é óbvio para todos que esta é uma batalha de vontades que ele vai perder.

Anderson já parece meio louco.

Seu cabelo está emaranhado e espetado em alguns lugares. O sangue está secando em seu rosto, seus olhos disparados em vermelho. Ele parece tão perturbado – tão diferente de si mesmo - que sinceramente não tenho ideia do que vai acontecer a seguir.

E então ele se lança para Warner.

Ele é como um bêbado beligerante, selvagem e bravo, desequilibrado de uma maneira que nunca vi antes. Seus movimentos são selvagens, mas fortes, instáveis, mas estudados.

Ele me lembra, num repentino e assustador flash de entendimento, o pai que Adam tantas vezes me descreveu. Um bêbado violento alimentado pela raiva.

Só que Anderson não parece estar bêbado no momento. Não. Isso é raiva pura e inalterada.

Anderson parece ter perdido a cabeça.

Ele não quer apenas atirar em Warner. Ele não quer que outra pessoa atire em Warner.

Ele quer derrotá-lo. Ele quer satisfação física. Ele quer quebrar ossos e romper órgãos com as próprias mãos. Anderson quer o prazer de saber que ele e apenas ele foi capaz de destruir seu próprio filho.

Mas Warner não está dando a ele essa satisfação.

Ele encontra Anderson golpe por golpe em movimentos fluidos e precisos, esquivando-se e evitando, torcendo e defendendo. Ele nunca perde uma batida.

É quase como se ele pudesse ler a mente de Anderson.

Eu não sou o único que está atordoado. Eu nunca vi Warner se mover assim, e quase não consigo acreditar que nunca tinha visto isso antes. Sinto uma repentina e inesperada onda de respeito por ele enquanto o vejo bloquear ataques após ataques. Continuo esperando ele nocautear o cara, mas Warner não faz nenhum esforço para acertar Anderson; ele apenas se defende. E somente quando vejo a crescente fúria no rosto de Anderson é que percebo que Warner está fazendo isso de propósito.

Ele não está revidando porque sabe que é o que Anderson quer. A expressão fria e sem emoção no rosto de Warner está deixando Anderson louco. E quanto mais ele falha em provocar o filho, mais furioso Anderson fica. O sangue ainda escorre, lentamente, do ferimento semi-curado em seu pescoço, quando ele grita com raiva e tira uma arma do bolso do paletó.

— *Chega*, — ele dispara. — É suficiente.

Warner dá um passo cuidadoso para trás.

— Me dê a garota, Aaron. Dê-me a garota e pouparei o resto desses idiotas. Eu só quero a garota.

Warner é um objeto imóvel.

— Tudo bem, — diz Anderson com raiva. — Peguem-o.

Seis guardas supremos começam a avançar até Warner, e ele não vacila. Troco olhares com Winston e é o suficiente; Jogo minha invisibilidade sobre Winston no momento em que ele joga os braços para fora, sua capacidade de esticar os membros, derrubando três deles no chão. No mesmo momento, Haider puxa um facão de algum lugar dentro da cota de malha ensanguentada que está usando debaixo do casaco e o joga para Warner, que deixa cair a metralhadora e pega a lâmina pelo punho sem nem olhar.

Um *facão*.

Castle está de joelhos, com os braços voltados para o céu, enquanto ele destrói mais pedaços do prédio meio devastado, mas desta vez os homens de Anderson

não lhe dão a chance. Eu corro para a frente, tarde demais para ajudar quando Castle é nocauteado por trás, e mesmo assim me joga na batalha, lutando pela posse da arma do soldado com habilidades que desenvolvi na adolescência: um único e sólido murro no nariz. Um soco limpo seguido de uma cotovelada. Um chute forte no peito. Um bom estrangulamento antiquado.

Eu olho para cima, ofegante, esperando por boas notícias...

E tenho que olhar novamente.

Dez homens se aproximaram de Warner, e eu não entendo de onde eles vieram. Eu pensei que tínhamos reduzido-os a três ou quatro. Eu giro, confuso, voltando bem a tempo de assistir Warner cair de joelhos e balançar com o facão em um arco repentino e perfeito, estripando o homem como um peixe. Warner se vira, outro forte golpe cortando o sujeito à sua esquerda, desconectando a espinha do cara em um movimento tão horrível que preciso desviar o olhar. No segundo que leva para eu olhar de volta, outro guarda já avançou.

Warner gira bruscamente, empurrando a lâmina diretamente na garganta do sujeito e em sua boca aberta e gritante. Com um puxão final, Warner puxa a lâmina e o homem cai no chão com um único baque.

Os demais membros da Guarda Suprema hesitam.

Percebo então que, quem quer que sejam esses novos soldados, receberam ordens específicas para atacar Warner e mais ninguém. De repente, o resto de nós está sem uma tarefa óbvia, livre para afundar no chão, desaparecer na exaustão.

Tentador.

Eu procuro Castle, querendo ter certeza de que ele está bem, e percebo que ele parece ferido.

Ele está olhando para Warner.

Warner, que está encarando o sangue que cai embaixo de seus pés, o peito arfando, o punho ainda cerrado ao redor da haste do facão. Todo esse tempo, Castle realmente achava que Warner era apenas um garoto legal que cometera alguns erros simples. O tipo de garoto que ele poderia trazer de volta.

Hoje não.

Warner olha para o pai, com o rosto mais sangue que pele, o corpo tremendo de raiva.

— É isto o que você queria? — ele chora.

Mas até Anderson parece surpreso.

Outro guarda avança tão silenciosamente que nem vejo a arma que ele aponta na direção de Warner até o soldado gritar e cair no chão. Seus olhos se arregalam

quando ele aperta a garganta, onde um pedaço de vidro do tamanho da minha mão está preso em sua jugular.

Viro minha cabeça para encarar Warner. Ele ainda está encarando Anderson, mas agora sua mão livre está pingando sangue.

Jesus Cristo.

— Leve-me, em vez disso, — diz Warner, sua voz perfurando o silêncio.

Anderson parece voltar a si mesmo.

— O quê?

— Deixe-a. Deixe todos eles. Dê-me sua palavra de que você a deixará em paz e eu voltarei com você.

De repente eu fico imóvel. E então olho em volta, com os olhos arregalados, por qualquer indicação de que vamos impedir que esse idiota faça algo imprudente, mas ninguém encontra meus olhos. Todo mundo está fascinado.

Aterrorizado.

Mas quando sinto uma presença familiar de repente se materializar ao meu lado, o alívio flui pelo meu corpo. Pego a mão dela na mesma hora em que ela alcança a minha, apertando os dedos uma vez antes de interromper a breve conexão. Agora, basta saber que ela está aqui, parada ao meu lado.

Nazeera está bem.

Todos esperamos em silêncio a cena se desenrolar, esperando por algo que nem sabemos como nomear.

Não vem.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples, — diz Anderson finalmente. — Eu realmente gostaria. Mas receio que precisamos da garota. Ela não é tão facilmente substituída.

— Você disse que o corpo de Emmaline estava se deteriorando. — A voz de Warner é baixa, mas clara. Milagrosamente firme. — Você disse que sem um corpo forte o suficiente para contê-la, ela se tornaria volátil.

Anderson fica visivelmente rígido.

— Você precisa de uma substituição, — diz Warner. — Um novo corpo. Alguém para ajudá-lo a concluir a síntese da operação.

— Não, — Castle chora. — Não, não faça isso...

— Leve-me, — diz Warner. — Eu serei seu substituto.

Os olhos de Anderson ficam frios.

Ele parece quase convincentemente calmo quando diz:

— Você estaria disposto a se sacrificar – sua juventude, sua saúde e toda a sua vida – para permitir que aquela garota danificada e perturbada continue a andar

pela terra? — A voz de Anderson começa a aumentar em tom. Ele parece de repente à beira de outro colapso.

— Você entende o que está dizendo? Você tem todas as oportunidades - todo o potencial - e estaria disposto a jogar tudo fora? Em troca de *quê*? — ele grita. — Você conhece o tipo de vida a que estaria se sentenciando?

Um olhar sombrio passa pelo rosto de Warner.

— Eu acho que sei melhor que a maioria.

Anderson empalidece.

— Por que você faria isso?

Torna-se claro para mim que, mesmo agora, apesar de tudo, Anderson na verdade não quer perder Warner. Assim não.

Mas Warner não se mexe.

Ele não diz nada. Não entrega nada. Ele só pisca quando o sangue de outra pessoa escorre por seu rosto.

— Dê-me sua palavra, — Warner finalmente diz. — Sua palavra de que você a deixará em paz para sempre. Eu quero que você a deixe desaparecer. Quero que você pare de rastreá-la a cada movimento. Quero que você esqueça que ela já existiu. — Ele faz uma pausa. — Em troca, você pode ter o que resta da minha vida.

Nazeera suspira.

Haider dá um passo repentino e bravo para frente e Stephan agarra seu braço, de alguma forma ainda forte o suficiente para conter Haider, mesmo quando seu próprio corpo sangra.

— Esta é a escolha dele, — Stephan engasga, envolvendo o braço livre em torno de uma árvore para apoio. — Deixe-o.

— Esta é uma escolha estúpida, — grita Haider. — Você não pode fazer isso, *habibi*. Não seja idiota.

Mas Warner parece não ouvir mais ninguém. Ele olha apenas para Anderson, que parece genuinamente perturbado.

— Vou parar de brigar com você, — diz Warner. — Farei exatamente o que você pedir. O que você quiser. Apenas deixe-a viver.

Anderson fica em silêncio por tanto tempo que me arrepia. Então:

— Não.

Sem aviso, Anderson levanta o braço e dá dois tiros. O primeiro, em Nazeera, atingindo-a diretamente no peito. O segundo...

Em mim.

Várias pessoas gritam. Tropeço, depois balanço, antes de cair.

Merda.

— Encontre-a, — diz Anderson, com a voz estridente. — Queime todo o lugar até as cinzas, se for necessário.

A dor é ofuscante.

Ela se move através de mim em ondas, elétricas e abrasadoras. Alguém está me tocando, movendo meu corpo. *Estou bem*, tento dizer. Estou bem. Estou bem. Mas as palavras não vêm. Ele me atingiu no ombro, eu acho. Apenas um pouco longe do meu peito. Não tenho certeza. Mas Nazeera - alguém precisa chegar a Nazeera.

— Tive a sensação de que você faria algo assim, — ouço Anderson dizer. — E eu sei que você usou um desses dois... — imagino-o apontando para o meu corpo caído, para o de Nazeera — para que isso acontecesse.

Silêncio.

— Oh, entendo, — diz Anderson. — Você pensou que era inteligente. Você pensou que eu não sabia que tinha algum poder. — A voz de Anderson parece subitamente alta, muito alta. Ele ri. — Você pensou que *eu* não sabia? Como se você pudesse esconder algo assim de mim. Eu sabia no dia em que te encontrei na cela dela. Você tinha dezesseis anos. Você acha que eu não testei depois disso? Você acha que eu não sabia, todos esses anos, o que você mesmo não percebeu até seis meses atrás?

Uma nova onda de medo toma conta de mim.

Anderson parece muito satisfeito e Warner ficou quieto novamente, e não sei o que isso significa para nós. Mas, assim que estou começando a experimentar o pânico, ouço um grito familiar.

É um som de agonia tão horrível que não posso deixar de tentar ver o que está acontecendo, mesmo quando clarões de branco embaçam minha visão.

Eu pego um vislumbre embaçado:

Warner de pé sobre o corpo de Anderson, com a mão direita apertada ao redor do cabo do facão que ele enterrou no peito do pai. Ele planta o pé direito no intestino do pai e, bruscamente, puxa a lâmina.

O gemido de Anderson é tão animal, tão patético que quase sinto pena dele. Warner limpa a lâmina na grama e a joga de volta para Haider, que a pega facilmente pelo punho enquanto ele fica ali, atordoado, olhando para *mim*, eu percebo. Eu e Nazeera. Eu nunca o vi tão desmascarado. Ele parece paralisado pelo medo.

— Fiquem de olho nele, — grita Warner para alguém. Ele examina uma arma que roubou de seu pai e, satisfeito, ele sai, correndo atrás da Guarda

Suprema. Tiros ecoam à distância.

Minha visão começa a ficar irregular.

Os sons escorrem juntos, mudando o foco. Por vários momentos de uma vez, tudo o que ouço é o som da minha própria respiração, meu coração batendo. Pelo menos, espero que seja o som do meu coração batendo. Tudo tem um cheiro penetrante, como ferrugem e aço.

Percebo então, num momento repentino e surpreendente, que não consigo sentir meus dedos.

Finalmente, ouço os sons abafados do movimento próximo, das mãos no meu corpo, tentando me mover.

— Kenji? — Alguém me sacode. — Kenji, você pode me ouvir? — Winston.

Eu faço um som na minha garganta. Meus lábios parecem fundidos.

— Kenji? — Ele me sacode novamente. — Você está bem?

Com muita dificuldade, afasto meus lábios, mas minha boca não faz barulho. Então, de uma só vez:

— Eeeeeimano.

Esquisito.

— Ele está consciente, — diz Winston, — mas desorientado. Não temos muito tempo. Eu vou levar esses dois. Veja se você consegue encontrar uma maneira de transportar os outros. Onde estão as garotas?

Alguém diz algo para ele, e eu não entendo. Estendo repentinamente a mão boa, apertando o antebraço de Winston.

— Não deixe eles pegarem J, — tento dizer. — Não deixe...

11. ELLA

JULIETTE

Quando abro os olhos, sinto aço.

Amarrado e moldado em todo o meu corpo, grossas listras prateadas pressionadas contra a minha pele pálida. Estou em uma gaiola do tamanho e formato exatos da minha silhueta. Não consigo me mexer. Dificilmente posso separar meus lábios ou bater um cílio; Só sei como sou porque consigo ver meu reflexo no aço inoxidável do teto.

Anderson está aqui.

Eu o vejo imediatamente, parado em um canto da sala, olhando para a parede como se ele estivesse satisfeito e bravo, um estranho sorriso zombando em seu rosto. Também há uma mulher aqui, alguém que eu nunca vi antes. Loira, muito loira. Alta, sardenta e esbelta. Ela me lembra alguém que eu já vi antes, alguém que eu não consigo lembrar no momento.

E então, de repente...

Minha mente me alcança com uma ferocidade quase paralisante. James e Adam, sequestrados por Anderson. Kenji, ficando doente. Novas lembranças de minha própria vida, continuando a assaltar minha mente e levando consigo pedaços de mim.

E então, Emmaline.

Emmaline, invadindo minha consciência. Emmaline, sua presença tão avassaladora que fui forçada ao esquecimento, fui persuadida a dormir. Lembro-me de acordar, eventualmente, mas minha lembrança desse momento é vaga. Lembro-me de confusão, principalmente. Bobinas distorcidas.

Eu levo um momento para me conferir. Meus membros. Meu coração. Minha mente. Intactos?

Eu não sei.

Apesar de um pouco de desorientação, sinto-me quase totalmente. Ainda sinto bolsões de escuridão em minhas memórias, mas sinto que finalmente rompi a superfície de minha própria consciência. E é só então que percebo que não sinto mais um sussurro de Emmaline.

Rapidamente, fecho meus olhos novamente. Eu procuro minha irmã na minha cabeça, procurando-a com um pânico desesperado que me surpreende.

Emmaline? Você ainda está aqui?

Em resposta, um calor suave corre através de mim. Um único e suave tremor de vida. Ela deve estar perto do fim, eu percebo.

Quase se foi.

A dor dispara através do meu coração.

Meu amor por Emmaline é ao mesmo tempo novo e antigo, tão complicado que nem sei como articular adequadamente meus sentimentos a respeito. Só sei que não tenho nada além de compaixão por ela. Por sua dor, seus sacrifícios, seu espírito quebrado, seu desejo por tudo o que sua vida poderia ter sido. Não sinto raiva ou ressentimento em relação a ela por se infiltrar em minha mente, por interromper violentamente meu mundo para abrir espaço para si mesma em minha pele. De alguma forma, entendo que a brutalidade de seu ato não passava de um apelo desesperado por companhia nos últimos dias de sua vida.

Ela quer morrer sabendo que era amada.

E eu a amo.

Pude ver, quando nossas mentes estavam fundidas, que Emmaline havia encontrado uma maneira de dividir sua consciência, deixando uma parte necessária para desempenhar seu papel na Oceania. A pequena parte dela que parou para me encontrar – essa era a pequena parte dela que ainda parecia humana, que sentia o mundo agudamente. E agora, ao que parece, esse pedaço humano dela está começando a desaparecer.

Os dedos calejados de dor se curvam em volta da minha garganta.

Meus pensamentos são interrompidos pela aguda batida de saltos contra pedra. Alguém está se movendo em minha direção. Eu tenho cuidado para não recuar.

— Ela deveria estar acordada agora, — diz a voz feminina. — Isso é estranho.

— Talvez o sedativo que você deu a ela fosse mais forte do que você pensava.
— Anderson.

— Eu vou assumir que sua cabeça ainda está cheia de morfina, Paris, e essa é a única razão pela qual eu vou ignorar essa afirmação.

Anderson suspira. Rigidamente, ele diz:

— Tenho certeza que ela estará acordada a qualquer momento agora.

O medo dispara os alarmes na minha cabeça.

O que está acontecendo? Eu pergunto a Emmaline. *Onde estamos?*

Os resíduos de um calor suave se tornam um calor abrasador que queima meus braços. Os arrepios se elevam ao longo da minha pele.

Emmaline está com medo.

Me mostre onde estamos, eu digo.

Leva mais tempo do que eu estou acostumada, mas muito lentamente Emmaline enche minha cabeça com imagens do meu quarto, de paredes de aço e vidro brilhante, mesas dispostas com todo tipo de ferramentas e lâminas, equipamentos cirúrgicos. Microscópios tão altos quanto a parede. Padrões geométricos no teto brilham com luz quente e brilhante. E então eu.

Estou mumificada em metal.

Eu estou deitada em decúbito dorsal sobre uma mesa brilhante, grossas listras horizontais me segurando no lugar. Estou nua, exceto pelas restrições cuidadosamente colocadas que me impedem de ficar totalmente exposta.

A realização me atinge com uma velocidade dolorosa.

Eu reconheço essas salas, essas ferramentas, essas paredes. Até o cheiro – ar velho, limão sintético, água sanitária e ferrugem. O medo rasteja através de mim lentamente no início, e depois de uma só vez.

Estou de volta à base na Oceania.

De repente me sinto doente.

Estou a um mundo de distância. Um voo internacional para longe da minha família escolhida, de volta à casa dos horrores em que cresci. Não me lembro de como cheguei aqui e não sei que devastação Anderson deixou em meu rastro. Não sei onde estão meus amigos. Não sei o que aconteceu com Warner. Não me lembro de nada útil. Só sei que algo deve estar terrivelmente errado.

Mesmo assim, meu medo parece diferente.

Meus captores – Anderson? Essa mulher? – obviamente fizeram algo comigo, porque não consigo sentir meus poderes do jeito que normalmente posso, mas há algo nesse padrão horrível e familiar que é quase reconfortante. Acordei acorrentada mais vezes do que me lembro, e toda vez encontrei minha saída. Também vou encontrar uma maneira de sair disso.

E pelo menos desta vez, não estou sozinha.

Emmaline está aqui. Tanto quanto sei, Anderson não faz ideia de que ela está comigo, e isso me dá esperança.

O silêncio é quebrado por um suspiro sofrido.

— Por que precisamos que ela esteja acordada, afinal? — a mulher diz. — Por que não podemos executar o procedimento enquanto ela está dormindo?

— Elas não são minhas regras, Tatiana. Você sabe tão bem quanto eu que Evie colocou tudo isso em movimento. O protocolo afirma que o sujeito deve estar acordado quando a transferência for iniciada.

Eu retiro o que disse.

Eu *retiro* o que disse.

Terror puro e adulterado passa por mim, dissipando minha confiança anterior com um único golpe. Deveria ter me ocorrido imediatamente que eles tentariam fazer comigo o que Evie não conseguiu na primeira vez. Claro que sim.

Meu pânico repentino quase me denuncia.

— Duas filhas com a mesma impressão digital no DNA, — diz Tatiana de repente. — Qualquer um pensaria que era uma coincidência selvagem. Mas Evie sempre foi cuidadosa em ter um plano de backup, não foi?

— Desde o começo, — Anderson diz calmamente. — Ela garantiu que houvesse uma reserva.

As palavras são um golpe que eu não poderia ter previsto.

Uma *reserva*.

Isso é tudo que eu sempre fui, eu percebo. Uma peça de reposição mantida em cativeiro. Uma arma de backup no caso em que tudo mais falhou.

Estilhaça-me.

Quebre o vidro em caso de emergência.

É preciso tudo o que tenho para permanecer imóvel, para combater o desejo de engolir o repentino inchaço de emoção na minha garganta. Mesmo agora, mesmo do túbulo, minha mãe consegue me ferir.

— Que sorte para nós, — diz a mulher.

— De fato, — diz Anderson, mas há tensão em sua voz. Tensão. Estou apenas começando a perceber.

Tatiana começa a divagar.

Ela começa a falar sobre como Evie era inteligente ao perceber que alguém havia interferido em seu trabalho, como ela era inteligente ao perceber imediatamente que Emmaline era a pessoa que havia mexido nos resultados do procedimento que havia realizado em mim. Evie sempre soube, diz Tatiana, que havia um risco em me trazer de volta à base na Oceania – e o risco, segundo ela, era a proximidade física de Emmaline.

— Afinal, — diz Tatiana, — as duas garotas não estiveram tão próximas em quase uma década. Evie estava preocupada que Emmaline tentasse entrar em contato com a irmã. — Uma pausa. — E ela tentou.

— Onde você quer chegar?

— Meu argumento, — diz Tatiana lentamente, como se estivesse conversando com uma criança, — é que isso parece perigoso. Você não acha que é um pouco perigoso colocar as duas garotas sob o mesmo teto novamente? Depois do que aconteceu da última vez? Isso não parece um pouco... imprudente?

Uma esperança estúpida floresce no meu peito.

Claro.

O corpo de Emmaline está próximo. Talvez a voz de Emmaline que desapareceu da minha mente não tenha nada a ver com sua morte iminente – talvez ela se sinta mais distante simplesmente porque se mudou. É possível que, ao entrar novamente na Oceania, as duas partes de sua consciência se reconectem. Talvez Emmaline se sinta distante agora apenas porque está me alcançando de seu tanque – do jeito que ela fez da última vez que estive aqui.

Um calor abrasador e afiado pisca atrás dos meus olhos, e meu coração pula com a resposta dela.

Eu não estou sozinha, Eu digo a ela. Você não está sozinha.

— Você sabe tão bem quanto eu que essa era a única maneira, — diz Anderson a Tatiana. — Eu precisava da ajuda de Max. Meus ferimentos foram muito graves.

— Você parece precisar muito da ajuda de Max atualmente, — diz ela friamente. — E eu não sou a única que pensa que suas necessidades estão se tornando obrigações.

— Não me provoque, — diz ele calmamente. — Este não é o dia.

— Eu não ligo. Você sabe, assim como eu, que seria mais seguro iniciar essa transferência no setor 45, a milhares de quilômetros de Emmaline. Também tivemos que transportar o garoto, lembra? Extremamente inconveniente. O fato de você precisar desesperadamente de Max para ajudar com sua vaidade é uma questão completamente diferente, que diz respeito tanto às suas falhas quanto à sua inaptidão.

O silêncio cai pesado e espesso.

Não tenho ideia do que está acontecendo acima da minha cabeça, mas só posso imaginar os dois se encarando no chão.

— Evie teve uma queda por você, — diz Tatiana finalmente. — Nós todos sabemos isso. Todos sabemos como ela estava disposta a ignorar seus erros. Mas Evie está morta agora, não está? E a filha dela teria sido bem sucedida, se não fosse o esforço constante de Max para mantê-lo vivo. O resto de nós está ficando sem paciência.

Antes que Anderson tenha chance de responder, uma porta se abre.

— Bem? — Uma nova voz. — Está feito?

Pela primeira vez, Tatiana parece subjugada.

— Ela ainda não está acordada, receio.

— Então acorde ela, — a voz exige. — Estamos sem tempo. Todas as crianças foram contaminadas. Ainda temos que controlar o restante deles e limpar suas mentes o mais rápido possível.

— Mas não antes de descobrirmos o que eles sabem, — diz Anderson rapidamente, — e a quem eles podem ter contado.

Passos pesados voam pela sala, rápidos e com força. Eu ouço um farfalhar de movimento, um breve suspiro repentino.

— Haider me disse algo interessante quando seus homens o arrastaram de volta para cá, — diz o homem em voz baixa. — Ele disse que você atirou na minha filha.

— Foi uma decisão prática, — diz Anderson. — Ela e Kishimoto eram possíveis alvos. Não tive escolha a não ser matar os dois.

É preciso cada grama de meu autocontrole para não gritar.

Kenji.

Anderson atirou em Kenji.

Kenji e a filha deste homem. Ele deve estar falando sobre Nazeera. Oh meu Deus. Anderson atirou em Kenji e Nazeera. O que significa que esse homem é...

— Ibrahim, foi para o melhor. — Os calcanhares de Tatiana batem contra o chão. — Tenho certeza que ela está bem. Eles têm aquelas meninas curandeiras,

você sabe.

O comandante supremo Ibrahim a ignora.

— Se minha filha não voltar para mim com vida, — diz ele, irritado, — eu removerei pessoalmente seu cérebro do crânio.

A porta bate atrás dele.

— Acorde ela, — diz Anderson.

— Não é tão simples – há um processo...

— Não vou dizer de novo, Tatiana. — Anderson está se movendo agora, sua temperatura subindo sem aviso prévio. — Acorde ela agora. Quero acabar logo com isso.

— Paris, você tem que se acalmar...

— Eu tentei matá-la *meses* atrás. — Metal bate contra metal. — Eu disse a todos vocês para terminar o trabalho. Se estamos nessa posição agora – se Evie está morta – é porque ninguém me ouviu quando deveria.

— Você é inacreditável. — Tatiana ri, mas o som é baixo. — Que você já assumiu que tinha autoridade para matar a filha de Evie me diz tudo o que preciso saber sobre você, Paris. Você é um idiota.

— Saia, — diz ele fervendo. — Eu não preciso de você respirando no meu pescoço. Vá verificar sua própria filha insípida. Eu vou cuidar dessa aí.

— Sentindo-se paternal?

— Vá. Embora.

Tatiana não diz mais nada. Eu ouço o som de uma porta abrindo e fechando. Os sons suaves e distantes e a melodia de metal e vidro. Não tenho ideia do que Anderson está fazendo, mas meu coração está batendo loucamente. O zangado e indignado Anderson não é nada para se lidar com calma.

Eu saberia.

E quando sinto uma repentina e implacável onda de dor, grito. O pânico força meus olhos a se abrirem.

— Tive a sensação de que você estava fingindo, — diz ele.

Com grosseria, ele arranca o bisturi da minha coxa. Eu sufoco outro grito. Mal tive chance de recuperar o fôlego quando, novamente, ele enterra o bisturi na minha carne – mais profundo desta vez. Eu choro em agonia, meus pulmões contraídos. Quando ele finalmente solta a ferramenta, quase desmaio de dor. Estou fazendo sons profundos e ofegantes, meu peito tão firmemente preso que não consigo respirar direito.

— Eu esperava que você ouvisse essa conversa, — diz Anderson calmamente, parando para limpar o bisturi no jaleco. O sangue está escuro. Grosso. Minha

visão desaparece e reaparece. — Eu queria que você soubesse que sua mãe não era estúpida. Eu queria que você soubesse que ela sabia que algo tinha dado errado. Ela não sabia as falhas exatas do procedimento – mas suspeitava que as injeções não haviam feito tudo o que deveriam fazer. E quando ela suspeitou de um jogo sujo, ela fez um plano de contingência.

Eu ainda estou ofegando por ar, minha cabeça girando. A dor na minha perna está ardendo, obscurecendo minha mente.

— Você não achou que ela era tão estúpida, não é? Evie Sommers? — Anderson quase ri. — Evie Sommers não foi estúpida por um dia em sua vida. Mesmo no dia em que morreu, ela morreu com um plano para salvar o Restabelecimento, porque havia dedicado sua vida a essa causa. Era isso, — ele diz, cutucando minha ferida. — Vocês.

"Você e sua irmã. Vocês eram o trabalho da vida dela, e ela não estava prestes a deixar tudo em chamas sem lutar."

Eu não entendo, eu tento dizer.

— Eu sei que você não entende, — diz ele. — Claro que você não entende. Você nunca herdou a genialidade de sua mãe, não é? Você nunca teve a mente dela. Não, você só foi concebida para ser uma ferramenta, desde o início. Então, aqui está tudo o que você precisa entender: agora você pertence a mim.

— Não, — eu suspiro. Luto inutilmente contra as restrições. — Não...

Sinto a picada e o fogo ao mesmo tempo. Anderson me pegou com algo, algo que brilha através de mim com uma dor tão insuportável que meu coração mal se lembra de bater. Minha pele começa a suar. Meu cabelo começa a grudar no meu rosto. Sinto-me ao mesmo tempo paralisada e como se estivesse caindo, caindo livremente, afundando nas profundezas mais frias do inferno.

Emmaline, Eu choro.

Minhas pálpebras tremem. Eu vejo Anderson, flashes de Anderson, seus olhos escuros e perturbados. Ele olha para mim como se ele finalmente me tivesse exatamente onde ele me quer, onde ele sempre me quis, e percebo então, sem entender por que, exatamente, que ele está animado. Eu sinto sua felicidade. Eu não sei como eu sei. Eu posso dizer pelo jeito que ele está, do jeito que ele parece. Ele está se sentindo alegre.

Isso me aterroriza.

Meu corpo faz outro esforço para se mover, mas a ação é inútil. Não há sentido em me mover, não há sentido lutar.

Algo me diz que acabou.

Eu perdi

Eu perdi a batalha e a guerra. Eu perdi o garoto. Eu perdi meus amigos. Eu perdi minha vontade de viver, a voz me diz.

E então eu entendo: Anderson está na minha cabeça.

Meus olhos não estão abertos. Meus olhos podem nunca mais se abrir. Onde quer que eu esteja não está no meu controle. Eu pertenço a Anderson agora. Eu pertenço ao Restabelecimento, onde sempre pertenci, *onde você sempre pertenceu*, ele me diz, *onde permanecerá para sempre. Estou esperando esse momento há muito, muito tempo*, ele me diz, *e agora, finalmente, não há nada que você possa fazer sobre isso.*

Nada.

Mesmo assim, eu não entendo. Não imediatamente. Não entendo nem ao ouvir as máquinas roncarem. Eu não entendo, mesmo quando vejo o flash de luz atrás das minhas pálpebras. Eu ouço minha própria respiração, alta e estranha e reverberando em meu crânio. Eu posso sentir minhas mãos tremendo. Eu posso sentir o metal afundando na carne macia do meu corpo. Estou aqui, amarrada ao aço contra a minha vontade e não há ninguém para me salvar.

Emmaline, eu choro.

Um sussurro de calor se move através de mim em resposta, um sussurro tão sutil, tão rapidamente extinto, que temo ter imaginado.

Emmaline está quase morta, diz Anderson. *Emmaline está quase morta*, diz Anderson. *Depois que o corpo dela for removido do tanque, você a substituirá. Até lá, é onde você vai morar. Até lá, é aqui que você existirá. É para isso que você sempre foi destinada*,, ele me diz

Isso é tudo que você sempre será.

12. KENJI

Ninguém veio ao funeral.

Demorou dois dias para enterrar todos os corpos. Castle cansou sua mente ao ponto de quase adoecer, escavando tanta sujeira. O resto de nós usou pás. Mas não havia muitos de nós para fazer o trabalho naquele momento, e não há o suficiente para assistir a um funeral agora.

Ainda assim, estou sentado aqui ao amanhecer, empoleirado no topo de uma pedra, sentado no alto do vale onde enterramos nossos amigos. Companheiros de equipe. Meu braço esquerdo está em uma tipóia, minha cabeça dói como o inferno, meu coração está permanentemente quebrado.

Eu estou bem, de outra forma.

Alia vem atrás de mim, tão quieta que eu quase nem a noto. Eu quase *nunca* a noto.

Mas agora há muito poucos corpos para ela se esconder por trás deles. Eu me movo na rocha e ela se senta ao meu lado, nós dois olhando para o mar de túmulos abaixo. Ela está segurando dois dentes de leão. Oferece um para mim. Eu o pego.

Juntos, deixamos cair as flores, observando como elas flutuam suavemente no abismo.

Alia suspira.

— Você está bem? — Eu pergunto a ela.

— Não.

— Sim. — Eu concordo.

Segundos se passam. Uma brisa suave empurra o cabelo para fora do meu rosto. Eu olho diretamente para o sol recém-nascido, desafiando-o a queimar meus olhos.

— Kenji?

— Sim?

— Onde está Adam?

Balanço a cabeça. Dou de ombros.

— Você acha que vamos encontrá-lo? — ela pergunta, sua voz praticamente um sussurro.

Eu olho para cima.

Há um desejo lá – algo mais que preocupação geral em seu tom. Eu me viro completamente para encontrar seus olhos, mas ela não olha para mim.

Ela está repentinamente corando.

— Eu não sei, — eu digo a ela. — Acredito que sim.

— Eu também, — ela diz suavemente.

Ela descansa a cabeça no meu ombro. Nós olhamos para longe. Deixamos o silêncio devorar nossos corpos.

— Você fez um trabalho incrível, a propósito. — Eu aceno para o vale abaixo. — Isso é lindo.

Alia realmente se superou. Ela e Winston.

Os monumentos que eles projetaram são simples e elegantes, feitos de pedra originária da própria terra.

E há dois.

Um pelas vidas perdidas aqui, no Santuário, dois dias atrás. O outro pelas vidas perdidas *lá*, no Ponto Ômega, dois meses atrás. A lista de nomes é longa. A injustiça de

tudo ruge através de mim.

Alia pega minha mão. Aperta.

Eu percebo que estou chorando.

Eu me afasto, me sentindo idiota, e Alia me solta, me dá espaço para me recuperar. Eu limpo meus olhos com força excessiva, com raiva de mim mesmo por desmoronar. Irritado comigo mesmo por estar decepcionado. Irritado comigo mesmo por sempre ter esperança.

Perdemos J.

Não temos certeza exatamente como isso aconteceu. Warner está praticamente em coma desde aquele dia, e obter informações dele é quase impossível. Mas parece que realmente nunca tivemos uma chance, no final. Um dos homens de Anderson tinha a capacidade sobrenatural de se clonar, e demoramos muito tempo para descobrir. Não podíamos entender por que a defesa deles de repente dobrava e triplicava, justo quando pensávamos que as estávamos desgastando. Mas acontece que Anderson tinha um suprimento inesgotável de soldados

fictícios. Warner não conseguiu lidar com isso. Era a única coisa que ele falava repetidamente...

Eu deveria saber, eu deveria saber

...e apesar do fato de Warner estar se matando pelo descuido, Castle diz que foi justamente por causa de Warner que qualquer um de nós ainda está vivo.

Não deveria haver *nenhum* sobrevivente. Esse foi o decreto de Anderson. A ordem que ele deu depois que eu caí.

Warner descobriu o truque bem a tempo.

Sua capacidade de aproveitar os poderes do soldado e usá-lo contra ele era nossa única graça salvadora, aparentemente, e quando o cara percebeu que ele tinha uma concorrência, ele pegou o que podia obter e fugiu.

O que significa que ele conseguiu prender Haider e Stephan inconscientes. Isso significa que Anderson escapou.

E J, é claro.

Isso significa que eles pegaram J.

— Devemos voltar? — Alia diz calmamente. — Castle estava acordado quando saí. Ele disse que queria falar com você.

— Sim. — Eu aceno, me levantando. Me recompondo. — Alguma atualização sobre James, a propósito? Ele já está liberado para receber visitas?

Alia balança a cabeça. Também se levanta. — Ainda não, — diz ela. — Mas ele estará acordado em breve. As meninas estão otimistas. Entre os poderes de cura dele e os delas, elas têm certeza de que serão capazes de fazê-lo passar por isso.

— Sim, — eu digo, respirando fundo. — Tenho certeza que você está certa.

Mentira.

Não tenho certeza de nada.

Os destroços deixados na sequência do ataque de Anderson deixaram todos nós para baixo. Sonya e Sara estão trabalhando o tempo todo. Sam ficou gravemente ferida.

Nazeera ainda está inconsciente. Castle está fraco. Centenas de outros estão tentando se curar.

Uma séria escuridão desceu sobre todos nós.

Lutamos muito, mas levamos muitos golpes. Éramos muito poucos para começar. Havia tanta coisa que qualquer um de nós poderia fazer.

Essas são as coisas que continuo dizendo a mim mesmo.

Começamos a andar.

— Isso parece pior, não é? — Alia diz. — Pior que da última vez. — Ela para, de repente, e eu a sigo, estudando a cena diante de nós. Os prédios destruídos, os detritos ao longo dos caminhos. Fizemos o possível para limpar o pior, mas se eu olhar no lugar errado na hora errada, ainda encontro sangue nos galhos das árvores quebrados. Estilhaços de vidro.

— Sim, — eu digo. — De alguma forma, isso é muito pior.

Talvez porque as apostas fossem mais altas. Talvez porque nunca perdemos J antes.

Talvez porque eu nunca vi Warner tão perdido ou quebrado. Um Warner zangado era melhor que isso. Pelo menos, Warner zangado ainda tinha alguma luta restante dentro de si.

Alia e eu nos separamos quando entramos na tenda de jantar. Ela está oferecendo seu tempo como voluntária, indo de maca em maca para verificar as pessoas, oferecendo comida e água sempre que necessário, e essa tenda de jantar é atualmente o seu local de trabalho. O enorme espaço foi transformado em uma espécie de lar convalescente. Sonya e Sara estão priorizando ferimentos graves; ferimentos leves estão sendo tratados da maneira tradicional, pelo que resta da equipe original de médicos e enfermeiros. Esta sala está empilhada, de ponta a ponta, com aqueles de nós que estão curando ferimentos leves ou descansando após uma intervenção importante.

Nazeera está aqui, mas ela está dormindo.

Sento-me em um assento ao lado de sua cama, checando-a do jeito que faço a cada hora. Nada mudou. Ela ainda está deitada aqui, ainda como pedra, a única prova de vida vinda de um monitor próximo e os movimentos suaves de sua respiração. O ferimento dela era muito pior que o meu. As meninas dizem que ela vai ficar bem, mas pensam que ela estará dormindo até pelo menos amanhã. Mesmo assim, me mata olhar para ela. Observar essa garota cair foi uma das coisas mais difíceis que já tive de testemunhar.

Eu suspiro, arrastando uma mão pelo meu rosto. Ainda me sinto uma merda, mas pelo menos estou acordado. Poucos de nós estão.

Warner é um deles.

Ele ainda está coberto de sangue seco, recusando-se a ser ajudado. Ele está consciente, mas está deitado de costas, encarando o teto desde o dia em que foi arrastado até aqui. Se eu não soubesse melhor, pensaria que ele era um cadáver. Eu tenho o verificado também, de vez em quando – certificando-me de que eu

peguei aquela subida e queda suave de seu peito – apenas para ter certeza de que ele ainda está respirando.

Eu acho que ele está em choque.

Aparentemente, uma vez que ele percebeu que J se foi, ele rasgou os soldados restantes em pedaços com as próprias mãos.

Aparentemente.

É claro que não compro essa, porque a história soa um pouco à esquerda do que considero credível, mas, então, tenho ouvido todo tipo de merda sobre Warner nos últimos dias. Ele deixou de ser apenas relativamente consequente para se tornar genuinamente aterrorizante e assumir o status de super-herói – em trinta e seis horas. Em uma reviravolta na história que eu nunca poderia ter esperado, as pessoas aqui estão subitamente obcecadas por ele.

Eles acham que ele salvou nossas vidas.

Um dos voluntários que verificou meu ferimento ontem me disse que ouviu alguém dizer que viu Warner arrancar uma árvore inteira com apenas uma mão.

Tradução: Ele provavelmente quebrou um galho de árvore.

Outra pessoa me disse que ouvira de um amigo que uma garota o vira salvar um grupo de crianças do fogo amigo.

Tradução: Ele provavelmente jogou um monte de crianças no chão.

Outra pessoa me disse que Warner havia assassinado sozinho quase todos os soldados supremos.

Tradução...

Ok, esse último é meio que verdade.

Mas sei que Warner não estava tentando fazer um favor a ninguém aqui. Ele não dá a mínima para ser um herói.

Ele estava apenas tentando salvar a vida de J.

— Você deveria falar com ele, — diz Castle, e eu me assusto tanto que ele dá um pulo para trás, surtando por um segundo também.

— Desculpe, senhor, — eu digo, tentando diminuir minha frequência cardíaca. — Eu não vi você aí.

— Está tudo bem, — diz Castle. Ele está sorrindo, mas seus olhos estão tristes. Exaustos. — Como vai você?

— Tão bem quanto se pode esperar, — digo. — Como está Sam?

— Tão bem quanto se pode esperar, — diz ele. — Nouria está lutando, é claro, mas Sam deve conseguir se recuperar totalmente. As meninas dizem que era principalmente uma ferida de carne. Seu crânio estava fraturado, mas elas estão

confiantes de que podem recuperá-lo quase do jeito que era. — Ele suspira. — Elas ficarão bem, as duas. Com o tempo.

Eu o estudo por um momento, de repente o vendo como nunca o vi antes: Velho.

Os dreads de Castle estão desamarrados, pairando soltos em seu rosto, e algo sobre o rompimento de seu estilo habitual – dreads amarrados ordenadamente na base de seu pescoço – me faz perceber coisas que eu nunca tinha visto antes. Novos cabelos grisalhos.

Novas rugas ao redor dos olhos, da testa. Leva um pouco mais de tempo para se endireitar como costumava fazer. Ele parece cansado. Parece que ele foi chutado muitas vezes.

Como o resto de nós.

— Eu odeio que isso seja o que parece ter conquistado a distância entre nós, — diz ele após um período de silêncio. — Mas agora Nouria e eu, os dois líderes da resistência, sofremos grandes perdas. A coisa toda foi difícil para ela, assim como foi para mim. Ela precisa de mais tempo para se recuperar.

Eu respiro fundo.

Até a menção daquele tempo sombrio inspira uma dor no meu coração. Não me permito pensar muito na casca de uma pessoa que Castle se tornou depois que perdemos o Ponto Ômega. Se o fizer, os sentimentos me dominam tão completamente que eu me afundo direto na raiva. Eu sei que ele estava sofrendo. Eu sei que havia muita coisa acontecendo.

Eu sei que foi difícil para todos. Mas para mim, perder Castle assim – ainda que temporariamente – era pior do que perder todo mundo. Eu precisava dele, e parecia que ele havia me abandonado.

— Eu não sei, — eu digo, limpando a garganta. — Não é realmente a mesma coisa, é? O que perdemos – quero dizer, perdemos literalmente tudo no atentado. Não apenas nosso pessoal e nossa casa, mas anos de pesquisa. Equipamento inestimável. Tesouros pessoais. — Eu hesito, tento ser delicado. — Nouria e Sam perderam apenas metade do seu povo, e sua base ainda está de pé. Essa perda não é tão grande.

Castle se vira, surpreso.

— Não é como se fosse uma competição.

— Eu sei disso, — eu digo. — É só que...

— E eu não gostaria que minha filha conhecesse o tipo de sofrimento que experimentamos. Você não tem ideia da profundidade do que ela já sofreu em

seus poucos anos de vida. Ela certamente não precisa sentir mais dor para merecer sua compaixão.

— Eu não quis dizer isso, — eu digo rapidamente, balançando a cabeça. — Eu só estou tentando apontar que...

— Você já viu James?

Eu olho para ele, minha boca ainda formando uma palavra não dita. Castle mudou de assunto tão rapidamente que quase me deu chicotadas. Isso não é do feitio dele. Isso não é do *nosso* feitio.

Castle e eu nunca tivemos problemas para conversar. Nunca evitamos tópicos difíceis e conversas confidenciais. Mas as coisas estão afundando há um tempo agora, se estou sendo honesto. Talvez desde que eu percebi que Castle estava mentindo para mim, todos esses anos, sobre J. Talvez eu tenha sido um pouco menos respeitoso ultimamente. Linhas cruzadas. Talvez toda essa tensão esteja vindo de mim – talvez seja eu quem o empurre sem perceber.

Eu não sei.

Eu quero consertar o que está acontecendo entre nós, mas agora, estou muito confuso.

Entre J e Warner e James e Nazeera inconsciente – Minha cabeça está em um lugar tão estranho que não tenho certeza se tenho capacidade mental para muito mais.

Então eu deixei pra lá.

— Não, eu não vi James, — eu digo, tentando parecer otimista. — Ainda esperando a luz verde. — A última vez que verifiquei, James estava na tenda médica com Sonya e Sara.

James tem suas próprias habilidades de cura, então ele deve estar bem, fisicamente – eu sei disso – mas ele passou por muita coisa ultimamente. As meninas queriam ter certeza de que ele estava completamente descansado, alimentado e hidratado antes que ele tivesse visitas.

Castle assente.

— Warner se foi, — diz ele depois de um momento, um argumento *non sequitur*^{*}, se é que houve algum.

— O que? Não, eu apenas o vi. Ele... — Eu me interrompo quando olho para cima, esperando encontrar a visão familiar dele deitado em sua cama como uma carcaça. Mas Castle está certo. Ele se foi.

Eu viro minha cabeça, vasculhando a sala em busca de sua figura em retirada. Eu não vejo nada.

— Eu ainda acho que você deveria falar com ele, — diz Castle, retornando à sua declaração de abertura.

Eu me arrepio.

— Você é o adulto, — eu indico. — Foi você quem quis que ele se refugiasse entre nós. Você é quem acreditou que ele poderia mudar. Talvez você deva falar com ele.

— Não é disso que ele precisa, e você sabe disso. — Castle suspira. Olha pela sala. — Por que todo mundo tem tanto medo dele? Por que *você* tem tanto medo dele?

— Eu? — Meus olhos se arregalam. — Não tenho medo dele. Ou, seja como for, não sou o único com medo dele. Embora sejamos realistas, — murmuro — qualquer pessoa com duas células cerebrais para se esfregar deve ter medo dele.

Castle levanta uma sobrancelha.

— Exceto você, é claro, — acrescento apressadamente. — Que razão você teria para ter medo do Warner? Ele é um cara tão legal. Adora crianças. Grande conversador. Ah, e bônus: ele não mata mais pessoas profissionalmente. Não, agora matar pessoas é apenas um hobby gratificante.

Castle suspira, visivelmente irritado.

Eu sorrio. — Senhor, tudo o que estou dizendo é que realmente não o conhecemos, certo? Quando Juliette estava por perto...

— Ella. O nome dela é Ella.

— Uh-huh. Quando ela estava por perto, Warner era tolerável. Pouco. Mas agora ela não está por perto, e ele está agindo como o cara que eu lembro quando me alistei, o cara que ele era quando estava trabalhando para o pai e dirigindo o Setor 45. Que razão ele tem para ser leal ou gentil com o resto de nós?

Castle abre sua boca para responder, mas só então chega a minha salvação: almoço.

Um voluntário sorridente aparece, distribuindo saladas simples em tigelas de papel alumínio. Eu tomo a comida oferecida e talheres de plástico com um super entusiasmado *obrigado*, e rasgo imediatamente a tampa do recipiente.

— Warner recebeu um duro golpe, — diz Castle. — Ele precisa de nós agora mais do que nunca.

Olho para Castle. Coloco uma garfada de salada na minha boca. Mastigo devagar, ainda decidindo como responder, quando me distraio com o movimento a distância.

Eu levanto os olhos.

Brendan, Winston, Ian e Lily estão no canto, reunidos em torno de uma pequena mesa improvisada, todos segurando tigelas de papéllalumínio. Eles estão acenando para nós.

Faço um gesto com uma garfada de salada. Falo com minha boca cheia.

— Você quer se juntar a nós?

Castle suspira quando ele se levanta, alisando rugas invisíveis em suas calças pretas.

Olho para a figura adormecida de Nazeera enquanto junto minhas coisas. Eu sei, racionalmente, que ela vai ficar bem, mas ela está se recuperando de um golpe no peito – não muito diferente de J uma vez – e dói vê-la tão vulnerável. Especialmente para uma garota que uma vez riu na minha cara com a perspectiva de ser dominada.

Isso me assusta.

— Você vem? — Castle diz, olhando por cima do ombro. Ele já está a alguns passos de distância, e eu não sei há quanto tempo estou parado aqui, olhando para Nazeera.

— Oh, sim, — eu digo. — Bem atrás de você.

No minuto em que nos sentamos à mesa deles, sei que algo está errado. Brendan e Winston estão sentados rigidamente, lado a lado, e Ian não faz mais do que olhar para mim quando me sento. Acho essa recepção especialmente estranha, considerando o fato de que *eles* me chamaram. Você pensaria que eles ficariam felizes em me ver.

Depois de alguns minutos de silêncio desconfortável, Castle fala. — Eu estava apenas dizendo a Kenji, — diz ele, — que ele deveria conversar com Warner.

Brendan olha para cima.

— Essa é uma ótima ideia.

Eu atiro a ele um olhar sombrio.

— Não, sério — diz ele, escolhendo cuidadosamente um pedaço de batata para comer.

Espere – onde eles conseguiram batatas? Tudo o que consegui foi salada. — Alguém definitivamente precisa falar com ele.

— *Alguém* definitivamente precisa, — eu digo, irritado. Eu estreito meus olhos para as batatas de Brendan. — Onde você conseguiu isso?

— Isso é exatamente o que eles me deram, — diz Brendan, olhando surpreso. — Claro, estou feliz em compartilhar.

Eu me movo rapidamente, pulando da minha cadeira para arrancar um pedaço de batata da tigela. Enfio o pedaço inteiro na boca antes mesmo de me

sentar e ainda estou mastigando quando agradeço a ele.

Ele parece um pouco repugnado.

Acho que sou um homem das cavernas quando Warner não está por perto para me manter decente.

— De qualquer forma, Castle está certo, — diz Lily. — Você deveria falar com ele, e logo. Acho que ele é meio que um canhão armado agora.

Eu apunhalo um pedaço de alface, reviro os olhos. — Posso talvez almoçar antes que todo mundo comece a pular na minha garganta? Esta é a primeira refeição de verdade que tenho desde que levei um tiro.

— Ninguém está pulando na sua garganta. — Castle faz uma carranca. — E eu achei que Nouria tivesse dito que o horário normal de jantar voltou a vigorar ontem de manhã.

— Voltou — eu digo.

— Mas você levou um tiro três dias atrás, — diz Winston. — O que significa...

— Tudo bem, tudo bem, acalmem-se, Detetive Winston. Podemos mudar de assunto, por favor? — Eu dou outra mordida na alface. — Eu não gosto desse.

Brendan pausa a faca e o garfo. Com força.

Eu me endireito.

— Vá falar com ele, — ele diz novamente, desta vez com um ar de finalidade que me surpreende.

Eu engulo minha comida. Muito rápido. Quase engasgo.

— Estou falando sério, — diz Brendan, franzindo a testa enquanto eu tusso um pulmão.

— Este é um tempo miserável para todos nós, e você tem mais conexão com ele do que qualquer outra pessoa aqui. O que significa que você tem uma responsabilidade moral de descobrir o que ele está pensando.

— Uma responsabilidade moral? — Minha tosse se transforma em uma risada.

— Sim. Uma responsabilidade moral. E Winston concorda comigo.

Levanto os olhos, erguendo as sobrancelhas para Winston.

— Eu aposto que sim. Aposto que Winston concorda com você o tempo todo.

Winston ajusta os óculos. Ele apunhala cegamente a comida e murmura: "Eu te odeio" baixinho.

— Oh sim? — Faço um gesto entre Winston e Brendan com o garfo. — Que diabos está acontecendo aqui? Essa energia é super estranha.

Quando ninguém me responde, chuto Winston debaixo da mesa. Ele se vira, murmurando besteiras antes de dar um longo gole no copo d'água.

— Ok, — eu digo devagar. Pego meu próprio copo de água. Tomo um gole. — Sério. O que está acontecendo? Vocês dois estão brincando com os pés embaixo da mesa ou algo assim?

Winston fica totalmente vermelho.

Brendan pega seus utensílios e, olhando para o prato, diz:

— Vá em frente. Diga à ele.

— Me dizer o quê? — Eu digo, olhando entre os dois. Quando ninguém responde, olho para Ian como, *que diabos?*

Ian apenas encolhe os ombros.

Ian está mais quieto que o normal. Ele e Lily estão passando muito mais tempo juntos ultimamente, o que é compreensível, mas isso também significa que eu realmente não o vi muito nos últimos dias.

Castle de repente se levanta.

Ele me dá um tapinha nas costas.

— Fale com o Sr. Warner, — diz ele. — Ele está vulnerável agora e precisa de seus amigos.

— Você está...? — Faço um show olhando em volta, por cima dos ombros. — Sinto muito, a quais amigos você está se referindo? Porque, até onde eu sei, Warner não tem nenhum.

Castle estreita os olhos para mim. — Não faça isso, — diz ele. — Não negue sua própria inteligência emocional em favor de pequenas queixas. Você sabe mais. Você é mais do que isso. Se você se importa com ele, sacrificará seu orgulho para alcançá-lo. Para verificar se ele está bem.

— Por que você tem que parecer tão dramático? — Eu digo, olhando para longe. — Não é grande coisa. Ele sobreviverá.

Castle descansa a mão no meu ombro. Obrigá-me a encontrar seus olhos.

— Não, — ele diz para mim. — Pode ser que não.

Espero até Castle sair antes de finalmente largar o garfo. Estou irritado, mas sei que ele está certo. Eu murmuro um adeus geral para meus amigos enquanto me afasto da mesa, mas não antes de notar Brendan sorrindo triunfante em minha direção. Estou prestes a lhe dar uma merda por isso, mas noto, com um sobressalto, que Winston ficou com um tom de rosa tão magnífico que você provavelmente poderia vê-lo do espaço.

E aí está: Brendan está segurando a mão de Winston embaixo da mesa.

Eu suspiro audivelmente.

— Cale a boca, — diz Winston. — Eu não quero ouvir isso.

Meu entusiasmo murcha. — Você não quer me ouvir dizer parabéns?

— Não, eu não quero ouvir você dizer *eu te disse*.

— Sim, mas eu te disse, não disse? — Uma onda de felicidade se move através de mim, conjurando um sorriso. Eu não sabia que ainda tinha isso em mim.

Alegria.

— Estou tão feliz por vocês, — eu digo. — Verdadeiramente. Vocês acabaram de deixar esse dia de merda muito melhor.

Winston olha para cima, desconfiado. Mas Brendan sorri para mim.

Eu aponto um dedo na direção deles. — Mas se vocês se transformarem nos clones de Adam e Juliette, eu juro por Deus que vou perder a cabeça.

Os olhos de Brendan se arregalam. Winston fica roxo.

— Estou brincando! — Eu digo. — Estou apenas brincando! Obviamente, estou super feliz por vocês dois! — Depois de uma batida, eu limpo minha garganta. — Não, mas é sério, no entanto.

— Foda-se, Kenji.

— Sim. — Eu disparo uma arma com os dedos para Winston. — Você conseguiu.

— *Kenji*, — ouço Castle chamar. — Olha a boca.

Eu giro, surpreso. Eu pensei que Castle tinha saído. — Não fui eu! — Eu grito de volta.

— Pela primeira vez, eu juro, não fui eu!

Vejo apenas as costas de Castle quando ele se afasta, mas de alguma forma, posso dizer que ele ainda está irritado.

Balanço a cabeça. Não consigo parar de sorrir.

É hora de se reagrupar.

Pegar as peças. Continuar. Encontrar J. Encontrar Adam. Derrubar o Restabelecimento, de uma vez por todas. E a verdade é: vamos precisar da ajuda de Warner. O que significa que Castle está certo, preciso falar com Warner. Merda.

Olho para meus amigos.

Lily está com a cabeça no ombro de Ian e ele está tentando esconder o sorriso. Winston me ignora, mas ele está rindo. Brendan coloca outro pedaço de batata na boca e me manda embora.

— Vá em frente, então.

— Tudo bem, tudo bem, — eu digo. Mas quando estou prestes a dar os passos necessários, sou salvo novamente.

Alia vem correndo em minha direção, com o rosto iluminado por uma expressão de felicidade que raramente vejo nela. É transformador. Inferno, ela está brilhando. É fácil perder o rastro de Alia, que é quieta em voz e presença. Mas quando ela sorri assim...

Ela é linda.

— James está acordado, — diz ela, quase sem fôlego. Ela está apertando meu braço com tanta força que está cortando minha circulação.

Eu não ligo.

Eu estava carregando essa tensão há quase duas semanas. Preocupando-me todo esse tempo, com James e se ele estava bem. Quando o vi pela primeira vez no outro dia, amarrado e amordaçado por Anderson, senti meus joelhos doerem. Não tínhamos ideia de como ele estava ou que tipo de trauma ele sofreu. Mas se as meninas estão deixando que ele tenha visitas...

Isso tem que ser um bom sinal.

Agradeço em silêncio a quem estiver ouvindo. Mãe. Papai. Fantasmas. Sou grato.

Alia está me arrastando pelo corredor, e mesmo que seu esforço físico não seja necessário, eu a deixo fazê-lo. Ela parece tão animada que não tenho coragem de detê-la.

— James está oficialmente pronto para receber visitantes, — diz ela, — e ele pediu para ver *você*.

*N.T.: *Non sequitur* é uma expressão em língua latina que designa a falácia lógica na qual a conclusão não decorre das premissas.

13. ELLA

JULIETTE

Quando acordo, estou com frio.

Eu me visto no escuro, vestindo roupas de frio e botas polidas. Eu puxo meu cabelo para trás em um rabo de cavalo apertado e realizo uma série de lavagens eficientes na pequena pia da minha câmara.

Dentes escovados. Rosto lavado.

Após três dias de treinamento rigoroso, fui selecionada como candidata a soldado supremo, honrada com a perspectiva de servir nosso comandante norte-americano. Hoje é minha oportunidade de provar que mereço a posição.

Amarro minhas botas, atando-as duas vezes.

Satisfeita, puxo a trava de liberação. A fechadura exala quando se abre, e a costura ao redor da minha porta deixa passar um anel de luz que corta diretamente minha visão. Eu me afasto do brilho apenas para encontrar meu próprio reflexo em um pequeno espelho acima da pia. Eu pisco, focando.

Pele pálida, cabelos escuros, olhos estranhos.

Eu pisco novamente.

Um flash de luz chama minha atenção no espelho. Eu viro. O monitor adjacente ao meu pod de sono ficou escuro a noite toda, mas agora pisca com as informações:

Juliette Ferrars, relatório

Juliette Ferrars, relatório

Minha mão vibra.

Olho para baixo, com a palma para cima, enquanto uma suave luz azul brilha através da pele fina do meu pulso.

relatório

Eu abro a porta.

O ar fresco da manhã entra correndo, estremecendo contra meu rosto. O sol ainda está nascendo. A luz dourada banha tudo, distorcendo brevemente minha visão. Os pássaros cantam enquanto eu subo o lado da colina íngreme que protege minha câmara particular contra os ventos uivantes. Eu me puxo para o limite.

Imediatamente, localizo o complexo à distância.

Montanhas cambaleiam no céu. Um enorme lago brilha nas proximidades. Eu empurro contra emaranhados de rajadas de vento selvagens e ferozes enquanto caminho em direção à base. Por nenhuma razão, uma borboleta pousa no meu ombro.

Eu paro.

Eu tiro o inseto da minha camisa, apertando suas asas entre os dedos. Ele vibra desesperadamente enquanto eu o estudo, examinando seu corpo hediondo enquanto eu o viro na minha mão. Lentamente, eu aumento a intensidade do meu toque, e suas vibrações ficam mais desesperadas, asas batendo contra a minha pele.

Eu pisco. A borboleta se contorce.

Um zumbido baixo sai de seu corpo de inseto, um zumbido suave que passa por um grito. Espero pacientemente que a criatura morra, mas ela só bate mais forte as asas, resistindo ao inevitável. Irritada, fecho meus dedos, esmagando-a no meu punho. Limpo seus restos contra um caule coberto de trigo e musgo.

É dia 5 de maio.

Tecnicamente, esse é o clima de outono na Oceania, mas as temperaturas são irregulares e inconsistentes. Hoje, os ventos estão particularmente zangados, o que torna tudo excepcionalmente frio. Meu nariz fica entorpecido enquanto eu caminho pelo campo; quando encontro uma insignificante inclinação da luz solar, eu me inclino para dentro dela, aquecendo sob seus raios. Todas as manhãs e noites, faço essa caminhada de três quilômetros até a base. Meu comandante diz que é necessário.

Ele não explicou o porquê.

Quando finalmente chego à sede, o sol mudou no céu. Olho para a estrela que está morrendo enquanto abro a porta da frente e, no momento em que passo pela

entrada, sou atacada pelo cheiro de café queimado. Silenciosamente, ando pelo corredor, ignorando os sons e olhares dos trabalhadores e soldados armados.

Uma vez fora de seu escritório, eu paro. Faltam apenas alguns segundos para a porta se abrir.

O comandante supremo Anderson olha para mim de sua mesa.

Ele sorri.

Eu o saúdo.

— Entre, soldado.

Eu entro.

— Como você está se ajustando? — ele diz, fechando uma pasta em sua mesa. Ele não me pede para sentar. — Faz alguns dias desde a sua transferência do 241.

— Sim, senhor.

— E? — Ele se inclina para frente e aperta as mãos na frente dele. — Como você está se sentindo?

— Senhor?

Ele inclina a cabeça para mim. Pega uma caneca de café. O cheiro acre do líquido escuro queima meu nariz. Eu o vejo tomar um gole e a ação simples evoca uma emoção dentro de mim. Sinto uma pressão contra minha mente em flashes de memória: uma cama, um suéter verde, um par de óculos escuros, depois nada. Pedra falhando ao acender uma chama.

— Você está sentindo falta da sua família? — ele pergunta.

— Eu não tenho família, senhor.

— Amigos? Um namorado?

Uma vaga irritação surge dentro de mim; Eu empurro para o lado.

— Nenhum, senhor.

Ele relaxa na cadeira, seu sorriso cada vez mais amplo.

— É melhor assim, é claro. Mais fácil.

— Sim, senhor.

Ele se levanta.

— Seu trabalho nos últimos dias tem sido notável. Seu treinamento teve mais sucesso do que esperávamos. — Ele olha para mim então, esperando por uma reação.

Eu apenas o encaro.

Ele toma outro gole de café antes de pousar a xícara ao lado de uma pilha de papéis. Ele anda pela mesa e fica na minha frente, avaliando. Um passo mais perto e o cheiro de café me domina. Inspiro o aroma amargo e peculiar que

inunda meus sentidos, deixando-me vagamente enjoada. Ainda assim, eu olho para frente.

Quanto mais ele se aproxima, mais consciente dele me torno.

Sua presença física é sólida. Categoricamente masculina. Ele é uma parede de músculos diante de mim, e nem o traje que ele veste pode esconder as curvas sutis e esculpidas de seus braços e pernas. Seu rosto está duro, a linha de sua mandíbula tão afiada que eu posso vê-la mesmo fora de foco. Ele cheira a café e algo mais, algo limpo e perfumado. É inesperadamente agradável; enche minha cabeça.

— Juliette — diz ele.

Uma agulha de inquietação penetra minha mente. É mais do que incomum que o comandante supremo me chame pelo meu primeiro nome.

— Olhe para mim.

Eu obedeço, levantando minha cabeça para encontrar seus olhos.

Ele olha para mim, sua expressão ardente. Seus olhos são de um estranho tom de azul, e há algo nele – sua testa pesada, seu nariz afiado – que desperta sentimentos antigos dentro do meu peito. O silêncio se reúne ao nosso redor, curiosidades não reveladas nos unindo. Ele procura meu rosto por tanto tempo que eu começo a procurá-lo também. De alguma forma eu sei que isso é raro; que talvez ele nunca mais me dê a oportunidade de olhar para ele assim.

Eu aproveito isso.

Eu catalogo as linhas fracas que vincam sua testa, as explosões de estrelas ao redor de seus olhos. Estou tão perto que posso ver a fibra de sua pele, áspera, mas ainda não como couro, seu barbear mais recente evidenciado em um corte microscópico na base de sua mandíbula. Seu cabelo castanho é cheio e grosso, as maçãs do rosto altas e os lábios um tom de rosa escuro.

Ele toca um dedo no meu queixo, levanta meu rosto.

— Sua beleza é excessiva, — diz ele. — Eu não sei o que sua mãe estava pensando.

Surpresa e confusão surgem através de mim, mas atualmente não me ocorre ter medo. Eu não me sinto ameaçada por ele. Suas palavras parecem superficiais. Quando ele fala, vislumbro uma pequena lasca no incisivo inferior.

— Hoje, — diz ele. — As coisas vão mudar. Você vai me acompanhar daqui por diante. Seu dever é proteger e servir meus interesses, e somente os meus.

— Sim, senhor.

Seus lábios se curvam, apenas um pouco. Há algo por trás dos olhos dele, algo mais, algo mais.

— Você entende, — diz ele, — que você me pertence agora.

— Sim, senhor.

— Minhas regras são sua lei. Você não obedecerá a nenhum outro.

— Sim, senhor.

Ele dá um passo à frente. Suas íris são tão azuis. Uma mecha de cabelo escuro se curva em seus olhos.

— Eu sou seu mestre, — diz ele.

— Sim, senhor.

Ele está tão perto que posso sentir sua respiração contra a minha pele. Café e menta e algo mais, algo sutil, fermentado. Álcool, eu percebo.

Ele dá um passo para trás.

— Fique de joelhos.

Eu olho para ele, congelada. O comando foi claro o suficiente, mas parece um erro.

— Senhor?

— De joelhos, soldado. Agora.

Cuidadosamente, eu o faço. O chão é duro e frio e meu uniforme é rígido demais para tornar essa posição confortável. Ainda assim, eu permaneço de joelhos por tanto tempo que uma aranha curiosa corre para frente, me olhando por baixo de uma cadeira. Olho para as botas polidas de Anderson, as curvas musculosas de suas panturrilhas perceptíveis até pelas calças. O chão cheira a alvejante, limão e poeira.

Quando ele me ordena, eu olho para cima.

— Agora diga — ele diz suavemente.

Eu pisco para ele.

— Senhor?

— Diga-me que eu sou seu mestre.

Minha mente fica em branco.

Uma sensação quente e maçante toma conta de mim, uma paralisia que bloqueia minha língua e congela minha mente. O medo impulsiona através de mim, me afogando, e eu luto para quebrar a superfície, arranhando meu caminho de volta ao momento.

Eu encontro seus olhos.

— Você é meu mestre — eu digo.

Seu sorriso duro se dobra, se curva. A alegria pega fogo nos olhos dele.

— Bom — ele diz suavemente. — Muito bom. Que estranho você já ser minha favorita.

14. KENJI

Eu paro na porta.

Warner está aqui.

Warner e James, juntos.

James recebeu sua própria seção particular na TM - que é normalmente cheia e apertada - e os dois estão aqui, Warner sentado em uma cadeira ao lado da cama de James, James apoiado em uma pilha de travesseiros. Estou tão aliviado por vê-lo parecendo bem. Seu cabelo loiro sujo é um pouco longo demais, mas seus olhos claros e luminosos estão abertos e animados. Ainda assim, ele parece um pouco cansado, o que provavelmente explica o IV ligado ao corpo.

Em circunstâncias normais, James deve ser capaz de se curar, mas se seu corpo for drenado, isso tornará o trabalho mais difícil. Ele deve ter chegado desnutrido e desidratado.

As meninas provavelmente estão fazendo o que podem para ajudar a acelerar o processo de recuperação. Sinto uma onda de alívio.

James estará melhor em breve. Ele é um garoto tão forte. Depois de tudo o que ele passou...

Ele vai passar por isso também. E ele não estará sozinho.

Olho novamente para Warner, que parece apenas um pouco melhor do que a última vez que o vi. Ele realmente precisa lavar esse sangue do corpo. Não é comum Warner ignorar as regras básicas de higiene - o que deve ser uma prova suficiente de que o sujeito está perto de um colapso total - mas por enquanto, pelo menos, ele parece bem. Ele e James parecem estar conversando profundamente.

Eu permaneço na porta, escutando. Só me ocorre tardiamente que eu deveria dar privacidade a eles, mas a essa altura estou muito entretido para me afastar. Estou quase certo de que Anderson disse a James a verdade sobre Warner. Ou, eu não sei exatamente.

Na verdade, não consigo imaginar um cenário em que Anderson revele alegremente a James que Warner é seu irmão, ou que Anderson é seu pai. Mas de alguma forma eu posso dizer que James sabe. *Alguém* disse a ele. Percebo pelo olhar em seu rosto.

Esse é o momento venha-para-Jesus.

Esse é o momento em que Warner e James finalmente se enfrentam não como estranhos, mas como irmãos. Surreal.

Mas eles estão falando baixinho, e eu só consigo entender partes da conversa deles, então decido fazer algo verdadeiramente repreensível: fico invisível e entro completamente na sala.

No momento em que o faço, Warner endurece.

Merda.

Eu o vejo olhar em volta, seus olhos alertas. Seus sentidos são muito nítidos.

Silenciosamente, dou alguns passos para trás.

— Você não está respondendo à minha pergunta, — diz James, cutucando Warner no braço. Warner não olha para ele, seus olhos se estreitam em um ponto a apenas um pé de onde estou.

— Warner?

Relutantemente, Warner se vira para o garoto de dez anos.

— Sim — diz ele, distraído. — Quero dizer, o que você estava dizendo?

— Por que você nunca me contou? — James diz, sentando-se reto. Os lençóis caem, como uma poça no colo dele. — Por que você não me disse nada antes? Durante todo o tempo em que vivemos juntos...

— Eu não queria assustar você.

— Por que eu teria medo?

Warner suspira, olha pela janela quando diz baixinho:

— Porque eu não sou conhecido pelo meu charme.

— Isso não é justo — diz James. Ele parece genuinamente chateado, mas sua exaustão visível o impede de reagir com muita força. — Eu vi coisas piores do que você.

— Sim. Eu percebo isso agora.

— E *ninguém* me disse. Não acredito que ninguém me disse. Nem mesmo Adam. Eu fiquei tão bravo com ele. — James hesita. — Todo mundo sabia? Kenji sabia?

Eu endureço.

Warner se vira novamente, desta vez olhando precisamente na minha direção quando ele diz:

— Por que você não pergunta a ele?

— Filho da puta — murmuro, minha invisibilidade desaparecendo.

Warner quase sorri. Os olhos de James se arregalam.

Essa não era a reunião que eu esperava.

Mesmo assim, o rosto de James quebra no maior sorriso, que – eu não vou mentir – faz maravilhas para a minha auto-estima. Ele joga as cobertas e tenta pular da cama, descalço e inconsciente da agulha presa no braço, e nesses dois segundos e meio eu consigo sentir alegria e terror.

Grito um aviso, correndo para impedi-lo de rasgar a carne do seu antebraço, mas Warner me ultrapassa. Ele já está de pé, não tão gentilmente empurrando o garoto de volta.

— Oh. — James cora. — Desculpe.

Eu o encaro de qualquer maneira, puxando-o para um abraço longo e excessivo, e a maneira como ele se agarra a mim me faz pensar que sou o primeiro a abraçá-lo. Eu tento lutar contra uma onda de raiva, mas não tenho sucesso. Ele é um garoto de dez anos, pelo amor de Deus. Ele passou pelo inferno. Como ninguém lhe deu a garantia física de que quase certamente precisa agora?

Quando finalmente nos separamos, James tem lágrimas nos olhos. Ele enxuga o rosto e eu me afasto, tentando lhe dar privacidade, mas quando me sento ao pé da cama de James, vejo um lampejo de dor nos olhos de Warner. Dura apenas meio segundo, mas é o suficiente para me fazer sentir mal pelo cara. E é o suficiente para me fazer pensar que ele pode ser humano novamente.

— Ei — eu digo, falando diretamente com a Warner pela primeira vez. — Então, o que...

O que você está fazendo aqui?

Warner olha para mim como se eu fosse um inseto. Seu olhar de costume.

— O que você acha que eu estou fazendo aqui?

— Sério? — Eu digo, incapaz de esconder minha surpresa. — Isso é tão decente da sua parte. Eu não pensei que você seria tão... emocionalmente... responsável. — Eu limpo minha garganta. Sorrio para James. Ele está nos estudando curiosamente. — Mas estou feliz por estar errado, mano. E me desculpe por ter te julgado mal.

— Estou aqui para coletar informações — diz Warner friamente. — James é uma das únicas pessoas que podem nos dizer onde meu pai está localizado.

Minha compaixão rapidamente se transforma em pó.

Pega fogo.

Vira raiva.

— Você está aqui para interrogá-lo? — Eu digo, quase gritando. — Você está louco? O garoto mal se recuperou de um trauma inacreditável, e você está aqui tentando procurá-lo por informações? Ele provavelmente foi *torturado*. Ele é uma *criança*, porra. Que diabos está errado com você?

Warner é indiferente aos meus teatros.

— Ele não foi torturado.

Isso me para friamente.

Eu me viro para James.

— Você não foi?

James balança a cabeça.

— Não exatamente.

— Hã. — Eu franzo a testa. — Quero dizer, não me entenda mal – estou emocionado – mas se ele não o torturou, o que Anderson fez com você?

James encolhe os ombros.

— Ele me deixou em confinamento solitário. Eles não me bateram, — diz ele, esfregando distraidamente as costelas — mas os guardas eram bem duros. E eles não me alimentaram muito. — Ele encolhe os ombros novamente. — Mas, honestamente, a pior parte foi não ver Adam.

Eu puxo James em meus braços novamente, seguro-o com força.

— Sinto muito — eu digo gentilmente. — Isso parece horrível. E eles não deixaram você ver Adam? Nem uma vez? — Eu recuo. Olho nos olhos dele. — Sinto muito. Tenho certeza que ele está bem, homenzinho. Nós o encontraremos. Não se preocupe.

Warner faz um som. Um som que parece quase uma risada.

Eu giro com raiva.

— O que diabos há de errado com você? — Eu digo. — Isso não é engraçado.

— Não é? Acho a situação hilária.

Estou prestes a dizer algo para a Warner que realmente não deveria dizer na frente de uma criança de dez anos, mas quando olho de relance para James, eu paro. James está sacudindo rapidamente a cabeça para mim, seu lábio inferior tremendo. Parece que ele está prestes a chorar de novo.

Volto para a Warner.

— Ok, o que está acontecendo?

Warner quase sorri quando diz:

— Eles não foram sequestrados.

Minhas sobrancelhas voam pela minha testa.

— O que foi que você disse?

— Eles não foram sequestrados.

— Eu não entendo.

— Claro que não.

— Não é a hora, mano. Me diga o que está acontecendo.

— Kent localizou Anderson sozinho, — diz Warner, olhando para James. — Ele ofereceu sua lealdade em troca de proteção.

Meu corpo inteiro fica frouxo. Eu quase caio da cama.

Warner continua:

— Kent não estava mentindo quando disse que tentaria anistia. Mas ele deixou de fora a parte de ser um traidor.

— Não. De jeito nenhum. De jeito nenhum.

— Nunca houve uma abdução — diz Warner. — Nenhum sequestro. Kent se entregou em troca da proteção de James.

Desta vez, eu realmente caio da cama.

— Se entregou... como? — Eu consigo me levantar do chão, tropeçando nos meus pés.

— O que Adam tinha para entregar? Anderson já conhece todos os nossos segredos.

É James quem diz baixinho:

— Ele lhes deu seu poder.

Eu olho para o garoto, piscando como um idiota.

— Eu não entendo — eu digo. — Como você pode dar a alguém seu poder? Você não pode simplesmente dar a alguém seu poder. Certo? Não é como um par de calças que você pode tirar e entregar.

— Não — diz Warner. — Mas é algo que o Restabelecimento sabe colher. De que outra forma você acha que meu pai tomou os poderes curativos de Sonya e Sara?

— Adam disse a eles o que ele pode fazer — diz James, sua voz quebrando. — Ele lhes disse que pode usar seu poder para desligar os poderes de outras pessoas. Ele achou que poderia ser útil para eles.

— Imagine as possibilidades — diz Warner, afetando a admiração. — Imagine como eles poderiam armar um poder como esse para uso global - como poderiam tornar uma coisa tão poderosa que poderiam efetivamente desligar todos os grupos rebeldes do mundo. Reduzir a oposição *antinatural* a zero.

— Jesus, porra, Cristo.

Eu acho que vou desmaiar. Na verdade, me sinto desmaiar. Tonto. Como se eu não pudesse respirar. Como isso é impossível.

— De jeito nenhum — eu digo. Estou praticamente respirando as palavras.
— De jeito nenhum. Não é possível.

— Uma vez eu disse que a capacidade de Kent era inútil — diz Warner em voz baixa. — Mas agora vejo que fui um tolo.

— Ele não queria fazer isso — diz James. Ele está chorando ativamente agora, as lágrimas silenciosas percorrendo seu rosto. — Juro que ele só fez isso para me salvar. Ele ofereceu a única coisa que ele tinha – a única coisa que ele pensava que eles queriam - para me manter seguro. Eu sei que ele não queria fazer isso. Ele estava apenas desesperado. Ele pensou que estava fazendo a coisa certa. Ele continuou me dizendo que ia me manter a salvo.

— Correndo para os braços do homem que abusou dele a vida toda? — Estou puxando meu cabelo em minhas mãos. — Isso não faz nenhum sentido. Como isso... *como...* ?

Como?

Eu olho de repente, percebendo.

— E então veja o que ele fez — digo atordoado. — Depois de tudo, Anderson ainda usou você como isca. Ele trouxe você aqui como alavanca. Ele teria *matado* você, mesmo depois de tudo pelo que Adam desistiu.

— Kent era um idiota desesperado — diz Warner. — Que ele estava sequer disposto a confiar ao meu pai o bem-estar de James, diz exatamente quão longe ele estava.

— Ele estava desesperado, mas ele não é um idiota — James diz com raiva, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Ele me ama e estava apenas tentando me manter seguro. Estou tão preocupado com ele. Estou com tanto medo que algo tenha acontecido com ele. E estou com tanto medo que Anderson tenha feito algo horrível com ele. — James engole em seco. — O que nós vamos fazer agora? Como vamos recuperar Adam e Juliette?

Eu fecho meus olhos com força, tento respirar fundo.

— Escute, não se estresse, ok? Nós vamos recuperá-los. E quando o fizermos, eu mesmo vou matar Adam.

James engasga.

— Ignore-o — diz Warner. — Ele não está falando sério.

— Sim, eu realmente quero dizer isso.

Warner finge não me ouvir.

— De acordo com as informações que reuni alguns momentos antes de você entrar aqui — ele diz calmamente, — parece que meu pai estava mantendo uma corte no Setor 45, exatamente como Sam previu. Mas ele não está lá agora, disso tenho certeza.

— Como você pode ter certeza de *alguma coisa* agora?

— Porque eu conheço meu pai — diz ele. — Eu sei o que mais importa para ele. E sei que quando ele saiu daqui, ficou gravemente ferido. Há apenas um lugar que ele iria em um estado como esse.

Eu pisco para ele.

— Onde?

— Oceania. De volta a Maximilian Sommers, a única pessoa capaz de reconstituí-lo.

Isso me impede de morrer.

— *Oceania*? Por favor me diga que você está brincando. Temos que voltar para a Oceania? — Eu grunho. — Droga. Isso significa que temos que roubar outro avião.

— *Nós* — diz ele irritado, — não vamos fazer nada.

— Claro que nós...

Nesse momento, as meninas entram. Elas travam ao notar eu e Warner. Dois pares de olhos piscam para nós.

— O que vocês estão fazendo aqui? — elas perguntam ao mesmo tempo.

Warner está de pé em um instante.

— Eu estava saindo.

— Eu acho que você quer dizer que *nós* estávamos saindo — digo bruscamente.

Warner me ignora, acena com a cabeça para James e se dirige para a porta. Estou seguindo-o para fora da sala antes que me lembre, de repente...

— James — eu digo, girando ao redor. — Você vai ficar bem, você sabe disso, certo? Vamos encontrar Adam, trazê-lo para casa e deixar tudo isso bem. Seu trabalho daqui em diante é relaxar, comer chocolate e dormir. Tudo certo? Não se preocupe com nada. Você entende?

James pisca para mim. Ele assente.

— Bom. — Dou um passo à frente para plantar um beijo no topo de sua cabeça. — Bom, — eu digo novamente. — Você vai ficar bem. Tudo ficará bem. Vou me certificar de que fique tudo bem, ok?

James olha para mim.

— Tudo bem — diz ele, enxugando as últimas lágrimas.

— Bom — eu digo pela terceira vez, e aceno com a cabeça, ainda encarando seu rosto pequeno e inocente. — Ok, eu vou fazer isso agora. Legal?

Finalmente, James sorri.

— Legal.

Eu sorrio de volta, dando-lhe tudo o que tenho, e então saio pela porta, esperando pegar Warner antes que ele tente resgatar J sem mim.

15. ELLA

JULIETTE

É um alívio não falar.

Algo mudou entre nós nesta manhã, algo quebrou. Os olhos de Anderson relaxaram na minha frente de uma maneira que parece pouco ortodoxa, mas não é da minha conta questioná-lo. Sinto-me honrada por ter essa posição, por ser o soldado supremo mais confiável, e isso é tudo o que importa. Hoje é meu primeiro dia oficial de trabalho e estou feliz por estar aqui, mesmo quando ele me ignora completamente.

Na verdade, eu gosto disso.

Encontro conforto em fingir desaparecer. Eu existo apenas para escondê-lo enquanto ele se move de uma tarefa para outra. Fico de lado, olhando para frente. Não o assisto enquanto ele trabalha, mas o sinto constantemente. Ele ocupa todo o espaço disponível. Estou sintonizada com todos os seus movimentos, todos os seus sons. Meu trabalho agora é conhecê-lo completamente, antecipar suas necessidades e medos, protegê-lo com a minha vida e servir inteiramente a seus interesses.

Então eu escuto, por horas, os detalhes.

O rangido de sua cadeira quando ele se recosta, considerando. Os suspiros que escapam dele enquanto ele digita. Cadeira de couro e calças de lã se encontrando, movendo. O baque surdo de uma caneca de cerâmica batendo na superfície de uma mesa de madeira. O tilintar de cristal, o rápido derramamento de bourbon. O aroma afiado e doce de tabaco e o farfalhar de papel fino. Teclas. Uma caneta arranhando. O súbito rasgar e chiar de um papel. Enxofre. Teclas. Um estalo de um elástico. Fumaça, fazendo meus olhos lacrimejarem. Um monte de papéis batendo juntos como um baralho de cartas. Sua voz, profunda e melódica em

uma série de telefonemas tão breves que não posso diferenciá-los. Teclas. Ele nunca parece precisar usar o banheiro. Não penso nas minhas próprias necessidades, e ele não pergunta. Teclas. Ocasionalmente, ele olha para mim, me estudando, e eu mantenho meus olhos em frente. De alguma forma, eu posso sentir o sorriso dele.

Eu sou um fantasma.

Eu espero.

Eu ouço pouco. Eu aprendo pouco.

Finalmente...

— Venha.

Ele está de pé e sai pela porta e eu me apresso a segui-lo. Estamos lá em cima, no último andar do complexo. Os corredores circulam em torno de um pátio interior, no centro da qual há uma grande árvore, galhos pesados de folhas alaranjadas e vermelhas. Cores de outono. Olho, sem mexer a cabeça, para fora de uma das muitas janelas altas que enfeitam os corredores, e minha mente registra a incongruência das duas imagens. Lá fora, as coisas são uma estranha mistura de verde e desolação. No interior, esta árvore é quente e com tons rosados. Folhagem de outono perfeita.

Afasto o pensamento.

Tenho que andar duas vezes mais rápido para acompanhar os longos passos de Anderson. Ele não para ninguém. Homens e mulheres de jaleco saltam para o lado quando nos aproximamos, murmurando desculpas em nosso rastro, e estou surpresa com a sensação tonta que surge dentro de mim. Eu gosto do medo deles. Aprecio esse poder, esse sentimento de domínio sem desculpas.

A dopamina inunda meu cérebro.

Eu ganho velocidade, ainda me apressando para acompanhar. Ocorre-me então que Anderson nunca olha para trás para ter certeza de que estou seguindo-o, e isso me faz pensar no que ele faria se descobrisse que eu estava desaparecida. E então, com a mesma rapidez, o pensamento me parece bizarro. Ele não tem motivos para olhar para trás. Eu nunca iria desaparecer.

Hoje o complexo está mais ocupado do que o normal. Anúncios soam pelos alto-falantes e o ar ao meu redor se enche de fervor. Os nomes são chamados; demandas feitas. Pessoas vêm e vão.

Nós subimos as escadas.

Anderson nunca para, nunca parece sem fôlego. Ele se move com a força de um homem mais jovem, mas com o tipo de confiança adquirida apenas pela idade. Ele se comporta com uma certeza aterrorizante e aspiracional. Rostos

pálidos ao vê-lo. A maioria desvia o olhar. Alguns não podem deixar de olhar. Uma mulher quase desmaia quando o corpo dele bate contra o dela, e Anderson nem sequer quebra o passo quando ela causa uma cena.

Eu estou fascinada.

Os alto-falantes estalam. Uma voz feminina suave e robótica anuncia uma situação código-verde com tanta calma que não consigo deixar de me surpreender com a reação coletiva. Testemunho algo semelhante ao caos quando portas se abrem ao redor do prédio. Tudo parece acontecer em sincronia, um efeito dominó ecoando pelos corredores de cima para baixo do composto. Homens e mulheres em jalecos de laboratório sobem e fervilham por todos os níveis, obstruindo as passarelas enquanto avançam.

Ainda assim, Anderson não para. O mundo gira em torno dele, abre espaço para ele. Retarda quando ele acelera. Ele não acomoda ninguém. Ou qualquer coisa.

Estou anotando.

Finalmente, chegamos a uma porta. Anderson pressiona a mão contra o scanner biométrico e encara uma câmera que escaneia seus olhos.

A porta se abre.

Sinto algo estéril, como anti-séptico, e no momento em que entramos na sala, o cheiro queima meu nariz, causando lágrimas nos olhos. A entrada é incomum; um pequeno corredor que esconde o resto da sala da vista imediata. À medida que nos aproximamos, ouço três monitores apitarem em três níveis diferentes de decibéis. Quando dobramos a esquina, a sala quadruplica de tamanho. O espaço é vasto e brilhante, luz natural combinada com o brilho abrasador de lâmpadas artificiais no alto.

Há pouco mais aqui além de uma cama de solteiro e a figura amarrada nela. O sinal sonoro não vem de três máquinas, mas de sete, todas as quais parecem estar afixadas no corpo inconsciente de um menino. Não o conheço, mas ele não pode ser muito mais velho do que eu. Seus cabelos estão cortados perto do couro cabeludo, um suave tom de marrom interrompido apenas pelos fios perfurados em seu crânio. Há um lençol puxado até o pescoço, então não consigo ver muito mais do que o rosto em repouso, mas a visão dele ali, amarrado assim, me lembra algo.

Um flash de memória queima através de mim.

É vago, distorcido. Tento afastar as camadas nebulosas, mas quando consigo vislumbrar algo – uma caverna, um homem alto e negro, um tanque cheio de

água – sinto uma pontada aguda e eletrizante de raiva que deixa minhas mãos tremendo. Isso me incomoda.

Dou um passo brusco para trás e balanço minha cabeça uma fração de polegada, tentando me recompor, mas minha mente está enevoada, confusa. Quando finalmente me recomponho, percebo que Anderson está me observando.

Lentamente, ele dá um passo à frente, seus olhos se estreitando na minha direção. Ele não diz nada, mas sinto, sem saber por que, exatamente, que não posso desviar o olhar. Eu devo manter contato visual enquanto ele quiser. É brutal.

— Você sentiu algo quando entrou aqui, — diz ele.

Não é uma pergunta. Não tenho certeza de que exija uma resposta. Mesmo assim...

— Nada de consequência, senhor.

— Consequência, — diz ele, com uma pitada de sorriso brincando em seus lábios. Ele dá alguns passos em direção a uma das enormes janelas e cruza as mãos atrás das costas. Por um tempo, ele fica em silêncio.

— Tão interessante, — diz ele finalmente. — Que nunca discutimos consequências.

O medo desliza, subindo pela minha espinha.

Ele ainda está olhando pela janela quando diz baixinho:

— Você não vai esconder nada de mim. Tudo o que você sente, toda emoção que experimenta - pertence a mim. Você entende?

— Sim, senhor.

— Você sentiu algo quando entrou aqui, — ele diz novamente. Desta vez, sua voz está pesada com algo, algo sombrio e aterrorizante.

— Sim, senhor.

— E o que foi?

— Eu senti raiva, senhor.

Ele se vira com isso. Levanta as sobrancelhas.

— Depois da raiva, senti confusão.

— Mas raiva, — diz ele, caminhando em minha direção. — Por que raiva?

— Eu não sei, senhor.

— Você reconhece esse garoto? — ele diz, apontando para o corpo caído sem nem olhar para ele.

— Não, senhor.

— Não. — Sua mandíbula aperta. — Mas ele lembra você de alguém.

Eu hesito. Tremores ameaçam, e eu os expulso. O olhar de Anderson é tão intenso que mal consigo encontrar seus olhos.

Olho novamente para o rosto adormecido do garoto.

— Sim, senhor.

Os olhos de Anderson se estreitam. Ele espera por mais.

— Senhor, — eu digo baixinho. — Ele me lembra você.

Inesperadamente, Anderson fica parado. Surpresa reorganiza sua expressão e de repente, surpreendentemente...

Ele ri.

É uma risada tão genuína que parece chocá-lo ainda mais do que me choca. Eventualmente, o riso se instala em um sorriso. Anderson enfia as mãos nos bolsos e se inclina contra a moldura da janela. Ele olha para mim com algo parecido com fascínio, e é um momento tão puro, um momento tão intocado pela malícia que ele me parece, de repente, tão bonito.

Mais do que isso.

A visão dele – algo sobre seus olhos, algo sobre a maneira como ele se move, a maneira como ele sorri – A visão dele de repente mexe algo em meu coração. Um calor antigo. Um caleidoscópio de borboletas mortas chutado por uma breve e seca rajada de vento.

Isso me deixa doente.

O olhar pedregoso retorna ao seu rosto.

— Isso. Aí. — Ele desenha um círculo no ar com o dedo indicador. — Esse olhar no seu rosto. O que é que foi isso?

Meus olhos se arregalam. Inquietação toma conta de mim, aquecendo minhas bochechas.

Pela primeira vez, eu vacilo.

Ele move-se rapidamente, avançando para mim com tanta raiva que eu questiono a minha capacidade de permanecer estável. Grosseiramente, ele pega meu queixo na mão e levanta meu rosto. Não há segredos aqui, tão perto dele. Eu não posso esconder nada.

— Agora, — diz ele, com a voz baixa. Com raiva. — Diga-me agora.

Eu quebro o contato visual, tentando desesperadamente reunir meus pensamentos, e ele grita para que eu olhe para ele.

Eu me forço a encontrar seus olhos. E então eu me odeio, odeio minha boca por trair minha mente. Odeio minha mente por pensar em tudo.

— Você – você é extremamente bonito, senhor.

Anderson abaixa a mão como se tivesse sido queimado. Ele se afasta, parecendo, pela primeira vez...

Desconfortável.

— Você está... — Ele para, franzindo a testa. E então, muito rápido, a raiva nubla sua expressão. Sua voz é praticamente um rosnado quando ele diz: — Você está mentindo para mim.

— Não, senhor. — Eu odeio o som da minha voz, o pânico ofegante.

Os olhos dele afiam. Ele deve ver algo na minha expressão que lhe dá uma pausa, porque a raiva evapora de seu rosto.

Ele pisca para mim.

Então, com cuidado, ele diz:

— No meio de tudo isso... — ele acena para a sala, para a figura adormecida ligada às máquinas — de todas as coisas que poderiam estar passando pela sua cabeça, você estava pensando... que você me acha atraente.

Um calor traidor inunda meu rosto.

— Sim, senhor.

Anderson faz uma careta.

Ele parece querer dizer algo e depois hesita. Pela primeira vez, ele parece despreocupado.

Alguns segundos de silêncio torturado se estendem entre nós, e não tenho certeza da melhor maneira de proceder.

— Isso é inquietante, — Anderson finalmente diz, e principalmente para si mesmo. Ele pressiona dois dedos na parte interna do pulso e levanta o pulso na boca.

— Sim, — ele diz calmamente. — Diga a Max que houve um desenvolvimento incomum. Eu preciso vê-lo imediatamente.

Anderson me lança um breve olhar antes de dispensar, com um único movimento da cabeça, toda a troca mortificante.

Ele segue em direção ao garoto amarrado na cama e diz:

— Esse jovem faz parte de um experimento em andamento.

Não tenho certeza do que dizer, então não digo nada.

Anderson se inclina sobre o garoto, brincando com vários fios e depois endurece, de repente. Olha para mim pelo canto do olho.

— Você pode imaginar por que esse garoto faz parte de um experimento?

— Não, senhor.

— Ele tem um presente, — diz Anderson, endireitando-se. — Ele veio a mim voluntariamente e se ofereceu para compartilhar comigo.

Eu pisco, ainda sem saber como responder.

— Mas há muitos de vocês, *não naturais*, correndo soltos neste planeta, — diz Anderson. — Tantos poderes. Tantas habilidades diferentes. Nossos asilos estão cheios deles, cheios de poder. Eu tenho acesso a praticamente qualquer coisa que eu quiser. Então, o que o torna especial, hum? — Ele inclina a cabeça para mim. — Que poder ele poderia ter que seria maior que o seu? Mais útil?

Mais uma vez, não digo nada.

— Você quer saber? — ele pergunta, um toque de sorriso tocando seus lábios.

Isso parece um truque. Eu considero minhas opções.

Por fim, digo:

— Quero saber apenas se você quiser me dizer, senhor.

O sorriso de Anderson floresce. Dentes brancos. Prazer genuíno.

Sinto meu peito quente com seu elogio silencioso. Orgulho endireita meus ombros. Eu desvio meus olhos, olhando silenciosamente para a parede.

Ainda assim, vejo Anderson se afastar novamente, avaliando o garoto com outro olhar único e cuidadoso.

— Esses poderes foram desperdiçados com ele de qualquer maneira.

Ele remove o touchpad encaixado em um compartimento da cama do garoto e começa a tocar na tela digital, rolando e procurando informações. Ele olha uma vez para os monitores emitindo vários sinais vitais e franze a testa. Finalmente, ele suspira, passando a mão pelos cabelos perfeitamente arrumados. Eu acho que parece melhor quando está bagunçado. Mais quente. Mais suave. Familiar.

A observação me assusta.

Eu me afasto bruscamente e olho pela janela, me perguntando, de repente, se algum dia vou poder usar o banheiro.

— *Juliette*.

O timbre zangado de sua voz faz meu coração disparar. Eu me endireito em um instante. Olho para a frente.

— Sim, senhor, — eu digo, parecendo um pouco sem fôlego.

Percebo então que ele nem está olhando para mim. Ele ainda está digitando algo no touchpad quando diz, calmamente:

— Você estava sonhando acordada?

— Não, senhor.

Ele retorna o touchpad ao seu compartimento, as peças se conectando com um clique metálico satisfatório.

Ele olha para cima.

— Isso está ficando cansativo, — diz ele calmamente. — Eu já estou perdendo a paciência com você e nem chegamos ao fim do seu primeiro dia. — Ele hesita. — Você quer saber o que acontece quando perco a paciência com você, Juliette?

Meus dedos tremem; Eu os cerro em punhos.

— Não, senhor.

Ele estende a mão.

— Então me dê o que me pertence.

Dou um passo incerto para a frente e sua mão estendida voa para cima, palma para fora, me parando no lugar. Sua mandíbula aperta.

— Estou me referindo à sua mente, — diz ele. — Quero saber o que você estava pensando quando perdeu a cabeça por tempo suficiente para olhar pela janela. Eu quero saber o que você está pensando agora. Eu sempre vou querer saber o que você está pensando, — ele diz bruscamente. — Em todo momento. Quero todas as palavras, todos os detalhes, todas as emoções. Todo pensamento solto e esvoaçante que passa pela sua cabeça, eu quero, — ele diz, perseguindo-me. — Você entende? São meus. Você é *minha*.

Ele para a poucos centímetros do meu rosto.

— Sim, senhor, — eu digo, minha voz falhando.

— Só vou pedir isso mais uma vez, — diz ele, tentando moderar sua voz. — E se você me fizer trabalhar tanto novamente para obter as respostas que preciso, você será punida. Está claro?

— Sim, senhor.

Um músculo salta em sua mandíbula. Os olhos dele se estreitam.

— Com o que você estava sonhando acordada?

Eu engulo. Olho para ele. Desvio o olhar.

Silenciosamente, eu digo:

— Eu estava pensando, senhor, se você me deixaria usar o banheiro.

O rosto de Anderson fica repentinamente vazio.

Ele parece atordoado. Ele me olha mais um momento antes de dizer, sem rodeios:

— Você estava pensando se poderia usar o banheiro.

— Sim, senhor. — Meu rosto esquenta.

Anderson cruza os braços sobre o peito.

— Isso é tudo?

De repente, sinto-me compelida a dizer a ele o que pensei sobre o cabelo dele, mas luto contra o desejo. A culpa me atravessa com a indulgência, mas minha

mente é acalmada por um calor familiar e estranho, e de repente não sinto nenhuma culpa por ser apenas parcialmente sincera.

— Sim, senhor. Isso é tudo.

Anderson inclina a cabeça para mim.

— Não há novas ondas de raiva? Não há perguntas sobre o que estamos fazendo aqui? Nenhuma preocupação com o bem-estar do garoto... — ele aponta — ...ou os poderes que ele possa ter?

— Não, senhor.

— Entendo, — diz ele.

Eu encaro.

Anderson respira fundo e desfaz um botão do blazer. Ele passa as duas mãos pelos cabelos. Começa a andar.

Ele está ficando confuso, eu percebo, e não sei o que fazer sobre isso.

— É quase engraçado, — diz ele. — Isso é exatamente o que eu queria e, no entanto, de alguma forma, estou decepcionado.

Ele respira fundo, afiado, e gira ao redor.

Me estuda.

— O que você faria, — diz ele, acenando com a cabeça uma polegada para a esquerda, — se eu lhe pedisse para se jogar pela janela?

Eu me viro, examinando a grande janela pairando sobre nós dois.

É um vitral maciço e circular que ocupa metade da parede. As cores se espalham pelo chão, criando uma bela, distraída obra de arte sobre os pisos de concreto polido. Ando até a janela, corro meus dedos pelas vidraças ornamentadas de vidro. Observo a extensão de verde abaixo. Estamos pelo menos quinhentos pés acima do solo, mas a distância não inspira meu medo. Eu poderia dar esse salto facilmente, sem ferimentos.

Eu olho para cima.

— Eu faria isso com prazer, senhor.

Ele dá um passo mais perto.

— E se eu pedisse para você fazer isso sem usar seus poderes? E se fosse simplesmente meu desejo que você se jogasse pela janela?

Uma onda de calor abrasador se move através de mim, selando minha boca. Amarrando meus braços. Não consigo abrir minha própria boca contra o ataque aterrorizante, mas só posso imaginar que faz parte desse desafio.

Anderson deve estar tentando testar minha lealdade.

Ele deve estar tentando me pegar em um momento de desobediência. O que significa que eu preciso me provar. Minha lealdade.

É preciso uma quantidade extraordinária de minha própria força sobrenatural para combater as forças invisíveis que fecham minha boca, mas eu consigo. E quando finalmente posso falar, digo:

— Eu faria isso com prazer, senhor.

Anderson dá mais um passo à frente, seus olhos brilhando com algo... Algo novinho em folha. Algo semelhante a se questionar.

— Você faria mesmo? — ele diz suavemente.

— Sim, senhor.

— Você faria qualquer coisa que eu pedisse para você fazer? Qualquer coisa mesmo?

— Sim, senhor.

Anderson ainda está segurando meu olhar quando ele levanta o pulso na boca novamente e diz baixinho:

— Venha aqui. Agora.

Ele abaixa a mão.

Meu coração começa a bater forte. Anderson se recusa a desviar o olhar de mim, seus olhos ficando mais azuis e brilhantes a cada segundo. É quase como se ele soubesse que apenas seus olhos são suficientes para perturbar meu equilíbrio. E então, sem aviso, ele agarra meu pulso. Percebo tarde demais que ele está checando minha pulsação.

— Tão rápido, — ele diz suavemente. — Como um passarinho. Diga-me, Juliette. Você está com medo?

— Não, senhor.

— Você está animada?

— Eu... eu não sei, senhor.

A porta se abre e Anderson solta meu pulso. Pela primeira vez em minutos, Anderson desvia o olhar de mim, finalmente quebrando uma conexão invisível e dolorosa entre nós. Meu corpo fica frouxo de alívio e, lembrando-me, rapidamente me endireito.

Um homem entra.

Cabelos escuros, olhos escuros, pele pálida. Ele é jovem, mais jovem que Anderson, acho, mas mais velho que eu. Ele usa um fone de ouvido. Ele parece incerto.

— Juliette, — diz Anderson, — este é Darius.

Eu me viro para encarar Darius.

Darius não diz nada. Ele parece paralisado.

— Não vou mais precisar dos serviços de Darius, — diz Anderson, olhando na minha direção.

Darius empalidece. Mesmo de onde eu estou, eu posso ver o corpo dele começar a tremer.

— Senhor? — Eu digo confusa.

— Não é óbvio? — Diz Anderson. — Gostaria que você o descartasse.

A compreensão me atinge.

— Certamente, senhor.

No momento em que me viro na direção de Darius, ele grita; é um som agudo e assustador que irrita meus ouvidos. Ele corre para a porta e eu giro rapidamente, jogando meu braço para detê-lo. A força do meu poder o envia voando pelo resto do caminho até a saída, seu corpo batendo com força contra a parede de aço.

Ele cai, com um gemido suave, no chão.

Eu abro minha palma. Ele grita.

O poder surge através de mim, enchendo meu sangue de fogo. O sentimento é intoxicante. Delicioso.

Eu levanto minha mão e o corpo de Darius levanta do chão, sua cabeça jogada para trás em agonia, seu corpo atravessado por varas invisíveis. Ele continua a gritar e o som enche meus ouvidos, inunda meu corpo com endorfinas. Minha pele zumba com sua energia. Eu fecho meus olhos.

Então eu fecho meu corpo.

Gritos frescos perfuram o silêncio, ecoando pelo vasto espaço cavernoso. Sinto um sorriso puxando meus lábios e me perco no sentimento, na liberdade de meu próprio poder. Há uma alegria nisso, em usar minha força tão livremente, em finalmente deixar ir.

Felicidade.

Meus olhos se abrem, mas eu me sinto drogada, delirantemente feliz enquanto vejo seu corpo suspenso e preso começar a convulsionar. O sangue jorra do nariz, borbulha dentro da boca aberta e ofegante. Ele está engasgado. Quase morto. E eu estou apenas começando...

O fogo deixa meu corpo tão de repente que me faz tropeçar para trás.

Darius cai, com um baque surdo, no chão.

Um vazio desesperado queima através de mim, me deixa fraca. Eu levanto minhas mãos como se estivesse em oração, tentando descobrir o que aconteceu, me sentindo de repente perto das lágrimas. Eu giro, tentando entender...

Anderson está apontando uma arma para mim.

Eu abaixo minhas mãos.

Anderson deixa cair a arma.

O poder surge através de mim mais uma vez e respiro fundo, agradecida, encontrando alívio no sentimento que inunda meus sentidos, reabastecendo minhas veias. Eu pisco várias vezes, tentando limpar a cabeça, mas são os choros patéticos e agonizados de Darius que me trazem de volta ao momento presente. Eu olho para seu corpo quebrado, as poças rasas de sangue no chão. Sinto-me vagamente irritada.

— Incrível.

Eu me viro.

Anderson está me encarando com um espanto perverso.

— Incrível, — ele diz novamente. — Isso foi incrível.

Eu olho para ele, incerta.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta.

— Decepcionada, senhor.

As sobrancelhas dele se juntam.

— Por que está decepcionada?

Olho para Darius.

— Porque ele ainda está vivo, senhor. Não completei a tarefa.

O rosto de Anderson abre um sorriso tão amplo que eletrifica seus traços. Ele parece jovem. Ele parece gentil. Ele parece maravilhoso.

— Meu Deus, — ele diz suavemente. — Você é perfeita.

16. KENJI

— Ei — eu chamo. — Espere!

Ainda estou correndo atrás de Warner e, em um movimento que surpreende absolutamente ninguém, ele não espera. Ele nem diminui a velocidade. Na verdade, tenho certeza que ele acelera.

Percebo, ao acelerar o ritmo, que não sinto ar fresco há alguns dias. Olho em volta enquanto vou tentando entender os detalhes. O céu está mais azul do que eu já vi. Não há nuvens à vista por quilômetros. Não sei se esse clima é exclusivo da localização geográfica do setor 241 ou se é apenas uma mudança climática regular. Independentemente disso, respiro fundo. O ar é bom.

Eu estava ficando claustrofóbico na sala de jantar, passando horas intermináveis com os doentes e feridos. As cores da sala começaram a sangrar juntas, todos os lençóis de linho e cinza e a luz muito brilhante e artificial. Os cheiros eram intensos também. Sangue e água sanitária. Antisséptico. Isso estava fazendo minha cabeça nadar. Acordei com uma enorme dor de cabeça esta manhã – porém, para ser justo, acordo com uma forte dor de cabeça quase todas as manhãs – mas estar do lado de fora está começando a acalmar a dor.

Quem saberia.

É bom aqui fora, mesmo que esteja um pouco quente nessa roupa. Estou usando um par de roupas velhas que encontrei no meu quarto. Sam e Nouria se certificaram desde o início que tínhamos tudo o que precisávamos – mesmo agora, mesmo depois da batalha.

Temos produtos de higiene pessoal. Roupas limpas.

Warner, por outro lado...

Eu olho para sua figura em retirada. Não acredito que ele ainda não tomou banho. Ele ainda está vestindo a jaqueta de couro de Haider, mas está praticamente destruída. Suas calças pretas estão rasgadas, seu rosto ainda manchado com o que eu só posso imaginar como sendo uma combinação de

sangue e sujeira. Seu cabelo está selvagem. Suas botas são maçantes. E de alguma forma – de *alguma forma* – ele ainda consegue parecer inteiro.

Eu não entendo.

Eu diminuo o passo quando paro ao lado dele, mas ainda estou andando com força.

Respirando com dificuldade. Começando a suar.

— Ei — eu digo, puxando minha camisa para longe do meu peito, onde está começando a grudar. O tempo está ficando mais estranho; de repente está sufocante. Eu estremeço para cima, em direção ao sol.

Aqui, dentro do Santuário, tenho tido uma ideia melhor do estado do nosso mundo.

Novidade: A Terra ainda está basicamente indo à merda. O Restabelecimento acaba de tirar vantagem da merda mencionada, fazendo com que essas coisas pareçam irreparavelmente ruins.

A verdade, por outro lado, é que eles são apenas reparavelmente ruins.

Rá.

— Ei — eu digo novamente, desta vez dando um tapinha no ombro de Warner. Ele tira minha mão com tanto entusiasmo que quase tropeço.

— Ok, escute, eu sei que você está chateado, mas...

Warner desaparece subitamente.

— Ei, onde diabos você está indo? — Eu grito, minha voz retumbando. — Você está voltando para o seu quarto? Devo apenas encontrar você lá?

Algumas pessoas se voltam para me encarar.

Os caminhos normalmente ocupados estão bem vazios agora, porque muitos de nós ainda estão em convalescença, mas as poucas pessoas que permanecem no sol brilhante me lançam olhares sujos.

Como se eu fosse o esquisito.

— Deixe-o em paz — alguém assobia para mim. — Ele está sofrendo.

Eu reviro meus olhos.

— Ei - *babaca* — eu grito, esperando que Warner ainda esteja perto o suficiente para me ouvir. — Eu sei que você a ama, mas eu também e eu...

Warner reaparece tão perto do meu rosto que quase grito. Dou um passo repentino e aterrorizado para trás.

— Se você valoriza sua vida — diz ele — não se aproxime de mim.

Estou prestes a apontar que ele está sendo dramático, mas ele me interrompe.

— Eu não disse que isso para ser dramático. Eu nem disse isso para te assustar. Estou dizendo isso por respeito Ella, porque sei que ela prefere que eu não mate

você.

Fico quieto por um segundo inteiro. E então eu franzo a testa.

— Você está fodendo comigo agora? Você definitivamente está fodendo comigo agora. Certo?

Os olhos de Warner ficam furiosos. Elétricos. Esse tipo assustador de loucura.

— Toda vez que você afirma entender até uma fração do que estou sentindo, quero estripá-lo. Eu quero cortar sua artéria carótida. Eu quero arrancar suas vértebras, uma por uma. Você não tem ideia do que é amá-la — ele diz com raiva. — Você nem pode começar a imaginar. Então pare de tentar entender.

Uau, às vezes eu realmente odeio esse cara.

Eu tenho que literalmente apertar minha mandíbula para me impedir de dizer o que realmente estou pensando agora, que é que eu quero colocar meu punho no crânio dele. (Na verdade, imagino por um momento, imagino como seria esmagar a cabeça dele como uma noz. É estranhamente satisfatório.) Mas então lembro que precisamos desse babaca e que a vida de J está em risco. O destino do mundo está em risco.

Então, luto contra a raiva e tento novamente.

— Escute — eu digo, fazendo um esforço para suavizar minha voz. — Eu sei o que vocês têm é especial. Eu sei que realmente não consigo entender esse tipo de amor. Quero dizer, inferno, eu sei que você estava pensando em propor a ela – e isso deve ter...

— Eu propus a ela.

De repente eu endereço.

Percebo apenas pelo som de sua voz que ele não está brincando. E eu posso dizer pelo olhar em seu rosto – o flash infinitesimal de miséria em seus olhos – que esta é a minha abertura. Esses são os dados que estou perdendo. Essa é a fonte da agonia que o afogou.

Examino a área imediata em busca de bisbilhoteiros. Sim. Vários dos novos membros do fã-clubes Warner embalando seus corações.

— Vamos lá — eu digo a ele. — Vou levá-lo para almoçar.

Warner pisca, a confusão temporariamente limpando sua raiva. E então, bruscamente:

— Não estou com fome.

— Isso é obviamente besteira. — Eu o olho de cima a baixo. Ele parece bem – ele sempre parece bem, o idiota – mas ele parece com fome. Não apenas o tipo regular de fome, também, mas a fome desesperada que está com tanta fome que nem parece mais fome.

— Você não come nada há dias — digo a ele. — E você sabe melhor do que eu que será inútil em uma missão de resgate se desmaiar antes mesmo de chegar lá.

Ele olha para mim.

— Vamos lá, mano. Você quer que J volte para casa com pele e ossos? Do jeito que você está indo, ela vai dar uma olhada em você e correr gritando na direção oposta. Essa não é uma boa aparência. Todos esses músculos precisam de comida.

— Eu cutuco seu bíceps. — Alimente seus filhos.

Warner se afasta de mim e respira fundo, irritado. O som disso quase me faz sorrir.

Parece com os velhos tempos.

Eu acho que estou fazendo progresso.

Porque desta vez, quando digo para ele me seguir, ele não luta.

17. ELLA

JULIETTE

Anderson me leva para conhecer Max.

Eu o sigo até as entranhas do complexo, por caminhos sinuosos e tortuosos. Os passos de Anderson ecoam pelas passarelas de pedra e aço, as luzes piscando à medida que avançamos. As ocasionais luzes excessivamente brilhantes projetavam sombras gritantes em formas estranhas. Sinto minha pele formigar.

Minha mente divaga.

Um lampejo do corpo flácido de Darius brilha em minha mente, carregando uma pontada afiada que torce meu intestino. Eu luto contra o impulso de vomitar, enquanto sinto o conteúdo do meu café da manhã escasso subindo pela minha garganta. Com esforço, forço de volta a bile. Gotas de suor estão na minha testa, na parte de trás do meu pescoço.

Meu corpo está gritando para parar de se mover. Meus pulmões querem expandir, coletar ar. Eu não permito.

Eu me forço a continuar andando.

Afasto as imagens, expulsando pensamentos de Darius da minha mente. A agitação no meu estômago começa a desacelerar, mas a pele fica com uma sensação fria e úmida. Eu luto para relembrar as coisas que comi esta manhã. Eu devo ter comido mal; algo não está certo no meu estômago. Eu estou com febre.

Eu pisco.

Eu pisco novamente, mas desta vez por muito tempo e vejo um lampejo de sangue borbulhando dentro da boca aberta de Darius. A náusea volta com uma rapidez que me assusta. Eu respiro fundo, meus dedos tremulando, desesperados para pressionar contra o meu estômago. De alguma forma, eu seguro firme. Eu mantenho meus olhos abertos, ampliando-os a ponto de doer. Meu coração

começa a bater forte. Tento desesperadamente manter o controle sobre meus pensamentos em espiral, mas minha pele começa a se arrepiar. Eu cerro meus punhos. Nada ajuda. Nada ajuda. *Nada*, eu penso.

nada

nada

nada

Começo a contar as luzes que passamos.

Eu conto meus dedos. Eu conto minhas respirações. Conto meus passos, medindo a força de cada passo que troveja em minhas pernas, reverbera em volta dos meus quadris.

Lembro que Darius ainda está vivo.

Ele foi levado, aparentemente para ser curado e retornado à sua posição anterior.

Anderson não parecia se importar que Darius ainda estivesse vivo. Anderson estava apenas me testando, eu percebi. Me testando, mais uma vez, para ter certeza de que eu era obediente a ele e a ele apenas.

Eu respiro fundo, me fortalecendo.

Eu me concentro na figura de Anderson em retirada. Por razões que não posso explicar, olhar para ele me firma. Retarda meu pulso. Acalma meu estômago. E deste ponto de vista, não posso deixar de admirar a maneira como ele se move. Ele tem uma forma impressionante e musculosa – ombros largos, cintura estreita, pernas fortes – mas fico maravilhada com a maneira como ele se comporta. Ele tem um passo confiante. Ele caminha com sua estatura elevada, com eficiência suave e sem esforço. Enquanto eu o observo, um sentimento familiar se agita através de mim. Ele se reúne no meu estômago, provocando um calor fraco que envia um breve choque ao meu coração.

Eu não luto contra isso.

Há algo sobre ele. Algo em seu rosto. A presença dele. Encontro-me inconscientemente aproximando-me dele, observando-o com muita atenção. Notei que ele não usa jóias, nem mesmo um relógio. Ele tem uma cicatriz desbotada entre o polegar direito e o indicador.

Suas mãos são ásperas e calejadas. Seu cabelo escuro está coberto de prata, cuja extensão é visível apenas de perto. Seus olhos são verde-azulados de águas rasas e azuis.

Incomum.

Água-marinha.

Ele tem cílios castanhos compridos e marcas de riso. Lábios cheios e curvos. Sua pele fica mais áspera com o passar do dia, a sombra dos pêlos faciais sugerindo uma versão dele que tento e não consigo imaginar.

Eu percebo que estou começando a gostar dele. Confiar nele.

De repente, ele para. Estamos do lado de fora de uma porta de aço, ao lado da qual há um teclado e um scanner biométrico.

Ele leva o pulso à boca.

— Sim. — Uma pausa. — Eu estou do lado de fora.

Sinto meu próprio pulso vibrar. Olho para baixo, surpresa, para a luz azul piscando através da pele no meu pulso.

Estou sendo convocada.

Isso é estranho. Anderson está bem ao meu lado; Eu pensei que ele era o único com autoridade para me chamar.

— Senhor? — Eu digo.

Ele olha para trás, as sobrancelhas levantadas como se dissesse... *Sim?* E algo que parece felicidade floresce dentro de mim. Eu sei que é imprudente fazer parecer tanto algo tão pequeno, mas seus movimentos e expressões parecem subitamente mais suaves agora, mais casuais. É claro que ele começou a confiar em mim também.

Eu levanto meu pulso para mostrar a mensagem. Ele faz uma careta.

Ele se aproxima de mim, pegando meu braço piscando em suas mãos. As pontas de seus dedos pressionam contra a minha pele enquanto ele gentilmente dobra a articulação, seus olhos se estreitando enquanto estuda a convocação. Fico estranhamente imóvel. Ele faz um som de irritação e exala, sua respiração deslizando pela minha pele.

Um raio de sensação se move através de mim.

Ele ainda está segurando meu braço quando ele fala em seu próprio pulso.

— Diga a Ibrahim para recuar. Eu tenho isso sob controle.

No silêncio, Anderson inclina a cabeça, ouvindo um fone de ouvido que não é facilmente visível. Eu só posso assistir. Esperar.

— Eu não me importo — diz ele com raiva, seus dedos fechando inconscientemente em volta do meu pulso. Eu suspiro, surpresa, e ele se vira, nossos olhos se encontrando, colidindo.

Anderson faz uma careta.

Seu agradável aroma masculino enche minha cabeça e eu o respiro quase sem querer.

Estar tão perto dele é difícil. Estranho. Minha cabeça está nadando com confusão.

Imagens quebradas inundam minha mente – um lampejo de cabelos dourados, dedos roçando a pele nua – e depois náuseas. Tontura.

Quase me derruba.

Desvio o olhar assim que Anderson puxa meu braço para cima, em direção a um holofote, apertando os olhos para ver melhor. Nossos corpos quase se tocam, e de repente estou tão perto que posso ver as bordas de uma tatuagem, escuras e curvas, subindo pela borda de sua clavícula.

Meus olhos se arregalam de surpresa. Anderson solta meu pulso.

— Eu já sei que era ele — diz ele, falando rapidamente, seus olhos disparando para longe de mim. — O código dele está no carimbo de data e hora. — Uma pausa. — Apenas limpe a convocação. E depois lembre-o de que ela se reporta apenas a mim. Eu decido se e quando ele vai falar com ela.

Ele deixa cair o pulso. Toca um dedo na têmpora.

E então, estreita os olhos para mim.

Meu coração pula. Eu me endireito. Não espero mais ser solicitada. Quando ele me olha assim, eu sei que é minha sugestão para confessar.

— Você tem uma tatuagem, senhor. Eu estava surpresa. Eu me perguntava o que era.

Anderson levanta uma sobrancelha para mim.

Ele parece prestes a falar quando, finalmente, a porta de aço se abre. Uma onda de vapor escapa pela porta, atrás da qual emerge um homem. Ele é alto, mais alto que Anderson, com cabelos castanhos ondulados, pele morena clara e olhos claros e brilhantes, cuja cor não é imediatamente óbvia. Ele veste um jaleco branco. Botas altas de borracha.

Uma máscara facial está pendurada no pescoço e uma dúzia de canetas foram enfiadas no bolso do casaco. Ele não faz nenhum esforço para avançar ou se afastar; ele só fica na porta, aparentemente indeciso.

— O que está acontecendo? — Diz Anderson. — Enviei uma mensagem para você uma hora atrás e você nunca apareceu. Então eu chego à sua porta e você me faz esperar.

O homem – Anderson me disse que se chamava Max – não diz nada. Em vez disso, ele me avalia, seus olhos se movendo para cima e para baixo no meu corpo em uma demonstração de ódio indisfarçado. Não sei como processar sua reação.

Anderson suspira, agarrando algo que não é óbvio para mim.

— Max — ele diz calmamente. — Você não pode estar falando sério.

Max lança um olhar penetrante para Anderson.

— Ao contrário de você, nem todos somos feitos de pedra. — E então, olhando para o outro lado: — Pelo menos não inteiramente.

Fico surpresa ao descobrir que Max tem sotaque, nada diferente dos cidadãos da Oceania. Ele deve ser nascido nessa região.

Anderson suspira novamente.

— Tudo bem — Max diz friamente. — O que você quer discutir? — Ele tira uma caneta do bolso, destampando-a com os dentes. Ele enfia a mão no outro bolso e tira um caderno.

Ele o abre.

De repente fico cega.

No espaço de um único instante, a escuridão inunda minha visão. Limpa. Imagens turvas reaparecem, o tempo acelera e desacelera de vez em quando. Cores aparecem nos meus olhos, dilatam minhas pupilas. Estrelas explodem, luzes piscando, faiscando. Eu escuto vozes. Uma única voz. Um sussurro...

Eu sou uma ladra

A fita rebobina. Reproduz. O arquivo corrompe.

Eu sou

Eu sou

EUEUEU

sou

uma ladra

uma ladra eu roubei

Eu roubei esse caderno e essa caneta de um dos médicos

— Claro que você fez.

A voz aguda de Anderson me traz de volta ao momento presente. Meu coração está batendo na garganta. O medo pressiona contra a minha pele, conjurando arrepios ao longo dos meus braços. Meus olhos se movem muito rapidamente, dando voltas em angústia até descansarem, finalmente, no rosto familiar de Anderson.

Ele não está olhando para mim. Ele nem está falando comigo.

Um alívio silencioso me inundou com a realização. Meu interlúdio durou apenas um momento, o que significa que não perdi muito mais do que algumas palavras trocadas. Max se vira para mim, me estudando com cautela.

— Entre — diz ele, e desaparece pela porta.

Sigo Anderson pela entrada e, assim que atravesso o limiar, uma rajada de ar gelado envia um arrepio na minha pele. Não chego muito além da entrada antes de me distrair.

Espantada.

Aço e vidro são responsáveis pela maioria das estruturas no espaço – telas e monitores maciços; microscópios; mesas de vidro compridas cheias de copos e tubos de ensaio meio cheios. Os tubos de acordeão cortam o espaço vertical ao redor da sala, conectando mesas e tetos. Blocos de luminárias artificiais estão suspensos no ar, zumbindo constantemente. A temperatura da luz aqui é tão azul que não sei como Max aguenta.

Sigo Max e Anderson até uma mesa em forma de meia-lua que parece mais um centro de comando. Os papéis estão empilhados em um lado da parte superior de aço, as telas piscando acima. Mais canetas estão enfiadas em uma caneca de café lascada sobre um livro grosso.

Um *livro*.

Não vejo uma relíquia assim há muito tempo.

Max senta-se. Ele gesticula para um banquinho escondido embaixo de uma mesa próxima, e Anderson balança a cabeça.

Eu continuo de pé.

— Tudo bem, então, continue — diz Max, seus olhos piscando na minha direção. — Você disse que havia um problema.

Anderson parece subitamente desconfortável. Ele não diz nada por tanto tempo que, eventualmente, Max sorri.

— Fale logo — diz Max, gesticulando com a caneta. — O que você fez de errado desta vez?

— Eu não fiz nada de errado — diz Anderson bruscamente.

Então ele franze a testa.

— Acho que não.

— Então, o que é?

Anderson respira fundo. Finalmente:

— Ela diz que está... atraída por mim.

Os olhos de Max se arregalam. Ele olha de Anderson para mim e depois de volta. E então, de repente...

Ele ri.

Meu rosto esquenta. Eu olho para frente, estudando o equipamento estranho empilhado nas prateleiras contra a parede oposta.

Pelo canto do olho, vejo Max rabiscando em um bloco de notas. Toda essa tecnologia moderna, mas ele ainda parece gostar de escrever à mão. A observação me parece estranha. Arquivei as informações, sem realmente entender o porquê.

— Fascinante — diz Max, ainda sorrindo. Ele balança a cabeça rapidamente.
— Faz todo sentido, é claro.

— Estou feliz que você ache isso engraçado — diz Anderson, visivelmente irritado. — Mas eu não gosto disso.

Max ri de novo. Ele se recosta na cadeira, as pernas estendidas, cruzadas nos tornozelos. Ele está claramente intrigado – empolgado, até – com o desenvolvimento, e está causando o descongelamento da sua frieza anterior. Ele morde a tampa da caneta, considerando Anderson. Há um brilho nos olhos dele.

— Meus olhos me enganam — diz ele — ou o grande Paris Anderson admite ter consciência? Ou talvez: um senso de moralidade?

— Você conhece melhor do que ninguém que eu nunca tive nenhum dos dois, então temo não saber como é.

— *Touché*.

— De qualquer forma...

— Sinto muito — Max diz, seu sorriso se alargando. — Mas preciso de outro momento com essa revelação. Você pode me culpar por estar fascinado? Considerando o fato incontestável de você ser um dos seres humanos mais depravados que eu já conheci – e entre nossos círculos sociais, isso diz muito.

— Ha ha — Anderson diz categoricamente.

— Acho que estou surpreso. Por que *isso* é demais? Por que essa é a linha que você não cruzará? De todas as coisas...

— Max, fale sério.

— Estou falando sério.

— Além das razões óbvias pelas quais essa situação deveria ser perturbadora para qualquer um... A garota não tem nem dezoito anos. Mesmo eu não sou tão depravado quanto isso.

Max balança a cabeça. Ergue a caneta.

— Na verdade, ela tem dezoito anos há quatro meses.

Anderson parece discutir, e então...

— Claro — diz ele. — Eu estava me lembrando da papelada errada. — Ele olha para mim enquanto diz e sinto meu rosto ficar mais quente.

Estou simultaneamente confusa e mortificada.

Curiosa.

Horrorizada.

— De qualquer maneira — Anderson diz bruscamente — eu não gosto. Consegue consertar isso?

Max se senta para frente, cruza os braços.

— Se posso *consertar*? Posso consertar o fato de que ela não pode deixar de se sentir atraída pelo homem que gerou os dois rostos que ela conhece mais intimamente? — Ele balança a cabeça. Ri de novo. — Esse tipo de fiação não é desfeito sem causar sérias repercussões. Repercussões que nos atrasariam.

— Que tipo de repercussão? Nos atrasaria como?

Max olha para mim. Olha para Anderson.

Anderson suspira.

— Juliette — ele late.

— Sim, senhor.

— Nos deixe sozinhos.

— Sim, senhor.

Eu giro bruscamente e vou para a saída. A porta se abre em antecipação à minha abordagem, mas eu hesito, a poucos metros de distância, quando ouço Max rir novamente.

Eu sei que não deveria escutar. Eu sei que está errado. Eu sei que seria punida se fosse pega. Eu sei isso.

Ainda assim, não consigo me mexer.

Meu corpo está revoltado, gritando comigo para cruzar o limiar, mas um calor generalizado começou a penetrar em minha mente, entorpecendo a compulsão. Eu ainda estou congelada na frente da porta aberta, tentando decidir o que fazer, quando as vozes deles me alcançam.

— Ela claramente tem um tipo — Max está dizendo. — Neste ponto, está praticamente escrito no DNA dela.

Anderson diz algo que não ouço.

— É realmente uma coisa tão ruim? — Max diz. — Talvez o carinho dela por você possa funcionar a seu favor. Tire vantagem disso.

— Você acha que eu estou tão desesperado por companhia – ou tão completamente incompetente – que eu precisaria resultar em sedução para conseguir o que quero da garota?

Max solta uma risada.

— Nós dois sabemos que você nunca esteve desesperado por companhia. Mas quanto à sua competência...

— Não sei por que me incomodo com você.

— Faz trinta anos, Paris, e eu ainda estou esperando você desenvolver um senso de humor.

— Faz trinta anos, Max, e você pensaria que eu teria encontrado novos amigos agora. Amigos melhores.

— Você sabe, seus filhos também não são engraçados — diz Max, ignorando-o. — Interessante como isso funciona, não é?

Anderson grune.

Max apenas ri mais alto.

Eu franzo a testa.

Eu fico lá, tentando e falhando em processar suas interações. Max apenas insultou um comandante supremo do Restabelecimento – várias vezes. Como subordinado de Anderson, ele deve ser punido por falar com tanto desrespeito. Ele deveria ser demitido, no mínimo. Executado, se Anderson considerar preferível.

Mas quando ouço o som distante da risada de Anderson, percebo que ele e Max estão rindo *juntos*. É uma percepção que me assusta e me surpreende: Que eles devem ser amigos.

Uma das luzes do teto aparece e zumba, assustando-me para fora dos meus devaneios.

Eu balanço minha cabeça rapidamente e saio pela porta.

18. KENJI

De repente, sou um grande fã dos groupies* do Warner.

No caminho de volta à minha tenda, contei a apenas algumas pessoas que vi no caminho que Warner estava com fome – mas ainda não se sentindo bem o suficiente para se juntar a todos no refeitório – e eles estavam entregando pacotes de comida no meu quarto desde então. O problema é que toda essa gentileza tem um preço. Seis garotas diferentes (e dois caras) apareceram até agora, cada um esperando pagamento por sua generosidade na forma de uma conversa com Warner, o que – obviamente – nunca acontece. Mas eles geralmente se contentam com uma boa olhada nele.

É estranho.

Quero dizer, até eu sei, objetivamente, que Warner não é nojento de olhar, mas toda essa produção de flerte descarado está realmente começando a parecer estranha. Não estou acostumado a estar em um ambiente em que as pessoas admitem abertamente gostar de algo sobre Warner. Quando estávamos no Ponto Ômega – e mesmo na base do setor 45 – todos pareciam concordar que ele era um monstro. Ninguém negou o medo ou a repugnância por tempo suficiente para tratá-lo como o tipo de cara com quem eles poderiam bater os cílios.

Mas o engraçado é que sou o único que fica irritado.

Toda vez que a campanha toca, eu digo: é isso, é o momento em que Warner finalmente perde a cabeça e atira em alguém, mas ele nem parece notar. De todas as coisas que o irritam, homens e mulheres boquiabertos não parecem estar na lista.

— Então isso é normal para você, ou o quê? — Ainda estou arrumando a comida em pratos na pequena sala de jantar da minha tenda. Warner está parado rigidamente em um ponto aleatório ao lado da janela. Ele escolheu aquele lugar aleatório quando entramos e ele está parado ali, olhando para o nada, desde então.

— O que é normal para mim?

— Todas essas pessoas — eu digo, gesticulando para a porta. — Chegando aqui fingindo que não estão imaginando você sem suas roupas. Esse é apenas um dia normal para você?

— Acho que você está esquecendo — ele diz calmamente — que fui capaz de sentir emoções pela maior parte da minha vida.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Portanto, esse é apenas um dia normal para você.

Ele suspira. Olha pela janela novamente.

— Você nem vai fingir que não é verdade? — Rasgo um recipiente de papel alumínio. Mais batatas. — Você nem finge que não sabe que o mundo inteiro o acha atraente?

— Isso foi uma confissão?

— Você gostaria que fosse, idiota.

— Acho chato — diz Warner. — Além disso, se eu prestasse atenção a todas as pessoas que me consideravam atraente, nunca teria tempo para mais nada.

Eu quase derrubei as batatas.

Espero que ele abra um sorriso, me diga que ele está brincando, e quando não o faz, balanço a cabeça, atordoado.

— Uau — eu digo. — Sua humildade é uma inspiração do caralho.

Ele encolhe os ombros.

— Ei — eu digo — falando de coisas que me dão nojo — você talvez queira, tipo, lavar um pouco do sangue do seu rosto antes de comermos?

Warner olha para mim em resposta.

Eu levanto minhas mãos.

— Ok. Legal. Isso é bom. — Eu aponto para ele. — Na verdade, ouvi dizer que o sangue é bom para você. Você sabe — orgânico. Antioxidantes e toda essa merda. Muito popular entre os vampiros.

— Você consegue ouvir o que diz em voz alta? Você não percebe o quão perfeitamente idiota você soa?

Eu reviro meus olhos. — Tudo bem, rainha da beleza, a comida está pronta.

— Estou falando sério — diz ele. — Nunca lhe ocorre pensar antes de falar? Nunca lhe ocorre parar de falar completamente? Se não, deveria.

— Vamos lá, bundão. Sente-se.

Relutantemente, Warner faz o seu caminho. Ele se senta e olha, inexpressivo, a refeição à sua frente.

Dou-lhe alguns segundos antes de dizer...

— Você ainda se lembra de como fazer isso? Ou você precisa que eu te alimente? — Eu apunhalo um pedaço de tofu e aponto na direção dele. — Diga *ah*. O trenzinho do tofu está chegando.

— Mais uma piada, Kishimoto, e eu removerei sua coluna.

— Você está certo. — Larguei o garfo. — Entendi. Também fico ranzinza quando estou com fome.

Ele olha bruscamente.

— Isso não foi uma piada! — Eu digo. — Estou falando sério.

Warner suspira. Pega seus utensílios. Olha ansiosamente para a porta.

Eu não forço a minha sorte.

Eu mantenho meu rosto na minha comida – estou genuinamente animado por ter um segundo almoço – e espero até que ele dê várias mordidas antes de eu ir para a jugular.

— Então — eu finalmente digo. — Você propôs, hein?

Warner para de mastigar e olha para cima. De repente, ele me parece jovem. Além da necessidade óbvia de tomar banho e trocar de roupa, ele parece estar finalmente começando a derramar um pouquinho de tensão. E posso dizer pela maneira como ele está segurando a faca e o garfo agora – com um pouco mais de entusiasmo – que eu estava certo.

Ele estava com fome.

Eu me pergunto o que ele teria feito se eu não o tivesse arrastado para cá e o sentado.

Forçado-o a comer.

Ele teria apenas caído no chão?

Acidentalmente morrido de fome a caminho de salvar Juliette?

Ele parece não ter nenhum cuidado real com seu eu físico. Não se importa com suas próprias necessidades. Parece-me, repentinamente, bizarro. E preocupante.

— Sim — ele diz calmamente. — Eu propus.

Sou tomado por uma reação brusca para provocá-lo – sugerir que o mau humor dele faz sentido agora, que ela provavelmente o recusou – mas até eu sei melhor do que isso. O que está acontecendo na cabeça de Warner agora é sombrio. Sério. E eu preciso lidar com essa parte da conversa com cuidado.

Então eu vou com cuidado.

— Estou supondo que ela disse sim.

Warner não encontra meus olhos.

Eu respiro fundo, solto lentamente. Está tudo começando a fazer sentido agora.

Nos primeiros dias depois que Castle me pegou, minha guarda estava tão alta que eu nem conseguia ver por cima. Eu não confiava em ninguém. Eu não acreditava em nada. Eu estava sempre esperando o outro sapato cair. Deixei que a raiva me chamasse para dormir à noite, porque ficar com raiva era muito menos assustador do que ter fé nas pessoas – ou no futuro.

Fiquei esperando as coisas desmoronarem.

Eu tinha tanta certeza de que essa felicidade e segurança não durariam, que Castle me mandaria embora, ou que ele acabaria sendo um pedaço de merda. Abusivo. Algum tipo de monstro.

Eu não conseguia relaxar.

Levei *anos* para acreditar realmente que tinha uma família. Levei anos para aceitar, sem hesitação, que Castle realmente me amava, ou que coisas boas poderiam durar. Que eu poderia ser feliz novamente sem medo de repercussão.

É por isso que perder o Ponto Ômega foi tão cataclísmico.

Foi a fusão de quase todos os meus medos. Tantas pessoas que eu amava foram exterminadas da noite para o dia. Minha casa. Minha família. Meu refúgio. E a devastação tomou Castle também. Castle, que tinha sido minha rocha e meu exemplo; no rescaldo, ele era um fantasma. Irreconhecível. Eu não sabia como algo se encaixaria depois disso. Eu não sabia como sobreviveríamos. Não sabia para onde iríamos.

Foi Juliette quem nos puxou.

Aqueles eram os dias em que ele e eu chegamos muito perto. Foi quando eu percebi que não só podia contar com ela e me abrir para ela, mas que podia *confiar* nela. Eu nunca soube o quão forte ela era até que eu a vi assumir o comando, levantando-se e reunindo todos nós quando estávamos no nosso ponto mais baixo, quando mesmo Castle estava quebrado demais para suportar.

J fez mágica da tragédia.

Ela nos encontrou segurança e esperança. Nos unificou com o Setor 45 – com Warner e Delalieu – mesmo diante da oposição, correndo o risco de perder Adam. Ela não ficou sentada esperando Castle tomar as rédeas, como todos nós; não havia tempo para isso.

Em vez disso, ela mergulhou no meio do inferno, completamente inexperiente e despreparada, porque estava determinada a nos salvar. E se sacrificar no processo, se esse era o preço. Se não fosse por ela – se não fosse pelo que ela fez, por todos nós – não sei onde estaríamos.

Ela salvou nossas vidas.

Ela salvou minha vida, com certeza. Estendeu a mão na escuridão. Me puxou para fora.

Mas nada disso machucaria tanto se eu tivesse perdido o Ponto Ômega durante meus primeiros anos lá. Não demoraria muito tempo para me recuperar e eu não precisaria de tanta ajuda para superar a dor. Doeui assim porque eu finalmente baixe a guarda. Eu finalmente me permiti acreditar que tudo ia ficar bem. Eu comecei a ter esperança. Sonhar.

Relaxar.

Eu finalmente me afastei do meu próprio pessimismo e, no momento em que o fiz, a vida enfiou uma faca nas minhas costas.

É fácil, durante esses momentos, jogar a toalha. Ignorar a humanidade. Para dizer a si mesmo que você tentou ser feliz e veja o que aconteceu: mais dor. Uma dor pior. Ser traído pelo mundo. Você percebe então que a raiva é mais segura que a bondade, que o isolamento é mais seguro que a comunidade. Você calou tudo. Todos. Mas alguns dias, não importa o que você faça, a dor fica tão forte que você se enterra vivo apenas para fazê-la parar.

Eu saberia. Eu estive lá.

E estou olhando para Warner agora e vejo a mesma morte por trás dos olhos dele. A tortura que persegue a esperança. Aquele sabor específico de ódio próprio experimentado apenas depois de receber um golpe trágico em resposta ao otimismo.

Estou olhando para ele e me lembrando do olhar em seu rosto quando ele soprou suas velas de aniversário. Lembro-me dele e de J depois, aconchegados no canto da sala de jantar. Lembro-me de como ele estava com raiva quando eu apareci no quarto deles no amanhecer, determinado a arrastar J da cama na manhã de seu aniversário.

Estou pensando...

— *Porra.* — Eu joga meu garfo. O plástico atinge o prato com um baque surpreendente.

— Vocês dois estavam noivos?

Warner está olhando sua comida. Ele parece calmo, mas quando diz: — Sim — a palavra é um sussurro tão triste que arrasta uma faca pelo meu coração.

Balanço a cabeça. — Sinto muito, cara. Eu realmente sinto. Você não tem ideia.

Os olhos de Warner se erguem de surpresa, mas apenas por um momento.

Eventualmente, ele apunhala um pedaço de brócolis. Olha para ele.

— Isso é nojento — diz ele.

Percebo que é um código para *Obrigado*.

— Sim — eu digo. — Isso é.

Que é o código para *Não se preocupe, mano. Estou aqui por você*.

Warner suspira. Ele pousa os utensílios. Olha pela janela. Eu posso dizer que ele está prestes a dizer algo quando, de repente, a campainha toca.

Eu xingo baixinho.

Afasto-me da mesa para atender a porta, mas desta vez só abro uma fresta. Uma garota da minha idade olha de volta para mim, parada com um pacote de papel alumínio nos braços.

Ela sorri.

Abro a porta um pouco mais.

— Eu trouxe isso para Warner — diz ela, cochichando. — Ouvi dizer que ele estava com fome. — O sorriso dela é tão grande que você provavelmente poderia vê-lo em Marte. Eu tenho que fazer um esforço real para não revirar os olhos.

— Obrigado. Eu vou le...

— Oh — diz ela, empurrando o pacote fora de alcance. — Eu pensei que poderia entregá-lo pessoalmente. Você sabe, apenas para ter certeza de que está sendo entregue à pessoa certa. — Ela sorri.

Desta vez, eu realmente reviro os olhos.

Relutantemente, abro a porta, me afastando para deixá-la entrar. Eu me viro para dizer à Warner que outro membro de seu fã-clubes está aqui para dar uma longa olhada em seus olhos verdes, mas no segundo que eu demoro para me mover, eu a ouço gritar. O recipiente de comida cai no chão, macarrão espaguete e molho vermelho derramando por toda parte.

Eu giro, atordoado.

Warner prendeu a garota na parede, a sua mão em volta da garganta dela.

— Quem te enviou aqui? — ele diz.

Ela luta para se libertar, seus pés chutando forte contra a parede, seus gritos sufocados e desesperados.

Minha cabeça está girando.

Eu pisco e Warner a colocou no chão, de joelhos. A bota dele está plantada no meio das costas dela, os dois braços dobrados para trás, presos em suas garras. Ele torce. Ela grita.

— *Quem te enviou aqui?*

— Eu não sei do que você está falando — diz ela, ofegando.

Meu coração está batendo como um louco.

Não tenho ideia do que diabos aconteceu, mas sei que não devo fazer perguntas. Tiro a Glock escondida dentro do meu cinto e aponto na direção dela. E então, quando estou começando a entender o fato de que é uma emboscada – e provavelmente de alguém daqui, de dentro do Santuário – percebo que a comida começa a se mover.

Três escorpiões enormes começam a sair debaixo do macarrão, e a visão é tão perturbadora que quase vomito e desmaio ao mesmo tempo. Eu nunca vi escorpiões na vida real.

Notícias de última hora: são *horríveis*.

Eu pensei que não tinha medo de aranhas, mas isso é como se as aranhas estivessem drogadas, como se as aranhas fossem muito, muito grandes e meio que transparecessem e usassem armadura e tivessem ferrões enormes e venenosos em uma extremidade, prontos para te matar. As criaturas fazem uma curva acentuada, e as três vão direto para Warner.

Eu solto um suspiro em pânico.

— Uh, mano... não é para, hum, te assustar ou algo assim, mas existem, tipo, três escorpiões indo direto para você...

De repente, os escorpiões congelam no lugar.

Warner solta os braços da garota e ela se afasta tão rápido que suas costas batem contra a parede. Warner olha para os escorpiões. A garota também olha.

Os dois estão tendo uma batalha de vontades, eu percebo, e é fácil para mim descobrir quem vai ganhar. Então, quando os escorpiões começam a se mover novamente – desta vez direção dela – eu tento não dar um soco no ar.

A garota se põe de pé, os olhos arregalados.

— Quem te enviou? — Warner pergunta novamente.

Ela está respirando com dificuldade agora, ainda encarando os escorpiões enquanto se afasta um pouco mais. Eles estão subindo nos sapatos dela agora.

— Quem? — Warner exige.

— Seu pai me enviou — diz ela sem fôlego. Canelas. Joelhos. Escorpiões nos seus joelhos. Oh meu Deus, escorpiões nos seus joelhos. — Anderson me enviou aqui, ok? Mande eles pararem!

— Mentirosa.

— Foi ele, eu juro!

— Você foi enviada aqui por um tolo — diz Warner — se você foi levada a acreditar que poderia mentir para mim repetidamente sem repercussão. E você é uma tola se acredita que serei misericordioso.

As criaturas estão subindo seu torso agora. Subindo seu peito. Ela engasga. Trava seus olhos com ele.

— Entendo — diz ele, inclinando a cabeça para ela. — Alguém mentiu para você.

Os olhos dela se arregalam.

— Você foi enganada — diz ele, segurando o olhar dela. — Eu não sou gentil. Eu não estou perdendo. Eu não ligo para a sua vida.

Enquanto ele fala, os escorpiões rastejam por seu corpo. Eles estão sentados perto de sua clavícula agora, apenas esperando, ferrões venenosos pairando sob seu rosto. E então, lentamente, os ferrões dos escorpiões começam a se curvar em direção à pele macia em sua garganta.

— Mande eles pararem! — ela chora.

— Esta é sua última chance — diz Warner. — Diga-me o que você está fazendo aqui.

Ela está respirando com tanta dificuldade agora que seu peito se agita, suas narinas se abrem. Seus olhos percorrem a sala em pânico. Os ferrões dos escorpiões pressionam mais perto de sua garganta. Ela se encosta na parede, um suspiro quebrado escapando de seus lábios.

— Trágico — diz Warner.

Ela se move rápido. À velocidade de um relâmpago. Puxa uma arma de algum lugar dentro de sua blusa e aponta na direção de Warner, e eu nem penso, apenas reajo.

Eu atiro.

O som ecoa, se expande – parece violentamente alto – mas é um tiro perfeito. Um buraco limpo no pescoço. A garota fica comicamente parada e depois cai, lentamente, no chão.

Sangue e escorpiões se acumulam ao redor de nossos pés. O corpo de uma garota morta está espalhado no meu chão, a poucos centímetros da cama em que acordei, seus membros dobrados em ângulos desajeitados.

A cena é surreal.

Eu olho para cima. Warner e eu travamos nossos olhares.

— Eu vou com você buscar J — eu digo. — Fim da discussão.

Warner olha de mim para o cadáver e depois de volta.

— Tudo bem — diz ele, e suspira.

*N.T.: *Groupie*: uma pessoa que segue regularmente um grupo de música pop ou outra celebridade na esperança de encontrá-los ou conhecê-los.

19. ELLA

JULIETTE

Estou parada do lado de fora da porta olhando para uma parede de pedra polida e lisa por pelo menos quinze minutos antes de verificar meu pulso por uma convocação.

Nada ainda.

Quando estou com Anderson, não tenho muita flexibilidade para olhar em volta, mas ficar de pé aqui me deu tempo para examinar livremente meu entorno. O trecho do corredor é estranhamente silencioso, vazio de médicos ou soldados de uma maneira que me perturba. Há longas grades verticais sob os pés, onde o chão deveria estar, e eu estou aqui tempo suficiente para me sintonizar com os pingos incessantes e rugidos mecânicos que preenchem o fundo.

Olho para o meu pulso novamente.

Olhe ao redor do corredor.

As paredes não são cinza, como eu pensava originalmente. Acontece que elas são um branco opaco. Sombras pesadas fazem com que pareçam mais escuras do que são – e, de fato, fazem com que todo esse piso pareça mais escuro. As luzes do teto são conjuntos incomuns de favo de mel dispostos ao longo das paredes e do teto. A luz de forma estranha dispersa a iluminação, lançando hexágonos retangulares em todas as direções, mergulhando algumas paredes na escuridão completa. Dou um passo cauteloso à frente, olhando mais de perto para um retângulo de escuridão que eu havia ignorado anteriormente.

Percebo que é um corredor, inteiramente à sombra.

Sinto uma repentina compulsão em explorar suas profundezas e preciso me impedir fisicamente de dar um passo à frente. Meu dever está aqui, nesta porta.

Não é da minha conta explorar ou fazer perguntas, a menos que tenha sido explicitamente solicitada a explorar ou fazer perguntas.

Minhas pálpebras tremem.

O calor se espalha em mim, chamas como dedos cavando em minha mente. O calor percorre minha espinha, envolve meu cóccix. E então atira para cima, rápido e forte, forçando meus olhos a abrir. Estou respirando com dificuldade, girando.

Confusa.

De repente, faz todo o sentido que eu deva explorar o corredor escuro. De repente, parece não haver necessidade de questionar meus motivos ou quaisquer consequências possíveis para minhas ações.

Mas eu só dei um único passo na escuridão quando sou empurrada de forma agressiva para trás. O rosto de uma garota olha para mim.

— Você precisa de algo? — ela diz.

Levanto as mãos, depois hesito. Talvez eu não esteja autorizada a machucar essa pessoa.

Ela dá um passo à frente. Ela está vestindo roupas civis, mas não parece estar armada.

Eu espero que ela fale, mas ela não diz nada.

— Quem é você? — Eu exijo. — Quem lhe deu a autoridade para estar aqui em baixo?

— Eu sou Valentina Castillo. Eu tenho autoridade em todos os lugares.

Eu abaixo minhas mãos.

Valentina Castillo é filha do comandante supremo da América do Sul, Santiago Castillo. Eu não sei como Valentina deve ser, então essa garota pode ser uma impostora. Então, novamente, se eu correr um risco e estiver errada...

Eu poderia ser executada.

Olho ao seu redor e não vejo nada além de escuridão. Minha curiosidade – e inquietação – estão aumentando a cada minuto.

Olho para o meu pulso. Ainda não há convocação.

— Quem é você? — ela diz.

— Eu sou Juliette Ferrars. Sou uma soldado supremo do nosso comandante Norte-Americano. Deixe-me passar.

Valentina olha para mim, seus olhos me examinando da cabeça aos pés.

Ouçoo um duplo *clique*, como o som de algo se abrindo, e eu giro ao redor, procurando a origem do som. Não há ninguém.

— Você desbloqueou sua mensagem, Juliette Ferrars.

— Que mensagem?

— Juliette? *Juliette*.

A voz de Valentina muda. De repente, ela parece estar assustada e sem fôlego, como se estivesse em movimento. Sua voz ecoa. Eu ouço o som de passos batendo no chão, mas eles parecem distantes, como se ela não fosse a única correndo.

— *Viste**, não havia muito tempo — diz ela, seu sotaque espanhol ficando mais grosso. — Foi o melhor que pude fazer. Eu tenho um plano, mas *no sé si será posible. Este mensaje es en caso de emergencia**.

— Eles levaram Lena e Nicolás nessa direção — diz ela, apontando para a escuridão.

Estou a caminho de tentar encontrá-los. Mas se eu não puder...

Sua voz começa a desaparecer. A luz que ilumina seu rosto começa a brilhar, quase como se ela estivesse desaparecendo.

— Espere — eu digo, estendendo a mão. — Onde você está...

Minha mão se move diretamente através dela e eu ofego. Ela não tem forma. O rosto dela é uma ilusão.

Um holograma.

— Sinto muito — diz ela, sua voz começando a distorcer. — Eu sinto muito. Foi o melhor que pude fazer.

Uma vez que sua forma evapora completamente, sou puxada para a escuridão, o coração batendo forte. Não entendo o que está acontecendo, mas se a filha do supremo comandante da América do Sul estiver com problemas, tenho o dever de encontrá-la e protegê-la.

Eu sei que minha lealdade é com Anderson, mas esse calor estranho e familiar ainda está pressionando contra o interior da minha mente, acalmando o impulso que me diz para me virar. Acho que sou grata por isso. Percebo, distante, que minha mente é uma estranha bagunça de contradições, mas não tenho mais que um momento para insistir nisso.

Esse corredor é escuro demais para facilitar o acesso, mas eu já havia observado que o que antes pensava serem ranhuras decorativas nas paredes era na verdade portas embutidas, então aqui, em vez de confiar nos meus olhos, uso minhas mãos.

Eu corro meus dedos ao longo da parede enquanto caminho, esperando por uma interrupção no padrão. É um longo corredor – espero que haja várias portas para percorrer – mas parece haver pouco nessa direção. Nada visível pelo toque ou visão, pelo menos.

Quando finalmente sinto o padrão familiar de uma porta, hesito.

Pressiono as duas mãos contra a parede, preparada para destruí-la, se for preciso, quando de repente as fissuras se abrem sob minhas mãos, como se estivesse me esperando.

Me esperando.

Entro na sala, meus sentidos aumentados. Uma luz azul fraca pulsa pelos pisos, mas fora isso, o espaço está quase completamente escuro. Continuo me movendo e, embora não precise usar uma arma, pego o rifle preso nas minhas costas. Ando devagar, minhas botas macias e silenciosas e sigo as luzes distantes e pulsantes. Enquanto eu me movo mais fundo na sala, as luzes começam a piscar.

As luzes do teto naquele padrão familiar de favo de mel brilham, quebrando o chão com inclinações incomuns de luz. As vastas dimensões da sala começam a tomar forma. Olho para a enorme sala em forma de cúpula, para o tanque vazio de água ocupando uma parede inteira. Há mesas abandonadas, suas respectivas cadeiras tortas. Os touchpads são empilhados precariamente em pisos e mesas, papéis e pastas empilhados por toda parte.

Este lugar parece assombrado. Deserto.

Mas é claro que já estive uma vez em completo uso.

Óculos de segurança pendurados em um rack próximo. Jalecos em outro. Existem caixas de vidro grandes e vazias colocadas em cima de locais aparentemente aleatórios e intermitentes, e, enquanto me afasto ainda mais na sala, noto um brilho roxo constante emanando de tão longe.

Eu viro a esquina, e há a fonte:

Oito cilindros de vidro, cada um com a altura da sala e a largura de uma mesa, estão dispostos em uma linha perfeita, em frente ao laboratório. Cinco deles contêm figuras humanas. Três no final permanecem vazios. A luz púrpura se origina de dentro dos cilindros individuais e, quando me aproximo, percebo que os corpos estão suspensos no ar, ligados inteiramente pela luz.

Existem três garotos que não reconheço. Uma garota que eu não reconheço. O outro...

Eu me aproximo do tanque e suspiro.

Valentina.

— O que você está fazendo aqui?

Eu me viro, tiro o rifle e aponto na direção da voz. Largo a arma quando vejo o rosto de Anderson. Em um instante, o calor generalizado recua da minha cabeça.

Minha mente voltou para mim.

Meu mente, meu nome, minha posição, meu lugar – meu comportamento vergonhoso, desleal e imprudente. Horror e medo fluem através de mim, colorindo minhas feições. Como explico o que não entendo?

O rosto de Anderson permanece pedregoso.

— Senhor — eu digo rapidamente. — Essa jovem é a filha do comandante supremo da América do Sul. Como serva do Restabelecimento, senti-me compelida a ajudá-la.

Anderson apenas olha para mim.

Por fim, ele diz:

— Como você sabe que essa garota é filha do supremo comandante da América do Sul?

Eu balanço a cabeça.

— Senhor, houve... algum tipo de visão. De pé no corredor. Ela me disse que era Valentina Castillo e que precisava de ajuda. Ela sabia meu nome. Ela me disse para onde ir.

Anderson exala, seus ombros liberando sua tensão.

— Essa não é a filha de um comandante supremo do Restabelecimento — diz ele calmamente. — Você foi enganada por um exercício prático.

A mortificação renovada envia um novo calor ao meu rosto.

Anderson suspira.

— Sinto muito, senhor. Eu pensei... pensei que era meu dever ajudá-la, senhor. Anderson encontra meus olhos novamente.

— Claro que sim.

Eu mantenho minha cabeça firme, mas a vergonha me queima por dentro.

— E? — ele diz. — O que você acha?

Anderson gesticula na linha dos cilindros de vidro, nas figuras exibidas dentro.

— Eu acho que é uma bela exibição, senhor.

Anderson quase sorri. Ele dá um passo mais perto, me estudando.

— Uma bela exibição, de fato.

Eu engulo.

Sua voz muda, torna-se suave. Gentil. — Você nunca me trairia, Juliette?

— Não, senhor — eu digo rapidamente. — Nunca.

— Diga-me uma coisa — diz ele, levantando a mão até meu rosto. As costas dos nós dos dedos roçam minha bochecha, seguem meu queixo. — Você morreria por mim?

Meu coração está batendo forte no meu peito.

— Sim, senhor.

Ele pega meu rosto nas mãos agora, seu polegar roçando suavemente meu queixo.

— Você faria qualquer coisa por mim?

— Sim, senhor.

— E ainda assim, você deliberadamente me desobedeceu. — Ele abaixa a mão. Meu rosto está subitamente frio. — Eu pedi para você esperar do lado de fora — diz ele calmamente. — Eu não pedi para você vagar. Eu não pedi para você falar. Não pedi para você pensar por si mesma ou salvar alguém que alegasse precisar ser salvo. Eu pedi?

— Não, senhor.

— Você esqueceu — diz ele — que eu sou seu mestre?

— Não, senhor.

— *Mentirosa* — ele chora.

Meu coração está na minha garganta. Eu engulo em seco. Não digo nada.

— Vou perguntar mais uma vez — diz ele, encarando-me. — Você esqueceu que eu sou seu mestre?

— S-sim, senhor.

Os olhos dele brilham.

— Devo lembrá-la, Juliette? Devo lembrá-la a quem você deve sua vida e sua lealdade?

— Sim, senhor — eu digo, mas pareço sem ar. Eu me sinto doente de medo. Febril. O calor formiga minha pele.

Ele pega uma lâmina de dentro do bolso do paletó. Com cuidado, ele a desdobra, o metal brilhando na luz neon.

Ele pressiona o punho na minha mão direita.

Ele pega minha mão esquerda e a explora com as suas, traçando as linhas da minha palma e as formas dos meus dedos, as costuras das minhas juntas. Sensações espiralam através de mim, maravilhosas e horríveis.

Ele pressiona levemente o meu dedo indicador. Ele encontra meus olhos.

— Esse — diz ele. — Dê para mim.

Meu coração está na minha garganta. No meu intestino. Batendo atrás dos meus olhos.

— Corte-o. Coloque na minha mão. E tudo será perdoado.

— Sim, senhor — eu sussurro.

Com as mãos trêmulas, pressiono a lâmina contra a pele macia na base do meu dedo. A lâmina é tão afiada que perfura a carne instantaneamente e, com

um grito abafado e agonizante, a pressiono mais fundo, hesitando apenas quando sinto resistência. Faca contra osso. A dor explode através de mim, me cegando.

Eu caio em um joelho.

Há sangue por toda parte.

Estou respirando com tanta dificuldade que estou ofegante, tentando desesperadamente não vomitar por causa da dor ou do horror. Aperto os dentes com tanta força que envia choques de dor fresca para cima, direto para o meu cérebro, e a distração é útil. Eu tenho que pressionar minha mão ensanguentada contra o chão sujo para mantê-la estável, mas com um último grito desesperado, eu corto o osso.

A faca cai da minha mão trêmula, caindo no chão. Meu dedo indicador ainda está pendurado na minha mão por um único pedaço de carne, e eu o arranco em um movimento rápido e violento. Meu corpo está tremendo tão excessivamente que mal posso suportar, mas de alguma forma eu consigo depositar o dedo na palma estendida de Anderson antes de cair no chão.

— Boa menina — ele diz suavemente. — Boa menina.

É tudo que eu o ouço dizer antes de desmaiar.

*N.T.: Tradução: *Você vê.*

*N.T.: Tradução: *Não sei se será possível. Essa mensagem é em caso de emergência.*

20. KENJI

Nós dois olhamos para a cena sangrenta por mais um momento antes que Warner de repente se endireite e saia pela porta. Enfio minha arma no cós da calça e corro atrás dele, lembrando de fechar a porta atrás de nós. Eu não quero esses escorpiões soltos por aí.

— Ei — eu digo, alcançando-o. — Onde você vai?

— Encontrar Castle.

— Legal. OK. Mas você acha que talvez da próxima vez, em vez de apenas sair sem uma palavra, você possa me dizer o que diabos está acontecendo? Eu não gosto de correr atrás de você assim. É humilhante.

— Isso soa como um problema pessoal.

— Sim, mas eu pensei que problemas pessoais eram sua área de especialização — eu digo. — Você tem o que, pelo menos alguns milhares de problemas pessoais, certo? Ou são alguns milhões?

Warner me lança um olhar sombrio.

— Seria bom você abordar sua própria turbulência mental antes de criticar a minha.

— Uh, o que isso quer dizer?

— Isso significa que um cão raivoso pode sentir seu estado desesperado e quebrado.

Você não está em posição de me julgar.

— *Com licença?*

— Você mente para si mesmo, Kishimoto. Você esconde seus verdadeiros sentimentos por trás de um verniz fino, brincando de palhaço, quando o tempo todo acumula detritos emocionais que se recusa a examinar. Pelo menos eu não me escondo. Sei quais são minhas falhas e as aceito. Mas você — ele diz. — Talvez você deva procurar ajuda.

Meus olhos se arregalam ao ponto de dor, minha cabeça balançando para frente e para trás entre ele e o caminho à minha frente.

— Você deve estar brincando comigo agora. *Você* está *me* dizendo para procurar ajuda para os meus problemas? O que está acontecendo? — Eu olho para o céu. — Eu estou morto? Isso é inferno?

— Eu quero saber o que está acontecendo com você e Castle.

Estou tão surpreso que paro brevemente no lugar.

— O quê? — Eu pisco para ele. Ainda confuso. — Do que você está falando? Não há nada de errado entre mim e Castle.

— Você tem sido mais profano nas últimas semanas do que em todo o tempo que eu te conheço. Algo está errado.

— Estou estressado — digo, sentindo-me arrepiado. — Às vezes eu xingo quando estou estressado.

Ele balança a cabeça.

— Isso é diferente. Você está passando por uma quantidade incomum de estresse, mesmo para você.

— Uau. — Minhas sobrancelhas se erguem. — Eu realmente espero que você não tenha se incomodado em usar a sua... — eu faço aspas no ar — ... *capacidade sobrenatural de sentir emoções...* — eu abaixo minhas mãos — ...para descobrir isso. Obviamente, estou estressado ainda mais agora. O mundo está pegando fogo. A lista de coisas que me estressam é tão longa que nem consigo acompanhar. Estamos até o pescoço na merda. J se foi. Adam desertou. Nazeera foi baleada. Você estava com sua cabeça tão longe que pensei que nunca voltaria...

Ele tenta me cortar, mas eu continuo falando.

— ...e literalmente cinco minutos atrás — eu digo — alguém do Santuário — ha, nome hilário e horrível — apenas tentou matá-lo, e eu matei alguém por isso. *Cinco minutos atrás*. Então, sim, acho que estou experimentando uma quantidade incomum de estresse agora, gênio.

Warner descarta meu discurso com um único movimento de cabeça.

— Seu uso de palavrões aumenta exponencialmente quando você está irritado com Castle. Sua linguagem parece estar diretamente conectada ao seu relacionamento com ele. Por quê?

Eu tento não revirar os olhos.

— Não que essa informação seja realmente relevante, mas Castle e eu fechamos um acordo alguns anos atrás. Ele achava que minha... — eu faço mais

aspas no ar — ... *dependência excessiva da profanidade estava inibindo minha capacidade de expressar minhas emoções de maneira construtiva.*

— Então você prometeu a ele que diminuiria seus xingamentos.

— Sim.

— Entendo. Parece que você renegou os termos desse acordo.

— Por quê você se importa? — Eu pergunto. — Por que estamos falando sobre isso? Por que estamos perdendo de vista o fato de termos sido atacados por alguém de *dentro* do Santuário? Precisamos encontrar Sam e Nouria e descobrir quem era essa garota, porque ela era claramente deste campo, e elas deveriam saber o que...

— Você pode dizer a Sam e Nouria o que quiser — diz Warner. — Mas eu preciso falar com Castle.

Algo em seu tom me assusta.

— Por quê? — Eu exijo. — O que está acontecendo? Por que você está tão obcecado com Castle agora?

Finalmente, Warner para de se mover.

— Porque... — ele diz. — Castle tinha algo a ver com isso.

— O quê? — Sinto o sangue escorrer do meu corpo. — De jeito nenhum. Não é possível.

Warner não diz nada.

— Vamos lá, cara, não fique louco — Castle não é perfeito, mas ele nunca...

— Ei... o que diabos aconteceu? — Winston, sem cessar e em pânico, vem correndo até nós. — Ouvi um tiro vindo da direção da sua tenda, mas quando fui checar você, vi... vi...

— Sim.

— O que aconteceu? — A voz de Winston é estridente. Aterrorizada.

Nesse exato momento, mais pessoas vêm à loucura. Winston começa a oferecer às pessoas explicações que não me importo em corrigir, porque minha cabeça ainda está cheia de vapor. Não tenho ideia do que diabos Warner está enfrentando, mas também estou preocupado por conhecê-lo muito bem para negar sua mente. Meu coração diz que Castle nunca nos trairia, mas meu cérebro diz que Warner geralmente está certo quando se trata de sussurrar esse tipo de merda. Então, eu estou enlouquecendo.

Vejo Nouria à distância, sua pele escura brilhando ao sol, e o alívio toma conta de mim.

Finalmente.

Nouria saberá mais sobre a garota dos escorpiões. Ela tem que saber. E o que ela sabe quase certamente ajudará a absolver Castle de qualquer afiliação com essa bagunça. E assim que pudermos resolver esse acidente, Warner e eu podemos dar o fora daqui e começar a procurar por J.

É

É isso aí.

Esse é o plano.

Me sinto bem por ter um plano. Mas quando estamos perto o suficiente, Nouria estreita os olhos para mim e Warner, e o olhar em seu rosto envia uma nova onda de medo através do meu corpo.

— Sigam-me — diz ela.

Nós seguimos.

Warner parece *lívido*.

Castle parece assustado.

Nouria e Sam parecem que estão doentes e cansadas de todos nós.

Eu posso estar imaginando coisas, mas tenho certeza de que Sam apenas lançou um olhar para Nouria – cujo subtexto provavelmente era *Por que diabos você deixou que seu pai viesse ficar conosco?* – era tão desanimador que Nouria nem sequer ficou chateada, ela apenas balançou a cabeça, resignou-se.

E o problema é que nem sei de que lado estou.

No final, Warner estava certo sobre Castle, mas ele também estava errado. Castle não estava planejando nada nefasto; ele não enviou aquela garota – o nome dela era Amelia – atrás de Warner. O erro de Castle foi pensar que todos os grupos rebeldes compartilhavam a mesma visão de mundo.

No começo, também não me ocorreu que a vibração poderia ser diferente por aqui.

Diferente do nosso grupo no Ômega, pelo menos. No Ômega, fomos liderados por Castle, que era mais um educador do que um guerreiro. Nos seus dias anteriores ao Restabelecimento, ele era um assistente social. Ele viu toneladas de crianças entrando e saindo do sistema e, com o Ponto Ômega, ele procurou construir um lar e refúgio para os marginalizados. Nós éramos tudo sobre amor e comunidade. E mesmo sabendo que estávamos nos preparando para uma luta contra o Restabelecimento, nem sempre recorremos à violência; Castle não gostava de usar seus poderes de maneira autoritária.

Ele era mais uma figura paterna para a maioria de nós.

Mas aqui...

Não demorou muito para perceber que Nouria era diferente de seu pai. Ela é legal o suficiente, mas também é só negócios. Ela não gosta de gastar muito tempo conversando, e ela e Sam são mais reservadas. Elas nem sempre comem suas refeições com todo mundo.

Elas nem sempre participam de coisas de grupo. E quando se trata disso, Sam e Nouria estão prontas e dispostas a incendiar a merda. Inferno, elas parecem estar ansiosas por isso.

Castle nunca foi realmente esse cara.

Acho que ele ficou um pouco cego quando aparecemos aqui. De repente, ele ficou sem emprego quando percebeu que Nouria e Sam não iriam receber ordens dele. E então, quando ele tentou conhecer as pessoas...

Ele ficou desapontado.

— Amelia era um pouco fanática — diz Sam, suspirando. — Ela nunca exibiu tendências perigosas e violentas, é claro, e é por isso que a deixamos ficar, mas todos sentimos que suas opiniões eram um pouco intensas. Ela era um dos poucos membros que achavam que as linhas entre O Restabelecimento e os grupos rebeldes deveriam ser claras e finitas. Ela nunca se sentiu segura com os filhos dos comandantes supremos em nosso meio, e eu sei disso porque ela me chamou em privado para me dizer. Tive uma longa conversa com ela sobre a situação, mas agora vejo que ela não estava convencida.

— Obviamente — eu murmuro.

Nouria me lança um olhar. Eu limpo minha garganta.

Sam continua:

— Quando todos, exceto Warner, foram basicamente sequestrados – e Nazeera foi baleada – Amelia provavelmente imaginou que poderia terminar o trabalho e se livrar de Warner também. — Ela balança a cabeça. — Que situação horrível.

— Você teve que atirar nela? — Nouria diz para mim. — Ela era realmente tão perigosa?

— Ela tinha *três* escorpiões! — Eu choro. — Ela apontou uma arma para Warner!

— O que mais ele deveria pensar? — Castle diz gentilmente. Ele está olhando para o chão, seus longos dreads livres do penteado de sempre na base do pescoço. Eu gostaria de poder ver a expressão em seu rosto. — Se eu não conhecesse Amelia pessoalmente, até pensaria que ela estava trabalhando para alguém.

— Diga-me novamente — diz Warner a Castle — exatamente o que você disse a ela sobre mim.

Castle olha para cima. Suspira.

— Ela e eu entramos em uma discussão acalorada — diz ele. — Amelia estava determinada que os membros do Restabelecimento não podiam mudar, que eram maus e permaneceriam maus. Eu disse a ela que não acreditava nisso. Eu disse a ela que acreditava que todas as pessoas eram capazes de mudar.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Espere, tipo, você quer dizer que acha que até alguém como Anderson é capaz de mudar?

Castle hesita. E eu sei, apenas olhando nos olhos dele, o que ele está prestes a dizer.

Meu coração pula no meu peito. Com medo.

— Acho que se Anderson estivesse realmente arrependido — diz Castle — ele também poderia mudar. Sim. Eu acredito nisso.

Nouria revira os olhos.

Sam deixa a cabeça cair nas mãos.

— Espere. Espere. — Eu levanto um dedo. — Então, tipo, em uma situação hipotética – se Anderson viesse ao Ômega pedindo anistia, alegando ser um homem mudado, você...?

Castle apenas olha para mim.

Eu me encosto de volta na minha cadeira com um gemido.

— Kenji — Castle diz suavemente. — Você sabe melhor do que ninguém como fizemos as coisas no Ponto Ômega. Dediquei minha vida a dar segunda e terceira chances para aqueles que foram expulsos pelo mundo. Você ficaria surpreso se soubesse quantas vidas das pessoas foram descarriladas por um simples erro que se estendeu, levando além do seu controle, porque ninguém estava lá para oferecer uma mão ou mesmo uma hora de assistência...

— Castle. Senhor. — Eu levanto minhas mãos. — Eu te amo. De verdade. Mas Anderson não é uma pessoa comum. Ele...

— Claro que ele é uma pessoa comum, filho. Esse é exatamente o ponto. Somos todos pessoas comuns, quando você nos despe. Não há nada a temer quando você olha para Anderson; ele é tão humano quanto você ou eu. Tão aterrorizado. E tenho certeza que se ele pudesse voltar e fazer sua vida novamente, ele tomaria decisões muito diferentes.

Nouria balança a cabeça.

— Você não sabe disso, pai.

— Talvez não — ele diz calmamente. — Mas é o que eu acredito.

— É nisso que você acredita sobre mim também? — Warner pergunta. — Foi isso que você disse a ela? Que eu era apenas um garoto legal, uma criança indefesa que nunca levantaria um dedo para machucá-la? Que se eu pudesse fazer tudo de novo, eu escolheria viver minha vida como monge, dedicando meus dias à caridade e a demonstrar boa vontade?

— Não — diz Castle bruscamente. É claro que ele está começando a ficar irritado. — Eu disse a ela que sua raiva era um mecanismo de defesa e que não era sua culpa ter nascido de um pai abusivo. Eu disse a ela que, em seu coração, você é uma boa pessoa e não *quer* machucar ninguém. Na verdade não.

Os olhos de Warner brilham.

— Eu quero machucar as pessoas o tempo todo — diz ele. — Às vezes não consigo dormir à noite porque penso em todas as pessoas que gostaria de matar.

— Ótimo. — Concordo, recostando-me na cadeira. — Isso é super ótimo. Toda essa informação que estamos coletando é super essencial e útil. — Conto com os dedos: — Amelia era uma psicopata, Castle quer ser melhor amigo de Anderson, Warner tem fantasias da meia-noite sobre matar pessoas, e Castle fez Amelia pensar que Warner é um coelhinho perdido tentando encontrar o caminho de casa.

Quando todo mundo me encara, confusos, eu esclareço:

— Castle basicamente deu a Amelia a ideia de que ela poderia entrar em um quarto e assassinar Warner! Ele praticamente disse a ela que Warner era tão prejudicial quanto um bolinho de massa.

— *Oh* — Sam e Nouria dizem ao mesmo tempo.

— Eu não acho que ela queria matá-lo — diz Castle rapidamente. — Tenho certeza que ela apenas...

— Pai, por favor. — A voz de Nouria é aguda e final. — É o suficiente. — Ela compartilha um olhar com Sam e respira fundo.

— Escute — diz ela, tentando um tom mais calmo. — Sabíamos que, quando você chegou aqui, teríamos que lidar com essa situação eventualmente, mas acho que é hora de conversarmos sobre nossos papéis e responsabilidades por aqui.

— Oh. Entendo. — Castle junta as mãos. Olha fixamente para a parede. Ele parece tão triste, pequeno e velho. Até seus cabelos parecem mais prateados que pretos hoje em dia.

Às vezes esqueço que ele tem quase cinquenta anos. A maioria das pessoas pensa que ele é quinze anos mais novo do que ele realmente é, mas é só porque ele sempre pareceu muito, muito bem para a idade dele. Mas, pela primeira vez

em anos, sinto que estou começando a ver a idade em seu rosto. Ele parece cansado. Esgotado.

Mas isso não significa que ele terminou aqui.

Castle ainda tem muito mais o que fazer. Muito mais para dar. E eu não posso simplesmente sentar aqui e deixá-lo ser empurrado para o lado. Ignorado. Eu quero gritar com alguém. Quero dizer a Nouria e Sam que elas não podem simplesmente chutar Castle para o meio-fio assim. Não depois de tudo. Assim não.

E estou pronto para dizer algo exatamente assim, quando Nouria fala.

— Sam e eu — ela diz — gostaríamos de oferecer a você uma posição oficial como nosso conselheiro sênior aqui no Santuário.

A cabeça de Castle se levanta.

— Conselheiro sênior? — Ele olha para Nouria. Olha fixamente para Sam.

— Você não está me pedindo para ir embora?

Nouria parece subitamente confusa.

— Ir embora? Pai, você acabou de chegar aqui. Sam e eu queremos que você fique pelo tempo que quiser. Apenas pensamos que é importante que todos saibamos o que estamos fazendo aqui, para que possamos gerenciar as coisas da maneira mais eficiente e organizada da maneira possível. É difícil para eu e Sam sermos eficazes em nosso trabalho se estivermos preocupadas em contornar seus sentimentos, e mesmo que seja difícil ter conversas como essa, achamos que seria melhor apenas...

Castle puxa Nouria para um abraço tão feroz, tão cheio de amor que sinto meus olhos ardendo de emoção. Na verdade, tenho que desviar o olhar por um momento.

Quando eu olho novamente, Castle está radiante.

— Eu ficaria honrado em aconselhar da maneira que puder — diz Castle. — E se eu não disse o suficiente, deixe-me dizer novamente: estou tão orgulhoso de você, Nouria. Tão orgulhoso de vocês duas — ele diz, olhando para Sam. — Os meninos teriam ficado tão orgulhosos.

Os olhos de Nouria ficam vidrados de emoção. Até Sam parece comovida.

Mais um minuto e vou precisar de um lenço de papel.

— Certo, bem. — Warner está de pé. — Fico feliz que a tentativa contra minha vida tenha conseguido reunir sua família. Estou saindo agora.

— Espere... — Eu agarro o braço de Warner e ele me empurra.

— Se você continuar me tocando sem minha permissão, vou remover suas mãos do seu corpo.

Eu ignoro isso.

— Não devemos dizer a eles que nós estamos saindo?

Sam faz uma careta.

— *Saindo?*

As sobranceiras de Nouria se erguem.

— *Nós?*

— Nós vamos buscar J — explico. — Ela voltou para a Oceania. James nos contou tudo. Falando nisso... Você provavelmente deveria falar com ele. Ele tem algumas notícias sobre Adam que você não vai gostar, notícias que não quero repetir.

— Kent traiu todos vocês para se salvar.

— Para salvar *James* — eu esclareço, lançando um olhar sujo para Warner. — E isso não foi legal, cara. Eu apenas disse que não queria falar sobre isso.

— Estou tentando ser eficiente.

Castle parece atordoado. Ele não diz nada. Ele apenas parece atordoado.

— Fale com James — eu digo. — Ele vai te contar o que está acontecendo. Mas Warner e eu vamos pegar um avião...

— Roubar um avião.

— Certo, roubar um avião, antes do final do dia. E você sabe, nós apenas vamos buscar J e voltaremos muito rápido, *bim bam boom*.

Nouria e Sam estão me olhando como se eu fosse um idiota.

— Bim bam boom? — Warner diz.

— Sim, você sabe, tipo... — bato palmas — *...boom*. Feito. Fácil.

Warner se afasta de mim com um suspiro.

— Espere — então, apenas vocês dois estão fazendo isso? — Sam pergunta. Ela está carrancuda.

— Honestamente, quanto menos, melhor — responde Nouria por mim. — Dessa forma, há menos corpos a esconder, menos ações a coordenar. Independentemente disso, eu me ofereceria para ir com vocês, mas ainda temos tantos feridos que precisamos cuidar — e agora que Amelia está morta, com certeza haverá mais agitação emocional para administrar.

Os olhos de Castle se iluminam.

— Enquanto eles vão atrás de Ella — ele diz para Nouria e Sam — e vocês duas estão fazendo as coisas aqui, eu estava pensando em falar com os amigos da minha rede. Deixá-los saber o que está acontecendo, e essa mudança está em andamento. Eu posso ajudar a coordenar nossos movimentos ao redor do mundo.

— Essa é uma ótima ideia — diz Sam. — Talvez nós p...

— Eu não ligo — diz Warner em voz alta, e se vira para a porta. — E eu vou embora agora. Kishimoto, se você estiver vindo, ande logo.

— Certo — eu digo, tentando parecer importante. — Sim. Tchau. — Faço uma rápida saudação de dois dedos para todos e corro direto para a porta, apenas para bater em Nazeera.

Nazeera.

Putá merda. Ela está acordada. Ela é perfeita.

Ela está *chateada*.

— Vocês dois não vão a lugar nenhum sem mim. — diz ela.

21. ELLA

JULIETTE

Eu sou uma ladra.

Roubei este caderno e esta caneta de um dos médicos, de um dos seus jalecos de laboratório quando ele não estava olhando, e enfiei os dois na minha calça. Isso foi pouco antes de ele ordenar que aqueles homens viessem me pegar. Os de trajes estranhos, com luvas grossas e máscaras de gás, com janelas de plástico enevoadas escondendo os olhos. Eles eram alienígenas, eu me lembro de pensar. Lembro-me de pensar que eles deviam ser alienígenas porque não podiam ser humanos, aqueles que algemavam minhas mãos nas minhas costas, aqueles que me amarravam no meu assento. Eles prenderam Tasers na minha pele repetidamente, sem nenhuma razão além de me ouvir gritar, mas eu não o faria. Eu choraminguei, mas nunca disse uma palavra. Senti as lágrimas escorrerem pelo meu rosto, mas não estava chorando.*

Eu acho que isso os deixou com raiva.

Eles me deram um tapa para acordar, mesmo que meus olhos estivessem abertos quando chegamos. Alguém me soltou sem tirar minhas algemas e me chutou nos joelhos antes de ordenar que eu me levantasse. E eu tentei. Eu tentei, mas não pude e finalmente seis mãos me empurraram para fora da porta e meu rosto estava sangrando no concreto por um tempo. Eu realmente não consigo me lembrar da parte em que eles me arrastaram para dentro.

Sinto frio o tempo todo.

Sinto-me vazia, como se não houvesse nada dentro de mim, exceto esse coração partido, o único órgão que restou neste inferno. Sinto os ecos balidos dentro de mim, sinto as batidas reverberarem em volta do meu esqueleto. Eu

tenho um coração, diz a ciência, mas sou um monstro, diz a sociedade. E eu sei, é claro que eu sei. Eu sei o que fiz. Não estou pedindo simpatia.

Mas às vezes eu penso – às vezes eu me pergunto – se eu fosse um monstro – certamente já sentiria isso agora?

Eu me sentiria zangada, cruel e vingativa.

Eu conheceria raiva cega e sede de sangue e uma necessidade de vingança.

Em vez disso, sinto um abismo dentro de mim que é tão profundo, tão escuro que não consigo ver dentro dele; Não consigo ver o que isso contém. Não sei o que sou ou o que pode acontecer comigo.

Não sei o que posso fazer de novo.

— Um trecho dos diários de Juliette no manicômio.

*N.T.: Tasers: armas que disparam farpas presas por fios às baterias, causando paralisia temporária.

22. KENJI

Eu fico imóvel por um momento, deixando o choque de tudo se acalmar ao meu redor, e quando finalmente me ocorre que Nazeera está realmente aqui, realmente acordada, muito bem, eu a puxo em meus braços. Sua postura defensiva derrete e, de repente, ela é apenas uma garota – *minha garota* – e a felicidade dispara através de mim. Ela não está nem perto de ser baixa, mas nos meus braços, ela parece pequena. De bolso. Como se ela sempre quisesse se encaixar aqui, contra o meu peito.

É como o céu.

Quando finalmente nos separamos, estou sorrindo como um idiota. Eu nem me importo que todo mundo esteja olhando para nós. Eu só quero viver neste momento.

— Ei — eu digo a ela. — Estou tão feliz que você está bem.

Ela respira fundo e instável e depois sorri. Isso muda todo o seu rosto. Faz com que ela se pareça muito menos com uma mercenária e muito mais com uma garota de dezoito anos de idade. Embora eu ache que gosto das duas versões, se estou sendo honesto.

— Estou tão feliz que você também está bem — diz ela calmamente.

Nós nos encaramos por mais um momento antes de ouvir alguém pigarrear de uma maneira dramática.

Relutantemente, eu me viro.

Eu sei, em um instante, que o pigarro veio de Nouria. Percebo pela maneira como seus braços estão cruzados, como seus olhos se estreitam. Sam, por outro lado, parece divertida.

Mas Castle parece feliz. Surpreso, mas feliz.

Eu sorrio para ele.

A carranca de Nouria se aprofunda.

— Vocês dois sabem que Warner foi embora, certo?

Isso limpa o sorriso do meu rosto. Eu giro, mas não há sinal dele. Eu me viro, xingando baixinho.

Nazeera me lança um olhar.

— Eu sei — eu digo, balançando a cabeça. — Ele vai tentar sair sem nós.

Ela quase ri.

— Definitivamente.

Estou prestes a me despedir de novo quando Nouria se levanta.

— Espere — diz ela.

— Não há tempo — eu digo, já saindo pela porta. — Warner vai nos pagar, e eu...

— Ele está prestes a tomar um banho — diz Sam, me cortando.

Eu congelo tão rápido que quase caio. Eu me viro, sobrancelhas erguidas.

— Ele vai o que agora?

— Ele está prestes a tomar um banho — diz ela novamente.

Eu pisco para ela lentamente, como se eu fosse estúpido, o que, honestamente, é como eu estou me sentindo no momento.

— Você quer dizer que, tipo, você está assistindo ele se preparando para tomar um banho?

— Não é estranho — diz Nouria categoricamente. — Pare de tornar isso estranho.

Eu olho de soslaio para Sam.

— O que Warner está fazendo agora? — Eu pergunto a ela. — Ele já está no chuveiro?

— Sim.

Nazeera levanta uma única sobrancelha.

— Então você está assistindo Warner nu no chuveiro agora?

— Eu não estou olhando para o corpo dele — diz Sam, parecendo muito perto de irritada.

— Mas você *poderia* — eu digo, atordoado. — É por isso que é tão estranho. Você *poderia* assistir qualquer um de nós tomar banho extremamente nus.

— Você sabe o quê? — Nouria diz bruscamente. — Eu ia fazer algo para facilitar as coisas para vocês na saída, mas acho que mudei de ideia.

— Espere — diz Nazeera. — Facilitar as coisas como?

— Eu estava indo ajudá-los a roubar um jato.

— Ok, tudo certo, eu retiro o que disse — eu digo, levantando minhas mãos em um pedido de desculpas. — Retiro todos os meus comentários anteriores sobre nudez. Eu também gostaria de me desculpar formalmente com Sam, que

todos sabemos que é boa demais e legal demais para espionar alguém no chuveiro.

Sam revira os olhos. Abre um sorriso.

Nouria suspira.

— Eu não entendo como você lida com ele — diz ela a Castle. — Eu não suporto todas as piadas. Me deixaria louca ter que ouvir isso o dia todo.

Estou prestes a protestar quando Castle responde.

— Isso é só porque você não o conhece bem o suficiente — diz Castle, sorrindo para mim. — Além disso, nós não o amamos por suas piadas, não é, Nazeera? — Os dois travam os olhos por um momento. — Nós o amamos por seu coração.

Com isso, o sorriso desliza do meu rosto. Ainda estou processando o peso dessa afirmação – a generosidade de tal afirmação – quando percebo que já perdi uma batida.

Nouria está falando.

— A base aérea não fica longe daqui — ela está dizendo — e acho que é uma hora tão boa quanto qualquer outra para que todos saibam que Sam e eu estamos prestes a tirar uma página do manual de Ella e assumir o Setor 241. Roubar um avião será o menor dano – e, de fato, acho que é uma ótima maneira de lançar nossa estratégia ofensiva. — Ela olha por cima do ombro. — O que você acha, Sam?

— Brilhante — diz ela — como sempre.

Nouria sorri.

— Eu não sabia que essa era sua estratégia — diz Castle, o sorriso desaparecendo de seu rosto. — Você não acha, com base em como as coisas acabaram da última vez, que eu...

— Por que não discutimos isso depois de enviarmos as crianças para a missão? No momento, é mais importante colocá-los em posição e dar-lhes uma despedida adequada antes que seja oficialmente tarde demais.

— Ei, por falar nisso — digo rapidamente — o que faz você pensar que ainda não estamos atrasados?

Nouria encontra meus olhos.

— Se eles tivessem feito a transferência — diz ela — teríamos sentido isso.

— Sentido como?

É Sam quem responde:

— Para que o plano deles funcione, Emmaline precisa morrer. Eles não deixam que isso aconteça naturalmente, é claro, porque uma morte natural pode

ocorrer de várias maneiras, o que deixa muitos fatores no ar. Eles precisam ser capazes de controlar o experimento o tempo todo – e é por isso que eles estavam tão desesperados para ter Ella em suas mãos *antes* de Emmaline morrer. Eles quase certamente vão matar Emmaline em um ambiente controlado e configurá-lo de uma maneira que não deixa espaço para erro. Mesmo assim, estamos fadados a sentir algo mudar.

— Essa mudança infinitesimal – depois que os poderes de Emmaline retrocederem, mas antes de serem canalizados para um novo corpo hospedeiro – causará um choque dramático no visual do mundo. E esse momento ainda não aconteceu, o que nos faz pensar que Ella provavelmente ainda está segura. — Sam encolhe os ombros. — Mas pode estar acontecendo a qualquer momento agora. O tempo é realmente essencial.

— Como você sabe tanto sobre isso? — Nazeera pergunta, as sobrancelhas franzidas. — Durante anos, tentei colocar minhas mãos nessas informações e não consegui nada, apesar de estar tão perto da fonte. Mas você parece saber tudo isso em algum tipo de nível pessoal. É incrível.

— Não é tão incrível — diz Nouria, balançando a cabeça. — Acabamos de nos concentrar em nossa pesquisa. Todos os grupos rebeldes têm uma força ou princípio central diferente. Para alguns, é segurança. Para outros, é guerra. Para nós, tem sido pesquisa. As coisas que vimos estão aqui para todo mundo ver – há falhas o tempo todo – mas quando você não as procura, não as percebe. Mas eu percebi. Sam percebeu. Foi uma das coisas que nos uniu.

As duas mulheres compartilham um olhar.

— Tínhamos certeza de que a arte de nossa opressão era uma ilusão — diz Sam. — E temos procurado a verdade com todos os recursos que temos. Infelizmente, ainda não sabemos tudo.

— Mas estamos mais perto do que a maioria — diz Nouria. Ela respira fundo, focando novamente. — Nós vamos segurar o final das coisas enquanto vocês estiverem fora. Esperançosamente, quando vocês voltarem, teremos virado mais de um setor para o nosso lado.

— Você realmente acha que conseguirá realizar isso em tão pouco tempo? — Eu pergunto, olhos arregalados. — Eu esperava que não ficassemos fora por mais de alguns dias.

Nouria sorri para mim então, mas é um sorriso estranho, um sorriso de busca.

— Você não entende? — ela diz. — É isso. Esse é o fim. Esse é o momento decisivo pelo qual todos lutamos. O fim de uma era. O fim de uma revolução. Atualmente, finalmente, temos todas as vantagens. Temos pessoas por dentro. Se

fizermos isso direito, poderemos derrubar O Restabelecimento em questão de dias.

— Mas tudo isso depende de nós chegarmos a J a tempo — eu digo. — E se estivermos atrasados?

— Você terá que matá-la.

— *Nouria* — Castle suspira.

— Você está brincando — eu digo. — Diga-me que você está brincando.

— Não estou brincando nem um pouco — diz ela. — Se você chegar lá e Emmaline estiver morta e Ella tomar seu lugar, você deve matar Ella. Você tem que matá-la e o maior número possível de comandantes supremos.

Minha mandíbula está transtornada.

— E toda essa merda que você disse para J na noite em que chegamos aqui? E toda essa conversa sobre como ela é inspiradora e quantas pessoas foram movidas por suas ações – como ela é basicamente uma heroína? O que aconteceu com toda essa bobagem?

— Não foi bobagem — diz *Nouria*. — Eu quis dizer cada palavra. Mas estamos em guerra, Kishimoto. Não temos tempo para ser sentimental.

— Sentimental? Você está...

Nazeera coloca uma mão calma no meu braço. — Encontraremos outro caminho. Tem que haver outra maneira.

— É impossível reverter o processo quando estiver em vigor — diz Sam calmamente. — A Operação Síntese removerá todos os vestígios de sua velha amiga. Ela ficará irreconhecível. Um super soldado no sentido da palavra. Além da salvação.

— Eu não estou ouvindo isso — eu digo com raiva. — Eu não estou ouvindo isso.

Nouria levanta as mãos.

— Essa conversa pode acabar sendo desnecessária. Contanto que você possa chegar a tempo, não importa. Mas lembre-se: se você chegar lá e Ella ainda estiver viva, precisará garantir que ela mate Emmaline acima de tudo. Remover Emmaline é fundamental. Depois que ela se for, os comandantes supremos se tornam alvos fáceis. Vulneráveis.

— Espere. — Eu franzo a testa, ainda com raiva. — Por que tem que ser J quem mata Emmaline? Um de nós não poderia fazer isso?

Nouria balança a cabeça.

— Se fosse assim tão simples — diz ela — você não acha que já teria sido feito agora?

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Não, se ninguém soubesse que ela existia.

— Nós sabíamos que ela existia — diz Sam, em voz baixa. — Já sabemos sobre Emmaline há um tempo.

Nouria continua:

— Por que você acha que entramos em contato com sua equipe? Por que você acha que arriscamos a vida de um dos nossos para enviar uma mensagem a Ella? Por que você acha que abrimos nossas portas para vocês, mesmo sabendo que estaríamos nos expondo a um possível ataque? Tomamos uma série de decisões cada vez mais difíceis, colocando em risco a vida de todos aqueles que dependiam de nós. — Ela suspira. — Mas mesmo agora, depois de sofrer uma perda desastrosa, Sam e eu pensamos que, finalmente, fizemos a coisa certa. Você pode imaginar o porquê?

— Porque vocês são... bons samaritanos?

— Porque percebemos, meses atrás, que Ella era a única forte o suficiente para matar sua própria irmã. Precisamos dela tanto quanto você. Não apenas nós — Nouria gesticula para ela e Sam — mas o mundo inteiro. Se Ella é capaz de matar Emmaline antes que qualquer poder possa ser transferido, ela mata a maior arma do Restabelecimento. Se ela não matar Emmaline agora, enquanto o poder ainda corre pelas veias de Emmaline, O Restabelecimento pode continuar a aproveitar e transferir esse poder para um novo hospedeiro.

— Uma vez pensamos que Ella teria que lutar com a irmã — diz Sam. — Mas com base nas informações que Ella compartilhou conosco enquanto ela estava aqui, parece que Emmaline está pronta e disposta a morrer. — Sam balança a cabeça. — Mesmo assim, matá-la não é tão simples quanto desligar. Ella vai entrar em guerra com o fantasma da genialidade de sua mãe. Evie, sem dúvida, colocou em prática vários cofres de segurança para manter Emmaline invulnerável à ataques de outras pessoas e de si mesma. Não faço ideia do que Ella vai enfrentar, mas posso garantir que não será fácil.

— Jesus. — Eu largo minha cabeça em minhas mãos. Eu pensei que já estava vivendo com níveis máximos de estresse, mas estava errado. Esse estresse que estou enfrentando agora está em um nível totalmente novo.

Sinto a mão de Nazeera nas minhas costas e olho para cima. Seu rosto parece tão incerto quanto o meu, e de alguma forma, isso me faz sentir melhor.

— Façam as malas — diz Nouria. — Alcancem Warner. Encontro vocês três na entrada em vinte minutos.

23. ELLA
JULIETTE

Na escuridão, imagino luz.

Sonho com sóis, luas, mães. Vejo crianças rindo, chorando, vejo sangue, sinto cheiro de açúcar. A luz destrói a escuridão pressionando contra meus olhos, fraturando nada em algo. Formas sem nome se expandem e giram, colidem, dissolvendo-se em contato. Eu vejo poeira. Vejo paredes escuras, uma pequena janela, vejo água, vejo palavras em uma página...

[illegible]

*Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não
sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca*
Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não
sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou
louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca Não sou louca
Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não
sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca Eu não sou louca

Na dor, imagino felicidade.

Meus braços são como vento, correndo, enrolando-se nas profundezas de mim mesma, expulsando, dissipando a escuridão

Imagino amor, imagino vento, imagino cabelos dourados e olhos verdes e sussurros, risadas

Eu imagino

Eu

extraordinária, ininterrupta

a garota que se chocou por sobreviver, a garota que se amou através do aprendizado, a garota que respeitava sua pele, entendia seu valor, encontrou sua força

força

m a i s f o r t e

a mais forte

Imagina me

mestre do meu próprio universo

eu sou tudo o que eu sempre sonhei

24. KENJI

Estamos no ar.

Estamos no ar há horas agora. Passei as primeiras quatro horas dormindo – normalmente consigo adormecer em qualquer lugar, em qualquer posição – e passei as últimas duas horas comendo todos os lanches do avião. Temos mais uma hora em nosso voo e estou tão entediado que comecei a me cutucar nos olhos só para passar o tempo.

Começamos bem – Nouria nos ajudou a roubar um avião, como prometido, protegendo nossas ações com uma camada de luz – mas agora que estamos aqui em cima, estamos basicamente sozinhos. Nazeera teve que afastar algumas perguntas pelo rádio, mas porque a maioria das forças armadas não tem ideia de que nível de merda já estamos, ela ainda tem a influência necessária para contornar as perguntas de líderes e soldados do setor intrometidos. Nós percebemos que é apenas uma questão de tempo, porém, antes que alguém perceba que não temos autoridade para estar aqui.

Até então...

Eu olho em volta. Estou sentado perto o suficiente da cabine para estar ao alcance de Nazeera, mas ela e eu decidimos que eu deveria ficar para trás para ficar de olho em Warner, que está sentado longe o suficiente para me manter a salvo de sua carranca.

Honestamente, o olhar em seu rosto é tão intenso que estou surpreso que ele não tenha começado a envelhecer prematuramente.

Basta dizer que ele não gostou do plano de jogo de Nouria.

Quero dizer, também não gosto – e não tenho nenhuma intenção de segui-lo – mas Warner parecia que ele poderia atirar em Nouria por sequer *pensar* que poderíamos ter que matar J. Ele está sentado rigidamente na cadeira do avião desde que embarcamos, e tenho receio de me aproximar dele, apesar de nossa recente reconciliação. Semi-reconciliação?

Estou chamando isso de reconciliação.

Mas agora eu acho que ele precisa de espaço.

Ou talvez seja eu, talvez seja eu quem precise de espaço. Ele é cansativo de lidar. Sem J por perto, Warner não tem arestas suaves. Ele nunca sorri. Ele raramente olha para as pessoas. Ele está sempre irritado.

Agora, sinceramente, não consigo me lembrar por que J gosta tanto dele.

De fato, nos últimos dois meses eu tinha esquecido como ele era sem ela por perto. Mas esse lembrete foi mais do que suficiente. Demais, de fato. Não quero mais lembretes. Posso garantir que nunca mais esquecerei que Warner não é um cara divertido de se passar o tempo. Aquele cara carrega tanta tensão em seu corpo que é praticamente contagioso.

Então, sim, estou dando espaço a ele.

Até agora, dei a ele sete horas de espaço.

Lanço outro olhar para ele, me perguntando como ele se mantém tão imóvel – tão rígido – por sete horas seguidas. Como ele não flexiona um músculo? Por que ele nunca tem que ir ao banheiro? Para onde tudo isso vai?

A única concessão que recebemos do Warner foi que ele apareceu mais como seu eu normal. Sam estava certa: Warner tomou banho. Você pensaria que ele estava saindo para um encontro, não para uma missão de assassinato/resgate. É óbvio que ele quer causar uma boa impressão.

Ele está usando outra camisa de Haider: um blazer verde pálido, calça combinando.

Botas pretas. Mas como essas peças foram selecionadas por Haider, o blazer não é um blazer normal. Claro que não é. Este blazer não tem lapelas, nem botões. A silhueta é cortada em linhas afiadas que forçam a jaqueta a se abrir, expondo a camisa de Warner por baixo – um simples decote em V branco que mostra mais de seu peito do que me sinto confortável olhando. Ainda assim, ele parece bem. Um pouco nervoso, mas...

— Seus pensamentos são muito altos — diz Warner, ainda olhando pela janela.

— Oh meu Deus, eu sinto muito — eu digo, fingindo choque. — Diminuiria o volume, mas teria que *morrer* para que meu cérebro parasse de funcionar.

— Um problema facilmente corrigido — ele murmura.

— Eu ouvi isso.

— Eu disse para você ouvir.

— Ei — eu digo, percebendo algo. — Isso não parece algum tipo de déjà vu estranho?

— Não.

— Não, não, estou falando sério. Quais são as chances de que nós três estivéssemos em uma viagem como essa novamente? Embora a última vez que estivemos em uma viagem como essa, acabamos sendo alvejados, então sim, eu não quero reviver isso. Além disso, J não está aqui. Assim. Hã. — Eu hesito. — Ok, acho que estou percebendo que talvez eu realmente não entenda o que déjà vu significa.

— É francês — diz Warner, entediado. — Isso significa literalmente *já visto*.

— Espere, então eu sei o que isso significa.

— Que você saiba o que qualquer coisa significa é surpreendente para mim.

Antes que eu tenha a chance de me defender, a voz de Nazeera sai da cabine.

— Ei — ela chama. — Vocês estão sendo amigos de novo?

Eu ouço o familiar clique e deslize do metal – um som que significa que Nazeera está se soltando do modo piloto. De vez em quando, ela coloca o avião no controle de cruzeiro (ou o que seja) e vem até mim. Mas já faz pelo menos meia hora desde seu último intervalo, e eu senti sua falta.

Ela se dobra na cadeira ao meu lado.

Eu sorrio para ela.

— Estou tão feliz que vocês finalmente estão conversando — diz ela, suspirando enquanto afunda na cadeira. — O silêncio foi deprimente.

Meu sorriso morre.

A expressão de Warner escurece.

— Escute — diz ela, olhando para Warner. — Eu sei que tudo isso é horrível – que a razão pela qual estamos neste avião é horrível – mas você precisa parar de ser assim.

Temos, assim, trinta minutos restantes neste voo, o que significa que estamos prestes a sair juntos, para fazer algo enorme. O que significa que todos temos que entrar na mesma página. Temos que ser capazes de confiar um no outro e trabalhar juntos. Se não o fizermos, ou se você não nos deixar, podemos acabar perdendo tudo.

Quando Warner não diz nada, Nazeera suspira novamente.

— Eu não ligo para o que Nouria pensa — diz ela, tentando um tom suave. — Nós não vamos perder Ella.

— Você não entende — diz Warner em voz baixa. Ele ainda não está olhando para nós. — Eu já a perdi.

— Você não sabe disso — diz Nazeera com força. — Ella ainda pode estar viva. Ainda podemos mudar isso.

Warner balança a cabeça.

— Ela estava diferente antes mesmo de ser levada — diz ele. — Algo mudou dentro dela, e eu não sei o que era, mas eu podia sentir. Eu sempre fui capaz de senti-la – eu sempre fui capaz de sentir sua energia – e ela não era a mesma. Emmaline fez algo com ela, mudou algo dentro dela. Eu não tenho ideia de como ela vai estar quando eu a ver novamente. Se eu a vir novamente. — Ele olha pela janela. — Mas estou aqui porque não posso fazer mais nada. Porque este é o único caminho a seguir.

E então, mesmo sabendo que isso vai irritá-lo, digo a Nazeera:

— Warner e J estavam noivos.

— O quê? — Nazeera congela. Seus olhos estão arregalados. Super amplos. Maiores que o avião. Seus olhos ficam tão arregalados que basicamente enchem o céu. — Quando? Como? Por que ninguém me contou?

— Era para ser um segredo — diz Warner bruscamente, me lançando um olhar.

— Eu sei. — Eu dou de ombros. — Mas Nazeera está certa. Agora somos uma equipe, goste ou não, e devemos divulgar tudo isso em campo aberto. Trazer ao ar livre.

— Ao ar livre? E o fato de você e Nazeera estarem em um relacionamento que você nunca se incomodou em mencionar?

— Ei — eu digo — eu ia...

— Espere. *Espere*. — Nazeera me interrompe. Ela levanta as mãos. — Por que estamos mudando de assunto? Warner, noivo! Oh meu Deus, isso é... Isso é tão bom. Isso é muito importante, poderia nos dar uma per...

— Não é um *grande* negócio. — Eu me viro, carrancudo para ela. — Todos nós sabíamos que esse tipo de coisa estava por vir. Os dois estão basicamente destinados a ficar juntos, até eu posso admitir isso. — Inclino minha cabeça, considerando. — Quero dizer, é verdade, acho que eles são um pouco jovens, mas...

Nazeera está balançando a cabeça.

— Não. Não. Não é disso que estou falando. Eu não me importo com o engajamento real. — Ela para e olha para Warner. — Quero dizer, hum, parabéns e tudo.

Warner parece mais do que irritado.

— Só quero dizer que isso me lembrou algo. Algo tão bom. Não sei por que não pensei nisso antes. Deus, isso nos daria a vantagem perfeita.

— Isso o que?

Mas Nazeera está fora de sua cadeira, seguindo até Warner e, cautelosamente, eu sigo.

— Você se lembra — ela diz a ele — quando você e Lena estavam juntos?

Warner dá um olhar venenoso a Nazeera e diz, com um frio dramático: — Eu realmente prefiro não lembrar.

Nazeera descarta sua declaração com a mão. — Bem, eu lembro. Eu me lembro muito mais do que deveria, provavelmente, porque Lena costumava reclamar comigo sobre o seu relacionamento o tempo todo. E lembro-me, especificamente, de quanto seu pai e a mãe dela queriam que vocês, tipo, eu não sei — se prometessem um ao outro no futuro próximo, para a proteção do movimento...

— Prometer a si mesmos? — Eu franzo a testa.

— Sim, tipo... — Ela hesita, ela é uma roda giratória enquanto reúne seus pensamentos, mas Warner de repente se senta mais reto em sua cadeira, parecendo entender.

— Sim — ele diz calmamente. A irritação se foi de seus olhos. — Lembro que meu pai me disse algo sobre a importância de unir nossas famílias. Infelizmente, minha lembrança da interação é vaga, na melhor das hipóteses.

— Certo, bem, eu tenho certeza que seus pais estavam perseguindo a ideia de ganho político, mas Lena estava — e provavelmente ainda está — tipo, genuinamente apaixonada por você, e sempre foi meio obcecada pela ideia de ser sua esposa. Ela estava sempre conversando comigo sobre se casar com você, sobre seus sonhos para o futuro, sobre como seriam seus filhos...

Olho para Warner para ver sua reação a essa afirmação, e o olhar revoltado em seu rosto é surpreendentemente satisfatório.

— Mas eu me lembro dela dizendo algo, mesmo assim, sobre como você era desapegado, como você era fechado, e como um dia, quando vocês dois se casassem, ela finalmente seria capaz de vincular seus perfis familiares no database, o que lhe daria a habilitação de segurança necessária para rastrear sua...

O avião dá uma sacudida repentina e violenta.

Nazeera fica quieta, as palavras morrendo na garganta. Warner se levanta. Todos corremos para o cockpit.

As luzes estão piscando, gritando alertas que eu não entendo. Nazeera examina o monitor ao mesmo tempo que Warner, e os dois compartilham um olhar.

O avião dá outro solavanco violento, e eu bato com força contra algo afiado e metálico.

Eu solto uma longa série de maldições e por alguma razão, quando Nazeera estende a mão para me ajudar...

Eu surto.

— Alguém vai me dizer o que diabos está acontecendo? O que está acontecendo? Estamos sendo atirados para fora do céu agora? — Eu giro, observando as luzes piscando, o bipe constante ecoando pela cabine. — Maldito déjà vu! Eu sabia!

Nazeera respira fundo. Fecha os olhos. — Nós não estamos sendo atirados para fora do céu.

— Então...

— Quando entramos no espaço aéreo da Oceania — explica Warner — a base deles foi alertada para a presença de nossas aeronaves não autorizadas. — Ele olha para o monitor. — Eles sabem que estamos aqui e não estão felizes com isso.

— Certo, eu entendo isso, mas...

Outro choque violento e eu caio no chão. Warner nem parece assustar. Nazeera tropeça, mas graciosamente, e cai no cockpit. Ela parece estranhamente vazia.

— Então, hum, ok... O que está acontecendo? — Estou respirando com dificuldade. Meu coração está acelerando. — Você tem certeza de que não seremos atirados para fora do céu novamente? Por que ninguém está enlouquecendo? Estou tendo um ataque cardíaco?

— Você não está tendo um ataque cardíaco e eles não estão nos atirando para fora do céu — diz Nazeera novamente, seus dedos voando sobre os mostradores, passando pelas telas. — Mas eles ativaram o controle remoto da aeronave. Eles assumiram o controle do avião.

— E você não pode consertar isso?

Ela balança a cabeça.

— Não tenho autoridade para substituir a missiva de um comandante supremo.

Depois de um momento de silêncio, ela se endireita. Se vira para nos encarar.

— Talvez isso não seja tão ruim — diz ela. — Quero dizer, eu não tinha exatamente certeza de como aterrissaríamos aqui ou como tudo iria acontecer, mas tem que ser um bom sinal de que eles querem que entremos vivos, certo?

— Não necessariamente — diz Warner em voz baixa.

— Certo. — Nazeera franze a testa. — Sim, eu percebi que isso estava errado somente depois que eu disse isso em voz alta.

— Então devemos esperar aqui? — Sinto que meu pânico intenso começa a desaparecer, mas só um pouco. — Nós apenas esperamos aqui até que cheguem ao nosso avião e, quando chegarem, nos cercarem com soldados armados e, quando sairmos do avião, eles nos matam e depois – sabe, estamos mortos? Esse é o plano?

— Isso — diz Nazeera — ou eles poderiam mandar nosso avião que se chocar contra o oceano ou algo assim.

— Oh meu Deus, Nazeera, isso não é engraçado.

Warner olha pela janela.

— Ela não estava brincando.

— Ok, só vou perguntar isso mais uma vez: por que eu sou o único que está enlouquecendo?

— Porque eu tenho um plano — diz Nazeera. Ela olha para o painel mais uma vez. — Temos exatamente quatorze minutos antes do avião pousar, mas isso me dá tempo mais que suficiente para dizer a vocês exatamente o que vamos fazer.

25. ELLA

JULIETTE

Primeiro, vejo luz.

Brilhante, laranja, queimando atrás das minhas pálpebras. Os sons começam a surgir logo depois, mas a revelação é lenta e enlameada. Eu ouço minha própria respiração, depois um apito fraco. Um *shhh* de metal, uma onda de ar, o som de risadas. Passos, passos, uma voz que diz:

Ella

No momento em que estou prestes a abrir meus olhos, uma inundação de calor flui pelo meu corpo, queima através dos ossos. É violento, generalizado. Pressiona com força contra a minha garganta, me sufocando.

De repente, estou entorpecida.

Ella, a voz diz.

Ella

Escute

— Qualquer minuto agora.

A voz familiar de Anderson rompe a névoa da minha mente. Meus dedos se contraem contra lençóis de algodão. Sinto o peso insubstancial de um cobertor

fino cobrindo a metade inferior do meu corpo. Picadas de agulhas. Um rugido de dor. Percebo, então, que não posso mover minha mão esquerda.

Alguém limpa a garganta.

— Essa é a segunda vez que o sedativo não funcionou como deveria, — diz alguém. A voz não é familiar. Raivosa. — Com Evie indo embora, todo este lugar está indo para o inferno.

— Evie fez mudanças substanciais no corpo de Ella, — diz Anderson, e eu me pergunto de quem ele está falando. — É possível que algo em sua nova composição física impeça os sedativos de funcionar tão rápido quanto deveriam.

Uma risada sem humor.

— Sua amizade com Max conseguiu muitas coisas para você nas últimas duas décadas, mas a graduação em medicina não é uma delas.

— É apenas uma teoria. Eu acho que pode ser po...

— Não quero saber de suas teorias, — diz o homem, interrompendo-o. — O que eu quero saber é por que diabos você pensou que seria uma boa ideia ferir nosso assunto chave, manter a estabilidade física e mental dela é *crucial* para...

— Ibrahim, seja razoável, — Anderson intercepta. — Depois do que aconteceu da última vez, eu só queria ter certeza de que tudo estava funcionando como deveria. Eu só estava testando a le...

— Todos sabemos sobre o seu fetiche por tortura, Paris, mas a novidade de sua mente singularmente doente se esgotou. Estamos sem tempo.

— Não estamos sem tempo, — diz Anderson, parecendo notavelmente calmo. — Esse é apenas um pequeno revés; Max conseguiu consertá-lo imediatamente.

— *Um pequeno revés?* — Ibrahim troveja. — A garota perdeu a consciência. Ainda estamos em alto risco de regressão. O assunto deveria estar em estase. Eu lhe permiti libertar a garota, mais uma vez, porque sinceramente não achei que você seria tão estúpido. Porque eu não tenho tempo para tomar conta de você. Porque Tatiana, Santiago e Azi e eu todos temos nossas mãos cheias tentando fazer o seu trabalho e o de Evie, além do nosso. Além de todo o resto.

— Eu estava fazendo meu próprio trabalho muito bem, — diz Anderson, sua voz como ácido. — Ninguém pediu para você se meter.

— Você está esquecendo que perdeu o emprego e o continente no momento em que a filha de Evie lhe deu um tiro na cabeça e reivindicou seus restos para si mesma. Você deixa uma adolescente tirar sua vida, seu sustento, seus filhos e seus soldados, bem debaixo do seu nariz.

— Você sabe tão bem quanto ela que ela não é uma garota comum, — diz Anderson. — Ela é filha de Evie. Você sabe do que ela é capaz...

— Mas *ela* não fez! — Ibrahim chora. — Metade da razão pela qual a garota foi criada para viver uma vida de isolamento foi para que ela nunca conhecesse toda a extensão de seus poderes. Ela deveria apenas se metamorfosear silenciosamente, sem ser detectada, enquanto esperávamos o momento certo para nos estabelecermos como um movimento. Ela só foi confiada aos seus cuidados por causa de sua amizade de décadas com Max – e porque você era um iniciante intrigante e conivente que estava disposto a aceitar qualquer trabalho que pudesse conseguir para avançar.

— Isso é engraçado, — diz Anderson, sem graça. — Você costumava gostar de mim por ser um iniciante intrigante e conivente que estava disposto a aceitar qualquer trabalho que eu conseguisse.

— Eu gostava de você, — diz Ibrahim, fervendo, — quando você fazia o trabalho. Mas no ano passado, você não passou de peso morto. Demos a você uma ampla oportunidade para corrigir seus erros, mas parece que você não consegue acertar as coisas. Você tem sorte de que Max conseguiu consertar a mão dela tão rapidamente, mas ainda não sabemos nada sobre o estado mental dela. E juro a você, Paris, que se houver consequências imprevistas e irreversíveis para suas ações, vou desafiá-lo diante do comitê.

— Você não ousaria.

— Você pode ter escapado com suas bobagens enquanto Evie ainda estava viva, mas o resto de nós sabe que a única razão pela qual você chegou até aqui foi por causa da indulgência de Evie com Max, que continua a assegurar você por razões insondáveis para o resto de nós.

— *Por razões insondáveis para o resto de nós?* — Anderson ri. — Você quer dizer que não consegue se lembrar por que me manteve por todos esses anos? Deixe-me ajudar a refrescar sua memória. Pelo que me lembro, você gostava mais de mim quando eu era o único disposto a fazer os trabalhos abjetos, imorais e desagradáveis que ajudaram a levantar esse movimento do chão. — Uma pausa. — Você me manteve por todos esses anos, Ibrahim, porque, em troca, eu mantive o sangue longe de suas mãos. Ou você esqueceu? Você já me chamou de seu salvador.

— Eu não me importo se te chamei de profeta. — Algo quebra. Metal e vidro batendo forte em outra coisa. — Não podemos continuar pagando pelos seus erros descuidados. Estamos em *guerra* agora e, no momento, mal conseguimos manter nossa liderança. Se você não consegue entender as possíveis ramificações de um pequeno atraso nesta hora crítica, não merece ficar entre nós.

Uma batida repentina. Uma porta batendo com força.

Anderson suspira, longo e devagar. De alguma forma, posso dizer, mesmo pelo som de sua expiração, que ele não está com raiva.

Estou surpresa.

Ele apenas parece cansado.

Devagar, os dedos de calor se desenrolam ao redor da minha garganta. Depois de mais alguns segundos de silêncio, meus olhos se abrem.

Olho para o teto, meus olhos se ajustando à intensa explosão de luz branca. Sinto-me um pouco imobilizada, mas pareço estar bem.

— Juliette?

A voz de Anderson é suave. Muito mais gentil do que eu esperava. Eu pisco para o teto e então, com algum esforço, consigo mover meu pescoço. Eu olho para ele.

Ele parece diferente de si mesmo. Barba por fazer. Incerto.

— Sim, senhor, — eu digo, mas minha voz é áspera. Não usada.

— Como você está se sentindo?

— Eu me sinto rígida, senhor.

Ele aperta um botão e minha cama se move, me reajustando para que eu me sente relativamente. O sangue corre da minha cabeça até as extremidades e fico levemente tonta. Eu pisco, lentamente, tentando recalibrar. Anderson desliga as máquinas ligadas ao meu corpo, e eu assisto fascinada.

E então ele se endireita.

Ele vira as costas para mim e enfrenta uma pequena janela alta. É muito alta para eu ver a vista. Ele levanta os braços e passa as mãos pelos cabelos com um suspiro.

— Eu preciso de uma bebida — diz ele para a parede.

Anderson assente para si mesmo e sai pela porta adjacente. A princípio, fico surpresa de ser deixada sozinha, mas quando ouço sons abafados de movimento e o tilintar familiar de copos batendo, não estou mais surpresa.

Estou confusa.

Percebo então que não tenho ideia de onde estou. Agora que as agulhas foram removidas do meu corpo, posso me mover com mais facilidade e, enquanto giro para observar o espaço, me ocorre que não estou em uma ala médica, como suspeitei. Parece mais com o quarto de alguém.

Ou talvez até um quarto de hotel.

Tudo é extremamente branco. Estéril. Estou em uma grande cama branca com lençóis brancos e um edredom branco. Até a estrutura da cama é feita de madeira branca. Ao lado dos vários carrinhos e monitores agora desligados, há

uma única mesa de cabeceira decorada com uma única lâmpada simples. Há uma porta esbelta entreaberta e, através de uma inclinação de luz, acho que espio o que serve como armário, embora pareça estar vazio. Ao lado da porta está uma mala, fechada mas descompactada. Há uma tela montada na parede, em frente a mim, e embaixo dela, uma mesa. Uma das gavetas não está completamente fechada e desperta meu interesse.

Ocorre-me então que não estou usando roupas. Estou usando uma bata de hospital, mas sem roupas de verdade. Meus olhos vasculham a sala em busca do meu uniforme militar e eu me levanto um pouco.

Não há nada aqui.

Lembro-me então, em um momento de clareza, que devo ter sangrado por todas as minhas roupas. Lembro-me de ajoelhado no chão. Lembro-me da crescente quantidade de meu próprio sangue em que desmaiei.

Olho para minha mão machucada. Só machuquei meu dedo indicador, mas toda a minha mão esquerda está presa em gaze. A dor foi reduzida a uma pulsação maçante. Eu tomo isso como um bom sinal.

Cautelosamente, começo a remover a bandagens.

Só então, Anderson reaparece. Seu paletó se foi. A gravata dele se foi. Os dois primeiros botões de sua camisa estão desfeitos, a curva de tinta preta é mais claramente visível, e seu cabelo está despenteado. Ele parece mais relaxado.

Ele permanece na porta e toma um gole de um copo meio cheio de líquido âmbar.

Quando ele faz contato visual comigo, eu digo:

— Senhor, eu queria saber onde estou. Eu também estava pensando onde estão minhas roupas.

Anderson toma outro gole. Ele fecha os olhos enquanto engole, recostando-se na soleira. Suspira.

— Você está no meu quarto — diz ele, com os olhos ainda fechados. — Este complexo é vasto, e as alas médicas – das quais existem muitas – estão, na maioria das vezes, situadas no extremo oposto da instalação, a cerca de um quilômetro e meio de distância. Depois que Max atendeu às suas necessidades, pedi que ele te trouxesse aqui para que eu pudesse vigiá-la durante a noite. Quanto às suas roupas, não faço ideia. — Ele toma outro gole. — Eu acho que Max as incinerou. Tenho certeza de que alguém lhe trará outro uniforme em breve.

— Obrigada, senhor.

Anderson não diz nada.

Eu não digo mais nada.

Com os olhos fechados, me sinto mais segura em encará-lo. Aproveito a rara oportunidade de olhar mais de perto para sua tatuagem, mas ainda não consigo entender. Principalmente, olho para o rosto dele, que nunca vi assim: Suave. Relaxado. Quase sorrindo. Mesmo assim, posso dizer que algo o está incomodando.

— O quê? — ele diz sem olhar para mim. — O que é agora?

— Eu estava pensando, senhor, se você está bem.

Os olhos dele se abrem. Ele inclina a cabeça para olhar para mim, mas seu olhar é inescrutável. Lentamente, ele se vira.

Ele engole rapidamente o resto da bebida, encosta o copo na mesa de cabeceira e se senta em uma poltrona próxima.

— Eu fiz você cortar seu próprio dedo ontem à noite, lembra?

— Sim, senhor.

— E hoje você está me perguntando se eu estou bem.

— Sim, senhor. Você parece chateado, senhor.

Ele se recosta na cadeira, parecendo pensativo. De repente, ele balança a cabeça.

— Sabe, agora percebo que fui muito duro com você. Eu fiz você passar por muita coisa. Talvez tenha testado demais sua lealdade. Mas você e eu temos uma longa história, Juliette. E não é fácil para eu perdoar. Eu certamente não esqueço.

Eu não digo nada.

— Você não tem ideia do quanto eu te odiei — diz ele, falando mais para a parede do que para mim. — Quanto eu ainda te odeio, às vezes. Mas agora, finalmente...

Ele se senta, me olha nos olhos.

— Agora você é perfeita. — Ele ri, mas não há calor nisso. — Agora você é absolutamente perfeita e eu tenho que desistir de você. Entregar seu corpo para a ciência. — Ele se vira para a parede novamente. — Que pena.

Medo surge no meu peito. Eu ignoro isso.

Anderson se levanta, pega o copo vazio da mesa de cabeceira e desaparece por um minuto para enchê-lo novamente. Quando ele volta, ele me olha da porta. Eu olho de volta. Permanecemos assim por um tempo antes que ele diga, de repente...

— Sabe, quando eu era muito jovem, eu queria ser um padreiro.

Surpresa dispara através de mim, arregalando meus olhos.

— Eu sei — diz ele, tomando outro gole do líquido âmbar. Ele quase ri. — Não é o que você esperaria. Mas sempre gostei de bolo. Poucas pessoas percebem isso, mas o cozimento requer infinita precisão e paciência. É uma ciência exigente e cruel. Eu teria sido um excelente padeiro. — E então: — Não sei ao certo por que estou dizendo isso. Suponho que já faz um longo tempo desde que eu senti que poderia chegar abertamente a alguém.

— Você pode me dizer qualquer coisa, senhor.

— Sim — ele diz calmamente. — Estou começando a acreditar nisso.

Nós dois estamos em silêncio então, mas eu não consigo parar de encará-lo, minha mente subitamente invadida por perguntas sem resposta.

Mais vinte segundos e ele finalmente quebra o silêncio.

— Tudo bem, o que foi? — A voz dele é seca. Zombando de si mesmo. — O que você está *morrendo* de vontade de saber?

— Sinto muito, senhor — eu digo. — Eu só estava pensando... Por que você não tentou? Ser padeiro?

Anderson dá de ombros, gira o copo em suas mãos.

— Quando fiquei um pouco mais velho, minha mãe costumava me forçar a engolir alvejante. Amônia. O que quer que ela pudesse encontrar embaixo da pia. Nunca foi o suficiente para me matar — ele diz, encontrando meus olhos. — Apenas o suficiente para me torturar por toda a eternidade. — Ele engole o resto da bebida. — Você pode dizer que eu perdi meu apetite.

Não posso mascarar meu horror com rapidez suficiente. Anderson ri de mim, ri da expressão no meu rosto.

— Ela nunca teve um bom motivo para fazê-lo — diz ele, virando-se. — Ela apenas me odiava.

— Senhor — eu digo — Senhor, eu...

Max entra no quarto. Eu vacilo.

— O que diabos você fez?

— Há tantas respostas possíveis para essa pergunta — diz Anderson, olhando para trás. — Por favor seja mais específico. A propósito, o que você fez com as roupas dela?

— Estou falando de Kent — Max diz com raiva. — O que você fez?

Anderson parece subitamente incerto. Ele olha de Max para mim e depois de volta.

— Talvez devêssemos discutir isso em outro lugar.

Mas Max parece além da razão. Seus olhos são tão selvagens que não sei dizer se ele está com raiva ou aterrorizado.

— Por favor, diga-me que as fitas foram adulteradas. Diga-me que estou errado. Diga-me que você não realizou o procedimento sozinho.

Anderson parece ao mesmo tempo aliviado e irritado.

— Acalme-se — diz ele. — Eu assisti Evie fazer esse tipo de coisa inúmeras vezes – e a última vez, comigo. O garoto já havia sido drenado. O frasco estava pronto, esperando no balcão, e você estava tão ocupado com... — ele olha para mim — de qualquer maneira, eu tive um tempo livre e achei que me faria útil enquanto estivesse por perto.

— Eu não posso acreditar – é claro que você não vê o problema — diz Max, agarrando um punhado de seu próprio cabelo. Ele está balançando a cabeça. — Você nunca vê o problema.

— Isso parece uma acusação injusta.

— Paris, há uma razão pela qual a maioria dos não naturais tem apenas uma habilidade. — Ele está começando a andar agora. — A ocorrência de dois dons sobrenaturais na mesma pessoa é extremamente rara.

— E a filha de Ibrahim? — ele diz. — Esse não foi o seu trabalho? O de Evie?

— Não — Max diz com força. — Esse foi um erro aleatório e natural. Ficamos tão surpresos com a descoberta quanto qualquer outra pessoa.

Anderson fica subitamente sólido de tensão.

— Qual é exatamente o problema?

— Não é...

Um súbito toque de sirenes e as palavras morrem na garganta de Max.

— De novo — ele sussurra. — Deus, de novo não.

Anderson me lança um único olhar antes de desaparecer em seu quarto e, desta vez, ele reaparece totalmente montado. Nem um cabelo fora do lugar. Ele verifica o cartucho de uma pistola antes de guardá-la, em um coldre escondido.

— Juliette — diz ele bruscamente.

— Sim, senhor?

— Estou ordenando que você permaneça aqui. Não importa o que você veja, não importa o que ouça, você não deve sair desta sala. Você não deve fazer nada, a menos que eu ordene o contrário. Você entende?

— Sim, senhor.

— Max, pegue algo para ela vestir — Anderson late. — E então a mantenha escondida. Guarde-a com sua vida.

26. KENJI

Esse era o plano:

Todos nós deveríamos ficar invisíveis – Warner pegando emprestado o meu poder e o de Nazeera – e pular do avião pouco antes de pousar. Nazeera ativaria seus poderes voadores e, com Warner reforçando seu poder, nós três contornaríamos o comitê de boas-vindas que pretendia nos matar. Em seguida, seguiríamos diretamente para o coração do vasto complexo, onde começaríamos nossa busca por Juliette.

Isso é o que realmente aconteceu:

Nós três ficamos invisíveis e saltamos do avião quando ele pousou. Essa parte funcionou. O que não esperávamos, é claro, era que o comitê de boas vindas/assassinato antecipasse completamente nossas mudanças.

Estamos no ar, voando sobre as cabeças de pelo menos duas dúzias de soldados altamente armados e um cara que parece ser o pai de Nazeera, quando alguém lança algum tipo de arma de cano longo no céu. Ele parece estar procurando por algo.

Nós.

— Ele está escaneando as assinaturas de calor — diz Warner.

— Eu percebo isso — diz Nazeera, parecendo frustrada. Ela aumenta a velocidade, mas isso não importa.

Segundos depois, o cara com a pistola de calor grita algo para outra pessoa, que aponta uma arma diferente para nós, uma que desativa imediatamente nossos poderes.

É tão horrível quanto parece.

Eu nem tenho chance de gritar. Não tenho tempo para pensar no fato de que meu coração está batendo um quilômetro por minuto, ou que minhas mãos estão tremendo, ou que Nazeera – Nazeera destemida e invulnerável – parece subitamente aterrorizada quando o céu cai sob ela. Até Warner parece atordoado.

Eu já estava super assustado com a ideia de ser atirado para fora do céu novamente, mas posso dizer honestamente que não estava mentalmente preparado para isso. Esse é um nível totalmente novo de terror. Nós três somos subitamente visíveis e em espiral para nossas mortes e os soldados lá embaixo estão apenas olhando para nós, esperando.

Para quê? Eu penso.

Por que eles estão apenas olhando para nós enquanto morremos? Por que se esforçar para tomar o nosso avião e nos pousar aqui, em segurança, apenas para nos ver cair do céu?

Eles acham isso divertido?

O tempo parece estranho. Infinito e inexistente. O vento está correndo contra meus pés, e tudo o que posso ver é o chão, vindo rápido demais para nós, mas não consigo parar de pensar em como, em todos os meus pesadelos, nunca pensei que morreria assim. Eu nunca pensei que morreria por causa da gravidade. Eu não acho que *essa* era a maneira que eu estava destinado a sair do mundo, e parece errado, e parece injusto, e estou pensando sobre rapidez que tudo falhou, como nós nunca tivemos uma chance – quando ouço uma explosão repentina.

Um lampejo de fogo, gritos discordantes, os sons distantes de Warner gritando, e então não estou mais caindo, não estou mais visível.

Tudo acontece tão rápido que me sinto tonto.

O braço de Nazeera está em volta de mim e ela está me puxando para cima, lutando um pouco, e então Warner se materializa ao meu lado, ajudando a me sustentar. Sua voz aguda e presença familiar são a minha única prova de sua existência.

— Bom tiro — diz Nazeera, suas palavras sem fôlego altas no meu ouvido. — Quanto tempo você acha que temos?

— Dez segundos antes de eles começarem a atirar às cegas contra nós — grita Warner. — Temos que sair do alcance. Agora.

— Indo — grita Nazeera de volta.

Evitamos por pouco os tiros quando nós três caímos, em uma diagonal acentuada, no chão. Já estávamos tão perto do chão que não demoramos muito tempo para pousar no meio de um campo, longe o suficiente do perigo para podermos dar um suspiro momentâneo de alívio, mas muito longe do complexo para o alívio durar muito.

Estou curvado, mãos nos joelhos, ofegando, tentando me acalmar.

— O que você fez? O que diabos aconteceu?

— Warner jogou uma granada — explica Nazeera. Então, para Warner: — Você encontrou isso na bolsa de Haider, não foi?

— Isso e algumas outras coisas úteis. Nós precisamos nos mover.

Ouçõ o som de seus passos em retirada – botas esmagando a grama – e corro para segui-lo.

— Eles se reagrupam rapidamente — diz Warner — então temos apenas alguns momentos para elaborar um novo plano. Acho que devemos nos separar.

— Não — Nazeera e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Não há tempo — diz Warner. — Eles sabem que estamos aqui e obviamente tiveram muitas oportunidades de se prepararem para nossa chegada. Infelizmente, nossos pais não são idiotas; eles sabem que estamos aqui para salvar Ella. Nossa presença quase certamente os inspirou a começar a transferência, se ainda não o fizeram. Nós três juntos somos ineficientes. Alvos fáceis.

— Mas um de nós tem que ficar com você — diz Nazeera. — Você precisa de nós por perto se quiser usar invisibilidade para se locomover.

— Eu vou aproveitar minhas chances.

— De jeito nenhum — diz Nazeera categoricamente. — Ouça, eu conheço esse complexo, então ficarei bem sozinha. Mas Kenji não conhece esse lugar o suficiente. A pegada inteira mede cerca de um hectare e vinte acres de terra – o que significa que você pode se perder facilmente se não souber onde procurar. Vocês dois ficam juntos. Kenji lhe emprestará sua invisibilidade, e você poderá ser o guia dele. Eu vou sozinha.

— O quê? — Eu digo em pânico. — De jeito nenhum...

— Warner não está errado — diz Nazeera, me cortando. — Nós três, como grupo, realmente somos um alvo mais fácil. Existem muitas variáveis. Além disso, tenho algo que preciso fazer e, quanto mais cedo puder acessar um computador, mais fáceis as coisas serão para vocês dois. É provavelmente melhor se eu resolver isso sozinha.

— Espere, o quê?

— O que você está planejando? — Warner pergunta.

— Vou convencer os sistemas a pensar que sua família e Ella estão ligadas — diz ela à Warner. — Já existe um protocolo para esse tipo de coisa no Restabelecimento. Portanto, se eu puder criar os perfis e autorizações necessários, o banco de dados o reconhecerá como um membro da família Sommers. Você terá acesso fácil à maioria das salas de alta segurança em todo o complexo. Mas não é infalível. O sistema verifica automaticamente anomalias a cada hora. Se

conseguir ver através das minhas modificações, você será bloqueado e denunciado. Mas até então, você poderá procurar por Ella mais facilmente nos edifícios.

— Nazeera — diz Warner, sentindo-se incomumente impressionado. — Isso é... ótimo.

— Melhor do que ótimo — acrescento. — Isso é incrível.

— Obrigada — diz ela. — Mas eu devo ir. Quanto mais cedo eu começar a voar, mais cedo eu posso fazer isso, o que significa que, quando você chegar à base, eu terei feito algo acontecer.

— Mas e se você for pega? — Eu pergunto. — E se você não puder fazer isso? Como vamos encontrar você?

— Você não vão.

— Mas- Nazeera...

— Estamos em guerra, Kishimoto — diz ela, com um leve sorriso em sua voz. — Não temos tempo para ser sentimental.

— Isso não tem graça. Eu odeio essa piada. Eu odeio tanto.

— Nazeera vai ficar bem — diz Warner. — Você obviamente não a conhece bem, se você acha que ela é facilmente capturada.

— Ela literalmente acabou de acordar! Depois de levar um tiro! No peito! Ela quase morreu!

— Isso foi um acaso — dizem Warner e Nazeera ao mesmo tempo.

— Mas...

— Ei — diz Nazeera, sua voz subitamente fechada. — Tenho a sensação de que estou a quatro meses de me apaixonar loucamente por você, então, por favor, não se mate, ok?

Estou prestes a responder quando sinto uma súbita onda de ar. Eu a ouço se lançando para o céu, e mesmo sabendo que não vou vê-la, levanto o pescoço como se fosse vê-la partir.

E simplesmente assim...

Ela se foi.

Meu coração está batendo forte no peito, sangue correndo na minha cabeça. Sinto-me confuso: apavorado, excitado, esperançoso, horrorizado. Todas as melhores e piores coisas sempre parecem acontecer comigo ao mesmo tempo.

Não é justo.

— Porra — eu digo em voz alta.

— Vamos lá — diz Warner. — Vamos continuar.

27. ELLA

JULIETTE

Max está olhando para mim como se eu fosse um alienígena.

Ele não se moveu desde que Anderson saiu; ele apenas fica ali, rígido e estranho, enraizado no chão. Lembro-me do olhar que ele me deu na primeira vez em que nos conhecemos – a hostilidade desprotegida em seus olhos – e pisco para ele da minha cama, me perguntando por que ele me odeia tanto.

Depois de um trecho desconfortável de silêncio, eu limpo minha garganta. É óbvio que Anderson respeita Max – até gosta dele – então decido que devo falar com ele com um nível semelhante de respeito.

— Senhor — eu digo. — Eu realmente gostaria de me vestir.

Max se assusta com o som da minha voz. Sua linguagem corporal é completamente diferente agora que Anderson não está aqui, e ainda estou lutando para descobrir. Ele parece nervoso. Eu me pergunto se devo me sentir ameaçada por ele. Seu carinho por Anderson não é indicação de que ele possa me tratar como qualquer coisa, exceto um soldado sem nome.

Uma subordinada.

Max suspira. É um som alto e áspero que parece afastá-lo de seu estupor. Ele me lança um último olhar antes de desaparecer na sala adjacente, de onde ouço sons indiscerníveis e embaralhados. Quando ele reaparece, seus braços estão vazios.

Ele olha fixamente para mim, parecendo mais irritado do que há um momento atrás. Ele passa a mão pelo cabelo. Ele fica em pé em alguns lugares.

— Anderson não tem nada que caiba em você — ele diz.

— Não, senhor — digo com cuidado. Ainda confusa. — Eu esperava poder receber um novo uniforme.

Max se vira, olha para o nada.

— Um novo uniforme — ele diz para si mesmo. — Certo. — Mas quando ele respira fundo, estremecendo, fica claro para mim que ele está tentando ficar calmo.

Tentando ficar calmo.

Percebo, de repente, que Max pode ter medo de mim. Talvez ele tenha visto o que eu fiz com Darius. Talvez ele seja o médico que o curou.

Mesmo assim...

Não vejo por que razão para ele pensar que eu o machucaria. Afinal, minhas ordens vêm de Anderson e, até onde sei, Max é um aliado. Eu o observo atentamente enquanto ele levanta o pulso até a boca, solicitando silenciosamente que alguém entregue um novo conjunto de roupas para mim.

E então ele se afasta de mim até ficar encostado na parede. Há um único ruído agudo quando os calcanhares de suas botas atingem o rodapé e depois o silêncio.

Silêncio.

Ele entra em erupção, instalando-se completamente na sala, o silêncio atingindo até os cantos mais distantes. Eu me sinto fisicamente presa por isso. A falta de som parece opressiva.

Paralisando.

Passo o tempo contando as contusões no meu corpo. Acho que não passei tanto tempo me olhando nos últimos dias; Eu não tinha percebido quantas feridas eu tinha. Parece haver vários cortes recentes em meus braços e pernas, e sinto uma vaga picada ao longo da parte inferior do abdômen. Afasto a gola da camisola do hospital, olhando através do buraco do pescoço excessivamente grande para o meu corpo nu por baixo.

Pálido. Ferido.

Há uma pequena cicatriz fresca correndo verticalmente pela lateral do meu tronco, e não sei o que fiz para adquiri-la. De fato, meu corpo parece ter acumulado uma constelação inteira de novas incisões e contusões desbotadas. Por alguma razão, não me lembro de onde elas vieram.

Olho de repente, quando sinto o calor do olhar de Max.

Ele está me encarando enquanto eu me estudo, e o olhar penetrante em seus olhos me deixa cautelosa. Eu me sento. Me encosto.

Não me sinto confortável fazendo a ele nenhuma das perguntas empilhadas na minha boca.

Então eu olho para minhas mãos.

Eu já removi o resto das minhas ataduras; minha mão esquerda está quase toda curada.

Não há cicatriz visível onde meu dedo foi cortado, mas minha pele está manchada até meu antebraço, principalmente roxo e azul escuro, algumas manchas amarelas. Eu enrolo meus dedos em um punho, solto. Dói apenas um pouco. A dor está diminuindo a cada hora.

As próximas palavras saem dos meus lábios antes que eu possa detê-las:

— Obrigada, senhor, por consertar minha mão.

Max olha para mim, incerto, quando seu pulso acende. Ele olha para a mensagem e depois para a porta e, quando se aproxima da entrada, lança estranhos olhares selvagens para mim por cima do ombro, como se estivesse com medo de me dar as costas.

Max fica mais bizarro a cada momento.

Quando a porta se abre, a sala é inundada com som. Luzes piscando pulsam através da brecha de porta aberta, gritos e passos trovejando pelo corredor. Eu ouço metal batendo em metal, o toque distante de um alarme.

Meu coração acelera.

Estou de pé antes que eu possa me conter, meus sentidos aguçados, alheios ao fato de que minha camisola do hospital faz pouco para cobrir meu corpo. Tudo o que sinto é uma necessidade súbita e urgente de participar do tumulto, de fazer o que puder para ajudar e de encontrar meu comandante e protegê-lo. Foi para isso que eu fui construída.

Eu não posso simplesmente ficar aqui.

Mas então eu lembro que meu comandante me deu ordens explícitas para permanecer aqui, e a luta deixa meu corpo.

Max fecha a porta, silenciando o caos com esse único movimento. Abro a boca para dizer algo, mas o olhar em seus olhos me adverte para não falar. Ele coloca as roupas na cama – recusando-se a se aproximar de mim – e sai do quarto.

Troco de roupa rapidamente, trocando o vestido solto pelo tecido rígido e engomado de um uniforme militar recém-lavado. Max não me trouxe roupas de baixo, mas não me importo em apontar isso; Estou aliviada por ter algo para vestir. Eu ainda estou abotoando a cinta frontal, meus dedos trabalhando o mais rápido possível, quando meu olhar cai mais uma vez no gabinete, diretamente em frente à cama. Há uma única gaveta deixada levemente aberta, como se estivesse fechada às pressas.

Eu notei isso antes.

Não consigo parar de encará-la agora.

Algo me puxa para frente, alguma necessidade que não posso explicar. Agora está se tornando familiar – quase normal – sentir o calor estranho enchendo minha cabeça, então eu não questiono minha compulsão em chegar mais perto. Algo em algum lugar dentro de mim está gritando para eu me afastar, mas estou apenas vagamente consciente disso. Eu ouço a voz baixa e abafada de Max na outra sala; ele está falando com alguém em tom agressivo e atormentado. Ele parece totalmente distraído.

Encorajada, dou um passo à frente.

Minhas mãos enrolam em torno da gaveta e é preciso apenas um pouco de esforço para abri-la. É um sistema suave e macio. A madeira quase não faz som enquanto se move. E estou prestes a olhar para dentro quando...

— O que você está fazendo?

A voz de Max envia uma nota aguda de clareza através do meu cérebro, limpando a névoa. Dou um passo para trás, piscando. Tentando entender o que eu estava fazendo.

— A gaveta estava aberta, senhor. Eu estava indo fechá-la. — A mentira vem automaticamente. Facilmente.

Eu fico maravilhada com isso.

Max bate a gaveta e olha, desconfiado, para o meu rosto. Eu pisco para ele, encontrando alegremente seu olhar.

Percebo então que ele está segurando minhas botas.

Ele as empurra para mim; Eu as pego. Quero perguntar se ele tem um elástico – meu cabelo é extraordinariamente comprido; Tenho uma vaga lembrança de que era muito menor – mas decido ficar quieta.

Ele me observa atentamente enquanto calço as botas e, quando estou de pé novamente, ele me manda segui-lo.

Eu não me mexo.

— Senhor, meu comandante me deu ordens diretas para permanecer nesta sala. Eu vou ficar aqui até instruções contrárias.

— Você está sendo instruída no momento. Eu estou instruindo você.

— Com todo o respeito, senhor, você não é meu comandante.

Max suspira, a irritação escurecendo suas feições, e ele leva o pulso a boca.

— Você ouviu isso? Eu disse que ela não ia me obedecer. — Uma pausa. — Sim. Você terá que vir buscá-la você mesmo.

Outra pausa.

Max está ouvindo por um fone de ouvido invisível, não muito diferente do que vi Anderson usar – um fone de ouvido que agora percebo que deve estar

implantado em seus cérebros.

— Absolutamente não — diz Max, sua raiva tão repentina que me assusta. Ele balança a cabeça. — Eu não vou tocar nela.

Outra batida de silêncio e...

— Eu percebo isso — diz ele bruscamente. — Mas é diferente quando os olhos dela estão abertos. Há algo no rosto dela. Não gosto do jeito que ela olha para mim.

Meu coração fica mais lento.

A escuridão enche minha visão, pisca de volta à luz. Eu ouço meu coração batendo, me ouço inspirar, expirar, ouço minha própria voz, alta – muito alta...

Havia algo sobre meu rosto

As palavras choram, diminuem a velocidade

haviaaalgo sobre meu rostoaalgo sobre meu rostaaaaalgo sobre meus olhos, do jeito que eu olhava para ela

Meus olhos se abrem com um sobressalto. Estou respirando com dificuldade, confusa, e mal tenho um momento para refletir sobre o que aconteceu na minha cabeça antes que a porta se abra novamente. Um rugido enche meus ouvidos – mais sirenes, mais gritos, mais sons de movimentos caóticos e urgentes...

— Juliette Ferrars.

Há um homem na minha frente. Alto. Proibindo. Cabelo preto, pele morena, olhos verdes. Eu posso dizer, apenas olhando para ele, que ele exerce uma grande quantidade de poder.

— Sou o Comandante Supremo Ibrahim.

Meus olhos se arregalam.

Musa Ibrahim é o comandante supremo da Ásia. Segundo todos os relatos, os comandantes supremos do Restabelecimento têm níveis iguais de autoridade – mas o Comandante Supremo Ibrahim é amplamente conhecido por ser um dos fundadores do movimento e um dos únicos comandantes supremos que ocuparam a posição desde o início. Ele é extremamente bem respeitado.

Então, quando ele diz: — Venha comigo — eu digo:

— Sim, senhor.

Eu o sigo para a porta e para o caos, mas não tenho muito tempo para enfrentar o pandemônio antes de fazer uma curva acentuada em um corredor escuro. Sigo Ibrahim por um caminho estreito e curvo, as luzes diminuindo à medida que avançamos. Olho para trás algumas vezes para ver se Max ainda está conosco, mas ele parece ter ido em outra direção.

— Por aqui — diz Ibrahim bruscamente.

Damos mais uma volta e, de repente, o caminho estreito se abre para uma grande área de pouso bem iluminada. Há uma escada industrial à esquerda e um grande e reluzente elevador à direita. Ibrahim vai para o elevador e coloca a mão contra a porta sem moldura.

Depois de um momento, o metal emite um sinal sonoro silencioso, assobiando ao se abrir.

Quando nós dois estamos dentro, Ibrahim me dá um amplo espaço. Espero que ele acione o elevador – procuro no interior por botões ou monitor de algum tipo – mas ele não faz nada. Um segundo depois, sem avisar, o elevador se move.

A viagem é tão suave que me leva um minuto para perceber que estamos nos movendo para os lados, em vez de subir ou descer. Olho em volta, aproveitando a oportunidade para examinar mais atentamente o interior e só então percebo os cantos arredondados. Eu pensei que esta unidade fosse retangular; parece ser circular. Eu me pergunto, então, se estamos nos movendo como uma bala, perfurando a terra.

Disfarçadamente, olho para Ibrahim.

Ele não diz nada. Não indica nada. Ele não parece nem interessado nem perturbado pela minha presença, que é nova. Ele se mantém com uma certeza que me lembra muito Anderson, mas há algo mais sobre Ibrahim – algo mais – que parece único. Mesmo de relance, é óbvio que ele se sente absolutamente seguro de si. Não tenho certeza se até Anderson se sente absolutamente seguro de si. Ele está sempre testando e cutucando – examinando e questionando. Ibrahim, por outro lado, parece confortável. Sossegado.

Confiante sem esforço.

Eu me pergunto como isso deve ser.

E então eu me choco por pensar.

Quando o elevador para, ele produz três zumbidos sonoros breves e duros. Um momento depois, as portas se abrem. Espero Ibrahim sair primeiro e depois sigo.

Quando atravesso o limiar, fico impressionada com o cheiro. A qualidade do ar é tão ruim que nem consigo abrir os olhos direito. Há um cheiro acre no ar,

algo que lembra enxofre, e passo por uma nuvem de fumaça tão espessa que imediatamente faz meus olhos arderem. Não demorou muito para eu tossir, cobrindo meu rosto com o braço enquanto eu forçava o meu caminho através da sala.

Não sei como Ibrahim aguenta isso.

Somente depois de passar pela nuvem, o cheiro ardente começa a se dissipar, mas então eu perdi Ibrahim de vista. Eu giro, tentando entender o que está ao meu redor, mas não há pistas visuais para me enraizar. Este laboratório não parece muito diferente dos outros que eu já vi. Um monte de vidro e aço. Dezenas de longas mesas de metal se estendem pela sala, todas cobertas de taças e tubos de ensaio e o que parecem microscópios enormes. A única grande diferença aqui é que existem enormes cúpulas de vidro perfuradas nas paredes, os semicírculos lisos e transparentes parecendo mais vigias do que qualquer outra coisa. Ao me aproximar, percebo que são plantadores de algum tipo, cada um contendo uma vegetação incomum que nunca vi. As luzes piscam enquanto eu me movo através do vasto espaço, mas grande parte ainda está envolta em escuridão, e eu ofego, de repente, quando bato diretamente em uma parede de vidro.

Dou um passo para trás, meus olhos se ajustando à luz.

Não é uma parede.

É um aquário.

Um aquário maior do que eu. Um aquário do tamanho de uma parede. Não é o primeiro tanque de água que eu já vi em um laboratório aqui na Oceania, e estou começando a me perguntar por que existem tantos deles. Dou outro passo para trás, ainda tentando entender o que estou vendo. Insatisfeita, eu me aproximo novamente. Há uma fraca luz azul no tanque, mas isso não ajuda muito a iluminar as grandes dimensões. Giro o pescoço para ver o topo, mas perco o equilíbrio, me segurando contra o vidro no último segundo. Isso é um esforço fútil.

Eu preciso encontrar Ibrahim.

No momento em que estou prestes a recuar, noto um flash de movimento no tanque. A água treme por dentro, começa a se debater.

Uma mão bate forte contra o vidro.

Eu suspiro.

Lentamente, a mão recua.

Eu fico lá, congelada de medo e fascinação, quando alguém agarra meu braço.

Desta vez, eu quase grito.

— Onde você esteve? — Ibrahim diz com raiva.

— Sinto muito, senhor — eu digo rapidamente. — Eu me perdi. A fumaça era tão espessa que eu...

— Do que você está falando? Que fumaça?

As palavras morrem na minha garganta. Eu pensei ter visto fumaça. Não havia fumaça?

Esse é outro teste?

Ibrahim suspira.

— Venha comigo.

— Sim, senhor.

Desta vez, mantenho meus olhos em Ibrahim o tempo todo.

E desta vez, quando atravessamos o laboratório escuro em uma sala circular ofuscantemente brilhante, sei que estou no lugar certo. Porque algo está errado.

Alguém está morto.

28. KENJI

Quando finalmente chegamos ao complexo, estou exausto, com sede e realmente preciso usar o banheiro. Warner não sente nada disso, aparentemente, porque Warner é feito de urânio, plutônio ou alguma coisa assim, então eu tenho que implorar para que ele me deixe fazer uma pausa rápida. E com implorar para ele eu quero dizer que eu o agarro pelas costas da camisa e o forço a desacelerar – e então basicamente desmorono atrás de uma parede. Warner se afasta de mim, e o som de sua expiração irritada é tudo o que preciso para saber que meu *intervalo* está a meio segundo de acabar.

— Nós não fazemos pausas — diz ele bruscamente. — Se você não consegue acompanhar, fique aqui.

— Mano, eu não estou pedindo para parar. Eu nem estou pedindo uma pausa de verdade. Eu só preciso de um segundo para recuperar o fôlego. Dois segundos. Talvez cinco segundos. Isso não é loucura. E só porque eu tenho que recuperar o fôlego, não significa que eu não amo J. Isso significa que nós apenas corremos milhares de quilômetros. Isso significa que meus pulmões não são feitos de aço.

— Duas milhas — diz ele. — Corremos duas milhas.

— No sol. Morro acima. Você está com a porra de um terno. Você sequer suou? Como você não está cansado?

— Se agora você não entende, eu certamente não posso te ensinar.

Eu me levanto. Começamos a nos mover novamente.

— Eu não tenho certeza se quero saber do que você está falando — digo, abaixando a voz enquanto pego minha arma. Estamos dobrando a esquina da entrada, onde nosso plano grande e sofisticado de invadir o prédio envolve esperar alguém abrir a porta e passar por ela antes que se feche.

Ainda sem sorte.

— Ei — eu sussurro.

— O quê? — Warner parece irritado.

— Como você fez o pedido?

Silêncio.

— Vamos lá, mano. Estou curioso. Além disso, eu realmente preciso fazer xixi, então, se você não me distrair agora, tudo em que vou pensar é em quanto tenho que fazer xixi.

— Sabe, às vezes eu gostaria de poder remover a parte do meu cérebro que armazena as coisas que você me diz.

Eu ignoro isso.

— Então? Como você fez isso? — Alguém se aproxima da porta e eu fico tenso, pronto para pular para a frente, mas não há tempo suficiente. Meu corpo relaxa de volta contra a parede. — Você conseguiu o anel como eu te disse?

— Não.

— O quê? Como assim, *não*? — Eu hesito. — Você, pelo menos, acendeu uma vela? Fez o jantar dela?

— Não.

— Comprou chocolates para ela? Ficou de joelhos?

— Não.

— Não? Não, você não fez nenhuma dessas coisas? Nenhuma delas? — Meus sussurros estão se transformando em gritos de sussurro. — Você não fez uma única coisa que eu lhe disse para fazer?

— Não.

— Filho da puta.

— Por que isso importa? — ele pergunta. — Ela disse sim.

Eu gemo.

— Você é o pior, sabe disso? *O pior*. Você não a merece.

Warner suspira.

— Eu pensei que isso já era óbvio.

— Ei, não ouse me fazer sentir pena de você...

Eu me interrompo quando a porta se abre de repente. Um pequeno grupo de médicos (cientistas? Não sei) sai do prédio, e Warner e eu nos levantamos e ficamos em posição.

Esse grupo tem apenas pessoas suficientes – e elas demoram apenas o suficiente para sair – que quando eu agarro a porta e a abro por mais alguns segundos, parece que ela não registra isso.

Estamos dentro.

E só entramos por menos de um segundo antes de Warner me empurrar na parede, retirando o ar dos meus pulmões.

— Não se mexa — ele sussurra. — Nem uma polegada.

— Por que não? — Eu chio.

— Olhe para cima — ele diz — mas apenas com seus olhos. Não mexa a cabeça. Você vê as câmeras?

— Não.

— Eles nos anteciparam — diz ele. — Eles anteciparam nossos movimentos. Olhe para cima novamente, mas faça-o com cuidado. Esses pequenos pontos pretos são câmeras.

Sensores. Scanners infravermelhos. Termovisores. Eles estão procurando inconsistências nas imagens de segurança.

— *Merda.*

— Sim.

— Então, o que fazemos?

— Não tenho certeza — diz Warner.

— Você não tem certeza? — Eu digo, tentando não surtar. — Como você pode não ter certeza?

— Estou pensando — ele sussurra, irritado. — E eu não ouço você contribuindo com nenhuma ideia.

— Escute, mano, tudo que eu sei é que eu realmente preciso...

Sou interrompido pelo som distante de uma descarga do banheiro. Um momento depois, uma porta se abre. Viro a cabeça um milímetro e percebo que estamos ao lado do banheiro masculino.

Warner e eu aproveitamos o momento, pegando pegando a porta antes que ela se feche. Uma vez dentro do banheiro, nos pressionamos contra a parede, de costas para o azulejo frio. Estou tentando não pensar em todos os resíduos de xixi que tocam meu corpo, quando Warner exala.

É um som breve e silencioso – mas ele parece aliviado.

Acho que isso significa que não há scanners ou câmeras neste banheiro, mas não tenho certeza, porque Warner não diz uma palavra e não é preciso um gênio para descobrir o porquê.

Não temos certeza se estamos sozinhos aqui.

Não consigo vê-lo fazer isso, mas estou certo de que Warner está verificando as cabines agora. É o que estou fazendo, de qualquer maneira. Este não é um banheiro enorme – como tenho certeza de que é um de muitos – e fica ao lado da entrada/saída do prédio, então, no momento, não parece estar recebendo muito tráfego.

Quando temos certeza de que o banheiro está limpa, Warner diz: — Nós vamos subir, através da abertura. Se você realmente precisa usar o banheiro, faça isso agora.

— Ok, mas por que você tem que parecer tão enojado com isso? Você realmente espera que eu acredite que você nunca precisa usar o banheiro? As necessidades humanas básicas estão abaixo de você?

Warner me ignora.

Vejo a porta da cabine aberta e ouço seus sons cuidadosos enquanto ele sobe nos cubículos de metal. Há uma grande abertura no teto, logo acima de uma dos vasos, e eu observo enquanto as mãos invisíveis dele fazem um pequeno trabalho na grade.

Rapidamente, eu uso o banheiro. E então lavo minhas mãos o mais alto possível, para o caso de Warner sentir a necessidade de fazer um comentário juvenil sobre minha higiene.

Surpreendentemente, ele não faz.

Em vez disso, ele diz:

— Você está pronto? — E eu posso dizer pelo som ecoante de sua voz que ele já está na metade da abertura.

— Estou pronto. Apenas me avise quando estiver dentro.

Mais movimentos cuidadosos, metal tamborilando.

— Estou dentro — diz ele. — Certifique-se de recolocar a grade depois de subir.

— Entendi.

— Em uma nota relacionada, espero que você não seja claustrofóbico. Embora se você for... Boa sorte.

Eu respiro fundo.

Solto.

E começamos nossa jornada para o inferno.

29. ELLA

JULIETTE

Max, Anderson, uma mulher loira e um negro alto estão todos de pé no centro da sala, olhando para um corpo morto, e só olham para cima quando Ibrahim se aproxima.

Os olhos de Anderson se voltam para mim imediatamente.

Eu sinto meu coração pular. Não sei como Max chegou aqui antes de nós, e não sei se vou ser punida por obedecer ao Comandante Supremo Ibrahim.

Minha mente espirala.

— O que ela está fazendo aqui? — Anderson pergunta, sua expressão selvagem. — Eu disse a ela para ficar no q...

— Eu anulei suas ordens — diz Ibrahim bruscamente — e disse a ela para vir comigo.

— Meu quarto é um dos locais mais seguros nesta ala — diz Anderson, mal segurando a raiva. — Você colocou todos nós em risco, movendo-a.

— Atualmente estamos sob ataque — diz Ibrahim. — Você a deixa sozinha, completamente desacompanhada...

— Eu a deixei com Max!

— Max, que tem muito medo de sua própria criação para passar alguns minutos sozinho com a garota. Você esquece que há uma razão para ele nunca ter recebido uma posição militar.

Anderson lança a Max um olhar estranho e confuso. De alguma forma, a confusão no rosto de Anderson me faz sentir melhor por conta própria. Eu não tenho ideia do que está acontecendo. Não faço ideia a quem devo responder. Não faço ideia do que Ibrahim quis dizer com *criação*.

Max apenas balança a cabeça.

— As crianças estão aqui — diz Ibrahim, mudando de assunto. — Eles estão aqui, em nosso meio, completamente indetectados. Eles estão indo de sala em sala procurando por ela e já mataram quatro de nossos principais cientistas no processo. — Ele acena com a cabeça para o cadáver – um homem grisalho e de meia-idade, com sangue caindo embaixo dele. — Como isso aconteceu? Por que eles ainda não foram vistos?

— Nada foi registrado nas câmeras — diz Anderson. — Ainda não, pelo menos.

— Então você está me dizendo que este – e os outros três cadáveres que encontramos até agora – foi obra de fantasmas?

— Eles devem ter encontrado uma maneira de enganar o sistema — diz a mulher. — É a única resposta possível.

— Sim, Tatiana, eu percebo isso – mas a questão é *como*. — Ibrahim aperta o nariz entre o polegar e o indicador. E está claro que ele está falando com Anderson quando diz:

— Todos os preparativos que você alegou ter feito antes de um possível ataque – eles foram todos por nada?

— O que você esperava? — Anderson não está mais tentando controlar sua raiva. — Eles são nossos filhos. Nós os criamos para isso. Eu ficaria decepcionado se eles fossem estúpidos o suficiente para cair em nossas armadilhas imediatamente.

Nossos filhos?

— Chega — Ibrahim chora. — Já chega disso. Precisamos iniciar a transferência agora.

— Eu já te disse por que não podemos — diz Max com urgência. — Ainda não. Precisamos de mais tempo. Emmaline ainda precisa cair abaixo da viabilidade de dez por cento para que o procedimento funcione sem problemas e, agora, ela está com doze por cento. Mais alguns dias – talvez algumas semanas – e poderemos avançar. Mas qualquer coisa acima de 10 por cento de viabilidade significa que há uma chance de que ela ainda seja forte o suficiente para resistir...

— Eu não ligo — diz Ibrahim. — Nós esperamos o tempo suficiente. E perdemos tempo e dinheiro suficientes tentando mantê-la viva e sua irmã sob nossa custódia. Não podemos arriscar outra falha.

— Mas iniciar a transferência com doze por cento de viabilidade tem trinta e oito por cento de chance de falha — diz Max, falando rapidamente. — Poderíamos estar arriscando muito...

— Então encontre mais maneiras de reduzir a viabilidade — retruca Ibrahim.

— Já estamos no topo do que podemos fazer agora — diz Max. — Ela ainda é muito forte – ela está lutando contra nossos esforços...

— Essa é apenas mais uma razão para se livrar dela mais cedo — diz Ibrahim, interrompendo-o novamente. — Estamos gastando uma quantidade notória de recursos apenas para manter as outras crianças isoladas de seus avanços – quando Deus sabe apenas que dano ela já causou. Ela está se intrometendo em todos os lugares, causando desastres desnecessários. Precisamos de um novo hospedeiro. Um saudável. E precisamos disso agora.

— Ibrahim, não seja precipitado — diz Anderson, tentando parecer calmo. — Isso pode ser um grande erro. Juliette é um soldado perfeito – ela é mais do que provou a si mesma – e agora ela pode ser uma grande ajuda. Em vez de trancá-la, devemos enviá-la. Dar-lhe uma missão.

— Absolutamente não.

— Ibrahim, ele fez uma boa observação — diz o homem alto e negro. — As crianças não estarão esperando por ela. Ela seria a atração perfeita.

— Vê? Azi concorda comigo.

— Eu não. — Tatiana balança a cabeça. — É muito perigoso — diz ela. — Muitas coisas podem dar errado.

— O que poderia dar errado? — Pergunta Anderson. — Ela é mais poderosa que qualquer um deles e completamente obediente a mim. A nós. Ao movimento. Todos vocês sabem tão bem quanto eu que ela provou sua lealdade repetidas vezes. Ela seria capaz de capturá-los em questão de minutos. Tudo pode acabar em uma hora, e poderemos seguir em frente com nossas vidas. — Anderson trava os olhos comigo. — Você não se importaria de reunir alguns rebeldes, não é, Juliette?

— Eu ficaria feliz, senhor.

— Vê? — Anderson gesticula para mim.

Um alarme repentino soa, o som tão alto que é doloroso. Ainda estou enraizada no lugar, tão sobrecarregada e confusa com essa repentina inundação de informações estonteantes que nem sei o que fazer comigo mesma. Mas os comandantes supremos parecem subitamente aterrorizados.

— Azi, onde está Santiago? — Tatiana chora. — Você foi o último com ele, não foi? Alguém confere com Santiago...

— Ele caiu — diz Azi, batendo contra sua têmpora. — Ele não está respondendo.

— *Max* — Anderson diz bruscamente, mas Max já está correndo pela porta, Azi e Tatiana nos calcanhares.

— Vá buscar seu filho — Ibrahim late para Anderson.

— Por que você não vai buscar sua filha? — Anderson atira de volta.

Os olhos de Ibrahim se estreitam.

— Estou pegando a garota — diz ele calmamente. — Estou terminando este trabalho e farei isso sozinho, se for necessário.

Anderson olha de mim para Ibrahim. — Você está cometendo um erro — diz ele. — Ela finalmente se tornou nosso patrimônio. Não deixe seu orgulho impedi-lo de ver a resposta diante de nós. Juliette deve ser a pessoa rastreando as crianças agora. O fato de eles não a anteciparem como agressora os torna alvos mais fáceis. É a solução mais óbvia.

— Você está louco — grita Ibrahim — se você acha que sou tolo o suficiente para correr esse risco. Não vou entregá-la aos seus amigos como um idiota comum.

Amigos?

Eu tenho amigos?

— *Ei, princesa* — alguém sussurra no meu ouvido.

30. KENJI

Warner me dá um tapa na cabeça.

Ele me puxa de volta, me agarrando com força pelo ombro e arrasta nós dois pelo laboratório excessivamente brilhante e extremamente assustador.

Quando estamos longe o suficiente de Anderson, Ibrahim e Robô J, espero que Warner diga alguma coisa – qualquer coisa...

Ele não diz nada.

Nós dois assistimos à conversa distante ficar mais aquecida a cada momento, mas não podemos realmente ouvir o que eles estão dizendo daqui. Embora eu ache que, mesmo que pudéssemos ouvir o que eles estavam dizendo, Warner não estaria prestando atenção. A luta parece ter deixado seu corpo. Eu não posso nem vê-lo agora, mas posso sentir. Algo sobre seus movimentos, seus suspiros silenciosos.

Sua mente está em Juliette.

Juliette, que parece a mesma. Melhor, de fato. Ela parece saudável, os olhos brilhantes, a pele brilhando. Seu cabelo está solto – longo, pesado, escuro – do jeito que era a primeira vez que a vi.

Mas ela não é a mesma. Até eu consigo ver isso.

E é devastador.

Eu acho que isso é de alguma forma melhor do que se ela tivesse substituído Emmaline por completo, mas essa versão estranha, robótica e super soldado de J também é profundamente preocupante.

Eu acho.

Continuo esperando Warner finalmente quebrar o silêncio, para me dar uma indicação de seus sentimentos e/ou teorias sobre o assunto – e talvez, enquanto ele estiver nisso, me oferecer sua opinião profissional sobre o que diabos devemos fazer a seguir – mas os segundos continuam passando em perfeito silêncio.

Finalmente desisto.

— Tudo bem, coloque para fora — eu sussurro. — Diga-me o que você está pensando.

Warner deixa escapar um longo suspiro.

— Isso não faz sentido.

Concordo, mesmo que ele não possa me ver.

— Entendi. Nada faz sentido em situações como estas. Eu sempre sinto que é injusto, você sabe, como o mundo...

— Não estou sendo filosófico — diz Warner, me cortando. — Quero dizer que literalmente não faz sentido. Nouria e Sam disseram que a Operação Síntese tornaria Ella um super soldado – e que, uma vez que o programa entrasse em vigor, o resultado seria irreversível.

— Mas isso não é Operação Síntese — diz ele. — A Operação Síntese é literalmente sobre sintetizar os poderes de Ella e Emmaline, e agora, não há...

— Síntese — eu digo. — Entendi.

— Isso não parece certo. Eles fizeram as coisas fora de ordem.

— Talvez eles tenham surtado depois que a tentativa de Evie de limpar a mente de J não funcionou. Talvez eles precisassem encontrar uma maneira de consertar essa falha, e rápido. Quero dizer, é muito mais fácil mantê-la por perto se ela for dócil, certo? Fiel aos seus interesses. É muito mais fácil do que mantê-la em uma cela, pelo menos. Cuidando dela constantemente. Monitorando cada movimento dela. Sempre preocupados que ela transforme o papel higiênico em uma faca e saia.

— Honestamente — dou de ombros — parece que eles estão ficando preguiçosos. Eu acho que eles estão cansados e exaustos de J sempre irromper e revidar. Esse é literalmente o caminho de menor resistência.

— Sim — diz Warner lentamente. — Exatamente.

— Espere – exatamente o quê?

— O que eles fizeram com ela – iniciando prematuramente essa fase – foi feito às pressas. Foi um trabalho de correção.

Uma lâmpada pisca para a vida na minha cabeça.

— O que significa que o trabalho deles foi desleixado.

— E se o trabalho deles foi desleixado...

— ...definitivamente existem buracos.

— Pare de terminar minhas frases — diz ele, irritado.

— Pare de ser tão previsível.

— Pare de agir como uma criança.

— Pare *você* de agir como uma criança.

— Você está sendo ridículo...

Warner fica subitamente silencioso quando a voz trêmula e irritada de Ibrahim explode através do laboratório.

— Eu disse, *saia do caminho*.

— Eu não posso deixar você fazer isso — diz Anderson, sua voz ficando mais alta. — Você não acabou de ouvir esse alarme? Santiago caiu. Eles mataram outro comandante supremo. Por quanto tempo vamos deixar isso continuar? — *Juliette* — diz Ibrahim bruscamente. — Você vem comigo.

— Sim, senhor.

— Juliette, pare — exige Anderson.

— Sim, senhor.

O que diabos está acontecendo?

Warner e eu nos inclinamos para ver melhor, mas não importa o quão perto chegamos; Eu ainda não consigo acreditar nos meus olhos.

A cena é surreal.

Anderson está protegendo Juliette. O mesmo Anderson que gastou tanto de sua energia tentando matá-la – agora está de pé na frente dela, com os braços estendidos, protegendo-a com a vida.

O que diabos aconteceu enquanto ela estava aqui? Anderson conseguiu um novo cérebro? Um novo coração? Um parasita?

E sei que não estou sozinho em minha confusão quando ouço Warner murmurar: "O que *diabos*?"

— Pare de ser tolo — diz Anderson. — Você está se aproveitando de uma tragédia para tomar uma decisão não autorizada, quando você sabe, assim como eu, que todos precisamos concordar com algo tão importante antes de avançar. Só estou pedindo para você esperar, Ibrahim. Espere os outros voltarem e nós colocaremos isso em votação. Deixe o conselho decidir.

Ibrahim puxa uma arma para Anderson.

Ibrahim puxa uma arma para Anderson.

Eu quase perco a cabeça. Eu suspiro tão alto que quase assopro.

— Afaste-se, Paris — diz ele. — Você já arruinou esta missão. Eu lhe dei dezenas de chances de acertar. Você me deu sua palavra de que interceptaríamos as crianças antes mesmo de pisarem no prédio, e veja como isso acabou. Você prometeu para mim, para todos nós, uma e outra vez que você faria isso certo e, em vez disso, tudo o que você faz é nos custar nosso tempo, nosso dinheiro, nosso poder, nossas vidas. *Tudo*.

— Agora cabe a mim corrigir isso — diz Ibrahim, com raiva, deixando sua voz instável.

Ele balança a cabeça.

— Você nem entende, não é? Você não entende o quanto a morte de Evie nos custou. Você não entende quanto do nosso sucesso foi construído com o gênio dela, os avanços tecnológicos dela. Você não entende que Max nunca será o que Evie era – que ele nunca poderia substituí-la. E você parece não entender que ela não está mais aqui para perdoar seus erros constantes.

— Não — ele diz. — Agora depende de mim. Cabe a mim consertar as coisas, porque eu sou o único com a cabeça na vertical. Eu sou o único que parece entender a enormidade do que está à nossa frente. Eu sou o único que vê o quão perto estamos da completa e total ruína. Estou determinado a consertar isso, Paris, mesmo que isso signifique derrubá-lo no processo. Então se afaste.

— Seja razoável — diz Anderson, com os olhos cautelosos. — Eu não posso simplesmente me afastar. Quero nosso movimento – tudo o que trabalhamos tão duro para construir – também quero que seja um sucesso. Certamente você deve perceber isso. Você deve perceber que não desisti da minha vida por nada; você deve saber que minha lealdade é com você, com o conselho, com O Restabelecimento. Mas você também deve saber que ela vale muito. Não posso deixar isso passar tão facilmente. Nós chegamos longe demais.

Todos nós fizemos muitos sacrifícios para estragar tudo agora.

— Não force minha mão, Paris. Não me faça fazer isso.

J dá um passo à frente, prestes a dizer algo, e Anderson empurra seu corpo atrás dele.

— Eu ordenei que você ficasse em silêncio — diz ele, olhando para ela. — E agora estou ordenando que você permaneça segura, a todo custo. Você me ouviu, Juliette? Você...

Quando o tiro soa, eu não acredito.

Eu acho que minha mente está pregando peças em mim. Eu acho que isso é algum tipo de interlúdio esquisito – um sonho estranho, um momento de confusão – eu continuo esperando a cena mudar. Limpar. Redefinir.

Não faz.

Ninguém pensou que isso iria acontecer assim. Ninguém pensou que os comandantes supremos se destruiriam. Ninguém pensou que veríamos Anderson ser derrubado por alguém, ninguém pensou que ele seguraria seu peito sangrando e usaria seu último suspiro para dizer: — Corra, Juliette. *Corra...*

Ibrahim atira novamente e, desta vez, Anderson fica em silêncio.

— Juliette — diz Ibrahim — você vem comigo.

J não se mexe.

Ela está congelada no lugar, encarando a figura imóvel de Anderson. Isso é tão estranho. Eu continuo esperando ele acordar. Continuo esperando que seus poderes de cura entrem em ação. Continuo aguardando aquele momento irritante em que ele volta à vida, segurando um lenço de bolso em seu ferimento...

Mas ele não se mexe.

— Juliette — diz Ibrahim bruscamente. — Você vai me responder agora. E estou ordenando que você me siga.

J olha para ele. O rosto dela está em branco. Os olhos dela estão em branco.

— Sim, senhor — diz ela.

E é aí que eu sei.

É quando eu sei exatamente o que vai acontecer a seguir. Eu posso sentir, sentir alguma eletricidade estranha no ar antes que ele faça seu movimento. Antes que ele estrague nossa cobertura.

Warner retira sua invisibilidade.

Ele fica ali imóvel por apenas um momento, por tempo suficiente para Ibrahim registrar sua presença, gritar, pegar sua arma. Mas ele não é rápido o suficiente.

Warner está a três metros de distância quando Ibrahim fica subitamente relaxado, quando ele engasga e a arma escapa de sua mão, quando seus olhos se arregalam. Uma fina linha vermelha aparece no meio da testa de Ibrahim, uma corrente aterradora de sangue que precipita o som repentino e suave de seu crânio se abrindo. É o som de rasgar carne, um som inócuo que me lembra o rasgar de uma laranja. E não demora muito para que os joelhos de Ibrahim caiam no chão. Ele cai sem graça, seu corpo desmorona.

Eu sei que ele está morto porque eu posso ver diretamente dentro do seu crânio. Os pedaços de sua matéria cerebral carnuda se espalham pelo chão.

Isso, eu acho, é o tipo de merda horrível que J é capaz.

É disso que ela sempre foi capaz. Ela sempre foi uma pessoa boa demais para usá-lo.

Warner, por outro lado...

Ele nem parece incomodado pelo fato de ter apenas rasgado o crânio de um homem.

Ele parece totalmente calmo sobre a matéria cerebral pingando no chão. Não, ele só tem olhos para J, que está olhando de volta para ele, confusa. Ela olha do corpo mole de Ibrahim para o corpo mole de Anderson e joga os braços para a frente com um grito repentino e desesperado.

E nada acontece.

Robô J não tem ideia de que Warner pode absorver seus poderes.

Warner dá um passo em sua direção e ela estreita os olhos antes de bater com o punho no chão. A sala começa a tremer. O chão começa a fissurar. Meus dentes estão batendo com tanta força que perco o equilíbrio, bato contra a parede e, acidentalmente, afasto minha invisibilidade. Quando Juliette me vê, ela grita.

Eu saio do caminho, me jogando para frente, mergulhando sobre uma mesa. O vidro cai no chão, estilhaça por toda parte.

Eu ouço alguém gemer.

Eu espio pelas pernas de uma mesa bem a tempo de ver Anderson começar a se mover.

Desta vez, eu realmente ofego.

O mundo inteiro parece estar em pausa.

Anderson se esforça para ficar de pé. Ele não parece bem. Ele parece doente, pálido – uma imitação de seu antigo eu. Algo está errado com seu poder de cura, porque ele parece apenas meio vivo, com sangue escorrendo de dois lugares em seu torso. Ele balança quando se levanta, tossindo sangue. A pele dele fica cinza. Ele usa a manga para limpar o sangue da boca.

J vai correndo em sua direção, mas Anderson levanta a mão na direção dela e ela para.

Seu rosto sombrio registra um momento de surpresa quando ele olha para o corpo morto de Ibrahim.

Ele ri. Tosse. Limpa mais sangue.

— Você fez isso? — ele diz, com os olhos fixos no próprio filho. — Você me fez um favor.

— O que você fez com ela? — Warner exige.

Anderson sorri.

— Por que eu não mostro a você? — Ele olha para J. — Juliette?

— Sim, senhor.

— Mate eles.

— Sim, senhor.

J avança no momento em que Anderson tira algo do bolso, apontando sua luz azul e afiada na direção da Warner. Dessa vez, quando J joga o braço para fora,

Warner sai voando, seu corpo batendo com força contra a pedra.

Ele cai no chão com um suspiro, o vento saindo de seus pulmões, e aproveito o momento para avançar, puxando minha invisibilidade ao redor de nós dois.

Ele me afasta.

— Vamos lá, mano, nós temos que sair daqui... isso não é uma luta justa...

— Você vai — diz ele, segurando sua lateral. — Vá encontrar Nazeera e depois encontre as outras crianças. Eu vou ficar bem.

— Você não vai ficar bem — eu assobio. — Ela vai te matar.

— Tudo bem também.

— Não seja estúpido...

A mesa de metal que nos fornece nosso único pedaço de cobertura sai voando, batendo com força contra a parede oposta. Dou uma última olhada em Warner e tomo uma decisão em uma fração de segundo.

Eu me jogo na luta.

Sei que só tenho um segundo antes que minha matéria cerebral se junte à de Ibrahim no chão, então faço isso valer a pena. Puxo minha arma do coldre e atiro três, quatro vezes.

Cinco.

Seis.

Eu enterro chumbo no corpo de Anderson até que ele seja empurrado de volta pela força, caindo no chão com uma tosse ensanguentada. J corre para a frente, mas eu desapareço, correndo atrás de uma mesa, e quando a arma na mão de Anderson cai no chão, eu atiro nela também. A arma estala e quebra, pegando fogo rapidamente enquanto a tecnologia explode.

J grita, caindo de joelhos ao lado dele.

— Mate-os — Anderson suspira, sangue manchando as bordas dos lábios. — Mate todos eles. Mate qualquer um que estiver no seu caminho.

— Sim, senhor — diz Juliette.

Anderson tosse. Sangue fresco escorre de suas feridas.

J se levanta e se vira, examinando a sala procurando por nós, mas já estou correndo para Warner, jogando minha invisibilidade sobre nós dois. Warner parece um pouco atordoado, mas ele milagrosamente não está ferido.

Eu tento ajudá-lo a se levantar e, pela primeira vez, ele não afasta meu braço. Eu o ouço inalar. Expirar.

Não importa, ele está um pouco ferido.

Espero que ele faça alguma coisa, diga alguma coisa, mas ele apenas fica lá, olhando para J. E então...

Ele retira sua invisibilidade.

Eu quase grito.

J gira quando ela o vê e imediatamente corre para a frente. Ela pega uma mesa e joga em nós.

Mergulhamos tão duro que quase quebro meu nariz contra o chão. Ainda consigo ouvir coisas quebrando ao nosso redor quando digo:

— O que diabos você estava pensando? Você acabou de perder nossa chance de sair daqui!

Warner se mexe, o copo triturando embaixo dele. Ele está respirando com dificuldade.

— Eu estava falando sério sobre o que eu disse, Kishimoto. Você deveria ir. Encontre Nazeera. Mas é aqui que eu preciso estar.

— Você quer dizer que precisa ser morto agora? É aqui que você precisa estar? Você se ouve?

— Algo está errado — diz Warner, arrastando-se para a sua frente. — Sua mente está presa, presa dentro de alguma coisa. Um programa. Um vírus. Seja o que for, ela precisa de ajuda.

J grita, enviando outro terremoto pela sala. Eu bato em uma mesa e tropeço para trás.

Uma dor aguda atravessa meu intestino e eu respiro fundo. Xingo.

Warner tem um braço contra a parede, firmando-se. Eu posso dizer que ele está prestes a avançar diretamente na luta, e eu agarro seu braço, puxo-o para trás.

— Não estou dizendo que desistimos dela, ok? Estou dizendo que tem que haver outra maneira. Precisamos sair daqui, nos reagrupar. Criar um plano melhor.

— Não.

— Mano, eu acho que você não entende. — Olho para J, que está seguindo em frente, os olhos ardendo, o chão fissurando diante dela. — Ela realmente vai te matar.

— Então eu vou morrer.

É isso.

As últimas palavras de Warner antes dele continuar.

Ele encontra J no meio da sala e ela não hesita antes de dar um golpe violento em seu rosto.

Ele bloqueia.

Ela investe novamente. Ele bloqueia. Ela chuta. Ele se abaixa.

Ele não está lutando com ela.

Ele apenas encaixa com ela, movimento por movimento, encontrando seus golpes, antecipando sua mente. Isso me lembra sua briga com Anderson no Santuário – como ele nunca bateu no pai, apenas se defendeu. Era óbvio então que ele estava apenas tentando enfurecer o pai.

Mas isso...

Isso é diferente. É claro que ele não está gostando disso. Ele não está tentando enfurecê-la e não está tentando se defender. Ele está lutando com ela por *ela*. Para protegê-la.

Para salvá-la, de alguma forma.

E não tenho ideia se isso vai funcionar.

J fecha os punhos e grita. As paredes tremem, o chão continua se abrindo. Eu tropeço, me seguro contra uma mesa.

E eu estou aqui parado como um idiota, tentando descobrir uma pista, tentando descobrir o que fazer, como ajudar...

— Puta merda — diz Nazeera. — O que diabos está acontecendo?

Alívio me atravessa rápido e quente. Eu tenho que resistir ao impulso de puxar seu corpo invisível em meus braços. Colocá-la perto do meu peito e impedi-la de sair novamente.

Em vez disso, finjo estar tranquilo.

— Como você chegou aqui? — Eu pergunto. — Como você nos encontrou?

— Eu estava invadindo os sistemas, lembra? Eu vi vocês nas câmeras. Vocês não estão exatamente quietos aqui em cima.

— Certo. Bom argumento.

— Ei, eu tenho novidades, a propósito, eu acho... — Ela se interrompe abruptamente, suas palavras diminuindo em nada. E então, depois de um instante, ela diz baixinho: — Quem matou meu pai?

Meu estômago vira pedra.

Respiro fundo antes de dizer:

— Warner fez isso.

— Oh.

— Você está bem?

Eu a ouço expirar.

— Eu não sei.

J grita novamente e eu olho para cima.

Ela está furiosa.

Eu posso dizer, mesmo daqui, que ela está frustrada. Ela não pode usar seus poderes diretamente em Warner, e ele é um lutador bom demais para ser derrotado sem vantagem.

Ela recorreu a jogar objetos muito grandes e pesados para ele. Tudo o que ela pode encontrar. Equipamentos médicos aleatórios. Peças da parede.

Isso não é bom.

— Ele não quis ir embora — digo a Nazeera. — Ele queria ficar. Ele acha que pode ajudá-la.

Ela suspira.

— Deveríamos deixá-lo tentar. Enquanto isso, eu poderia precisar da sua ajuda.

Eu me viro, reflexivamente, para encará-la, esquecendo por um momento que ela está invisível.

— Minha ajuda com o quê? — Eu pergunto.

— Encontrei as outras crianças — diz ela. — Foi por isso que fiquei tanto tempo fora. Conseguir esse certificado de segurança para vocês foi muito mais fácil do que eu pensava. Então continuei para fazer algumas invasões em nível profundo nas câmeras – e descobri onde eles estão escondendo as outras crianças supremas. Mas não é bonito. E eu poderia precisar de ajuda.

Levanto os olhos para ter um último vislumbre de Warner.

De J.

Mas eles se foram.

31. ELLA

JULIETTE

Corra, Juliette

corra

mais rápido, corra até que seus ossos quebrem e suas canelas se separem e seus músculos se atrofiem

Corra, corra, corra

até que você não possa ouvir os pés atrás de você

Corra até cair morta.

Certifique-se de que seu coração pare antes que eles cheguem até você. Antes que eles te toquem.

Corra, eu disse.

As palavras aparecem espontaneamente em minha mente. Não sei de onde elas vêm e não sei por que as conheço, mas digo para mim mesma enquanto vou, minhas botas batendo no chão, minha cabeça uma confusão estrangulada de caos. Eu não entendo o que aconteceu. Eu não entendo o que está acontecendo comigo. Eu não entendo mais nada.

O garoto está perto.

Ele se move mais rapidamente do que eu esperava, e eu estou surpresa. Eu não esperava que ele fosse capaz de igualar meus golpes. Eu não esperava que ele me encarasse tão facilmente. Principalmente, estou surpresa que ele seja de alguma forma imune ao meu poder. Eu nem sabia que isso era possível.

Eu não entendo.

Estou destruindo meu cérebro, tentando desesperadamente compreender como isso pode ter acontecido – e se eu poderia ter sido responsável pela

anomalia – mas nada faz sentido. A presença dele não faz sentido. A atitude dele não faz sentido. Nem mesmo a maneira como ele luta.

O que quer dizer: ele não luta.

Ele nem quer brigar. Ele parece não ter interesse em me derrotar, apesar da ampla evidência de que somos bem parecidos. Ele apenas me afasta, fazendo apenas o esforço mais básico para se proteger, e ainda assim eu não o matei.

Há algo de estranho nele. Algo sobre ele que está ficando sob minha pele. Me perturbando.

Mas ele sumiu de vista quando joguei outra mesa nele e ele está correndo desde então.

Parece uma armadilha.

Eu sei disso e, no entanto, sinto-me compelida a encontrá-lo. Enfrentá-lo. Destruí-lo.

Eu o vejo, de repente, no outro extremo do laboratório, e ele olha nos meus olhos com um sentimento de indiferença que me enfurece. Eu avanço, mas ele se move rapidamente, desaparecendo por uma porta adjacente.

Isso é uma armadilha, eu me lembro.

Por outro lado, não tenho certeza se isso é uma armadilha. Estou sob ordens de encontrá-lo. Matá-lo. Eu só tenho que ser melhor. Mais esperta.

Então eu sigo.

Desde o momento em que encontrei esse garoto – desde o primeiro momento em que começamos a trocar golpes – eu ignorei as sensações vertiginosas que percorriam meu corpo. Tentei negar minha pele repentinamente febril, minhas mãos trêmulas. Mas quando uma nova onda de náusea quase me envia cambaleando, não posso mais negar meu medo: Há algo de errado comigo.

Eu pego outro vislumbre de seus cabelos dourados e minha visão borra, limpa, meu coração diminui. Por um momento, meus músculos parecem espasmos. Há um arrepio, um tremor aterrador ou cerrando o punho em volta dos meus pulmões e eu não o entendo. Eu continuo esperando que o sentimento mude. Limpe. Desapareça. Mas conforme os minutos passam e os sintomas não mostram sinais de diminuir, começo a entrar em pânico.

Eu não estou cansada, não. Meu corpo é muito forte. Eu posso sentir isso – posso sentir meus músculos, sua força, sua firmeza – e posso dizer que poderia continuar lutando assim por horas. Dias. Não estou preocupada em desistir, não estou preocupada em desmoronar.

Estou preocupada com a minha cabeça. Minha confusão. A incerteza está passando por mim, se espalhando como um veneno.

Ibrahim está morto.

Anderson, quase isso.

Ele vai se recuperar? Ele vai morrer? Quem eu seria sem ele? O que Ibrahim queria fazer comigo? Do que Anderson estava tentando me proteger? Quem são essas crianças que eu devo matar? Por que Ibrahim os chamou de meus amigos?

Minhas perguntas são infinitas.

Eu as mato.

Afasto uma série de mesas de aço e vislumbro o garoto antes que ele vire uma esquina.

A raiva me golpeia, disparando uma adrenalina no meu cérebro, e começo a correr de novo, uma determinação renovada focando minha mente. Eu continuo pela sala mal iluminada, abrindo caminho através de um mar sem fim de parafernália médica. Quando paro de me mover, o silêncio desce.

Silêncio tão puro que é ensurdecador.

Eu giro, procurando. O garoto se foi. Eu pisco, confusa, examinando a sala enquanto meu pulso dispara com um medo renovado. Segundos passam, reúnem-se em momentos que parecem minutos, horas.

Isso é uma armadilha.

O laboratório está perfeitamente parado – as luzes são tão perfeitamente fracas – que, à medida que o silêncio se prolonga, começo a me perguntar se estou presa em um sonho.

De repente me sinto paranóica, incerta. Como se aquele garoto fosse uma invenção da minha imaginação. Talvez tudo isso seja um pesadelo estranho, e talvez eu acorde em breve e Anderson esteja em seu escritório, e Ibrahim seja um homem que eu nunca conheci, e amanhã vou acordar na minha cápsula perto da água.

Talvez, eu penso, isso seja apenas mais um teste.

Uma simulação.

Talvez Anderson esteja desafiando minha lealdade uma última vez. Talvez seja meu trabalho ficar em pé, me manter segura como ele me pediu, e destruir qualquer um que tente ficar no meu caminho. Ou talvez...

Pare.

Eu sinto movimento.

Movimento tão suave que é quase imperceptível. Movimento tão suave que poderia ter sido uma brisa, exceto por uma coisa: Eu ouço um coração batendo.

Alguém está aqui, alguém imóvel, alguém astuto. Eu me endireito, meus sentidos aumentam, meu coração dispara no peito.

Alguém está aqui alguém está aqui alguém está aqui...

Onde?

Lá.

Ele aparece, como se tivesse sonhado, parado diante de mim como uma estátua, imóvel como aço refrescante. Ele olha para mim, olhos verdes da cor do vidro do mar, da cor simonde.

Eu nunca tive a chance de ver seu rosto.

Assim não.

Meu coração dispara quando o avalio, sua camisa branca, jaqueta verde, cabelos dourados. Pele como porcelana. Ele não se agacha nem se mexe e, por um momento, tenho certeza de que estava certa, que talvez ele não seja nada além de uma miragem. Um programa.

Outro holograma.

Estendo a mão, incerta, as pontas dos meus dedos roçando a pele exposta em sua garganta e ele respira fundo e trêmulo.

Real, então.

Aperto minha mão contra seu peito, só para ter certeza, e sinto seu coração batendo sob a palma da minha mão. Rápido, muito rápido.

Eu olho para cima, surpresa.

Ele está nervoso.

Outra respiração instável lhe escapa e, desta vez, leva consigo uma medida de controle.

Ele dá um passo para trás, balança a cabeça, olha para o teto.

Não está nervoso.

Ele está perturbado.

Eu deveria matá-lo agora, eu penso. Mate-o agora.

Uma onda de náusea me atinge com tanta força que quase me derruba. Dou alguns passos instáveis para trás, me escorando contra uma mesa de aço. Meus dedos agarram a borda fria de metal e eu seguro, dentes cerrados, desejando que minha mente se clareie.

O calor inunda meu corpo.

Calor, calor torturante, pressiona contra meus pulmões, enche meu sangue. Meus lábios se separam. Eu me sinto ressecada. Eu olho para cima e ele está bem na minha frente e eu não faço nada. Não faço nada enquanto vejo sua garganta se mover.

Não faço nada quando meus olhos o devoram.

Estou tonta.

Eu estudo a linha afiada de sua mandíbula, a inclinação suave onde seu pescoço encontra o ombro. Seus lábios parecem macios. Sua bochecha é alta, o nariz afiado, as sobrancelhas pesadas, douradas. Ele é finamente feito. Mãos lindas e fortes. Unhas curtas e limpas. Percebo que ele usa um anel de jade no dedo mindinho esquerdo.

Ele suspira.

Ele sacode a jaqueta, dobrando-a cuidadosamente sobre as costas de uma cadeira próxima. Por baixo, ele usa apenas uma camiseta branca simples, os contornos esculpidos de seus braços nus chamando a atenção das luzes escuras. Ele se move devagar, seus movimentos sem pressa. Quando ele começa a andar, eu o observo, estudo a forma dele.

Não me surpreende descobrir que ele se move lindamente. Fico fascinada por ele, por sua forma, seus passos medidos, os músculos afiados sob a pele. Ele parece ter a minha idade, talvez um pouco mais velho, mas há algo na maneira como ele olha para mim que o faz parecer mais velho do que nossas idades juntas.

Seja o que for, eu gosto.

Eu me pergunto o que devo fazer com isso, tudo isso. É realmente um teste? Se sim, por que enviar alguém como ele? Por que um rosto tão refinado? Por que um corpo tão perfeitamente afiado?

Eu deveria aproveitar isso?

Um sentimento estranho e delirante se agita dentro de mim com o pensamento. Algo antigo. Algo maravilhoso. É quase muito ruim, eu penso, que terei que matá-lo. E é o calor, o embotamento, a dormência inexplicável em minha mente que me obriga a dizer:

— Onde eles te fizeram?

Ele se assusta. Eu não pensei que ele iria se assustar. Mas quando ele se vira para mim, ele parece confuso.

Eu explico:

— Você é extraordinariamente bonito.

Os olhos dele se arregalam.

Seus lábios se separam, pressionam juntos, tremem em uma curva que me surpreende.

Surpreende ele.

Ele sorri.

Ele sorri e eu vejo – duas covinhas, dentes retos, olhos brilhantes. Um calor repentino e incompreensível corre pela minha pele, me deixa em chamas. Sinto-

me violentamente quente. Doente com febre.

Por fim, ele diz:

— Então você *está* aí.

— Quem?

— Ella — diz ele, mas agora está falando baixinho. — Juliette. Eles disseram que você iria embora.

— Eu não fui embora — eu digo, minhas mãos tremendo enquanto me recomponho. — Eu sou Juliette Ferrars, soldada supremo do nosso comandante Norte-Americano. Quem é você?

Ele se aproxima. Seus olhos escurecem quando ele me olha, mas não há verdadeira escuridão lá. Eu tento ficar mais alta, mais reta. Lembro-me de que tenho uma tarefa, que este é o meu momento de atacar, de cumprir minhas ordens. Talvez eu dev...

— Amor — ele sussurra.

Calor brilha na minha pele. A dor pressiona minha mente, uma vaga percepção de que estou esquecendo algo. Emoção empoeirada treme dentro de mim, e eu a mato.

Ele dá um passo à frente, pega meu rosto em suas mãos. Eu penso em quebrar os dedos dele. Quebrar seus pulsos. Meu coração está acelerando.

Não posso me mexer.

— Você não deveria me tocar.

Eu digo, ofegando as palavras.

— Por que não?

— Porque eu vou te matar.

Gentilmente, ele inclina minha cabeça para trás, suas mãos possessivas, persuasivas.

Uma dor apreende meus músculos, me mantém no lugar. Meus olhos se fecham reflexivamente. Eu o respiro e minha boca se enche de sabor – ar fresco, flores perfumadas, calor, felicidade – e fico impressionada com a ideia mais estranha de que já estivemos aqui antes, que já vivi isso antes, que o conheci antes e então sinto, sinto sua respiração na minha pele e a sensação, a sensação é...

inebriante,

desorientante.

Estou perdendo a cabeça, tentando desesperadamente localizar meu propósito, concentrar meus pensamentos, quando ele se move a terra se inclina, seus lábios roçam minha mandíbula e eu produzo um som desesperado e inconsciente que me surpreende. Minha pele está frenética, queimando.

Esse calor familiar contamina meu sangue, minha temperatura dispara e meu rosto cora.

— Eu...

Eu tento falar, mas ele beija meu pescoço e eu suspiro, suas mãos ainda presas ao redor do meu rosto. Estou sem fôlego, coração batendo, pulsação batendo, cabeça batendo. Ele me toca como se me conhecesse, soubesse o que eu quero, soubesse o que eu preciso. Eu me sinto louca. Eu nem reconheço o som da minha própria voz quando finalmente consigo dizer:

— Eu conheço você?

— Sim.

Meu coração pula. A simplicidade de sua resposta angula minha mente, procura a verdade. Parece verdade. Parece verdade que eu conheço essas mãos, essa boca, esses olhos.

Parece real.

— Sim — ele diz novamente, sua própria voz rouca de sentimento. Suas mãos deixam meu rosto e eu estou perdida na perda, procurando calor. Estou mais perto dele, sem querer, pedindo algo que não entendo. Mas então suas mãos deslizam sob a minha camisa, suas mãos pressionam contra as minhas costas, e a magnitude do súbito contato pele a pele deixa meu corpo em chamas.

Eu me sinto explosiva.

Sinto-me perigosamente perto de algo que pode me matar, e ainda assim me inclino para ele, cega pelo instinto, surda a tudo, exceto a batida feroz do meu próprio coração.

Ele recua, apenas uma polegada.

Suas mãos ainda estão presas sob minha camisa, seus braços nus envolveram minha pele nua e sua boca fica acima da minha, o calor entre nós ameaçando inflamar. Ele me puxa para mais perto e eu dou um gemido, perdendo minha cabeça enquanto as linhas duras de seu corpo afundam em mim. Ele está em toda parte, seu perfume, sua pele, seu hálito. Não vejo nada além dele, não sinto nada além dele, suas mãos se espalhando pelo meu tronco, meus pulmões se comprimindo sob sua exploração cuidadosa e abrasadora.

Eu me inclino para as sensações, seus dedos roçando meu estômago, a parte inferior das minhas costas. Ele encosta sua testa na minha e eu pressiono meus dedos, pedindo algo, implorando por algo.

— O quê — eu suspiro — o que está acontecendo...

Ele me beija.

Lábios suaves, ondas de sensação. O sentimento transborda os vazios em minha mente. Minhas mãos começam a tremer. Meu coração bate tão forte que mal consigo ficar parada quando ele mantém minha boca aberta, me leva para dentro. Ele tem gosto de calor e menta, como verão, como o sol.

Eu quero mais.

Pego o rosto dele em minhas mãos e o puxo para mais perto, e ele faz um som suave e desesperado no fundo de sua garganta, que envia um pico de prazer diretamente para o meu cérebro. O calor elétrico puro me levanta, fora de mim. Parece que estou flutuando aqui, rendida a esse momento estranho, mantida no lugar por um molde antigo que se encaixa perfeitamente no meu corpo. Sinto-me frenética, tomada por uma necessidade de ter mais, uma necessidade que eu nem entendo.

Quando nós nos afastamos seu peito está arfando e seu rosto fica vermelho e ele diz:

— Volte para mim, amor. Volte.

Eu ainda estou lutando para respirar, procurando desesperadamente seus olhos por respostas. Explicações — Para onde?

— Aqui — ele sussurra, pressionando minhas mãos em seu coração. — Casa.

— Mas eu não...

Flashes de luz atravessam minha visão. Tropeço para trás, meio cega, como se estivesse sonhando, revivendo a carícia de uma lembrança esquecida, e é como uma dor que parece ser acalmada, é uma panela fumegante jogada em água gelada, é uma bochecha corada e pressionada contra um travesseiro frio em uma noite quente, o calor se acumula atrás de meus olhos, distorcendo visões, diminuindo os sons.

Aqui.

Isso.

Meus ossos contra os ossos dele. Essa é a minha casa.

Volto à minha pele com um súbito arrepio violento e me sinto selvagem, instável. Eu o encaro, meu coração batendo forte, meus pulmões lutando por ar. Ele olha de volta, seus olhos tão pálidos na luz verde que, por um momento, ele nem parece humano.

Algo está acontecendo na minha cabeça.

A dor está se acumulando no meu sangue, calcificando ao redor do meu coração. Sinto-me em guerra comigo mesma, perdida e ferida, minha mente girando com a incerteza.

— Qual é o seu nome? — Eu pergunto.

Ele dá um passo à frente, tão perto que nossos lábios se tocam. Se separam. Sua respiração sussurra em toda a minha pele e meus nervos zumbem, faíscam.

— Você sabe meu nome — diz ele calmamente.

Eu tento balançar a cabeça. Ele pega meu queixo.

Desta vez, ele não é cuidadoso.

Desta vez, ele está desesperado. Desta vez, quando ele me beija, ele me abre, o calor saindo dele em ondas. Ele parece água da nascente e algo doce, algo abrasador.

Eu me sinto tonta. Delirante.

Quando ele se afasta, eu estou tremendo, meus pulmões tremendo, minha respiração tremendo, meu coração tremendo. Eu assisto, como se estivesse em um sonho, quando ele tira a camisa, a joga no chão. E então ele está aqui novamente, ele está de volta novamente, ele me pegou nos braços e me beijou tão profundamente que meus joelhos cederam.

Ele me pega, apoiando meu corpo enquanto me coloca na longa mesa de aço. O metal frio penetra no tecido da minha calça, enviando arrepios ao longo da minha pele aquecida e eu suspiro, meus olhos se fechando quando ele atravessa minhas pernas, reclama minha boca. Ele pressiona minhas mãos em seu peito, arrasta meus dedos por seu torso nu e eu faço um som desesperado e quebrado, prazer e dor me impressionando, me paralisando.

Ele desabotoa minha camisa, suas mãos hábeis se movendo rapidamente, enquanto beija meu pescoço, minhas bochechas, minha boca, minha garganta. Eu choro quando ele se move, seus beijos se espalhando pelo meu corpo, procurando, explorando. Ele empurra as duas partes da minha camisa, sua boca ainda quente contra a minha pele, e então ele fecha a lacuna entre nós, pressionando seu peito nu no meu, e meu coração explode.

Algo se encaixa dentro de mim.

Se rompe.

Um soluço repentino e fraturado escapa da minha garganta. Lágrimas indesejadas ardem nos meus olhos, me assustando quando caem no meu rosto. Emoção desconhecida sobe através de mim, expandindo meu coração, confundindo minha cabeça. Ele me puxa impossivelmente mais perto, nossos corpos soldados juntos. E então ele pressiona a testa na minha clavícula, seu corpo tremendo de emoção quando ele diz: — Volte.

Minha cabeça está cheia de areia, som, sensações girando em minha mente. Não entendo o que está acontecendo comigo, não entendo essa dor, esse prazer inacreditável.

Estou manchando sua pele com minhas lágrimas e ele só me puxa com mais força, pressionando nossos corações até que a sensação afunde seus dentes nos meus ossos, abra meus pulmões. Quero me enterrar neste momento, quero puxá-lo para dentro de mim, quero me arrastar para fora de mim mesma, mas há algo errado, algo bloqueado, algo parado...

Algo quebrado..

A realização chega em ondas suaves, teorias lambendo e se sobrepondo às margens da minha consciência até que eu esteja encharcada de confusão. Consciência.

Terror.

— Você sabe meu nome — ele diz suavemente. — Você sempre me conheceu, amor. Eu sempre te conheci. E eu estou tão... estou desesperadamente apaixonado por você...

A dor começa nos meus ouvidos.

Como pinças, expandindo, aumentando a pressão até um pico tão agudo que se transforma, tornando-se uma tortura que para meu coração.

Primeiro eu fico surda, rígida. Depois eu fico cega, relaxada.

E então, meu coração reinicia.

Volto à vida com uma inspiração repentina e aterrorizante que quase me sufoca, o sangue escorre pelos meus ouvidos, meus olhos, vazando do meu nariz. Eu provo, sinto meu próprio sangue na boca quando começo a entender: há algo dentro de mim. Um veneno. Uma violência. Algo errado algo errado algo *errado*. E então, como se a quilômetros de distância, eu me ouço gritar.

Há ladrilhos frios sob meus joelhos, rejunte áspero pressionando meus dedos. Eu grito no silêncio, construindo poder, eletricamente carregando meu sangue. Minha mente está se separando de si mesma, tentando identificar o veneno, esse parasita residindo dentro de mim.

Eu tenho que matá-lo.

Eu grito, forçando minha própria energia para dentro, gritando até que a energia explosiva que cresce dentro de mim rompe meus tímpanos. Grito até sentir o sangue escorrer dos meus ouvidos e do meu pescoço, grito até as luzes do laboratório começarem a craquelar e quebrar. Grito até meus dentes sangrarem, até o chão se quebrar sob meus pés, até que a pele dos meus joelhos começa a ranger. Eu grito até o monstro dentro de mim começar a morrer.

E só então...

Somente quando tenho certeza de que matei uma pequena parte do meu próprio eu é que finalmente desmaio.

Estou sufocando, tossindo sangue, meu peito arfando pelo esforço despendido. O quarto nada. Girando.

Pressiono minha testa no chão frio e luto contra uma onda de náusea. E então sinto uma mão familiar e pesada nas minhas costas. Com lentidão excruciante, eu consigo levantar a cabeça.

Um borrão de ouro aparece, desaparece diante de mim.

Pisco uma vez, duas vezes, e tento levantar com os braços, mas uma dor aguda e abrasadora no meu pulso quase me cega. Olho para baixo, examinando a visão estranha e nebulosa. Eu pisco novamente. Mais dez vezes.

Finalmente, meus olhos se focam.

A pele dentro do meu braço direito se abriu. Sangue está espalhado pela minha pele, pingando no chão. De dentro da ferida aberta, uma única luz azul pulsa de um objeto circular de aço, cujas bordas empurram contra minha carne rasgada.

Com um último esforço, arranco o mecanismo intermitente do meu braço, o último vestígio desse monstro. Ele cai dos meus dedos trêmulos, cai no chão.

E desta vez, quando olho para cima, vejo o rosto dele.

— Aaron — eu suspiro.

Ele cai de joelhos.

Ele puxa meu corpo sangrando em seus braços e eu quebro, eu quebro, soluços abrindo meu coração. Choro até a dor espirrar e atingir o pico, choro até minha cabeça latejar e meus olhos incharem. Eu choro, pressionando meu rosto contra seu pescoço, meus dedos cavando suas costas, desesperados por alguma vantagem. Alguma prova.

Ele me segura, silencioso e firme, juntando meu sangue e ossos contra seu corpo, enquanto as lágrimas recuam, mesmo quando começo a tremer. Ele me abraça apertado enquanto meu corpo treme, me abraça quando as lágrimas recomeçam, me segura em seus braços e acaricia meus cabelos e me diz que tudo, tudo vai ficar bem.

32. KENJI

Fui designado para vigiar do lado de fora desta porta, o que, inicialmente, deveria ser uma coisa boa – ajudar na missão de resgate etc. – mas quanto mais eu espero aqui fora, guardando Nazeera enquanto ela hackeia os computadores que mantêm as crianças supremas em um estado estranho de hiper-sono, mais as coisas dão errado.

Este lugar está caindo aos pedaços.

Literalmente

As luzes do teto estão começando a brilhar e tremular, as enormes escadas estão começando a gemer. As enormes janelas que revestem os dois lados deste edifício de cinquenta andares estão começando a rachar.

Os médicos estão correndo, gritando. Os alarmes estão piscando como loucos, as sirenes tocando. Alguma voz robótica está anunciando uma crise nos alto-falantes, como se fosse a coisa mais casual do mundo.

Não tenho ideia do que está acontecendo agora, embora, se eu tivesse que adivinhar, diria que tem algo a ver com Emmaline. Mas eu só tenho que ficar aqui, me apoiando contra a porta para não ser pisoteado acidentalmente, e esperar que o que quer que esteja acontecendo chegue ao fim. O problema é que não sei se será um final feliz ou triste...

Para qualquer um.

Não ouvi nada de Warner desde que nos separamos, e estou tentando muito, muito forte não pensar nisso. Estou optando por me concentrar, em vez disso, nas coisas positivas que aconteceram hoje, como o fato de termos conseguido matar três comandantes supremos – quatro se você contar com Evie – e que o trabalho de hackers genial de Nazeera foi um sucesso, porque sem ela, não havia como ter feito muito progresso.

Depois de nossa permanência nos respiradouros, Warner e eu conseguimos cair no coração do complexo, sem sermos detectados. Era mais fácil evitar as

câmeras quando estávamos no centro das coisas; as salas estavam mais próximas e, embora as áreas de maior segurança tenham mais pontos de *acesso* de segurança – algumas têm menos câmeras. Desde que evitássemos certos ângulos, as câmeras não nos notavam e, com a falsa liberação que Nazeera fez para nós, conseguimos passar facilmente. Foi por causa dela que estávamos no lugar certo – depois de matar acidentalmente um cientista super importante – quando todos os comandantes supremos começaram a enxamear.

Foi por causa dela que conseguimos matar Ibrahim e Anderson. E foi por causa dela que Warner está trancado com Robô J em algum lugar. Honestamente, eu nem sei como me sentir sobre tudo isso. Eu realmente não me permiti pensar no fato de que J talvez nunca mais voltasse, que eu nunca pudesse ver minha melhor amiga novamente. Se eu pensar muito sobre isso, começo a sentir que não consigo respirar, e não posso me dar ao luxo de parar de respirar agora. Ainda não.

Então, eu tento não pensar nisso.

Mas Warner...

Warner ou sairá vivo e feliz disso, ou morto, fazendo algo em que acreditava.

E não há nada que eu possa fazer sobre isso.

O problema é que não o vejo há mais de uma hora e não faço ideia do que isso significa. Poderia ser uma notícia muito boa ou muito, muito ruim. Ele nunca compartilhou seu plano comigo – surpresa surpresa – então nem sei exatamente o que ele planejou fazer quando conseguisse ficar a sós com ela. E mesmo sabendo que é melhor não duvidar dele, tenho que admitir que há uma pequena parte de mim que se pergunta se ele está vivo no momento.

Um grunhido antigo e estridente interrompe meus pensamentos.

Olho para cima, em direção à fonte do som, e percebo que o teto está desmoronando. O telhado está se desfazendo. As paredes estão começando a desmoronar. Os longos e tortuosos corredores circundam um pátio interior, dentro do qual vive uma enorme árvore de aparência pré-histórica. Por nenhuma razão que eu possa entender, os trilhos de aço ao redor dos corredores estão começando a derreter. Observo em tempo real a árvore pegar fogo, as chamas rugindo mais alto a uma velocidade espantosa. A fumaça aumenta, curvando-se em minha direção, já começando a sufocar os corredores, e meu coração está acelerado quando olho em volta, meu pânico aumentando. Começo a bater na porta, não me importando com quem me ouve agora.

É o fim da porra do mundo.

Estou gritando por Nazeera, implorando para que ela saia, antes que seja tarde demais, e estou tossindo agora, fumaça nos pulmões, ainda esperando desesperadamente que ela ouça minha voz quando de repente, violentamente...

A porta se abre.

Sou empurrado para trás pela força e, quando olho para cima, com os olhos ardendo, Nazeera está lá. Nazeera, Lena, Stephan, Haider, Valentina, Nicolás e Adam.

Adam.

Não sei explicar exatamente o que acontece a seguir. Há tantos gritos. Tanta correria. Stephan perfura um buraco limpo através de uma parede em ruínas, e Nazeera ajuda a levar todos nós em segurança. Isso acontece em um borrão. Eu vejo as coisas se desenrolarem em flashes, em gritos.

Parece um sonho. Meus olhos ardem, lacrimejando.

Eu estou chorando por causa do fogo, eu acho. É o calor, o céu, as chamas rugindo devorando tudo.

Eu assisto a capital da Oceania – todos os cento e vinte acres dela – ser engolida em chamas.

E Warner e Juliette vão junto.

33. ELLA

(JULIETTE)

A primeira coisa que fazemos é encontrar Emmaline.

Eu chego a ela em minha mente e ela responde imediatamente. Calor, dedos de calor, enrolando em volta dos meus ossos. Acendendo à vida em meu coração. Ela estava sempre aqui, sempre comigo.

Eu entendo agora.

Entendo que os momentos que me salvaram foram presentes de minha irmã, presentes que ela só pôde dar se destruindo em troca. Ela está muito mais fraca agora do que há duas semanas atrás, porque gastou muito de si mesma para me manter viva. Para impedir que maquinações deles chegassem ao meu coração. Minha alma.

Eu me lembro de tudo agora. Minha mente está afiada em um novo ponto, afiada a uma clareza que nunca tive antes. Eu vejo tudo. Compreendo tudo.

Não demora muito para encontrá-la.

Não peço desculpas pelas pessoas que disperso, pelas paredes que destroço ao longo do caminho. Não peço desculpas por minha raiva ou dor. Não paro de me mexer quando vejo Tatiana e Azi; Eu não preciso. Eu tiro seus pescoços de onde estou. Eu rasgo seus corpos ao meio com um único gesto.

Quando alcanço minha irmã, a agonia dentro de mim atinge seu auge. Ela está mole dentro de seu aquário, um peixe seco, uma aranha moribunda. Ela está presa em seu canto mais escuro, seus longos cabelos escuros envolvendo sua figura enrugada e flácida. Um lamento baixo emana de seu tanque.

Ela está chorando.

Ela é pequena. Está assustada. Ela me lembra outra versão de mim mesma, uma pessoa da qual mal consigo me lembrar, uma jovem jogada na prisão, muito

quebrada pelo mundo para perceber que ela sempre teve o poder de se libertar.
De conquistar a terra.

Eu tive esse luxo.

Emmaline não.

A visão dela me faz querer cair em pedaços. Meu coração se enfurece com raiva, devastação. Quando penso no que eles fizeram com ela – no que fizeram com ela...

Não pense nisso.

Eu não penso.

Eu respiro fundo, estremeço. Tento me recompor. Sinto Aaron pegar minha mão e apertar seus dedos em gratidão. Me firma tê-lo aqui. Saber que ele está ao meu lado.

Meu parceiro em tudo.

Diga-me o que você quer, Eu digo para Emmaline. Qualquer coisa. Seja o que for, eu farei.

Silêncio.

Emmaline?

Um medo agudo e desesperado salta através de mim.

O medo dela, não o meu.

Sensações distorcidas surgem atrás dos meus olhos – explosões de cores, sons de metal – e seu pânico se intensifica. Aperta. Eu sinto isso na minha espinha.

— O que está errado? — Eu digo em voz alta. — O que aconteceu?

Aqui

Aqui

Sua forma leitosa desaparece no tanque, afundando profundamente debaixo d'água. Os solavancos sobem pelos meus braços.

— Você parece ter esquecido de mim.

Meu pai entra na sala, suas altas botas de borracha batendo suavemente no chão.

Eu jogo meus braços imediatamente, esperando arrancar seu braço, mas ele é muito rápido – seus movimentos muito rápidos. Ele pressiona um único botão em um controle remoto pequeno e portátil, e eu mal tenho tempo para respirar antes que meu corpo comece a convulsionar. Eu grito, meus olhos cegos pela luz violenta e violeta, e consigo virar a cabeça apenas em pequenos movimentos excruciantes.

Aaron.

Ele e eu estamos congelados aqui, banhados por uma luz tóxica que emana do teto.

Ofegando. Tremendo incontrolavelmente. Minha mente gira, trabalhando desesperadamente em um plano, uma brecha, uma saída.

— Estou surpreso com a sua arrogância — diz meu pai. — Surpreso que você pensou que poderia simplesmente entrar aqui e ajudar no suicídio de sua irmã. Você pensou que seria simples? Você pensou que não haveria consequências?

Ele gira um botão e meu corpo agarra mais violentamente, levantando do chão. A dor é ofuscante. A luz brilha dentro e fora dos meus olhos, atordoando minha mente, entorpecendo minha capacidade de pensar. Eu fico no ar, não sou mais capaz de virar a cabeça. A gravidade empurra e puxa meu corpo, ameaça rasgar meus membros.

Se eu pudesse gritar, eu o faria.

— De qualquer forma, é bom você estar aqui. Melhor acabar com isso agora. Já esperamos o suficiente. — Ele acena, distraído, para o tanque de Emmaline. — Obviamente, você viu como estamos desesperados por um novo hospedeiro.

NÃO

A palavra é como um grito dentro da minha cabeça.

Max endurece.

Ele olha para cima, encarando precisamente o nada, a raiva em seus olhos mal contida.

Só percebo que ele também pode ouvi-la.

Claro que ele pode.

Emmaline bate contra seu tanque, os sons abafados, o esforço por si só parece exaurir ela. Ainda assim, ela pressiona para frente, sua bochecha afundada achatando-se contra o vidro.

Max hesita, vacilante.

Ele não é bom em esconder suas emoções – e sua atual incerteza é facilmente discernível. É claro, mesmo da minha perspectiva desorientada, que ele está tentando decidir com qual de nós ele precisa lidar primeiro. Emmaline bate o punho novamente, desta vez mais fraca.

NÃO

Outro grito dentro da minha cabeça.

Com um suspiro abafado, Max escolhe Emmaline.

Eu o assisto girar, seguir em direção ao tanque dela. Ele pressiona a mão contra o vidro que se ilumina em um azul neon. A luz azul se expande, depois se espalha pela câmara, revelando lentamente uma intrincada série de circuitos elétricos. As veias de néon são mais espessas em alguns lugares, ocasionalmente trançadas, principalmente finas. Assemelha-se a um sistema cardiovascular não muito diferente do que existe dentro do meu corpo.

Meu próprio corpo.

Algo volta à vida dentro de mim. Razão. Pensamento racional. Estou presa aqui, enganada pela dor em pensar que não tenho controle sobre meus poderes, mas isso não é verdade. Quando me forço a lembrar, posso senti-lo. Minha energia ainda vibra através de mim. É um sussurro fraco e desesperado – mas está lá.

Pedaço por pedaço agonizante, recorro minha mente.

Eu cerro meus dentes, concentrando meus pensamentos, apertando meu corpo a seu ponto de ruptura. Lentamente, tranço juntos os diferentes fios do meu poder, segurando os fios pela vida.

E ainda mais lentamente, eu agarro minha mão através da luz.

O esforço divide meus dedos, as pontas dos meus dedos. Sangue fresco corre pela minha mão e derrama pelo meu pulso enquanto levanto meu braço em um arco lento e torturante acima da minha cabeça.

Como se estivesse a anos-luz de distância, ouço bipes.

Max.

Ele está inserindo novos códigos no tanque de Emmaline. Não tenho ideia do que isso significa para ela, mas não consigo imaginar que seja bom.

Depressa.

Depressa, eu digo a mim mesma.

Violentemente, forço meu braço através da luz, reprimindo um grito enquanto faço. Um por um, meus dedos se desenrolam acima da minha cabeça, sangue pingando de cada dígito no meu pulso sangrando e nos meus olhos. Minha mão se abre, palmas viradas para o teto. Sangue fresco serpenteia pelas faces do meu rosto enquanto eu dirijo minha energia para a luz.

O teto se despedaça.

Aaron e eu caímos no chão com força e ouço algo estalar na minha perna, a dor gritando através de mim.

Eu luto contra isso.

As luzes estalam e gritam, o teto de concreto polido começa a rachar. Max gira, horror agarrando seu rosto enquanto eu jogo minha mão para frente.

Fecho meu punho.

O tanque de Emmaline se quebra com um estalo repentino e violento.

— NÃO! — ele chora. Febrilmente, ele puxa o controle remoto para fora de seu jaleco, apertando seus botões agora inúteis. — Não! Não, *não*...

O vidro se quebra com um bocejo zangado, cedendo com um rugido final e despedaçado. Max fica comicamente parado.

Atordoados.

Ele morre, então, com exatamente essa expressão no rosto. E não sou eu quem o mata.

É Emmaline.

Emmaline, que retira as mãos com teias do vidro quebrado e pressiona os dedos na cabeça do pai. Ela o mata com nada além da força de sua própria mente.

A mente que ele lhe deu.

Quando ela termina, o crânio dele se abre. Sangue vaza de seus olhos mortos. Seus dentes caíram da boca, sobre a camisa. Seu intestino se derrama devido a uma ruptura grave no torso.

Eu olho para longe.

Emmaline cai no chão. Ela está ofegando através do regulador fundido em seu rosto.

Seus membros já fracos começam a tremer violentamente, e ela está produzindo sons que só posso supor que sejam palavras que ela não é mais capaz

de falar.

Ela é mais anfíbia que humana.

Percebo isso apenas agora, somente quando confrontada com a prova de sua incompatibilidade com o nosso ar, com o mundo exterior. Eu rastejo em direção a ela, arrastando minha perna quebrada e ensanguentada atrás de mim.

Aaron tenta ajudar, mas quando trancamos os olhos, ele recua.

Ele entende que eu preciso fazer isso sozinha.

Recolho o corpo pequeno e murcho da minha irmã contra o meu, puxando seus membros molhados para o meu colo, pressionando a cabeça no meu peito. E eu digo a ela, pela segunda vez:

— Me diga o que você quer. Qualquer coisa. Seja o que for, eu farei.

Seus dedos escorregadios se apegam ao meu pescoço, agarrando-se à vida. Uma visão enche minha cabeça, uma visão de tudo queimando em chamas. Uma visão deste complexo, sua prisão, se desintegrando. Ela quer ser destruída, devolvida ao pó.

— Considere feito — eu digo a ela.

Ela tem outro pedido. Apenas mais um.

E não digo nada por muito tempo.

Por favor

A voz dela está no meu coração, implorando. Desesperada. A agonia dela é aguda. O terror dela é palpável.

Lágrimas brotam dos meus olhos.

Pressiono minha bochecha contra seus cabelos molhados. Eu digo a ela o quanto eu a amo. Quanto ela significa para mim. Quanto mais eu gostaria que pudéssemos ter. Eu digo a ela que nunca vou esquecê-la.

Que vou sentir falta dela, todos os dias.

E então peço a ela que me deixe levar seu corpo para casa comigo quando terminar.

Um calor suave inunda minha mente, um sentimento inebriante.

Felicidade.

Ela diz *Isso*.

Quando acaba, quando rasgo os tubos do corpo dela, quando junto seus ossos úmidos e trêmulos contra o meu corpo, quando aperto minha bochecha

venenosa na dela, quando olho para a pouca vida que restou em seu corpo.

Quando acaba, eu me enrolo em seu corpo frio e choro.

Aperto seu corpo oco contra o meu coração e sinto a injustiça de tudo rugir através de mim. Eu sinto isso me fraturar. Eu a sinto tomar parte de mim com ela enquanto vai.

E então eu grito.

Grito até sentir a terra se mover sob meus pés, até sentir o vento mudar de direção.

Grito até as paredes desabarem, até sentir a eletricidade acender, até sentir as luzes pegando fogo. Eu grito até o chão se partir, até tudo cair.

E então levamos minha irmã para casa.

EPÍLOGO

WARNER

um.

A parede é extraordinariamente branca.

Mais branca do que o habitual. A maioria das pessoas pensa que as paredes brancas são realmente brancas, mas a verdade é que elas apenas parecem brancas e, na verdade, não são brancas.

A maioria dos tons de branco é misturada com um pouco de amarelo, o que ajuda a suavizar as bordas ásperas de um branco puro, tornando-o mais como pérola ou marfim. Vários tons de creme. Clara de ovo, até. O branco verdadeiro é praticamente intolerável como uma cor, então o branco é quase azul.

Esse muro, em particular, não é tão branco a ponto de ser ofensivo, mas um tom de branco bastante nítido para despertar minha curiosidade, o que não é nada menos que um milagre, na verdade, porque eu o observei pela maior parte de uma hora. Trinta e sete minutos, para ser exato.

Estou sendo refém por trajes. Etiquetas.

— Mais cinco minutos — diz ela. — Eu prometo.

Eu ouço o farfalhar do tecido. Zíperes. Um tremor de...

— Isso é tule?

— Você não deveria estar ouvindo!

— Sabe, amor, me ocorre agora que vivi situações reais em que fui capturado que foram muito menos torturantes que isso.

— Ok, ok, já tirei. Estou embalando. Eu só preciso de um segundo para colocar minhas r...

— Isso não será necessário — eu digo, me virando. — Certamente essa parte eu deveria poder assistir.

Eu me inclino contra a parede incomumente branca, estudando-a enquanto ela franze a testa para mim, com os lábios ainda abertos em torno da forma de uma palavra que ela parece ter esquecido.

— Por favor, continue — eu digo, gesticulando com um aceno de cabeça. — O que você estava fazendo antes.

Ela se segura por um momento a mais do que é honesto, seus olhos se estreitando em uma demonstração de frustração que é pura fraude. Ela agrava essa farsa segurando uma peça de roupa no peito, fingindo modéstia.

Eu não me importo, nem um pouco.

Eu a bebo, suas curvas suaves, sua pele macia. Seu cabelo é lindo em qualquer comprimento, mas está mais longo ultimamente.

Longo e rico, sedoso contra a pele dela, e quando tenho sorte – contra a minha.

Lentamente, ela deixa cair a camisa.

De repente eu fico mais reto.

— Eu deveria usar isso por baixo do vestido — diz ela, sua raiva já esquecida. Ela mexe com a desossa de um espartilho de cor creme, os dedos demorando-se distraidamente ao longo da cinta-liga, as meias enfeitadas com rendas. Ela não pode encontrar meus olhos. De repente, ela ficou tímida e, desta vez, é real.

Você gosta disso?

A pergunta não dita.

Eu assumi, quando ela me chamou para este provador, que era por razões além de mim encarando as variações de cores em uma parede branca incomum. Eu assumi que ela me queria aqui para que eu visse alguma coisa.

Para vê-la.

Vejo agora que estava certo.

— Você é tão bonita — eu digo, incapaz de derramar a admiração em minha voz. Eu ouço, a maravilha infantil no meu tom, e isso me envergonha mais do que deveria. Eu sei que não deveria ter vergonha de sentir profundamente. De estar emocionado.

Ainda assim, me sinto estranho.

Jovem.

Silenciosamente, ela diz:

— Sinto como se tivesse estragado a surpresa. Você não deveria ver nada disso até a noite de núpcias.

Meu coração realmente para por um momento.

A noite de núpcias.

Ela diminui a distância entre nós e enlaça meus braços, me libertando da minha momentânea paralisia. Meu coração bate mais rápido com ela aqui, tão perto. E embora eu não saiba como ela soube que de repente precisava da garantia de seu toque, estou agradecido. Eu expiro, puxando-a totalmente contra mim, nossos corpos relaxando, lembrando um do outro.

Pressiono meu rosto em seus cabelos, inspiro o doce aroma de seu xampu, sua pele. Faz apenas duas semanas. Duas semanas desde o fim de um mundo antigo. O começo de um novo.

Ela ainda parece um sonho para mim.

— Isso está realmente acontecendo? — Eu sussurro.

Uma batida forte na porta me assusta.

Ella franze a testa ao ouvir o som.

— Sim?

— Sinto muito incomodá-la agora, senhorita, mas há um cavalheiro aqui que deseja falar com o Sr. Warner.

Ella e eu travamos os olhos.

— Ok — ela diz rapidamente. — Não fique bravo.

Meus olhos se estreitam.

— Por que eu ficaria bravo?

Ella se afasta para me olhar melhor nos olhos. Seus próprios olhos são brilhantes, bonitos. Cheio de preocupação.

— É Kenji.

Eu forço uma onda de raiva tão violenta que acho que tenho um derrame. Isso me deixa tonto.

— O que ele está fazendo aqui? — Eu consigo falar. — Como diabos ele sabia como nos encontrar?

Ela morde o lábio.

— Levamos Amir e Olivier conosco.

— Entendo. — Levamos guardas extras, o que significa que nossa excursão foi publicada no boletim de segurança pública. Claro.

Ella assente.

— Ele me encontrou logo antes de partirmos. Ele estava preocupado – ele queria saber por que estávamos voltando para as antigas terras regulamentadas.

Tento dizer algo então, para me maravilhar com a incapacidade de Kenji de fazer uma dedução simples, apesar da abundância de pistas contextuais bem diante de seus olhos – mas ela levanta um dedo.

— Eu disse a ele — diz ela — que estávamos procurando roupas de reposição e lembrei que, por enquanto, os centros de suprimentos ainda são os únicos lugares para comprar comida ou roupas ou... — ela acena com a mão, franze a testa — Qualquer coisa, no momento. De qualquer forma, ele disse que tentaria nos encontrar aqui. Ele disse que queria ajudar.

Meus olhos se arregalam um pouco. Sinto outro golpe vindo.

— Ele disse que queria *ajudar*.

Ela assente.

— Surpreendente. — Um músculo bate na minha mandíbula.

— E engraçado, também, porque ele já ajudou muito – ontem à noite ele nos ajudou bastante ao destruir meu terno e seu vestido, forçando-nos a comprar roupas de... — olho em volta, gesticulo para o nada. — ...uma *loja* no mesmo dia em que devemos nos casar.

— Aaron — ela sussurra. Ela se aproxima mais uma vez.

Coloca a mão no meu peito.

— Ele se sente péssimo com isso.

— E você? — Eu digo, estudando seu rosto, seus sentimentos. — Você não *se* sente mal por isso? Alia e Winston trabalharam tanto para fazer para você algo lindo, algo projetado exatamente para você...

— Eu não me importo. — Ela encolhe os ombros. — É apenas um vestido.

— Mas era o seu vestido de noiva — eu digo, minha voz falhando agora, praticamente quebrando a palavra.

Ela suspira, e no som eu ouço seu coração quebrar, mais por mim do que por si mesma. Ela se vira e abre o zíper da enorme capa de roupas pendurada em um gancho acima da cabeça.

— Você não deveria ver isso — diz ela, puxando jardas de tule da capa — mas acho que pode significar mais para você do que para mim, então — ela se vira, sorri — vou deixar você me ajudar a decidir o que vestir hoje à noite.

Eu quase grunho alto com o lembrete.

Um casamento noturno. Quem na terra se casa à noite?

Apenas os infelizes. Os desafortunados. Embora eu suponha que agora contemos entre suas fileiras.

Em vez de reprogramar a coisa toda, adiamos por algumas horas para termos tempo para comprar roupas novas. Bem, eu tenho roupas. Minhas roupas não importam tanto.

Mas o vestido dela. Ele destruiu o vestido dela na noite anterior ao nosso casamento. Como um monstro.

Eu vou matá-lo.

— Você não pode matá-lo — diz ela, ainda puxando punhados de tecido da bolsa.

— Tenho certeza de que não disse nada disso em voz alta.

— Não — ela diz — mas você estava pensando, não estava?

— De todo o coração.

— Você não pode matá-lo — ela diz simplesmente. — Agora não. Nem nunca.

Eu suspiro.

Ela ainda está lutando para desempacotar o vestido.

— Perdoe-me, amor, mas se tudo isso... — eu aceno para a capa de roupas, a explosão de tule — ...é um único vestido, temo que eu já saiba como me sinto sobre isso.

Ela para de puxar. Se vira, os olhos arregalados.

— Você não gostou? Você nem viu ainda.

— Já vi o suficiente para saber que seja o que for, não é um vestido. Essa é uma camada aleatória de poliéster. — Inclino-me ao redor dela, beliscando o tecido entre meus dedos. — Eles não têm tule de seda nesta loja? Talvez possamos falar com a costureira.

— Eles não têm costureira aqui.

— Esta é uma loja de roupas — eu digo. Viro o corpete do avesso, franzindo a testa para os pontos. — Certamente deve haver uma costureira. Não é muito boa, claro, mas...

— Esses vestidos são feitos em uma fábrica — ela me diz. — Principalmente por máquinas.

Eu me endireito.

— Você sabe, a maioria das pessoas não cresceu com alfaiates particulares à sua disposição — diz ela, um sorriso brincando nos lábios. — O resto de nós teve que comprar roupas da prateleira. Já prontas. Mal ajustadas.

— Sim — eu digo rigidamente. De repente me sinto idiota. —

Claro. Me perdoe. O vestido é muito bonito. Talvez eu deva esperar que você experimente. Eu dei minha opinião muito apressadamente.

Por alguma razão, minha resposta só piora as coisas.

Ela geme, me lançando um olhar derrotado antes de se jogar na pequena cadeira do provador.

Meu coração despenca.

Ela deixa cair o rosto nas mãos.

— É realmente um desastre, não é?

Outra batida rápida na porta.

— Senhor? O cavalheiro parece muito ansioso para...

— Ele certamente não é um cavalheiro — digo bruscamente.

— Diga a ele para esperar.

Um momento de hesitação. Então, calmamente:

— Sim, senhor.

— Aaron.

Não preciso levantar os olhos para saber que ela está descontente com a minha grosseria. Os proprietários desse centro de suprimentos particular fecharam a loja inteira para nós, e eles foram extremamente gentis. Eu sei que estou sendo cruel. No momento, parece que não consigo evitar.

— *Aaron.*

— Hoje é o dia do seu casamento — eu digo, incapaz de encontrar seus olhos.
— Ele arruinou o dia do seu casamento. O dia do nosso casamento.

Ela se levanta. Eu sinto sua frustração desaparecer.

Se transformando. Misturando tristeza, felicidade, esperança, medo e, finalmente: renúncia.

Um dos piores sentimentos possíveis sobre o que deveria ser um dia feliz. A renúncia é pior do que a frustração. Muito pior.

Minha raiva se calcifica.

— Ele não arruinou — diz ela finalmente. — Ainda podemos fazer isso funcionar.

— Você está certa — eu digo, puxando-a em meus braços. — Claro que você está certa. Realmente não importa. Nada disso importa.

— Mas é o dia do meu casamento — diz ela. — E não tenho nada para vestir.

— Você está certa. — Eu beijo o topo da cabeça dela. — Eu vou matá-lo.

Uma batida repentina na porta.

Eu endureço. Me viro.

— Ei pessoal? — Mais pancadas. — Eu sei que vocês estão super chateados comigo, mas eu tenho boas notícias, eu juro. Eu vou consertar isso. Eu vou compensar vocês.

Estou prestes a responder quando Ella puxa minha mão, silenciando minha retorcida resposta com um único movimento. Ela me lança um olhar que diz claramente:

Dê uma chance a ele.

Suspiro quando a raiva se instala no meu corpo, meus ombros caem com o peso disso. Relutantemente, me afasto para permitir que ela lide com esse idiota da maneira que ela prefere.

Afinal, é o dia do casamento dela.

Ella se aproxima da porta. Aponta para ela, passando o dedo na incomum tinta branca enquanto ela fala.

— É melhor que isso seja bom, Kenji, ou Warner vai matar você, e eu vou ajudá-lo.

E então, simples assim...

Eu estou sorrindo de novo.

dois.

Estamos voltando ao Santuário da mesma maneira que vamos a todos os lugares hoje em dia – em um SUV preto e à prova de balas – mas o carro e suas janelas fortemente pintadas só nos tornam mais visíveis, o que acho preocupante. Mas então, como Castle gosta de ressaltar, não tenho uma solução pronta para o problema, então permanecemos em um impasse.

Eu tento esconder minha reação enquanto dirigimos pela área arborizada nos arredores do Santuário, mas não posso evitar minha careta ou a maneira como meu corpo trava, me preparando para uma briga. Após a queda do Restabelecimento, a maioria dos grupos rebeldes saiu do esconderijo para se juntar ao mundo...

Mas não nós.

Na semana passada, limpamos esse caminho de terra para o SUV, permitindo que ele chegue o mais próximo possível da entrada não marcada, mas não tenho certeza de que esteja fazendo muito para ajudar. Uma multidão de pessoas já se amontoou com tanta força que não nos movemos mais do que uma polegada de cada vez. Muitos são bem-intencionados, mas gritam e batem no carro com o entusiasmo de uma multidão beligerante, e toda vez que suportamos esse circo, tenho que me forçar fisicamente a permanecer calmo. Sentar-me calmamente no meu assento e ignorar o desejo de remover a arma do coldre debaixo da minha jaqueta.

Difícil.

Eu sei que Ella pode se proteger – ela já provou esse fato mil vezes – mas ainda assim, eu me preocupo. Ela se tornou notória a um grau quase aterrador. Até certo ponto, todos nós também. Mas Juliette Ferrars, como é conhecida em todo o mundo, não pode ir a lugar algum e não pode fazer nada sem atrair a multidão.

Eles dizem que a amam.

Mesmo assim, continuamos cautelosos. Ainda existem muitos em todo o mundo que adorariam trazer de volta à vida os restos emaciados de O Restabelecimento, e assassinar uma heroína amada seria o começo mais eficaz desse esquema. Embora tenhamos níveis de privacidade sem precedentes no Santuário, onde a visão e as proteções de Nouria ao redor do terreno nos

concedem liberdades que não desfrutamos em nenhum outro lugar, não conseguimos esconder nossa localização precisa. As pessoas sabem, geralmente, onde nos encontrar, e essa pequena informação as alimenta há semanas. Os civis esperam aqui – milhares e milhares deles – todos os dias.

Por não mais do que um vislumbre.

Tivemos que colocar barricadas no lugar. Tivemos que contratar segurança extra, recrutando soldados armados dos setores locais. Esta área é irreconhecível em relação ao que era há um mês atrás. Já é um mundo diferente. E sinto meu corpo ficar sólido quando nos aproximamos da entrada. Quase lá agora.

Eu olho para cima, pronto para dizer algo...

— Não se preocupe. — Kenji encara meus olhos. — Nouria aumentou a segurança. Deve haver uma equipe de pessoas esperando por nós.

— Eu não sei por que tudo isso é necessário — diz Ella, ainda olhando pela janela. — Por que eu não posso parar por um minuto e conversar com eles?

— Porque na última vez que você fez isso, você quase foi pisoteada — diz Kenji, exasperado.

— Apenas uma vez.

Os olhos de Kenji se arregalam de indignação e, nesse ponto, ele e eu estamos de pleno acordo. Sento-me e vejo como ele conta com os dedos.

— No mesmo dia em que você quase foi pisoteada, alguém tentou cortar seu cabelo. Outro dia, um monte de gente tentou te beijar. As pessoas literalmente jogam seus bebês recém-nascidos para você. Além disso, já contei seis pessoas que fizeram xixi nas calças em sua presença, o que, devo acrescentar, não é apenas perturbador, mas insalubre, principalmente quando elas tentam te abraçar enquanto ainda estão fazendo xixi. — Ele balança a cabeça. — A multidão é muito grande, princesa. Muito forte. Muito apaixonada. Todo mundo grita na sua cara, luta para colocar as mãos em você. E metade do tempo não podemos protegê-la.

— Mas...

— Eu sei que a maioria dessas pessoas é bem-intencionada — eu digo, pegando a mão dela. Ela se vira no banco e encontra meus olhos. — Eles são, na maioria das vezes, gentis. Curiosos. Oprimidos pela gratidão e desesperados para colocar um rosto em sua liberdade.

— Eu sei disso — digo — porque sempre checo as multidões, buscando na energia deles por raiva ou violência. E embora a grande maioria deles seja boa — suspiro, balanço minha cabeça — querida, você acabou de fazer muitos

inimigos. Essas multidões maciças e não filtradas não são seguras. Ainda não. Talvez nunca.

Ela respira fundo, solta lentamente.

— Eu sei que você está certo — diz ela calmamente.

— Mas de alguma forma parece errado não poder falar com as pessoas pelas quais lutamos. Quero que eles saibam como me sinto. Quero que eles saibam o quanto nos importamos – e o quanto ainda estamos planejando fazer para reconstruir, para acertar as coisas.

— Você vai — eu digo. — Vou garantir que você tenha a chance de dizer todas essas coisas. Mas faz apenas duas semanas, amor. E agora não temos a infraestrutura necessária para que isso aconteça.

— Mas estamos trabalhando nisso, certo?

— Estamos trabalhando nisso — diz Kenji. — O que, na verdade – não que eu esteja dando desculpas ou algo assim – mas se você não tivesse me pedido para priorizar o comitê de reconstrução, provavelmente não teria emitido ordens para derrubar uma série de edifícios inseguros, um dos quais incluía O estúdio de Winston e Alia, que... — ele levanta as mãos — ...para o registro, eu não sabia que era o estúdio deles. E, novamente, não que eu esteja dando desculpas pelo meu comportamento repreensível ou algo assim – mas como diabos eu deveria saber que era um estúdio de arte? Foi oficialmente listado nos livros como inseguro, marcado para demolição...

— Eles não sabiam que estava marcado para demolição — diz Ella, com uma pitada de impaciência em sua voz. — Eles entraram no estúdio justamente porque ninguém estava usando.

— Sim — diz Kenji, apontando para ela. — Certo. Mas veja bem, eu não sabia disso.

— Winston e Alia são seus amigos — indico sem graça. — Não é da sua conta saber coisas assim?

— Escute, cara, faz duas semanas muito agitadas desde que o mundo se desfez, ok? Eu estive ocupado.

— Todos nós estivemos ocupados.

— Ok, chega — diz Ella, levantando a mão. Ela está olhando pela janela, franzindo a testa. — Alguém está vindo.

Kent.

— O que Adam está fazendo aqui? — Ella pergunta. Ela se vira para olhar para Kenji. — Você sabia que ele estava vindo?

Se Kenji responde, eu não o ouço. Estou olhando pelas janelas muito escuras para a cena lá fora, vendo Adam abrir caminho através da multidão em direção ao carro. Ele parece estar desarmado. Ele grita algo para o mar de pessoas, mas elas não serão caladas imediatamente. Mais algumas tentativas – e eles se acalmam. Milhares de rostos se voltam para encará-lo.

Eu luto para entender suas palavras.

E então, lentamente, ele se afasta quando dez homens e mulheres fortemente armados se aproximam do nosso carro. Seus corpos formam uma barricada entre o veículo e a entrada do Santuário, e Kenji salta primeiro, invisível e liderando o caminho. Ele projeta seu poder para proteger Ella, e eu roubo sua invisibilidade para mim. Nós três – nossos corpos invisíveis – nos movemos cautelosamente para proteger a entrada.

Apenas quando estamos do outro lado, em segurança dentro dos limites do Santuário, finalmente relaxo.

Um pouco.

Olho para trás, como sempre faço, para a multidão reunida logo depois da barreira invisível que protege nosso acampamento. Alguns dias eu apenas fico aqui e estudo seus rostos, procurando por algo. Qualquer coisa. Uma ameaça ainda desconhecida, sem nome.

— Ei, incrível — diz Winston, sua voz inesperada me sacudindo do meu devaneio.

Eu me viro para olhá-lo, descobrindo-o suado e sem fôlego enquanto ele se aproxima de nós.

— Que bom que vocês estão de volta — diz ele, ainda ofegante. — Algum de vocês sabe alguma coisa sobre consertar tubos? Temos um tipo de problema de esgoto em uma das tendas e está tudo na área coberta.

Nosso retorno à realidade é rápido.

E humilhante.

Mas Ella dá um passo à frente, já alcançando a – querido Deus, isso está molhado? – chave inglesa na mão de Winston, e quase não consigo acreditar. Envolver um braço em volta da cintura dela, puxando-a de volta.

— Por favor, amor. Hoje não. Qualquer outro dia, talvez. Mas não hoje.

— O quê? — Ela olha para trás. — Por que não? Eu sou muito boa com uma chave inglesa. Ei, a propósito — ela diz, virando-se para os outros — vocês sabiam que Ian é secretamente muito bom em marcenaria?

Winston ri.

— Só era um segredo para você, princesa — diz Kenji.

Ela faz uma careta. — Bem, estávamos consertando um dos edifícios mais salváveis no outro dia, e ele me ensinou a usar tudo em sua caixa de ferramentas. Ajudei-o a consertar o telhado — ela diz, radiante.

— É uma justificativa estranha passar as horas antes do seu casamento arrancando fezes de um vaso sanitário. — Kent anda até nós. Ele está rindo.

Meu irmão.

Tão estranho.

Ele é uma versão mais feliz e saudável de si mesmo do que eu já vi antes. Ele levou uma semana para se recuperar depois que o trouxemos aqui, mas quando ele recuperou a consciência e contamos o que havia acontecido – e garantimos que James estava seguro – ele desmaiou.

E não acordou por mais dois dias.

Ele se tornou uma pessoa completamente diferente desde então. Praticamente jubilante.

Feliz por todos. Uma escuridão ainda se apegava a todos nós – provavelmente se apegará a todos nós para sempre...

Mas Adam parece inegavelmente mudado.

— Eu só queria avisar vocês — ele diz — que estamos fazendo uma coisa nova agora. Nouria quer que eu vá lá e faça uma desativação geral antes que alguém entre ou saia do local. Apenas como precaução. — Ele olha para Ella. — Juliette, está tudo bem com você?

Juliette.

Tantas coisas mudaram quando chegamos em casa, e essa foi uma delas. Ela pegou seu nome de volta. Recuperou-o. Ela disse que, apagando Juliette de sua vida, temia estar dando muito poder ao fantasma de meu pai. Ela percebeu que não queria esquecer seus anos como Juliette – ou diminuir a jovem que era, lutando contra todas as probabilidades de sobreviver. Juliette Ferrars é quem ela era quando ela foi conhecida no mundo, e ela quer que continue assim.

Eu sou o único autorizado a chamá-la de Ella agora.

É só para nós. Uma ligação à nossa história compartilhada, um reconhecimento ao nosso passado, ao amor que sempre senti por ela, não importando o nome que ela use.

Eu a assisto rir com seus amigos, enquanto tira um martelo do cinto de ferramentas de Winston e finge bater em Kenji com ele – sem dúvida por algo que ele merece. Lily e Nazeera saem do nada, Lily carregando um pequeno embrulho em forma de cachorro que ela e Ian salvaram de um prédio cercado nas proximidades. Ella solta o martelo com um brado repentino e Adam pula

para trás em alarme. Ela pega a criatura suja em seus braços, sufocando-a com beijos, mesmo que o cachorro esteja latindo com uma ferocidade selvagem. E então ela se vira para mim, o animal ainda está uivando em seu ouvido, e eu percebo que há lágrimas em seus olhos. Ela está chorando por causa de um cachorro.

Juliette Ferrars, uma das heroínas mais temidas e louvadas conhecida no mundo, está chorando por causa de um cachorro. Talvez ninguém mais entenda, mas sei que é a primeira vez que ela segura um. Sem hesitação, sem medo, sem perigo de causar dano a uma criatura inocente. Para ela, isso é a verdadeira alegria.

Para o mundo, ela é formidável.

Para mim?

Ela é o mundo.

Então, quando ela joga a criatura em meus braços relutantes, eu a mantenho firme, sem reclamar quando a besta lambe meu rosto com a mesma língua que usou, sem dúvida, para limpar seu traseiro. Eu permaneço firme, sem revelar nada, mesmo quando a baba quente escorre pelo meu pescoço. Eu fico parado enquanto seu pêlo sujo penetra no meu casaco, prendendo as garras na lã. Na verdade, estou tão quieto que, eventualmente, a criatura se acalma, seus membros ansiosos se apoiando no meu peito. Ele geme enquanto olha para mim, geme até que eu finalmente levanto uma mão e a arrasto sobre sua cabeça.

Quando a ouço rir, fico feliz.

TAMBÉM POR TAHEREH MAFI

SÉRIE ESTILHAÇA-ME

Estilhaça-Me

Liberta-Me

Incendeia-Me

Restaura-Me

Desafia-Me

COLETÂNEA DE CONTOS

Unite Me (Destrua-Me & Fragmenta-Me)

Find Me (Shadow Me & Reveal Me)

A Very Large Expanse of Sea